



UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
CENTRO DE CIÊNCIAS SOCIAIS APLICADAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO

RAYAN ARAMÍS DE BRITO FEITOZA

GESTÃO DO CONHECIMENTO NA CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO NO BRASIL:
estruturas cognitiva e social no seu processo de institucionalização científica

JOÃO PESSOA
2022

RAYAN ARAMÍS DE BRITO FEITOZA

GESTÃO DO CONHECIMENTO NA CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO NO BRASIL:

estruturas cognitiva e social no seu processo de institucionalização científica

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação da Universidade Federal da Paraíba, como requisito à obtenção do título de Doutor em Ciência da Informação.

Área de concentração: Informação, Conhecimento e Sociedade.

Linha de pesquisa: Ética, Gestão e Políticas de Informação.

Orientadora: Professora Doutora Emeide Nóbrega Duarte

JOÃO PESSOA

2022

Catálogo na publicação
Seção de Catalogação e Classificação

F311g Feitoza, Rayan Aramís de Brito.

Gestão do conhecimento na ciência da informação no
Brasil : estruturas cognitiva e social no seu processo
de institucionalização científica / Rayan Aramís de
Brito Feitoza. - João Pessoa, 2022.
313 f. : il.

Orientação: Emeide Nóbrega Duarte.
Tese (Doutorado) - UFPB/CCSA.

1. Gestão do conhecimento. 2. Ciência da informação.
3. Institucionalização cognitiva. 4.
Institucionalização social. 5. Institucionalização
científica. I. Duarte, Emeide Nóbrega. II. Título.

UFPB/BC

CDU 005.94(043)

RAYAN ARAMÍS DE BRITO FEITOZA

GESTÃO DO CONHECIMENTO NA CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO NO BRASIL:

estruturas cognitiva e social no seu processo de institucionalização científica

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação da Universidade Federal da Paraíba, como requisito à obtenção do título de Doutor em Ciência da Informação.

Área de concentração: Informação, Conhecimento e Sociedade.

Linha de pesquisa: Ética, Gestão e Políticas de Informação.

Tese aprovada em: 18 de agosto de 2022.

BANCA EXAMINADORA

Documento assinado digitalmente
 EMEIDE NOBREGA DUARTE
Data: 01/09/2022 19:21:00-0300
Verifique em <https://verificador.iti.br>

Profa. Dra. Emeide Nóbrega Duarte
PPGCI/UFPB
(Orientadora)

Documento assinado digitalmente
 EDIVANIO DUARTE DE SOUZA
Data: 31/08/2022 18:51:59-0300
Verifique em <https://verificador.iti.br>

Prof. Dr. Edivanio Duarte de Souza
PPGCI/UFPB
(Membro Interno – Titular)

Documento assinado digitalmente
 LUCIANA FERREIRA DA COSTA
Data: 31/08/2022 15:09:20-0300
Verifique em <https://verificador.iti.br>

Profa. Dra. Luciana Ferreira da Costa
PPGAV/UFPB-UFPE
(Membro Externo – Titular)

Profa. Dra. Eliane Bezerra Paiva
PPGCI/UFPB
(Membro Interno – Suplente)

Documento assinado digitalmente
 ALZIRA KARLA ARAUJO DA SILVA
Data: 01/09/2022 10:52:35-0300
Verifique em <https://verificador.iti.br>

Profa. Dra. Alzira Karla Araújo da Silva
PPGCI/UFPB
(Membro Interno – Titular)

Documento assinado digitalmente
 ANDREA VASCONCELOS CARVALHO
Data: 31/08/2022 11:19:35-0300
Verifique em <https://verificador.iti.br>

Profa. Dra. Andréa Vasconcelos Carvalho
PPGIC/UFRN
(Membro Externo – Titular)

Documento assinado digitalmente
 LUCILENE KLENIA RODRIGUES BANDEIRA
Data: 31/08/2022 16:11:02-0300
Verifique em <https://verificador.iti.br>

Profa. Dra. Lucilene Klenia Rodrigues Bandeira
MPGOA/UFPB
(Membro Externo – Titular)

Profa. Dra. Rosilene Agapito da Silva Llarena
DACI/UNIR
(Membro Externo – Suplente)

Aos mestres da minha vida,
minha mãe, **Maria de Fátima**,
meu pai, **Rivan Feitoza**
minha irmã, **Rayana Brito**,

À professora **Emeide Duarte**,
responsável por me apresentar a
Gestão do Conhecimento em toda
minha trajetória até aqui.

Aos **meus alunos(as)**, e aos
cientistas e profissionais da
informação,

Dedico!

AGRADECIMENTOS

A caminhada no curso de Doutorado, na minha vivência, foi um divisor de águas, não só de bençãos e vitórias, mas também de provas, desafios e superações. E é por isso que acredito que esta tese não tem apenas as minhas mãos, mas também daqueles que me seguraram em todos os momentos em que precisei, direta ou indiretamente.

Ao meu Deus, Jesus Cristo, por todas as portas abertas no meu caminhar. Obrigado meu Pai, Filho e Espírito Santo por ser a Trindade Santa que me conduziu nessa trajetória... e, claro, agradeço a minha Nossa Senhora da Luz por interceder e iluminar minhas ideias no desenvolvimento desta tese.

À Maria de Fátima Brito (minha mãe) e a Rivan José Feitoza da Silva (meu pai) por terem acreditado em mim, por todo investimento na minha educação, por todos os conselhos, por terem optado em me conduzir nessa trajetória mesmo quando não tínhamos condições básicas para o acesso. Nós conseguimos! Foi e é por vocês!

À Rayana Brito Feitoza (minha irmã) por ser minha amiga! Temos aprendido muito nesses últimos anos sobre o nosso papel de irmãos. Gratidão por cuidar tão bem de nossos pais enquanto fiquei ausente para conseguir resolver as demandas do doutorado!

Aos meus familiares, tias (Maria das Vitórias – *In Memoriam* e Lourdes Brito), meus tios, primas e primos, por acreditarem no meu potencial e torcerem por cada etapa educacional que conquistei em minha vida!

À Professora Doutora Emeide Nóbrega Duarte, minha querida orientadora, amiga, mãe e parceira acadêmica. Esta tese é fruto de nosso primeiro encontro, em sala de aula na graduação, enquanto era apresentado à Gestão do Conhecimento por seu intermédio. Registro meus agradecimentos por tudo que vivenciamos na relação orientadora e orientando que, com certeza, ultrapassou os muros da Universidade e nos tornamos amigos. Obrigado por me proporcionar aprendizados, conselhos, oportunidades e conhecimento! Louvo a Deus por a senhora ser essa pessoa humilde, prestativa, de “coração gigante”. Jamais esquecerei de tudo o que fez pela minha permanência na pesquisa! Agradeço a Deus por tê-la na minha trajetória acadêmica e de vida, esperando que estejamos apenas no início. Sou orgulhoso em tê-la como minha eterna orientadora!

À Professora Doutora Luciana Ferreira da Costa, presente de Deus na minha vivência acadêmica! Obrigado por todas as contribuições e conselhos direcionados para o desenvolvimento desta pesquisa que, com certeza, foi aprimorada a partir de seu olhar desde o início do doutoramento e, mais recentemente, na banca examinadora de qualificação. Considero você uma pessoa humilde e de luz, comprometida com a Ciência e com vidas! Serei eternamente grato por acompanhar minha caminhada e pela sua amizade que vai além dos muros da UFPB.

À Professora Doutora Alzira Karla Araújo da Silva, pelo seu olhar clínico e de muita importância no projeto de qualificação desta pesquisa. Agradeço por ser essa pessoa

incrível e que tive a honra de ser aluno no curso de Arquivologia e no curso de Mestrado em Ciência da Informação! Obrigado pela disponibilidade, amizade e apoio de sempre!

Aos professores e às professoras membros da banca examinadora da defesa desta tese, Professora Doutora Alzira Karla Araújo da Silva, Professor Doutor Edivanio Duarte de Souza, Professora Doutora Eliane Bezerra Paiva, Professora Doutora Luciana Ferreira da Costa, Professora Doutora Lucilene Klenia Rodrigues Bandeira, e Professora Doutora Andréa Vasconcelos Carvalho, pela disponibilidade e pelas significativas contribuições para o aperfeiçoamento da pesquisa.

Aos professores e às professoras do Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação da UFPB por todos os ensinamentos e aprendizados que contribuíram com esta pesquisa, e pelas vivências saudáveis dentro e fora da sala de aula!

Aos secretários do Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação da UFPB, Franklin Duarte Kobayashi, Aline Costa Araújo dos Santos e Geisa Fabiane Ferreira Cavalcante, e aos coordenados do Programa durante o biênio 2019-2021 (Professor Henry Pôncio e Professora Gracy Martins) e do biênio 2021-2023 (Professoras Izabel França e Gisele Cortês) pela condução, diálogo, respeito, comprometimento e responsabilidade com todos os discentes.

Ao Departamento de Ciência da Informação da UFPB que, no período de 2020 a 2021, enquanto professor temporário, me presenteou com muitas experiências, e vivências com todos os docentes, e com excelentes alunos e alunas, como a Jéssika Carvalho, Bruno Silva, Wislayne Albuquerque, Gabriel Cavalcanti, Febrânia Braga, Isabella Carla, Lourdes Moura, Brenda Giovanna, Aline Lopes, Walterleide Andrade, entre outros.

Ao Departamento de Fundamentos e Processos Informacionais do Instituto de Ciência da Informação da UFBA, em nome dos professores chefes Gillian Leandro Queiroga de Lima e Raymundo das Neves Machado, e dos demais colegas, por possibilitarem e apoiarem minha dedicação à pesquisa que foi desenvolvida em paralelo à minha atuação enquanto docente no curso de Arquivologia da referida instituição.

Ao Grupo de Pesquisa em Informação, Aprendizagem e Conhecimento (GIACO) que contribuiu significativamente com a execução desta pesquisa, proporcionando momentos de aprendizado, de produção científica, de diálogos, de relações interpessoais e de novas amizades. Grato a todos os membros pesquisadores e amigos!

Aos colegas do curso de Doutorado em Ciência da Informação, turma de 2019, pelas parcerias, colaborações e aprendizados em coletivo.

Ao curso de Arquivologia da UFPB, responsável pela minha formação de base acadêmica e de nível superior. Agradeço a todos(as) professores e professoras do curso que, com certeza, contribuíram com meu percurso acadêmico. Destaco, nesse contexto, os meus agradecimentos para minha amiga de Graduação e Pós-Graduação Flávia de Araújo Telmo, pela disponibilidade, atenção, apoio e parcerias.

Aos meus amigos acadêmicos e parceiros: Rosilene Llarena, Suzana Lira, Edivanio Duarte, Lucilene Klenia, Maria Meriane, Sonia Scoralick, Adelaide Casimiro, José Neto, Ilka Maria, Danielle Alves, Cilene Freitas, Marco Llarena, Raimunda Fernanda, Bárbara Diniz, Dâmaris Keila, Gleise Brandão, Raquel do Rosário, Henriette Gomes, Claudia Souza, Mabel Mota, entre outros que, direta e indiretamente, contribuíram com a minha trajetória no curso de Doutorado.

Agradeço, em especial, aos meus amigos José Neto Félix, Jefferson Higino da Silva e Julianny Aluska Tolentino, pela disponibilidade em me receber em suas casas quando precisei estar em João Pessoa, Paraíba, para realização das atividades do curso de Doutorado, desde que me mudei para Salvador, Bahia.

Às minhas amigas de “Ba”, Professora Emeide Duarte, Suzana Lira, Rosilene Agapito, Luciana Costa e Lucilene Klenia pelas vezes que fomos aos espaços de café, resultando nas melhores ideias e *insights* de estudos e pesquisas.

Aos meus amigos de várias dimensões da vida: Laionel Vieira, Thiago Leite, Karla Félix, Stephano Tomaz, Isabel Oliveira (Bel), Everton Felipe, Tatiany Germano, Geanderson Márcio e Claudete Martins.

Aos pesquisadores que contribuíram com a ocupação da Gestão do Conhecimento na Ciência da Informação no Brasil que, com certeza, possibilitam a construção desta pesquisa a partir das lutas e contribuições da temática neste campo.

Gratidão!

**Louvado seja o Senhor Deus
que até aqui me segurou!**

Autor desconhecido.

RESUMO

A Gestão do Conhecimento vem se destacando como um tema de interesse em diferentes campos científicos, inclusive na Ciência da Informação. Analisa o processo de institucionalização científica da Gestão do Conhecimento na Ciência da Informação no Brasil, a partir de suas estruturas cognitiva e social. No percurso metodológico, caracteriza a pesquisa como exploratória e descritiva, de abordagem quantitativa e qualitativa, do tipo bibliográfica e documental. Realiza duas etapas na operacionalização da pesquisa: sistematização de categorias analíticas, de indicadores e de componentes enquanto critérios de avaliação; e identificação e descrição dos componentes estruturais da institucionalização científica. Na primeira etapa, adota a Análise Conteúdo para sistematizar os critérios de avaliação do atual estágio de institucionalização social e cognitiva da Gestão do Conhecimento, com base na teoria whitleyana. Na segunda etapa, para identificação dos componentes da estrutura cognitiva da Gestão do Conhecimento, elege como universo os trabalhos publicados nos anais das 21 edições do Encontro Nacional de Pesquisa e Pós-Graduação em Ciência da Informação e, como amostra, a produção científica em Gestão do Conhecimento do evento, os autores mais produtivos e os representativos do núcleo temático definidos por critérios estabelecidos; e, para identificação dos componentes da estrutura social da Gestão do Conhecimento, levanta documentos na Plataforma Sucupira da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior, no Diretório de Grupos de Pesquisa e no Currículo Lattes da Plataforma Lattes do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico, e nos portais de Programas de Pós-Graduação da Ciência da Informação, de periódicos científicos, de rede de cooperação, e dos eventos científicos. Como procedimentos de análise, faz uso, também, dos estudos métricos da informação a partir da bibliometria, com análise de citações. Identifica a linearidade e variação terminológica da temática a partir das palavras-chave e constata que a predominância dos termos mais incidentes denota as abordagens da Gestão do Conhecimento e dá previsão de temas para pesquisas futuras. Os fundamentos teóricos e metodológicos que embasam as pesquisas sobre a temática apontam a previsibilidade dos autores e obras da Gestão do Conhecimento, a partir das incidências de citações realizadas pelos citantes. Identifica instituições que ofertam programas de pós-graduação e respectivas linhas de pesquisa, grupos de pesquisa, e rede de cooperação, constatando que esses espaços são unidades formativas para pessoas interessadas no tema, como também viabilizam o fortalecimento da comunidade científica e identidade social interna da Gestão do Conhecimento neste campo. Identifica periódicos especializados e eventos científicos com escopo no tema, verificando o fortalecimento da identidade social externa da Gestão do Conhecimento. Identifica o perfil formativo e as afiliações institucionais de alocação dos pesquisadores responsáveis pela Gestão do Conhecimento. Conclui confirmando as hipóteses e a tese de que a Gestão do Conhecimento se encontra em processo de evolução e maturidade, com elevado nível de institucionalização na Ciência da Informação no Brasil, a partir de suas estruturas cognitiva e social, posicionando-se como uma especialidade com abordagens que se configuram como áreas de pesquisa.

Palavras-chave: gestão do conhecimento; Ciência da Informação; institucionalização cognitiva; institucionalização social; institucionalização científica.

ABSTRACT

Knowledge Management has been highlighted as a theme of interest in different scientific fields, including Information Science. It analyzes the process of scientific institutionalization of Knowledge Management in Information Science in Brazil, from its social and cognitive structures. In relation to methodological procedure, it is characterized as an exploratory and descriptive research with quantitative and qualitative approach, of document and bibliographic type. It is performed two stages in the research operationalization: systematization of analytic categories, of indicators and components as evaluation criteria; and identification and description of structural components of scientific institutionalization. In the first stage, it is adopted Content Analysis in order to systematize the evaluation criteria of the current stage of social and cognitive institutionalization of Knowledge Management, based on Whitley theory. In the second stage, for the identification of components of the cognitive structure of Knowledge Management, it is elected as universe the works published on the annals of 21 editions of the National Meeting of Research in Information Science and the sample is consisted of the scientific production about Knowledge Management in the event, the most productive authors and the representatives of thematic nucleus defined by established criteria. Also, for the identification of components of the social structure of Knowledge Management, it is surveyed documents on the Sucupira Platform of the Coordination for the Improvement of Higher Education Personnel, on the Directory of Research Groups, and on the Lattes Curriculum of the Lattes Platform of the Brazilian National Council for Scientific and Technological Development, as well as on the sites of graduate programs in Information Science, of scientific journals, of the cooperation network and of scientific events. As analysis procedures, it is also used metric studies of information, starting from Bibliometrics, with quote analysis. It is identified linearity and terminological variation of the theme from the keywords and it is noted that the predominance of the most incident terms denotes the approaches of Knowledge Management and gives prevision of themes for future researches. The theoretical and methodological foundations that support the researches about the theme point the predictability of authors and titles of Knowledge Management, from the incidence of quotes done by the authors. Moreover, it is identified institutions that offer graduate programs and their respective research lines, research groups and cooperation network, determining that these spaces are formative units for people interested in the theme, as well as they enable the strengthening of the scientific community and internal social identity of Knowledge Management in this field. Specialized journals and scientific events about the theme are also identified, verifying the strengthening of the external social identity of Knowledge Management. It is identified the formative profile and the institutional affiliations of allocation of the responsible researchers by Knowledge Management. It is concluded by confirming the hypothesis and the thesis that Knowledge Management is found in process of evolution and maturity, with an elevate level of institutionalization in Information Science in Brazil, from its social and cognitive structures, positioning as a specialty with approaches which configure themselves as research areas.

Keywords: knowledge management; Information Science; cognitive institutionalization; social institutionalization; scientific institutionalization.

RESUMEN

La Gestión del Conocimiento se ha perfilado como un tema de interés en diferentes campos científicos, entre ellos las Ciencias de la Información. Analiza el proceso de institucionalización científica de la Gestión del Conocimiento en Ciencias de la Información en Brasil, a partir de sus estructuras cognitivas y sociales. En el camino metodológico, caracteriza la investigación como exploratoria y descriptiva, con abordaje cuantitativo y cualitativo, de tipo bibliográfico y documental. Realiza dos etapas en la operacionalización de la investigación: sistematización de categorías analíticas, indicadores y componentes como criterios de evaluación; e identificación y descripción de los componentes estructurales de la institucionalización científica. En la primera etapa, adopta el Análisis de Contenido para sistematizar los criterios de evaluación de la actual etapa de institucionalización social y cognitiva de la Gestión del Conocimiento, con base en la teoría whitleyana. En la segunda etapa, para identificar los componentes de la estructura cognitiva de la Gestión del Conocimiento, se elige como universo los trabajos publicados en los anales de las 21 ediciones del Encuentro Nacional de Investigación y Posgrado en Ciencias de la Información y, como muestra, la producción científica en Gestión del Conocimiento del evento, los autores más productivos y los representantes del núcleo temático definido por criterios establecidos; y, para identificar los componentes de la estructura social de la Gestión del Conocimiento, recopila documentos en la Plataforma Sucupira de la Coordinación para el Perfeccionamiento del Personal de Educación Superior, en el Directorio de Grupos de Investigación y en el Currículo Lattes de la Plataforma Lattes de la Universidad Nacional. Consejo de Desarrollo Científico y Tecnológico, y en los portales de los Programas de Posgrado en Ciencias de la Información, revistas científicas, redes de cooperación y eventos científicos. Como procedimientos de análisis, también hace uso de estudios métricos de información provenientes de la bibliometría, con análisis de citas. Identifica la linealidad y variación terminológica del tema a partir de las palabras clave y constata que el predominio de los términos más incidentes denota los enfoques de Gestión del Conocimiento y proporciona una previsión de temas para futuras investigaciones. Los fundamentos teóricos y metodológicos que sustentan las investigaciones sobre el tema apuntan a la previsibilidad de los autores y trabajos de Gestión del Conocimiento, a partir de las incidencias de citas realizadas por los citadores. Identifica las instituciones que ofrecen programas de posgrado y sus respectivas líneas de investigación, grupos de investigación y red de cooperación, destacando que estos espacios son unidades de formación de personas interesadas en el tema, además de posibilitar el fortalecimiento de la comunidad científica y la identidad social interna del saber. Gestión en este campo. Identifica revistas especializadas y eventos científicos con alcance en el tema, verificando el fortalecimiento de la identidad social externa de la Gestión del Conocimiento. Identifica el perfil formativo y las adscripciones institucionales para la asignación de investigadores responsables de la Gestión del Conocimiento. Concluye confirmando las hipótesis y tesis de que la Gestión del Conocimiento se encuentra en un proceso de evolución y madurez, con un alto nivel de institucionalización en las Ciencias de la Información en Brasil, a partir de sus estructuras cognitivas y sociales, posicionándose como una especialidad con enfoques que se configuran como áreas de investigación.

Palabras-claves: conocimiento gestión; Ciencias de la Información; institucionalización cognitiva; institucionalización social; institucionalización científica.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 –	Ciência da Informação, subáreas e áreas interdisciplinares.....	94
Figura 2 –	Espiral do conhecimento.....	107
Figura 3 –	Facetas da GC.....	117
Figura 4 –	Modelo de mapeamento conceitual integrativo da GC.....	119
Figura 5 –	Modelo de GC com foco na memória organizacional.....	122
Figura 6 –	Fase da técnica de AC para constituição da pesquisa.....	133
Figura 7 –	Fases da operacionalização de identificação dos componentes da estrutura cognitiva da GC.....	139
Figura 8 –	Fases da operacionalização de identificação dos componentes da estrutura social da GC.....	142
Figura 9 –	Representação dos termos recorrentes em Gestão do Conhecimento.....	171
Figura 10 –	PPG na área de Ciência da Informação com denominações em GC.....	190
Figura 11 –	Logomarca do I CGEI.....	207
Figura 12 –	Logomarca do II SNGIC.....	208
Figura 13 –	Logomarca do periódico PG&C.....	210
Figura 14 –	Logomarca do periódico AtoZ: Novas Práticas em Informação e Conhecimento.....	211
Figura 15 –	Logomarca do periódico RISC.....	212
Figura 16 –	Logomarca do periódico Ciência da Informação em Revista	213
Figura 17 –	Posicionamento da GC no campo da Ciência da Informação no Brasil.....	244

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1 –	Pesquisas publicadas nos anais do ENANCIB (1994 – 2021)	158
Gráfico 2 –	Produção científica sobre GC nos anais do ENANCIB (1994 – 2022)	160
Gráfico 3 –	Regularidade de produção dos autores representativos do núcleo da GC no ENANCIB (2000 – 2021)	177
Gráfico 4 –	Quantitativo de Trabalhos publicados nos GT dos ENANCIB (2011 - 2021)	228
Gráfico 5 –	Quantitativo de Trabalhos publicados nos GT dos ENANCIB (2011 - 2021)	228

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 –	Componentes de análise da institucionalização científica a partir das estruturas cognitiva e social.....	76
Quadro 2 –	Instituições de Ensino Superior e Programa de Pós-Graduação que ofertam cursos na área de Ciência da Informação.....	85
Quadro 3 –	Grupos de Trabalho e Ementas na ANCIB.....	88
Quadro 4 –	Periódicos científicos brasileiros em Ciência da Informação.....	91
Quadro 5 –	Textos referentes às etapas e modelos de GI.....	98
Quadro 6 –	Conhecimento Tácito e Conhecimento Explícito.....	106
Quadro 7 –	Práticas organizacionais com foco em GC.....	111
Quadro 8 –	Dimensões do modelo de GC com Foco na Qualidade.....	121
Quadro 9 –	Categorias, Indicadores e Componentes para a análise do processo de institucionalização científica da GC na Ciência da Informação no Brasil.....	134
Quadro 10 –	Síntese dos objetivos, abordagens, tipos e procedimentos técnicos adotados na pesquisa.....	144
Quadro 11 –	Panorama das edições do ENANCIB (1994 – 2021)	148
Quadro 12 –	IES que ofertam Programas de Pós-Graduação na área de Ciência da Informação no Brasil.....	188
Quadro 13 –	Linhas de Pesquisa dos 27 PPG na área de Ciência da Informação.....	192
Quadro 14 –	Ementas ou Eixos Temáticos das Linhas de Pesquisa em GC nos PPG da área de Ciência da Informação.....	194
Quadro 15 –	Grupos de Pesquisa com foco em GC de pesquisadores credenciados em PPG da Ciência da Informação.....	199
Quadro 16 –	IES, PPG, Cursos membros da Rede GIC.....	205
Quadro 17 –	Distribuição de Trabalhos de GC por GT – ENANCIB (2000 – 2021)	218
Quadro 18 –	Denominações dos GT e Ementas que na Trajetória da GC no ENANCIB.....	222
Quadro 19 –	Histórico de pesquisadores coordenadores do GT 4 da ANCIB e ENANCIB.....	223
Quadro 20 –	Histórico de melhores trabalhos ou premiados em GC na trajetória do GT 4.....	226
Quadro 21 –	Edição, Ano, Local e Tema Central do KM Brasil.....	231
Quadro 22 –	Perfil acadêmico e afiliações dos Representantes do Núcleo da GC na Ciência da Informação.....	234
Quadro 23 –	Inferências sobre o processo de institucionalização cognitiva da GC.....	239
Quadro 24 –	Inferências sobre o processo de institucionalização social da GC.....	241

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 –	Dados analisados na estrutura cognitiva.....	129
Tabela 2 –	Dados analisados na estrutura social.....	130
Tabela 3 –	Modalidades dos Trabalhos sobre GC – ENANCIB (1994 – 2021)	162
Tabela 4 –	Palavras-chave recorrentes nas pesquisas sobre GC – anais das edições do ENANCIB (1994 – 2021)	164
Tabela 5 –	Autores produtivos em GC nos anais do ENANCIB (1994 – 2021)	173
Tabela 6 –	Autores representativos do núcleo da GC.....	176
Tabela 7 –	Autores e Obras mais citados nas publicações dos pesquisadores do núcleo da GC nas Edições do ENANCIB (2000 – 2021)	180
Tabela 8 –	Base teórico-metodológica da GC na Ciência da Informação no Brasil.....	184
Tabela 9 –	Denominação do Programa na área de Ciência da Informação no Brasil.....	189
Tabela 10 –	Periódicos científicos brasileiros da área da Ciência da Informação citados nas publicações de GC dos representantes do núcleo dos ENANCIB.....	214
Tabela 11 –	Produtividade de Trabalhos no KM Brasil.....	232

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

ABECIN	Associação Brasileira de Educação em Ciência da Informação
AC	Análise de Conteúdo
AI	Artificial intelligence
AICI	Ativos intangíveis, Capital Intelectual e Humano Relacionados à GC
ANCIB	Associação Nacional de Pesquisa e Pós-Graduação em Ciência da Informação
BDTD	Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações
BRAPCI	Base de Dados Referenciais de Artigos de Periódicos em Ciência da Informação
CAPES	Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior
CDU	Classificação Decimal Universal
CGEI	Congresso de Gestão Estratégica da Informação, Empreendedorismo e Inovação
CISU	Cidades Inteligentes e Sustentáveis
CNPq	Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico
CRIE	Centro de Referência em Inteligência Empresarial
DGP	Diretório de Grupos de Pesquisa
EDGC	Empreendedorismo Digital e Gestão do Conhecimento
ENANCIB	Encontro Nacional de Pesquisa e Pós-Graduação em Ciência da Informação
FCRB	Fundação Casa de Rui Barbosa
FID	Federação Internacional de Informação e Documentação
FUMEC	Fundação Mineira de Educação e Cultura
GC	Gestão do Conhecimento
GECIC	Grupo de Pesquisa Gestão do Conhecimento, Inovação e Competitividade
GEICE	Grupo de estudos Gestão da inovação, Inteligência Competitiva e Empreendedorismo
GEORGEA	Estudos em Organização e Gestão Estratégica de Bibliotecas, da Informação e do Conhecimento
GEPICC	Grupo de Estudos de Políticas de Informação, Comunicações e Conhecimento
GI	Gestão da Informação
GIACO	Informação, Aprendizagem e Conhecimento

GIC	Gestão da Informação e do Conhecimento
GICA	Gestão da Informação e do Conhecimento na Amazônia
GICAE	Gestão da Informação e do Conhecimento em Ambientes Educacionais
GICTEC	Grupo de Estudos e Pesquisas Gestão da Informação, Conhecimento e Tecnologias
GPEP	Grupo de Pesquisa em Engenharia da Produção
GT	Grupo de Trabalho
IBBD	Instituto Brasileiro de Bibliografia e Documentação
IBICT	Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia
IES	Instituição de Ensino Superior
IC	Iniciação Científica
ICI	Instituto de Ciência da Informação
ICIO	Informação, Conhecimento e Inteligência Organizacional
ICKM	International Conference on Knowledge Management
IC&T	Informação Científica & Tecnológica
IIB	Instituto Internacional de Bibliografia
IID	Instituto Internacional de Documentação
IKI	Information, Knowledge & Innovation
INOV	Inovação e Aspectos Estratégicos da GC
KM	Knowledge Management
MULT	Novos Saberes e Abordagens Interdisciplinares Relacionados à GC
NEMAGI	Núcleo de Estudos em Mediação, Apropriação e Gestão da Informação e do Conhecimento
NEPSI	Núcleo de Estudos e Pesquisas em Sistemas de Informação
ODS	Objetivos de Desenvolvimento Sustentável
OMS	Organização Mundial da Saúde
ORC	Organização e Representação do Conhecimento
OSCIP	Organização da Sociedade Civil de Interesse Público
PB	Paraíba
PGCIn	Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação
PG&C	Perspectiva em Gestão & Conhecimento

PPG	Programa de Pós-Graduação
PPGARQ	Programa de Pós-Graduação em Gestão de Documentos e Arquivos
PPGB	Programa de Pós-Graduação em Biblioteconomia
PPGCI	Programa de Pós-Graduação em Ciência(s) da Informação
PPGCIN	Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação
PPGCINF	Programa de Pós-Graduação em Ciências da Informação
PPGGOC	Programa de Pós-Graduação em Gestão & Organização do Conhecimento
PPGIC	Programa de Pós-Graduação em Gestão da Informação e do Conhecimento
PPGINFO	Programa de Pós-Graduação em Gestão da Informação
PPGMA	Programa de Pós-Graduação em Memória e Acervos
PPGSIGC	Programa de Pós-Graduação em Sistemas de Informação e Gestão do Conhecimento
PQ	Produtividade em Pesquisa
PTGC	Práticas de Gestão do Conhecimento e Tecnologias de Gestão do Conhecimento
PUCCAMP	Pontifícia Universidade Católica de Campinas
Rede GIC	Rede de Gestão da Informação e do Conhecimento
REDS	Redes Sociais, Ensino e Aprendizagem com foco em GC
RISC	Revista Informação na Sociedade Contemporânea
SBGC	Sociedade Brasileira de Gestão do Conhecimento
SEBRAE	Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas
SNGIC	Seminário Nacional de Gestão da Informação e do Conhecimento
SUST	Sustentabilidade nos Negócios e GC
TCC	Trabalho de Conclusão de Curso
TDGC	A Transformação Digital e os Desafios para a GC
TIGC	Tecnologia da Informação Inteligente e Gestão do Conhecimento
UDESC	Universidade do Estado de Santa Catarina
UEL	Universidade Estadual de Londrina
UFAL	Universidade Federal de Alagoas
UFAM	Universidade Federal do Amazonas

UFBA	Universidade Federal da Bahia
UFC	Universidade Federal do Ceará
UFCA	Universidade Federal do Cariri
UFES	Universidade Federal do Espírito Santo
UFF	Universidade Federal Fluminense
UFG	Universidade Federal de Goiás
UFMG	Universidade Federal de Minas Gerais
UFPA	Universidade Federal do Pará
UFPB	Universidade Federal da Paraíba
UFPE	Universidade Federal de Pernambuco
UFPR	Universidade Federal do Paraná
UFRGS	Universidade Federal do Rio Grande do Sul
UFRJ	Universidade Federal do Rio de Janeiro
UFRN	Universidade Federal do Rio Grande do Norte
UFS	Universidade Federal de Sergipe
UFSC	Universidade Federal de Santa Catarina
UFSCar	Universidade Federal de São Carlos
UnB	Universidade de Brasília
UNESP	Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho
UNIRIO	Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro
USP	Universidade de São Paulo

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO.....	21
1.1	Contextualização do tema.....	23
1.2	Problematização e Questão Problema.....	29
1.3	Hipóteses – (H) e Tese.....	42
1.4	Objetivos.....	43
1.4.1	Objetivo Geral	43
1.4.2	Objetivos Específicos	43
1.5	Justificativa para construção da tese.....	44
1.6	Estrutura da tese.....	52
2	FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA.....	54
2.1	Sinopse do contexto e do desenvolvimento científico.....	55
2.2	A visão whitleyana: institucionalização científica cognitiva e social.....	65
2.2.1	Especialidades e Áreas de pesquisas.....	72
2.2.2	Componentes de análise das estruturas cognitiva e social.....	76
2.3	A Ciência da Informação: breve histórico e institucionalização.....	77
2.3.1	Sinopse do cenário da Ciência da Informação no Brasil.....	83
2.3.2	Gestão da Informação e Gestão do Conhecimento na perspectiva da Ciência da Informação.....	95
3	PERCURSO METODOLÓGICO.....	124
3.1	Caracterização da pesquisa.....	125
3.2	Corpus da pesquisa.....	128
3.3	Operacionalização e descrição dos instrumentos de coleta e das técnicas de organização, tratamento e análise dos dados.....	131
3.3.1	Sistematização das categorias analíticas, dos indicadores e dos componentes enquanto critérios de avaliação.....	131
3.3.2	Identificação e descrição dos componentes estruturais da institucionalização científica.....	135
4	ANÁLISE, DISCUSSÃO E INFERÊNCIAS DOS RESULTADOS.....	146
4.1	Estrutura Cognitiva da GC.....	147
4.1.1	Pesquisas sobre Gestão do Conhecimento no ENANCIB (1994 – 2021)....	159
4.1.2	Termos adotados (palavras-chave) nas pesquisas sobre GC.....	163
4.1.3	Autores das pesquisas sobre GC nos anais do ENANCIB (1994 – 2021)...	172
4.1.4	Fundamentos teórico-metodológicos da GC na Ciência da Informação.....	179
4.2	Estrutura Social da GC.....	186
4.2.1	Instituições de Ensino Superior e os cursos de Pós-Graduação.....	187
4.2.2	Linhas de Pesquisa dos PPG da Ciência da Informação.....	192
4.2.3	Grupos de Pesquisa e Rede(s) de Cooperação em GC na Ciência da Informação.....	198
4.2.4	Espaços para comunicação científica: periódicos científicos.....	209
4.2.5	Espaços para comunicação científica: eventos especializados.....	217
4.2.6	Representantes do Núcleo da GC na Ciência da Informação: perfil e afiliações.....	234

4.3	Institucionalização cognitiva e social da GC na Ciência da Informação no Brasil: síntese e inferências sobre o seu estágio atual.....	238
4.4	Posicionamento da GC na Ciência da Informação no Brasil.....	243
5	CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	246
	REFERÊNCIAS.....	254
	APÊNDICES.....	274
	APÊNDICE A – Dados gerais dos trabalhos sobre GC nos anais dos ENANCIB.....	275
	APÊNDICE B – Lista geral dos autores produtivos em GC nos anais dos ENANCIB.....	311

1 INTRODUÇÃO

Esta tese é apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação (PPGCI), com Área de Concentração em 'Informação, Conhecimento e Sociedade', na Linha de Pesquisa III 'Ética, Gestão e Políticas de Informação', da Universidade Federal da Paraíba (UFPB), Campus I, João Pessoa, Paraíba. Tem como interesse pesquisar sobre a Gestão do Conhecimento, enquanto possível especialidade ou área de pesquisa deste campo, a partir de estruturas cognitivas e sociais como contributos ao seu grau de institucionalização científica na Ciência da Informação no Brasil. Isso foi essencial para apresentarmos as atuais configurações teóricas e epistemológicas a partir da produção científica, os atores e as instituições formais e informais que constituem essa disciplina na Ciência da Informação.

Embora a Gestão do Conhecimento esteja como uma das teorias estudadas no campo da Ciência da Informação, com contribuições teórico-metodológicas e de práticas realizadas nos ambientes organizacionais contemporâneos e em múltiplos contextos, essa disciplina é relativamente nova no escopo dos estudos informacionais (CIANCONI, 2003; DUARTE, 2003; BARBOSA, 2008; VALENTIM, 2008; SOUZA; DIAS; NASSIF, 2011) que, por vezes, suscita questionamentos quanto ao seu desenvolvimento epistemológico, conceitual, metodológico e científico, devido à sua complexidade. Nesse sentido, a escolha por iniciarmos pelo contexto introdutório na primeira seção desta tese corresponde aos elementos necessários que abrem as possibilidades da pesquisa, desde a contextualização ao desenho estrutural deste relato de investigação.

Na contextualização do tema são apresentadas as temáticas centrais que servem como sustentação de desencadeamento teórico, a saber: Institucionalização da Ciência, Gestão e Ciência da Informação, Gestão do Conhecimento e seu nível de Institucionalização, independente da ordem aqui registrada. A partir dessas categorias conceituais, são elencados os pontos norteadores que levaram a problematização ou construção do nosso objeto de estudo que é representado pela questão central. Com essa delimitação, foi possível traçar a(s) hipótese(s) que foram constatadas nas considerações finais a partir da interpretação e discussão dos resultados desta pesquisa, de modo a obter a tese constituída por uma solidez teórica e metodológica.

Ainda nesta seção, apresentamos, como parte da introdução, os objetivos e as justificativas de execução do trabalho científico e sustentação para a defesa da tese. A operacionalização desta está pautada nos objetivos específicos que condicionam as variáveis e que permitirão atingir o objetivo geral. As justificativas estão pautadas

na relação pessoal do pesquisador com o eixo temático abordado em sua trajetória acadêmica, como pelos desdobramentos e as contribuições que esta dará aos contextos pessoal e acadêmico, na perspectiva científica, no contexto da inovação e originalidade no âmbito científico – institucional, e de ordem social. Assim, são justificativas orientadas para contribuir com o desenvolvimento da GC quanto aos aspectos institucionais, científicos, sociais, profissionais, e pragmáticos/funcionais nos setores organizacionais, como nas unidades de informações e/ou em múltiplos contextos.

Compreendendo esses parâmetros, apresentamos esses elementos em seis subseções de formas sistemática e ordenada, tendo como ponto de partida a contextualização necessária das categorias temáticas no contexto do objeto de estudo desta investigação de doutoramento em Ciência da Informação.

1.1 Contextualização do tema

É preciso compreender, inicialmente, que a Gestão do Conhecimento (GC), integradamente com a Gestão da Informação (GI), tem a sua origem a partir da necessidade de novas condutas ou de novos estilos de ‘gestão’ nas organizações que estão inseridas na Sociedade Contemporânea, conhecida também como Sociedade Pós-Industrial (BELL, 1973), Sociedade da Informação (TAKAHASHI, 2000; WERTHEIN, 2000; MATTELART, 2002), Sociedade do Conhecimento (SQUIRRA, 2005) ou Sociedade da Informação e do Conhecimento (BIANCO; LUGONES; PEIRANO; SALAZAR, 2002; ALMEIDA, 2004). Essa sociedade, caracterizada pela informação e/ou pelo conhecimento, é marcada pelo aumento da complexidade de problemas no campo científico, informacional, administrativo, econômico, político e social.

Alguns fatos culminaram para o aceleração dessa conjuntura, como a Primeira Guerra Mundial que foi um marco histórico para o desenvolvimento e potencialização da chamada Sociedade da Informação e do Conhecimento. Com o seu desfecho na primeira metade do século XXI, a Ciência e a Tecnologia passaram a se constituírem no campo do capitalismo industrial, ocasionando o crescente volume da informação, o que lhe tornou como fundamento para os contextos econômico,

organizacional, científico e tecnológico, e social (PINHEIRO; LOUREIRO, 1995). Nesse limiar, a informação passou a ser um fenômeno social e estratégico, necessitando de tratamento, organização, armazenamento, disseminação e uso nos mais diversos segmentos ou setores, entre eles o campo organizacional e empresarial.

No âmbito das organizações, os fluxos de informações foram se tornando densos e a necessidade de gerenciar ou gerir as informações, e o conhecimento adquirido por elas, puderam contribuir com o surgimento do termo gestão do conhecimento (LIMA; ALVARES, 2018). A partir desse entendimento, nesta pesquisa a gestão da informação é compreendida como uma parte do processo da gestão do conhecimento, considerando que da mesma forma que o conhecimento é consequência da informação, podemos citar a GC como posterior a GI. Apesar de possuírem conceitos e aplicações distintas, podem ser, também, conduzidas de maneira integrada pelo termo Gestão da Informação e do Conhecimento (GIC) (BARBOSA, 2008; SOUZA; DIAS; NASSIF, 2011; FERNANDES, 2019).

Como fatores que contribuíram pensar em novos estilos de gestão, com predominância e valorização do conhecimento nos espaços organizacionais, podemos citar a discussão e a emergência desse fenômeno como recurso estratégico útil ou insumo absolutamente vantajoso para as organizações, as transformações na economia, a escolha e preferência por organizações modernas, enxutas e dinâmicas, e o aceleração e a massificação no uso de tecnologias da informação e comunicação (DRUCKER, 1997; SOUZA; DIAS; NASSIF, 2011).

A Gestão do Conhecimento é compreendida como uma estratégia para potencializar a criação de novos conhecimentos e gerar inovação e competitividade nos contextos aplicados. Essa dinâmica pode ser desenvolvida a partir de processos de aquisição, criação, armazenamento, disseminação e utilização de conhecimentos formalizados, ou seja, registros de experiências, ideias e informações que coadunam para uma das importantes práticas organizacionais¹ na contemporaneidade.

Além de ser o tipo de gestão que aufere um profícuo espaço nas discussões e planejamento para sua efetividade entre profissionais no mercado competitivo e no mundo globalizado, a gestão do conhecimento tem se apresentado não apenas como

¹ As práticas organizacionais são constituídas ou formalizadas pelas atividades e pelos serviços que são desenvolvidos pelas pessoas/colaboradores que compõe uma organização (SOUZA; DIAS; NASSIF, 2011).

uma eficiente prática organizacional, mas tem se desenvolvido enquanto área, disciplina ou domínio científico por ser objeto de discussões entre pesquisadores de diferentes campos da ciência, considerando que a GC, assim como a GI, se constituem, especialmente, a partir de contribuições da Administração, da Engenharia de Produção, da Ciência da Computação e da Ciência da Informação.

Gu (2004) realizou uma ampliação da investigação desenvolvida por Ponzi (2002) que apresentou a estrutura e a amplitude interdisciplinar da GC. Ambas as contribuições identificaram as áreas de conhecimento que coadunam para esse perfil disciplinar, a saber: Administração Pública, Psicologia Aplicada, Administração, Pesquisa Operacional, Engenharia Industrial, Teoria e Métodos da Ciência da Computação, Planejamento, Ciência da Informação e Biblioteconomia, Sistemas de Informação, Negócios e Gestão.

Aplicando princípios de investigações taxonômicas no uso de teorias nas pesquisas sobre Gestão do Conhecimento, Baskerville e Dulipovici (2006) condicionam características de interdisciplinaridade da GC ao distinguir diferentes tipos de bases teóricas no discurso das suas definições e práticas, destacando a economia da informação, gestão estratégica, cultura organizacional, estrutura organizacional, comportamento organizacional, inteligência artificial, gestão da qualidade, mediação de desempenho organizacional. “Esses dados revelam um aspecto adicional, que é o fato de a gestão do conhecimento ter-se tornado progressivamente um campo interdisciplinar.” (BARBOSA, 2008, p. 12).

Dalkir (2011) apresenta a natureza da GC como multidisciplinar por levar em consideração as diversificadas áreas que permitem identificar, estabelecer uma compreensão e aplicar as ações relacionadas a esse tipo de gestão. Nesse contexto, Lima e Alvares (2018), em uma reflexão sobre as aproximações teóricas e práticas da Ciência da Informação com a Gestão do Conhecimento, consideram essa disciplina como multidisciplinar e interdisciplinar, argumentando que o interesse por essa temática pode ser observado em distintas áreas do conhecimento.

Essas diferentes definições e aplicações, teóricas ou práticas, que representam a GC, são justificadas, conforme Fernandes (2019), pelo reforço de disciplinas científicas como a Administração, a Psicologia, a Economia, a Estatística, a Tecnologia da Informação, a Filosofia, e a Ciência da Informação.

O aporte dessas disciplinas à constituição e ao desenvolvimento da Gestão do Conhecimento culminou para o entendimento de que ela tem por base uma identidade

ou movimento multidisciplinar ou interdisciplinar, sendo constituída a partir das relações e das pluralidades conceituais e metodológicas, como também de influências intelectuais responsáveis pelo seu crescimento, constituição e legitimação de suas teorias.

A GC pode ser considerada um fenômeno interdisciplinar teórico e prático por atravessar diversas áreas do conhecimento com perspectivas orientadas para o conhecimento individual, coletivo e organizacional. Apesar de, conceitualmente, se tratar de compartilhamento e socialização do conhecimento no contexto das organizações, esse fenômeno de gestão foi ampliado pelas suas abordagens e perspectivas a ele relacionadas, como: aprendizagem e as relações com o contexto educacional e a psicologia; os dados, as redes e a tecnologias da informação e suas relações com a computação; e o gerenciamentos de documentos pelos arquivos e de seus serviços, bem como em diferentes unidades de informação que aproximam e se relaciona com a Ciência da Informação.

Conforme o estudo realizado por Ponzi (2002) a amplitude interdisciplinar em torno da Gestão do Conhecimento ocorre principalmente na disciplina Gestão, verificando que esse termo é recorrente e imbricado à área da Administração, dos negócios e/ou do ramo empresarial. Além disso, a GC agrega valor científico e prático em resultados de pesquisas realizadas na área da Ciência da Informação e Biblioteconomia (GU, 2004; DALKIR, 2011), principalmente quanto às abordagens sobre a gestão e/ou administração da informação e do conhecimento a partir da emergência da economia da informação nesses campos.

Nesse sentido, a Gestão do Conhecimento está presente tanto no discurso prático de profissionais de diversificados segmentos ou campos de atuação, entre eles os dos profissionais da informação (Arquivistas, Bibliotecários, Museólogos e Gestores da Informação), quanto no discurso científico, apresentando características multidisciplinar ou interdisciplinar, por meio de suas relações de interesses heterogêneos, de suas perspectivas, e de seus problemas de pesquisa com outras disciplinas (ALVARES, 2020). Isso pesa em suas relações com o campo da Ciência da Informação que também é caracterizada como interdisciplinar (BORKO, 1968; SARACEVIC, 1996; DIAS, 2000; GONZÁLEZ DE GÓMEZ, 2003; PINHEIRO, 2006a; SMIT; TÁLAMO, 2007) e, para outros autores, como transdisciplinar (BICALHO; BORGES, 2003) por meio de discussões que vêm sendo abordadas, devido à complexidade e estruturas de seu objeto de estudo, a informação.

Sobre seu objeto de estudo, podemos caracterizá-lo como um fenômeno social que se apresenta no epicentro das problematizações de pesquisas no contexto da Ciência da Informação, preocupados com pelo menos três dimensões, a saber: os aspectos registrados/materializados e que cumprem funções por meio de processos ou fluxos; aquelas inerentes as searas cognitivas relacionadas aos processos de transformações de informação em conhecimento ou de conhecimento em informação; e as que são construídas socialmente por meio de sujeitos, grupos ou em determinados domínios e comunidades discursivas.

Levando em consideração a pluralidade de problemas informacionais em diversos setores da sociedade, a Ciência da Informação tornou-se um dos campos responsáveis pelas resoluções dessas questões no contexto organizacional, considerando seus fluxos, a partir do (re)conhecimento desse fenômeno como teoria na Ciência da Administração. Nesse limiar, Pinheiro (2006a) esclarece que em meados da década de 1990, surgiram disciplinas inovadoras na Ciência da Informação relacionadas aos aspectos de informação estratégica, contribuindo para a aproximação dessa área com a Ciência da Administração, por meio de aspectos de pesquisas teóricas e práticas.

Entre os estudos que podem ratificar tais relações, temos a contributo de Alves e Duarte (2015) que apresentam os pontos de convergências entre a Ciência da Informação a Ciência da Administração; a pesquisa de Feitoza (2019) que aborda as aproximações entre três áreas emergentes no contexto da GC, sendo a Ciência da Informação, a Arquivologia e a Administração; e o estudo de Padilha Neto (2020) que investiga a composição curricular do curso de Biblioteconomia voltada para a área da gestão respaldado nas relações interdisciplinares entre a Ciência da Informação e a Ciência da Administração.

A informação estratégica no campo da Ciência da Informação possibilitou que fossem desenvolvidas pesquisas e disciplinas sobre administração/gestão da informação, gestão do conhecimento e inteligência competitiva. A tese de Pinheiro (1997) apresenta um resultado do *Annual Review of Information Science and Technology* (ARIST) com os temas dos artigos de revisão publicados entre os anos de 1966 e 1995 na área e constatou que a Administração da Informação era uma das temáticas em aparição. Apesar disso, vale ressaltar que Pinheiro e Loureiro (1995) verificaram a presença da Economia da Informação enquanto representação, também, da Administração na área.

Já no século XXI, Pinheiro (2002) atualiza a pesquisa realizada e registrada em sua tese no ano de 1997 e constata o surgimento de novas disciplinas na Ciência da Informação no período de 1996 ao início dos anos 2000, considerando os fenômenos da Sociedade da Informação e a Globalização que marcou a economia e diversos campos do conhecimento por meios das Tecnologias da Informação e Comunicação (TICs), da Web e da Internet. Entre as disciplinas apresentadas pela autora, destacaram-se a Gestão do Conhecimento e a Inteligência Competitiva, sendo ratificadas por outras investigações de sua autoria (PINHEIRO, 2002, 2006a, 2006b, 2007, 2018).

Esses estudos realizados por Lena Vânia Ribeiro Pinheiro servem como base para o entendimento sobre a constituição epistemológica da Ciência da Informação, modificações ao longo do seu desenvolvimento e sua representação por meio de mandalas, a fim de traçar novas configurações que refletem a área. Nesse limiar, Liberatore e Herrero-Solana (2013) apontaram temáticas relacionadas a este campo durante a primeira década do século XXI em reconhecidos periódicos científicos: a Ciência da Informação, a DataGramaZero, a Perspectivas em Ciência da Informação e a Transinformação. Os autores concluíram que entre os temas mais frequentes, também se destacaram a gestão do conhecimento, gestão da informação e inteligência competitiva.

Além dessas contribuições, Araújo (2014a, 2017) apresenta à comunidade científica da Ciência da Informação as subáreas que a compõem, sendo a Gestão da Informação e do Conhecimento uma delas. Para esse pesquisador e influente teórico – epistemológico do campo, o ponto de partida da GI se deu pela percepção da importância da informação como recurso nos ambientes organizacionais. Nesse contexto, as características e as exigências da Sociedade da Informação e do Conhecimento possibilitaram o entendimento de que “Não bastava gerir os recursos informacionais, era preciso também gerir o conhecimento, criando as condições propícias para transformá-lo em informação.” (ARAÚJO, 2014a, p. 64).

A partir dessas considerações, compreendemos que a GC tem evoluído enquanto especialidade, subárea ou área de pesquisa no campo informacional, como também em outras áreas do conhecimento. Barbosa (2020) apresenta a evolução da GI e da GC no cenário científico e as suas conexões com diversas áreas do conhecimento. Os resultados demonstram que há uma significativa produção científica consolidada nas Ciências Sociais no período de 1990 a 2018. Esses dados

corroboram sobre as discussões da GC enquanto disciplina relativamente nova e que está em estado de desenvolvimento e de institucionalização em alguns campos, como na própria Ciência da Informação.

A GC vem sendo objeto de trabalhos científicos na Ciência da Informação (Ciência Social e Aplicada ou Comunicação e Informação), bem como vem ampliando espaços para estudos, pesquisas e suas divulgações em periódicos científicos, eventos científicos e outros canais de comunicação da ciência como livros e coletâneas, que podem demonstrar sua determinada posição neste campo.

Nesse sentido, surgem problematizações entorno de sua presença epistemológica, metodológica e pragmáticas que se desdobram na produção científica e em instituições, agentes/atores no âmbito Ciência da Informação, colocando em evidência a ausência de estudos sobre seu grau ou estágio atual de institucionalização científica que é uma das maneiras de delimitar a presença de uma especialidade, área de pesquisa ou subárea de uma ciência (WHITLEY, 1974).

A institucionalização científica de uma ciência ou disciplina pode ser conceituada como um conjunto de padrões, ações, percepções, articulações, atores institucionais e políticos, estruturas organizacionais coerentes, coordenadas e aceitas por uma determinada comunidade científica. Isso significa que, para haver uma disciplina ou área com grau elevado de institucionalização, é preciso de uma linearidade entre problemas, padrões epistemológicos, métodos bem aceitos e teorias e práticas comuns (WHITLEY, 1974; TREVISOL NETO, 2015). Sendo assim, apresentamos os fenômenos problemáticos que coadunam para construção do objeto de estudo desta pesquisa de tese.

1.2 Problematização e Questão Problema

Como foi dito anteriormente, a GC vem se constituindo como uma temática de interesse em diversos campos científicos ao longo dos anos, caracterizando-se não só como uma prática organizacional, mas também como uma disciplina científica especializada ou área de pesquisa que corrobora para ocorrências de problematizações teóricas e práticas nos estudos realizados, inclusive no campo informacional. No entanto, existem algumas indagações sobre a compreensão desse

fenômeno, a GC, como tendência, protagonista ou emergente na Ciência da Informação do Brasil, mais especificamente relacionados aos seus componentes cognitivos e sociais no processo de institucionalização (WHITLEY, 1974).

Cabe destacar que a institucionalização científica de uma disciplina, ciência ou área de conhecimento científico, proposta por Whitley (1974), são apresentadas por duas estruturas dimensionais: a cognitiva e a social. Embora apresentem diferentes indicadores, a institucionalização cognitiva e a institucionalização social não se separam e são indissociáveis, pois são complementares na avaliação do nível de institucionalização de uma disciplina, especialidade ou área de pesquisa.

Os problemas que envolvem a proposta desta investigação são fatores ligados à dimensão intrínseca (estrutura cognitiva) da GC que se debruçam em suas bases conceituais, questões de ordem terminológica, histórica, epistemológica e metodológica, e aos seus fatores relacionados à dimensão extrínseca (estrutura social) que estão conexos ao seu (re)conhecimento enquanto especialidade ou área de pesquisa no campo da Ciência da Informação no Brasil no que tange à sua identidade social, à estrutura na comunicação científica, aos atores/agentes e às instituições. Tais fatores apontam indagações correspondentes ao estabelecimento e ocupação da GC nesse campo informacional.

Esses fenômenos hipotéticos são vislumbrados por meio de vivências e experiências de estudos que o proponente desta pesquisa percebeu e notificou durante a sua trajetória acadêmica e profissional neste campo. Além disso, há ausência de conhecimento sobre a GC e o não reconhecimento de sua formação, institucionalização e aplicações, por parte de pesquisadores e profissionais, no campo da Ciência da Informação e suas áreas afins como a Arquivologia, Biblioteconomia, Gestão da Informação e Museologia, entre outros.

Na perspectiva da estrutura cognitiva, Davenport e Cronin (2000) identificaram visões distintas sobre o conceito de GC em determinados domínios, a saber: Biblioteconomia e Ciência da Informação onde a gestão do conhecimento é vista predominantemente como gerenciamento de informações com outro termo, a partir de uma derivação semântica (GC1); Administração de Empresas apresenta a gestão do conhecimento como gestão de *know-how* (saber fazer ou saber como), priorizando os sistemas e processos que têm como ênfase a representação dessas práticas e capacitações. Essa perspectiva tem como foco os sistemas de gestão do conhecimento e as representações dos dados, informações contidas em repositórios

enquanto bases de conhecimento (GC2); e, por fim, a Teoria Organizacional que predomina a GC3 com uma significativa mudança conceitual em relação à GC1 e GC2 ao considerar o conhecimento como “chave” principal na adaptação da organização ao seu ambiente externo e tem como centralidade o protagonismo humano frente à dinâmica entre conhecimento tácito e conhecimento explícito por meio de um contexto capacitante.

Destacando a GC1, fundamentalmente caracterizada e entendida no domínio da Biblioteconomia e Ciência da Informação, percebemos que existe um problema na distinção entre informação e conhecimento na perspectiva da gestão que podem ocasionar o emprego dos termos enquanto sinônimos e, conseqüentemente, elevando o entendimento de GC para o mesmo que o de GI a partir de uma diferente terminologia. Barbosa (2008) explica que a GI e a GC constituem dois componentes de uma constelação de termos relacionados como a documentação, a gerência de recursos humanos, a gestão de documentos, a organização do conhecimento, organização da informação, biblioteconomia, arquivologia, aprendizagem organizacional, representação do conhecimento, entre outros. Para o autor, essa demasiada pluralidade terminológica reflete um grande interesse que a informação e o conhecimento provocam na sociedade e ao mesmo tempo se “constitui um grande desafio no sentido de se distinguir um conceito dos demais e de se estabelecer relacionamentos entre eles.” (BARBOSA, 2008, p. 2).

Kobashi, Smit e Tálamo (2001) explicam que a questão terminológica serve de contribuição para o desenvolvimento de uma linguagem própria de uma área, onde os objetos, as ideias e os processos que os designam são criados a partir do comportamento da sociedade com esse campo, da comunidade científica e dos domínios ou grupos que deles se utilizam.

Com base nessas autoras, Llarena, Duarte, Lira e Silva (2017) esclarecem que no campo da Ciência da Informação é notória a dificuldade de conceituar e empregar termos que a envolve devido a sua caracterização interdisciplinar. Isso porque a terminologia surge da precisão em cognominar a sistematização dos conceitos de diferentes disciplinas ou subáreas, permitindo uma eficiente comunicação entre os especialistas do campo.

Há, portanto, no campo da Ciência da Informação, a necessidade da construção de uma terminologia que contemple estruturas conceituais próprias e emprestadas, permitindo reconhecê-la em sua autonomia (KOBASHI; SMIT;

TÁLAMO, 2001). Nesse contexto, reconhece-se que problemas de cunhos terminológicos e conceituais são permeados nesta área, considerando as especialidades ou áreas de pesquisa emergentes, sendo a GC uma delas por surgir na Ciência da Informação a partir de contribuições da Administração, da Ciência da Computação, da Psicologia, entre outras, como também de profissionais e de pesquisadores próprios, o que pode explicar algumas divergências e influências.

Nesse cenário, Llarena, Duarte, Lira e Silva (2017) apresentam a GC, enquanto subárea da Ciência da Informação, como foco de questionamentos, debates, contestações, polêmicas e estranhamento no emprego de seu termo na prática científica do campo. Para as autoras, “algumas vezes, os significados isolados do termo (“gestão” e “conhecimento”) são analisados em contextos diferentes para os quais são aplicados ou, ainda, atrelados a conceitos que não se adequam ao contexto em que a GC é necessária.” (LLARENA; DUARTE; LIRA; SILVA, 2017, p. 2).

A confusão entre termos “Gestão” e “Conhecimento” empregados nos estudos de GC muitas vezes está relacionada a errônea interpretação de “administração da mente humana”, como também o entendimento sobre conhecimento não poder ser explicitado e/ou convertido em informação. É preciso compreender o real sentido que se agrega a combinação desses dois termos que, fundamentados por teóricos específicos e de diferentes áreas, coadunam com a epistemologia, com os fundamentos e com as teorias que circundam a GC.

Wilson (2002), teórico cognitivista adotado no campo da Ciência da Informação, realiza estudo na literatura de periódicos, *sites* de empresas de consultorias, e em apresentação de escola de negócios, levando a conclusão de que o conhecimento especificado nesse processo é inerente à essência do ser humano e que é impossível compartilhar sua essência, como também diz ser absurdo poder gerenciar esse conhecimento.

Ainda de acordo com o mesmo autor, em nova reflexão, “não existe gestão do conhecimento, uma vez que o conhecimento reside nas pessoas” e, em contraponto, o que pode ser feito é gerenciar a organização de modo a assegurar a aprendizagem a partir de uma cultura organizacional que motive o compartilhamento de informações (WILSON, 2006, p. 54).

Neste contexto, Pinheiro (2002) apresenta algumas reflexões sobre diversos temas ligados à Ciência da Informação, dados de entrevista na íntegra, com diversos coordenadores de cursos de pós-graduação da área, e que foram recomendadas pelo

periódico científico DataGramaZero. Nesse ínterim, uma das questões levantadas pelo periódico, mais precisamente a última, é a seguinte: “Gestão do conhecimento é uma imprecisão teórica, pois o conhecimento acontece na consciência do indivíduo, onde o gerente não tem acesso?”, como resposta, de um ou mais coordenador(a), a autora registra que, para eles, trata-se de um conceito incorreto porque se trata de gestão do conhecimento nas/das organizações, e incompleto porque conhecimento não é sinônimo de informação pois conhecimento é objeto de epistemologia no território da filosofia da ciência, e o correto seria gestão da informação.

Os escritos de Wilson (2002, 2006) e Pinheiro (2002) deixam claro a confusão, também, entre os termos informação e conhecimento quando empregados no contexto da gestão na Ciência da Informação, ratificando a perspectiva da GC1 abordada por Davenport e Cronin (2000). É preciso compreender que, no parâmetro de gerenciamento da informação e do conhecimento, a informação é tangível e o conhecimento é pessoal, intangível, intelectual. A necessidade de situar esses fenômenos no contexto da gestão, sobretudo no campo informacional, parece ser necessária.

As conclusões do Wilson (2002, 2006) e das reflexões de pesquisadores relatadas por Pinheiro (2002) ratificam a compreensão por parte de alguns agentes científicos sobre o entendimento acerca da GC, que parece ser mais uma questão de terminologia do que um problema teórico-conceitual (LLARENA; DUARTE; LIRA; SILVA, 2017). Compreendemos, nesta tese, que o conhecimento, utilizado nos processos desse tipo de gestão em tela, é pessoal/individual e, de fato, é impossível termos acesso à sua completude na mente humana. No entanto, a gestão do conhecimento tem sua base ancorada nas pessoas e nos ambientes favoráveis de compartilhamento, conhecido e chamado de “Ba”² (NONAKA; KONNO, 1998), onde pode ocorrer a dinâmica de conversão entre conhecimento individual para o coletivo/organizacional, no desafio de transformar o conhecimento pessoal (tácito) em informação (conhecimento explicitado).

Esse mesmo ponto de vista é defendido por outros autores, como Krogh, Ichizo e Nonaka (2001). [...] Esses autores concluem que os gerentes devem promover a criação de conhecimento, em vez de controlá-la Como forma de facilitar a criação do conhecimento na

² Para Nonaka e Kono (1998, p. 40, tradução nossa), *ba* “pode ser concebido como um espaço compartilhado para relacionamentos emergentes”.

empresa os autores sugerem, então, alguns elementos “capacitadores”, que são: a) instilar a visão do conhecimento, b) gerenciar as conversas, c) mobilizar os ativistas do conhecimento, d) criar o contexto adequado e e) globalizar o conhecimento local. [...] Observa-se, entretanto, que o questionamento levantado por Krogh, Ichizo e Nonaka diz respeito ao que significa “gestão”. Afinal, o que são os elementos “capacitadores” acima indicados, senão processos gerenciais? (BARBOSA, 2008, p. 10-11).

Na mesma linha de pensamento, o texto “Nuances e estratégias que circundam o conhecimento tácito” das autoras Garcia e Silva (2015) apresenta os questionamentos sobre a possibilidade de gerenciar o conhecimento com o argumento que o indivíduo adquiriu o conhecimento com sua experiência de vida, e a dificuldade em formalizá-lo existe porque é subjetivo e constitui as habilidades do indivíduo. Além disso, apresentam metodologias de criação e ampliação do conhecimento com fundamento no estudo de Krogh, Ichizo e Nonaka (2001).

Por outro lado, Barbosa (2008, p. 11) explica que “[...] administrar ou gerenciar o conhecimento não implica exercer controle direto sobre o conhecimento pessoal. Significa, sim, o planejamento e controle do contexto ou *ba*”. Sustentando esse e o nosso ponto de vista em relação às conclusões de Wilson (2002, 2006), McLnerney (2006, p. 59) também entende que

Wilson tem razão, se considerarmos os componentes da expressão “gestão do conhecimento” estritamente do ponto de vista da análise retórica. Mas, na prática, o termo acabou por significar muito mais do que somente “gerenciar o conhecimento”. No cerne da prática da gestão do conhecimento (nas atuais publicações sobre a matéria), encontra-se o desejo de encorajar o compartilhamento do conhecimento, e não propriamente o controle sobre o conhecimento alheio.

Outra constatação, considerada como central, que o Wilson (2002, 2006) apresenta em suas pesquisas realizadas no âmbito dos periódicos da área e em *sites* de consultorias de negócios, é a ideia da GC como um modismo administrativo derivado de uma visão utópica da cultura organizacional e do meio empresarial. Segundo o autor, o gerenciamento do conhecimento desapareceria como modismos anteriores, salientando que durante os primeiros anos do século XXI nada emergiu que o pudesse convencer que a gestão do conhecimento não seja outra coisa que expressão de moda.

Contudo, Batista (2008, p. 48) explica que “Os trabalhos críticos de cientistas da informação em relação a Gestão do Conhecimento parecem não ter captado a complexidade e profundidade da literatura da Gestão do Conhecimento, além de carecer de rigor científico.”

Em contraponto a essa perspectiva do modismo e das conclusões das pesquisas realizadas em 2002 e 2006 por Thomas Daniel Wilson, podemos citar os estudos do professor e pesquisador Ricardo Rodrigues Barbosa realizados nos 2008 e 2020, publicados em periódicos do campo da Ciência da Informação. O autor apresenta a pesquisa de Ponzi e Koenig (2002) confirma que foi evidenciado um crescimento significativo das publicações sobre a GC na última década do século XX, superando a ideia de modismo gerencial no campo administrativo, já que nessa área a estimativa de moda dura aproximadamente cinco anos. Segundo eles, “[...] ao aplicar esta regra geral ao conceito popular de gestão do conhecimento, parece que inicialmente a gestão do conhecimento sobreviveu.” (PONZI; KOENIG, 2002, tradução nossa).

A concepção interdisciplinar da gestão do conhecimento também é ratificada por Ponzi e Koenig (2002) por constatarem que ao longo dos anos as publicações sobre a temática não estavam apenas nas áreas de Computação, Administração e Negócios, mas também em periódicos de Ciência da Informação, Biblioteconomia, Psicologia, Ciências Sociais, entre outros. A tendência é esta disciplina evoluir e se tornar um fenômeno de fácil entendimento (BARBOSA, 2008).

Essa hibridação interdisciplinar, segundo Barbosa (2008), aponta uma tendência de variação ou substituição do termo “Gestão do Conhecimento” para temas que sejam associadas a essa possível disciplina interdisciplinar e especializada, tais como: compartilhamento do conhecimento, capital intelectual, ativos intangíveis, aprendizagem, redes sociais, entre outros.

Cianconi (2003) afirma que é preciso ter um exame cuidadoso ao averiguar a literatura que apresenta variação na terminologia que representa a substituição de termos referentes a GC, mas se trata de uma área que há aspectos que podem existir isoladamente nas aplicações teóricas na ciência e nas práticas nas organizações que, quando integrados permitem a visão da chamada “gestão do conhecimento”, podendo ser ratificado pela sua tese, com a apresentação das oito facetas que compõem a GC. Isso “[...] é uma questão merecedora de futuros estudos, em especial por parte de pesquisadores do campo da ciência da informação.” (BARBOSA, 2008, p. 13).

Em consonância com as necessidades de mais estudos apontados por Barbosa (2008), a GC na Ciência da Informação tem sido preocupação de alguns estudiosos neste campo e são estudos que vem se desdobrando ao longo das duas últimas décadas como os estudos de Bettencourt e Cianconi (2012), Llarena, Duarte, Lira e Silva (2017), Damian e Silva (2017), Feitoza e Duarte (2020), Valentim (2020), entre outros.

Percebemos que existem perspectivas adotadas por diferentes autores quando se trata da gestão do conhecimento na perspectiva teórico-pragmática, mas a identificação desse consenso ou não, pode ser compreendida a partir da identificação das tendências e perspectivas das teorias, epistemologias, metodologias, correntes, entre outros, presentes em um campo, em um domínio, em uma disciplina ou em uma área científica. Para tanto, essas características são da estrutura, aspecto ou dimensão cognitiva para análise da institucionalização da ciência apontada por Whitley (1974).

A institucionalização cognitiva corresponde aos elementos ou conhecimentos próprios da área, às suas bases teóricas consensuais entre os agentes ou pares científicos, aos problemas levantados nas pesquisas e nos eventos/encontros científicos, aos métodos, instrumentos para coleta e análise de dados e/ou fenômenos de estudos, e modelos empregados à aceitação de soluções abordadas (WHITLEY, 1974).

As colocações acerca da perspectiva das estruturas cognitivas da GC nos fazem indagar qual corrente/pensamento sobre a gestão do conhecimento na CI no Brasil é recorrente, ou se há ou não um consenso linear sobre suas possibilidades e base teórica-epistemológica e metodológica. Para tanto é preciso checar qual pensamento é dominante a partir da identificação do seu nível ou grau de institucionalização cognitiva, considerando sua possibilidade (ou não) de estar posicionada como uma especialidade ou área de pesquisa neste campo informacional.

Frente ao exposto, cabe indagar a linearidade e concordância de ordem intelectual dos estudos de GC nesta área, buscando compreender os seus termos técnicos, os teóricos que fundamentam os conceitos e métodos empregados em sua produção científica, principalmente pelos agentes ou autoridades da comunidade científica de interesse, no âmbito da Ciência da Informação brasileira. Para tanto, como se encontra a linearidade e/ou variação da terminologia dos estudos

relacionados a GC? Os fundamentos teóricos-metodológicos dos estudos sobre GC na Ciência da Informação no Brasil diverge ou converge entre os autores produtivos que constituem a comunidade científica?

Na perspectiva da estrutura social, coube refletirmos sobre os componentes de comunicação científica da GC no campo da Ciência da Informação no Brasil na medida que se produz e que se dissemina pesquisas em diferentes canais, e entender as interações entre agentes pesquisadores no tradicional meio de colégios invisíveis ou nas redes de colaboração científica formais e informais, como também as instituições reguladoras que formam e viabilizam o seu fortalecimento disciplinar, as sociedades científicas e, conseqüentemente, seus pesquisadores. Além disso, a própria qualificação de pesquisadores com perfis vinculados à área de conhecimento em questão, ou seja, a proliferação de recursos humanos que se interessem pela disciplina especializada ou área de pesquisa.

O fortalecimento das instituições, os recursos humanos qualificados, e os adequados canais de comunicação e de intercâmbio formam a base de um campo de conhecimento científico (OLIVEIRA, 1998). Com a noção de campo científico, Bourdieu (2004) o apresenta como um universo que tem por intermédio as relações sociais e a produção científica, sendo social assim como outros campos e se diferenciando dos demais por exercer o papel de produção e comunicação do conhecimento científico a partir de leis sociais específicas. A autonomia desses campos científicos ou de seus subcampos se mede, também, entre as instituições.

Esses fatores também corroboram para o entendimento sobre como se organiza, socialmente, a disciplina, especialidade ou área de pesquisa na ciência. Martins (2014) afirma, com base em Whitley (1974), que a universidade é ainda o modelo dominante e que predomina no campo da Ciência da Informação, pois foi a partir dos Programas de Pós-Graduação (PPG) e, conseqüentemente, das origens de formação de pessoal especializado, de pesquisas, de periódicos, das comunidades científicas, das reuniões entre pesquisadores da área em eventos científicos, entre outros, que foi sendo institucionalizada no Brasil.

Nesse contexto, existem nuances a respeito da gestão do conhecimento “sobretudo” em sua posição nesta área que é derivada, também, de como ela se estabelece nas instituições, nos canais da informação e nos próprios pares para sua constituição, autonomia e/ou institucionalização enquanto subcampo, disciplina especializada ou área de pesquisa no contexto da Ciência da Informação no Brasil.

A GC, como dito anteriormente, se tornou uma temática de interesse por pesquisadores da Ciência da Informação brasileira como também é alvo de críticas e polêmicas por parte de outros estudiosos da área. Esses prenúncios em volta do fenômeno em questão, da gestão do conhecimento, podem causar positiva ou negativamente a sua ocupação nos espaços estruturais de formação de pessoas especializadas, dos espaços de trocas e de divulgação científica, na aceitação e no reconhecimento entre os pares, na formação de comunidades específicas e na construção de sua identidade social no campo ou área de conhecimento em tela.

Nesse sentido, a medida em que se reconhece as publicações e disseminação de um conhecimento específico, é possível compreender que há determinados grupos ou agentes que potencializam a criação e manutenção de estruturas formais e que têm interesses comuns. No caso da GC, apesar de ser um tema com amplo crescimento na formação de pesquisadores, nos debates científicos e nos canais de eventos e periódicos da Ciência da Informação brasileira (VALENTIM, 2008; BETTENCOURT; CIANCONI, 2012; LIMA; ALVARES, 2018), precisamos compreender como essa disciplina vem se formalizando e demarcando seu espaço nesta área a partir da identificação de sua ocorrência nas instituições formadoras, no desenvolvimento e na aceitabilidade de pesquisas e de seus respectivos pesquisadores interessados, e das sociedades/comunidades que demarcam sua identidade por meio de veículos de estudos, discussões, e comunicação sobre a GC.

As instituições científicas, que viabilizam pesquisadores e profissionais especialistas, são caracterizadas por cursos de graduação e pós-graduação que funcionam como base para qualificação e criação de competências e habilidades necessárias por meio do ensino e da pesquisa. Em torno da GC, podemos citar a pesquisa de Duarte, Feitoza, Monteiro e Lima (2020) que aborda a GI e a GC nos cursos de pós-graduação em Ciência da Informação no Brasil e apresentam em seus resultados que a GIC é predominante em cursos de pós-graduação dessa área, com alta avaliação pela Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES). No entanto, é preciso identificar se a GC é bem representada em disciplinas, linhas de pesquisa, entre outros, tendo em vista que a GI é uma de suas abordagens processuais ou uma de suas categorias conceituais conforme apresenta Alvares, Baptista e Araújo Júnior (2010).

Outra questão a ser considerada é o perfil e as qualificações dos agentes ou pesquisadores envolvidos e vinculados às instituições que predominam a disciplina

Gestão do Conhecimento nesta área científica. Quem são os responsáveis, a partir da produtividade científica, pela formação, pesquisa e práticas profissionais que se preocupam com a GC na Ciência da Informação? Esses sujeitos, certamente, podem ocupar espaços nas associações, nos eventos regulares, nos cursos de graduação e pós-graduação, nos grupos de pesquisa, entre outros, construindo e caracterizando os recursos humanos nesta comunidade. Assim, ainda é desconhecida a configuração desses ambientes institucionalizados socialmente no contexto da GC e os seus desdobramentos.

O estudo de Kebede (2010) nos revela que as nuances em torno da GC afetam também na efetivação prática por parte de pesquisadores e profissionais da Ciência da Informação, afirmando que poderiam contribuir de forma mais incisiva, apesar da Gestão do Conhecimento ser destaque na área. O autor fundamenta essa narrativa por algumas razões que, entre elas, destacam-se o questionamento de Wilson (2002) sobre a GC ser realmente um tema de interesse para a Ciência da Informação, sobretudo porque, segundo o teórico cognitivo, é apenas outro termo para explicar o que já é feito com a GI.

A indagação sobre a implementação da GC pode ter como consequências a falta de interesse de recursos humanos, pesquisadores e simpatizantes pelo tema, em trocar saberes, em fortalecer suas redes, em construir espaços de trocas, de formação, entre outros. No entanto, conforme apontam a pesquisa de Santos e Kobashi (2007) e o estudo de Silva (2017), há profissionais e estudiosos na Ciência da Informação brasileira que se interessarem por desenvolver pesquisas sobre gestão do conhecimento no âmbito dos cursos de mestrado e doutorado na Ciência da Informação. A partir disso, os pesquisadores que se destacam e que mais produzem pesquisas sobre essa disciplina estão representados por quais PPG, áreas de concentração e linhas de pesquisa?

Outro ponto importante que podemos trazer à tona são os grupos específicos de estudos e pesquisa, as associações, e as formas de comunicação científica (por eventos e periódicos) que determinada disciplina especializada, área de pesquisa ou campo científico precisa para solidificar suas bases teóricas e metodológicas e o fortalecimento de sua sociedade/comunidade científica. As associações ou sociedades científicas e as interações entre os agentes estudiosos e/ou pesquisadores em determinados encontros são fatores importantes para a

comunicação científica, tendo em vista que seu sucesso depende de grupos de sujeitos envolvidos através de canais formais e informais (MEADOWS, 1999).

Canais como periódicos científicos, eventos científicos reconhecidos nacional ou internacionalmente, são importantes para o processo de institucionalização de uma disciplina ou área científica. No campo da Ciência da Informação brasileira, por exemplo, temos importantes periódicos criados a partir do interesse emergente dos PPG, além de outras que foram idealizadas e construídas por colegiados departamentais responsáveis pelos cursos de Biblioteconomia, Arquivologia, Museologia, e Gestão da Informação.

Além dos periódicos, os espaços ou fontes de comunicação das pesquisas e discussão da área como congressos/encontros/eventos também são predominantes na Ciência da Informação no Brasil. Diante de variados eventos científicos que ocorrem em período anual, bianual, entre outros, podemos destacar o importante Encontro Nacional de Pesquisa e Pós-Graduação em Ciência da Informação (ENANCIB), promovido pela Associação Nacional de Pesquisa e Pós-Graduação em Ciência da Informação (ANCIB).

Sendo a Ciência da Informação um campo interdisciplinar (SARACEVIC, 1996), que dialoga e problematiza pesquisas com diferentes áreas do conhecimento, o seu núcleo temático se caracteriza a partir das especialidades ou subáreas que são movimentadas a partir desse perfil disciplinar. Nesse sentido, diante das questões de sua aplicabilidade teórica e metodológica, e de seu destaque já apontada em estudos anteriores, como emerge a GC enquanto temática de interesse para realização de estudos no âmbito das instituições científicas deste campo informacional, principalmente em periódicos científicos e em grupos de trabalhos de eventos, e em encontros gerais e especializados?

Os órgãos de fomento à pesquisa são importantes instituições que também viabilizam a consolidação político-institucional de um campo, área, especialidade ou disciplina científica. No Brasil, podemos citar, entre tantos órgãos, a CAPES, que viabiliza importantes meios para consolidação, manutenção, e fortalecimento da ciência no país a partir de incentivo à estudantes e pesquisadores, de aprovação e de avaliação de PPG e de periódicos científicos, programas de internacionalização da ciência, entre outros. Citamos também o Conselho Nacional de Desenvolvimento

Científico e Tecnológico (CNPq)³ que visiona o reconhecimento pela excelência na promoção da Ciência, da Tecnologia e da Inovação como elementos centrais do pleno desenvolvimento no Estado brasileiro.

O CNPq, além de apoiar e centralizar importantes programas e projetos institucionais, criou e mantém um sistema de informações, chamado Plataforma Lattes⁴, que integra base dados de currículos de estudantes e pesquisadores, de instituições, e de grupos de pesquisa no contexto da Ciência & Tecnologia do Brasil. O Diretório de Grupos de Pesquisa (DGP) reúne todos os grupos de pesquisadores, professores, estudantes, bolsistas, técnicos profissionais, entre outros, nas mais diversas áreas do conhecimento da ciência brasileira.

Tanto a CAPES como o CNPq têm as divisões de área de conhecimento, assim o campo da Ciência da Informação está inserido na área de Comunicação e Informação da CAPES, com a participação de cursos de mestrado acadêmico e profissional, além do curso de doutorado nos PPG. No CNPq, esse campo pertence à área das Ciências Sociais Aplicadas.

Os PPG e os Grupos de Pesquisa da Ciência da Informação são instituições que revelam os interesses e as tendências do campo a partir de seus pesquisadores, são ambientes que propiciam a troca de experiências, o planejamento e execução de pesquisas, com temas diversos. Entre as áreas problematizadas em seus estudos, contempla a GC. Nesse contexto, existem grupos de pesquisas nomeados e/ou com linhas de pesquisa sobre a GC em seu escopo? Quais Instituições/Programas têm se destacado, a partir de seus pesquisadores que criam e desenvolvem grupos de pesquisa que se interessem pela temática, nos mais diversos contextos, neste campo informacional?

Essas colocações, na perspectiva da estrutura social da GC da Ciência da Informação brasileira, nos fazem questionar o seu papel ou posicionamento na área. Além disso, como vem sendo construída as possíveis instituições que fortalecem a oferta de disciplinas e cursos de mestrado e doutorado orientados para a formação de pesquisadores, os vínculos existem entre a quantidade de pesquisadores interessados no tema e suas respectivas afiliações, e de como se caracteriza a sociedade ou comunidade científica da GC e sua comunicação no âmbito deste campo.

³ Endereço eletrônico do Portal do CNPq: <http://portal.cnpq.br/>

⁴ Endereço eletrônico da Plataforma Lattes: <https://lattes.cnpq.br/>

Frente ao exposto, esses componentes problematizadores relacionados à estrutura externa da GC pode ser investigado a partir da institucionalização social de uma disciplina, ciência, especialidade ou área de pesquisa que se estabelece a partir do surgimento e manutenção de estruturas formadas por meio de instituições e de uma sociedade/comunidade científica, sendo consequência dos estudos e pesquisas que demarcam sua estrutura cognitiva (WHITLEY, 1974).

Conforme a teoria whitleyana, a estrutura social do processo de institucionalização científica é caracterizada pela abrangência da organização formal de comunicação por meio de reuniões formais de cientistas, de legitimação de periódicos e de eventos/encontros/congressos acadêmicos-científicos, além de formação de especialistas, de formalização de cursos e de suas respectivas disciplinas de graduação e de pós-graduação, de grupos de pesquisa, e de associações e sociedade científica (WHITLEY, 1974).

Diante do que foi apresentado, as problematizações, as inquietações e as discussões convergem para a Questão Problema central da pesquisa que buscamos analisar: **Como se configura o processo de institucionalização científica da Gestão do Conhecimento na Ciência da Informação no Brasil, a partir de suas estruturas cognitiva e social?**

1.3 Hipóteses – (H) e Tese

(H) – 1: A identidade epistemológica da Gestão do Conhecimento no campo da Ciência da Informação no Brasil se assenta pelas terminologias/conceitos e fundamentos teóricos direcionados para a interação dos sujeitos sociocognitivos que compartilham seus conhecimentos tácitos em um contexto capacitante (*Ba*) e, ao explicitá-los, tornam-se em informações estratégicas para os usuários de múltiplos ambientes.

(H) – 2: É possível considerar que a Gestão do Conhecimento no campo da Ciência da Informação no Brasil encontra-se em processo evolutivo, com elevado nível de institucionalização científica, a partir da análise combinatória de suas estruturas cognitiva e social.

(H) – 3: A Gestão do Conhecimento se posiciona como uma especialidade no campo da Ciência da Informação, com abordagens que se relacionam ao seu termo e que refletem como objetos de análise e situações-problemas de um conjunto de áreas de pesquisa no campo, a partir de suas estruturas cognitiva e social.

As hipóteses que mobilizaram o desenvolvimento desta pesquisa estão alicerçadas na **tese** de que a Gestão do Conhecimento se encontra em processo de evolução e maturidade, com elevado nível de institucionalização na Ciência da Informação no Brasil, a partir de componentes que viabilizam suas estruturas cognitiva e social, posicionando-se como uma especialidade com abordagens que se configuram como áreas de pesquisa.

1.4 Objetivos

Fundamentando o exposto, considerando a problematização, a questão problema que norteou esta pesquisa e as hipóteses, apresentamos o objetivo geral e os objetivos específicos responsáveis pelo desenvolvimento e o alcance da tese.

1.4.1 Objetivo Geral

Analisar o processo de institucionalização científica da Gestão do Conhecimento na Ciência da Informação no Brasil, a partir de suas estruturas cognitiva e social.

1.4.2 Objetivos Específicos

- a) Sistematizar os critérios para avaliação dos níveis ou estágio(s) de institucionalização social e cognitiva da Gestão do Conhecimento na Ciência da Informação, fundamentados na teoria whitleyana;
- b) Identificar os componentes que formam a estrutura cognitiva da GC na Ciência da Informação no Brasil;
- c) Identificar os componentes que desenvolvem a estrutura social da GC na Ciência da Informação no Brasil;
- d) Inferir sobre o atual estágio do processo de institucionalização científica da GC neste campo informacional;

- e) Evidenciar o posicionamento da GC na Ciência da Informação no Brasil a partir de seu estágio de institucionalização científica.

1.5 Justificativa para construção da tese

A idealização e a operacionalização desta tese de doutoramento parte de uma trajetória constituída pela intensidade e curiosidade-paixão. A partir das vivências acadêmicas, a GC no contexto da Ciência da Informação e da Arquivologia foi, aos poucos, entrando na vida acadêmica, moldando os horizontes pessoais, e construindo marcos que ficarão registrados na jornada deste pesquisador que aqui vos escreve.

Assim, as justificativas que motivaram a construção desta pesquisa levam em consideração as questões de perspectiva pessoal e acadêmica, as condicionantes na perspectiva acadêmico – científica, do contexto inovador, das contribuições para o âmbito institucional que possibilitaram os elementos necessários para o desenvolvimento desta, além dos elementos de ordem social. Esses itens coadunam para argumentar e sustentar a originalidade e a relevância da constatação da GC enquanto especialidade em processo de institucionalização científica no campo da Ciência da Informação brasileira.

Discorrendo as motivações na perspectiva **pessoal e acadêmica**, o núcleo temático desta tese originou-se, em parte, da continuação dos estudos realizados desde a graduação, no Curso de Arquivologia da UFPB, também no desenvolvimento da dissertação, no Curso de Mestrado do PPGCI da UFPB, em que nos propusemos a estudar sobre a GC, as funções arquivísticas, e a memória nas organizações. Além disso, é fruto da construção do senso crítico como discente pesquisador do Grupo de Pesquisa Informação, Aprendizagem e Conhecimento (GIACO) do PPGCI/UFPB, cadastrado no DGP do CNPq, e da colaboração em projetos de Iniciação Científica (IC) coordenado pela Professora Doutora Emeide Nóbrega Duarte do Departamento de Ciência da Informação (DCI) e do PPGCI da UFPB.

No decorrer da graduação em Arquivologia, mais precisamente no oitavo semestre, foi oportuno cursar a disciplina “Gestão da Informação e do Conhecimento” que, lecionada pela professora Emeide, nos foram apresentadas as possibilidades de gestão no campo informacional e na atuação do profissional de ambientes e contextos informacionais. Sendo algo peculiar e diferente do que tínhamos visto nos sete

primeiros semestres do curso, emerge a GIC como um dos eixos que mais chamara a atenção a partir de leituras, discussões e explicações em sala de aula.

O componente curricular, ministrado pela referida docente, foi programado para compreendermos a importância e a emergência da informação e do conhecimento no contexto da gestão e das unidades de informação. Conteúdos relacionados à gestão do conhecimento foram explorados, dando início a construção de afinidade temática do autor desta pesquisa, sobretudo pela importância da colaboração e do compartilhamento de conhecimentos, de experiências, de saberes e de aprendizados entre os sujeitos nos ambientes organizacionais, informacionais e arquivísticos.

Concomitante à disciplina, veio a oportunidade de estagiar no Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas (SEBRAE) do estado da Paraíba. Esse contato com as primeiras experiências profissionais no contexto arquivístico foi essencial, não só do ponto de vista do arquivo, mas também por estar inserido em uma instituição que tem o conhecimento como elemento estratégico e valor, sendo as unidades de informação da instituição inseridas em Unidade de Marketing e Comunicação e Gestão do Conhecimento. Logo, as indagações começaram: como pensar a GC nos arquivos e na Arquivologia? Quais as contribuições dessa temática para o arquivista? Como a GC pode se relacionar com os arquivos, com a tomada de decisão e com os registros de experiências de colaboradores de empresas e instituições?

Esse percurso, tanto na disciplina como no estágio, foi propício para conhecer aspectos teóricos e práticos sobre as relações entre a gestão do conhecimento e a memória das organizações junto às funções arquivísticas, ocasionando no desenvolvimento de Trabalho de Conclusão de Curso (TCC)⁵ da graduação e, mais adiante, na execução da pesquisa⁶ de mestrado em Ciência da Informação, sob orientação, nos dois momentos, da professora Emeide Nóbrega Duarte. As duas pesquisas foram essenciais para chegarmos às condicionantes desta proposta de tese, pois foi a partir da dedicação em leituras e estudos sobre a GC nas instâncias supracitadas.

⁵ O TCC de graduação em Arquivologia tem por título “A interface entre a memória organizacional e a gestão do conhecimento: observações no arquivo do Sebrae-PB. Disponível em: http://www.ccsa.ufpb.br/arqv/contents/menu/copy2_of_tcc. Acesso em 20 de jan. 2021.

⁶ A dissertação de mestrado é intitulada como “Memória organizacional no contexto dos processos de gestão do conhecimento associados às práticas arquivísticas” Disponível em: <https://repositorio.ufpb.br/jspui/handle/123456789/16860>. Acesso em: 20 de jan. 2021.

O TCC e a dissertação trouxeram consequências positivas que foram e são importantes nesta trajetória de pesquisa em GC na Ciência da Informação e na Arquivologia. Em 2017, fomos agraciados com a premiação de melhor TCC do curso de Arquivologia da Região Nordeste, defendido em 2016, promovido pela Associação Brasileira de Educação em Ciência da Informação (ABECIN). Em 2021, no XXI ENANCIB, fomos premiados com o segundo melhor trabalho apresentado no Grupo de Trabalho (GT) – 4 denominado “Gestão da Informação e do Conhecimento”, na modalidade “Trabalho Completo”, produzido a partir dos resultados da pesquisa do mestrado.

A pós-graduação, no curso de mestrado (2017 – 2019) e no decorrer do curso de doutorado (2019 – 2022), possibilitou discussões e pesquisas simultâneas no âmbito do GIACO com pesquisas sobre os temas que envolvem a GC e na colaboração no programa de IC desde o ano de 2017 com projetos de pesquisa voltadas para investigações sobre a configuração de disciplinas, de linhas de pesquisa, de bibliografias, de abordagens da GIC no âmbito dos PPG vinculados ao campo da Ciência da Informação no Brasil. Certamente, a experiência e vivência acadêmicas possibilitaram na formulação e delimitação do objeto de estudo desta tese, acompanhada e orientada pela professora Emeide Nóbrega Duarte, líder do grupo citado e dos projetos de IC.

Vale destacar, durante o percurso do doutoramento, a participação na organização, juntamente com pesquisadores membros do GIACO, da obra “Enfoques multidisciplinares da Gestão do Conhecimento” (DUARTE *et al.*, 2019), publicada em 2019, e das coletâneas “Componentes curriculares do eixo temático gestão na pós-graduação em Ciência da Informação no Brasil, Espanha e Portugal” (DUARTE *et al.*, 2020) e “Visões epistemológicas da Gestão do Conhecimento na Ciência da Informação” (FEITOZA; DUARTE, 2020) que foram publicadas em 2020, todas por meio de editais lançados pela Editora UFPB.

Outro fator contundente para ser registrado como perspectiva pessoal é a docência. Após a defesa de dissertação, foram realizadas algumas seleções para professor substituto e um concurso público de prova e de títulos para professor do magistério superior na área de Arquivologia, obtendo êxito em todos esses certames. A possibilidade de lecionar é algo que já estava nos sonhos e planos, na expectativa de contribuir com o processo de ensino-aprendizagem, de mediação pedagógica e de aprendizado não só no ensino, mas também na pesquisa e na extensão universitária.

A experiência enquanto docente foi crucial para o desenvolvimento desta pesquisa e se faz indispensável. É nessa seara, acadêmico-profissional, que reside a pretensão de continuidade com as investigações em torno da GC na Ciência da Informação e na Arquivologia. As experiências temporárias no DCI da UFPB – lecionando disciplinas no contexto da gestão de unidades de informação – e, desde 2021, no Instituto de Ciência da Informação (ICI) da Universidade Federal da Bahia (UFBA) – com atuação na área de administração e gestão nos Arquivos e na Arquivologia – marcam a travessia do processo de formação doutoral e a própria pesquisa.

Na perspectiva **científica**, foi pertinente investigar as estruturas cognitiva e social da GC e o seu posicionamento enquanto especialidade ou área de pesquisa no campo da Ciência da Informação brasileira. Isso porque estudos indicam o destaque e a emergência da Gestão do Conhecimento nesta área (VALENTIM, 2008; KEBEDE, 2010; SOUZA; DIAS; NASSIF, 2011; BETTENCOURT; CIANCONI, 2012) e contribuindo com discussões no contexto da gestão nas unidades de informação e em múltiplos contextos e diferentes ambientes.

Em 1996, Tekfo Saracevic considerou a Ciência da Informação como um campo direcionado para a pesquisa científica e para as práticas profissionais, tendo sua preocupação “[...] voltadas para os problemas da efetiva comunicação do conhecimento e de seus registros entre os seres humanos, no contexto social, institucional ou individual do uso e das necessidades de informação [...]”. (SARACEVIC, 1996, p. 47). A preocupação pelo fenômeno social “informação”, produzida pelas interações e comunicações do conhecimento entre os sujeitos de forma coletiva ou individual, nas instituições e na sociedade, parece estar alinhada como a dinâmica que ocorre entre os processos da gestão ou compartilhamento do conhecimento, principalmente na perspectiva dos profissionais.

Saracevic (1996) ainda aponta 11 (onze) categorias conceituais ou palavras-chave que constituem o seu conceito, classificando-as como problemas de pesquisa como enfoque intelectual e de práticas profissionais como enfoque profissional, e que estabelecem as fronteiras da Ciência da Informação, a saber: efetividade; comunicação humana; conhecimento; registros do conhecimento; informação; necessidades de informação; usos da informação; contexto social; contexto institucional; contexto individual; e tecnologias da informação.

Destacamos o conhecimento, a comunicação humana, o contexto individual, institucional e social, e os registros do conhecimento como enfoques fronteiriços na relação dialógica e interdisciplinar entre a GC e a Ciência da Informação, sendo a primeira um problema de pesquisa tanto na perspectiva científica como no meio profissionalizante.

Nesse sentido, sabendo das possibilidades e das consequências dessas relações, o desejo em contribuir com os aspectos terminológicos, teóricos, metodológicos, institucionais, sociais e, conseqüentemente, para o fortalecimento da GC na Ciência da Informação no país estão em consonância com as palavras de Bittencourt e Cianconi (2012, p. 18) ao afirmarem que este campo informacional tem forte conexão com a gestão do conhecimento, e “busca modelos e metodologias que viabilizem a colaboração e o aprendizado como parte da questão do estímulo à produção de conhecimento e inovação de produtos, serviços e processos, em qualquer tipo de organização”. Conforme Valentim (2008, p. 5),

A Ciência da Informação deve se preocupar com os fenômenos relacionados à gestão do conhecimento, porquanto a informação é insumo para a geração de conhecimento, e o conhecimento só é, de fato, um conhecimento conhecido quando explicitado de alguma forma.

Essas concepções também potencializaram na compreensão do processo de institucionalização científica de uma temática que surge, mesmo com um movimento divergente em alguns aspectos, como inovadora na Ciência da Informação desde os anos 1990 (CIANCONI, 2003; PINHEIRO, 2006a; VALENTIM, 2008). Apesar da GC ser considerada, juntamente com a GI, de forma integrada – GIC – como subárea da Ciência da Informação (ARAÚJO, 2014a, 2017), reconhecemos que esta pesquisa possibilitou esclarecer se a GC também agrega diversas situações problemas na estrutura interna deste campo informacional no Brasil, podendo reconfigurar e/ou (re)posicionar a GC enquanto especialidade com áreas de pesquisa.

Pesquisadores brasileiros da Ciência da Informação têm apontado os estudos de gestão no contexto da informação e do conhecimento como tendências contemporâneas do campo e, ratificam suas necessidades para compreender o dinamismo desses fenômenos em ambientes institucionais, organizacionais ou empresariais na sociedade. Contudo, estudos relacionados a informação e ao

conhecimento em diversos contextos de gestão são extremamente importantes para o avanço da área de Ciência da Informação (VALENTIM, 2008).

As pesquisas sobre as teorias, metodologias e práticas da GC são presentes consideravelmente na referida área de conhecimento por meio de pesquisadores interessados em estudar a GIC na Ciência da Informação, temáticas que começaram a ser abordadas nesse campo científico a partir da década de 1990 e entendidas como disciplinas gerenciais, conforme apresentam os estudos de Pinheiro (1997), e reconhecidas por Araújo (2014a) como uma das subáreas da Ciência da Informação.

Essa subárea tem alavancado, cada vez mais, as produções científicas e recebido, não só em linhas de pesquisas da área, mas também na denominação de PPG acadêmico e profissional, como é o caso do Programa de Pós-Graduação em Gestão e Organização do Conhecimento (PPGGOC), da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), e do Programa de Pós-Graduação em Gestão da Informação e do Conhecimento (PPGIC), da Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN).

Portanto, se fez necessário analisar o nível/estágio de institucionalização cognitiva e social (WHITLEY, 1974) da GC neste campo científico brasileiro, levando em consideração as nuances, divergências, correntes e o desencadeamento do considerável índice de produção científica sobre o tema em teses, dissertações, e em artigos científicos (BARBOSA, 2008; VALENTIM, 2008; ARAÚJO, 2014a; 2017; SILVA, 2017) como também na sua emergência em PPG, disciplinas e linhas, grupos de pesquisa e rede de cooperação (VALENTIM, 2008; DUARTE; FEITOZA; MONTEIRO; LIMA, 2020; MELO; GALLOTTI; CARVALHO, 2021).

No contexto de **inovação e originalidade** no âmbito **científico – institucional** esta pesquisa se justifica na medida em que nos propusemos a analisar o processo de institucionalização de um tema que vem se destacando na Ciência da Informação, mais precisamente no Brasil. Há dissertações e teses no âmbito dos PPG da Ciência da Informação sobre institucionalização da própria área e de suas subáreas, a partir de diferentes enquadramentos metodológicos, como a pesquisa de Loureiro-Alves (2010) que buscou investigar, sob o ponto de vista cognitivo e social, os aspectos relacionados à institucionalização da Ciência da Informação; a de Martins (2014) que analisou a institucionalização social e cognitiva da Organização e Representação do Conhecimento (ORC) na Ciência da Informação; o estudo de Trevisol Neto (2015) analisou, considerando os estudos de comunicação científica, a institucionalização

científica do campo da moda no Brasil; a pesquisa de Silva (2019) que analisou o processo de institucionalização científica da Economia Política da Informação (EPI) na Ciência da Informação brasileira; e o estudo de Melo (2020) ao analisar, sob a perspectiva transversalista, o processo de institucionalização científica da Ciência da Informação no Brasil.

Nesse sentido, até os resultados da nossa pesquisa, eram inexistentes estudos que buscassem analisar ou avaliar o nível/estágio de institucionalização científica, a partir das estruturas cognitiva e social da GC no campo da Ciência da Informação no Brasil, tornando este estudo **inédito, emergencial e inovador**. O que existe para alguns autores é um movimento de entendê-la como conjunta/integrada a GI, e de pregação, realizada por um grupo de pesquisadores, como se não fosse autônoma teórica e metodologicamente. Assim, identificar os níveis/estágios das estruturas cognitiva e social possibilitou o conhecimento daqueles que congregam e constituem os elementos teórico, epistemológico, metodológico da GC, e entender como ela se encontra organizada socialmente por meio das instituições que a credibiliza.

No âmbito **científico – institucional**, esta tese visa contribuir com o PPGCI/UFPB, mais precisamente, com os estudos vinculados à institucionalização da GC por meio da linha de pesquisa “Ética, Gestão e Políticas de Informação” que tem por ementa⁷ as teorias, metodologias e tecnologias voltadas à ética e responsabilidade social, **à gestão da informação e do conhecimento**, às políticas de informação e às redes sociais organizacionais, concentrada na área de “Informação, Conhecimento e Sociedade”, fortalecendo os estudos sobre a gestão, um dos temas responsáveis pela significativa produção de conhecimento desse Programa. Consequentemente, este trabalho científico também pode cooperar efetivamente com a Ciência da Informação, em relação aos aspectos teóricos de uma das variadas temáticas abordadas no campo, como as subáreas apontadas por Araújo (2014a, 2017).

Quanto às questões de **ordem social** esta pesquisa se reveste de importância no que diz respeito à melhoria das atividades dos profissionais cientistas da informação, arquivistas, bibliotecários, gestores da informação, museólogos quanto ao entendimento e à aplicação da GC, utilizando-a nas múltiplas organizações da sociedade. Isso repercutirá nas ações operacionais e nas atividades dos sujeitos

⁷ Ementa da Linha de Pesquisa “Ética, Gestão e Políticas de Informação” do PPGCI/UFPB.

Disponível em: https://sigaa.ufpb.br/sigaa/public/programa/linhasPesquisas.jsf?lc=pt_BR&id=1871.

informacionais em âmbito organizacional e, conseqüentemente, na sociedade. Isso poderá agregar valor e melhorar a qualidade das atividades desses profissionais e nos serviços para os seus clientes ou usuários.

De acordo com Kebede (2010) alguns profissionais da Ciência da Informação não estão contribuindo tanto como deveriam com práticas de gestão do conhecimento em seus campos de atuação porque acreditam que lidar com o conhecimento tácito é algo além das habilidades adquiridas em sua formação profissional tradicional e consideram ser necessário um conjunto de habilidades diferentes e novas, além de uma nova mentalidade e uma nova cultura profissional.

Portanto, questões de formação desses profissionais enfrentam algumas lacunas quanto à GC, afetando diretamente seu contexto profissional na sociedade. Nesse sentido, torna-se importante investigar o nível de institucionalização social, sobretudo nas instituições formadoras, da gestão do conhecimento neste campo informacional. A institucionalização científica de uma área propicia a emergência de produtos e serviços que aumentam o bem-estar do indivíduo na sociedade (WHITLEY, 1980).

A criação e validação da teoria do conhecimento organizacional, fundamento para a GC, proposto na obra *“Criação de conhecimento na empresa: como as empresas japonesas geram a dinâmica da inovação”* por Ikujiro Nonaka e Hirotaka Takeuchi, em 1997, surgiu a partir de uma profunda crise econômica e social no Japão. Os autores explicam que essa teoria foi fundamental para que ações ou práticas de gestão do conhecimento inovassem nas empresas que enfrentavam uma das maiores recessões econômicas no país, com queda de salários e aumento de desemprego.

Isso foi fundamental para que as pessoas, recurso central nesse processo de gestão, pudessem ter oportunidades e enfrentassem da melhor forma possível os problemas conseqüentes, a partir de oportunidades nas empresas que buscaram superar esse momento de retração a partir dessa estratégia inovadora (NONAKA, TACKEUCHI, 1997).

Além do contexto japonês, no Brasil o estudo de Batista (2012) abordou a necessidade de pesquisas e aplicações de modelos de GC visando contribuir com os princípios de legalidade, impessoalidade, moralidade e publicidade na administração pública e para o desenvolvimento brasileiro, elucidando a importância desse tipo de gestão para a sociedade.

Cabe destacar no contexto social, ainda, a contribuição desta tese para **Agenda 2030** a partir dos **Objetivos de Desenvolvimento Sustentável (ODS)**, sobretudo no ODS de número nove que direciona a Indústria, Inovação e Infraestrutura na busca de melhorias de resiliência infraestrutural, inclusão e sustentabilidade a partir das indústrias, e o fomento à inovação. A possibilidade de discutir GC neste campo vai além dos processos teóricos e metodológicos, pois a pesquisa tem a finalidade de contribuir, também, com a comunidade.

Uma das principais teorias que fundamentam a GC, do ponto de vista epistemológico e ontológico, emergiu de um problema social e trouxe contribuições significativas para superação de crise. Essa contribuição social perpassa diversas áreas do conhecimento como a Ciência da Informação e campos profissionais como organizações que têm informação e o conhecimento como recursos indispensáveis, e as unidades de informação como espaço de compartilhamento de conhecimentos e de registro, preservação e disseminação de informações.

1.6 Estrutura da tese

Apresentados os elementos que compõem a seção 1 desta tese, a Introdução, passamos a elencar as seções que estruturam todo o desenho desta investigação.

A seção 2, denominada de Fundamentação Teórica, aplica o marco teórico dos temas envolvidos nesta investigação a partir de uma sinopse do desenvolvimento científico e destaca a visão whitleyana no processo de institucionalização científica. Esta seção apresenta um breve histórico e institucionalização da Ciência da Informação, atenuando-se para o desenvolvimento do campo no Brasil e a inserção da Gestão, pelo viés da GI e GC.

Denominada de Percurso Metodológico, a seção 3 aborda as opções metodológicas a partir da caracterização da pesquisa, do corpus de análise (universo e amostra), das categorias, dos indicadores e dos componentes de análise do processo de institucionalização científica da GC, e dos procedimentos e das técnicas de coleta e análise dos dados.

A seção 4 refere-se à apresentação da Análise, Discussão, Inferências dos Resultados. Nesse momento da pesquisa são apresentados os dados identificados a partir da teoria whitleyana e do procedimento de categorização, principalmente por

meio de duas categorias analíticas: estrutura cognitiva da GC e estrutura social da GC. Além disso, apresenta a inferência sobre o atual estágio de institucionalização científica da GC e o seu posicionamento na Ciência da Informação brasileira.

A seção 5 aborda as Considerações Finais desta investigação e retoma a problemática, as hipóteses, e os objetivos para fins de elucidação das respostas encontradas durante a execução pesquisa. Além disso, explica as condicionantes que limitaram determinados momentos deste estudo e apresenta as propostas de pesquisas a serem continuadas em outros ciclos que, porventura, surjam durante a trajetória acadêmica e científica do pesquisador autor desta tese.

Por fim, este relatório de pesquisa de tese é finalizado com a apresentação do quadro de referências e dos apêndices.

2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Esta seção se refere aos fundamentos teóricos que embasam cientificamente o desenvolvimento desta proposta de tese. A escolha em reunir todo o aparato teórico-epistemológico em uma única seção se justifica pela necessidade de alinhar os pontos convergentes e visualizar itens que dialogam e se contextualizam entre si na Ciência e no campo da Ciência da Informação.

2.1 Sinopse do contexto e do desenvolvimento científico

O desenvolvimento de uma área, disciplina ou campo científico se dá por um conjunto de atores que envolvem os meios de planejamento, produção e execução de estudos baseados em teorias e métodos científicos (pesquisadores, acadêmicos, cientistas), como também pelos meios de comunicação, disseminação, divulgação e socialização do conhecimento científico, e pelas instituições que promovem a organização e o fortalecimento de uma comunidade ou sociedade científica.

Esta primeira subseção, da seção 2, não tem o intuito de historicizar a ciência ou o contexto científico e da pesquisa, mas de apresentar algumas reflexões/narrativas que foram essenciais para o desenvolvimento científico a partir dos contributos advindos da criação das universidades na Europa, das sociedades científicas, e de visões de autores importantes que constituem a sociologia da ciência.

A ciência e/ou pesquisa científica têm relações significativas com os marcos e períodos históricos vivenciados pela humanidade. Nesse contexto, trazemos à tona a Idade Média ou período Medieval que marca a história da sociedade europeia a partir da afirmativa do capitalismo sobre o feudalismo, a cultura renascentista e as descobertas marítimas, ocasionando e contribuindo com e para surgimento de instituições importantes como as universidades (LOUREIRO-ALVES, 2010; LÉLLIS; QUEIROZ, 2021).

Instituições predominantes na época como Igrejas e o “poder” do Estado, além dos aspectos culturais e sociais, foram determinantes para o nascimento das universidades (JANOTTI, 1992). Esses ambientes universitários eram corporações que detinham o privilégio legal na educação do ensino superior, além de serem autônomas e monopolizadas, com reconhecimento de uma pelas outras a partir das regiões de atuação (BURKE, 2003).

Apesar das universidades, na Era Medieval, não se caracterizarem como instrumento imediato e propício para o descobrimento, testagem e aplicação de métodos científicos de forma democrática e racional, se configuraram, na época, como instituições importantes para o desencadeamento e o desenvolvimento da pesquisa científica a partir da Idade ou Era Moderna da história da Europa. Entretanto, as universidades já apresentavam algumas características que potencializa o contexto científico com a criação de espaços para o compartilhamento e apropriação de informações e realização de pesquisas, como anfiteatros, jardim botânico, museus, observatórios, laboratórios, entre outros (BURKE, 2003).

Mas foi a partir da Revolução Científica, com o movimento inovador da intelectualidade que passara a rejeitar tradições clássicas e medievais durante o século XVII, liderados por pensadores reconhecidos mundialmente como, por exemplo, Galileu e Newton, que se estabeleceu a busca pela incorporação de conhecimentos alternativos aos que já estavam constituídos e estáticos. Fatores como resistências de ideias e de inovação de pensamento de alguns que se interessavam por mudanças de teorias e métodos no contexto acadêmico, serviram como motivos desse movimento (LOUREIRO-ALVES, 2010).

Vale salientar que, segundo Janotti (1992), a ideia central da criação das universidades, na época, não era direcionada para contradizer ou refutar teorias, dificultando alguns avanços por parte daqueles que buscavam estipular e concretizar novas ideias. Nesse limiar, Burke (2003) registra que surgem as sociedades científicas, como a Academia do Experimento, no ano de 1657 – Florença/Itália, a *Royal Society* em 1660 – Londres/Reino Unido, e a *Académie Royale des Siences*, em 1666 – Paris/França, em consequência das limitações do contexto universitário, que ocasionaram poucos avanços para o protagonismo e evolução científica. Essas sociedades foram criadas com o intuito de propiciar espaços de debates, testes científicos, entre outros.

As sociedades científicas começaram a ser criadas por volta de 1660, porém, foi o século XVIII que ficou conhecido como a Era das Academias. Nesse período houve apoio intenso dos governantes, que pagavam salários aos sábios para que eles realizassem investigações, o que lhes possibilitou seguir carreira fora das universidades, ao menos, em tempo parcial. (LOUREIRO-ALVES, 2010, p. 41).

Percebemos que essas sociedades foram ampliando espaços ao longo dos anos, construindo características para propiciar avanços consideráveis do fazer científico. Ainda no século XVIII o investimento de salários aos sábios, teóricos e pesquisadores da época, que vieram a ser reconhecidos como cientistas no século XIX (BURKE, 2003), foi crucial para que as investigações pudessem ocorrer para além do contexto universitário.

O “reconhecimento” e investimento para a pesquisa científica por parte do Estado é uma das características de valorização da ciência, de inovação e de melhorias em indicadores naturais, tecnológicos, inovadores, e sociais nas comunidades ou sociedades. Além disso, contribui sobremaneira com o progresso das disciplinas ou áreas científicas, promovendo a manutenção ou renovação de teorias e métodos.

Com o passar do tempo, as sociedades foram se desenvolvendo e se expandindo, ocasionando na necessidade, por parte dos sábios e/ou pesquisadores, de trocar e de compartilhar ideias. Nesse sentido, surgem as primeiras práticas de colégios invisíveis e encontros regulares, com interações por meio de cartas para os casos de distanciamento geográfico entre os que viriam a ser reconhecidos com o termo de cientista a partir de 1840, e em salões e cafeterias para encontro de modo regular. Assim, entendemos que indicadores propícios para o desenvolvimento da ciência começaram a ser criados a partir da então universidades e sociedades científicas.

Outro fator importante, nesse contexto, foram os meios da comunicação científica ou divulgação/disseminação dos conhecimentos produzidos pelos cientistas. Com a retomada da produção de conhecimento centralizada nas universidades que, após as questões positivas e do destaque das sociedades científicas, tinham como objetivo que os seus aprendentes centralizassem maiores contribuições à ciência, surgem os periódicos com a intenção de difundir/comunicar as ideias e o conhecimento científico, além das bibliotecas que passaram a ser vistas como detentoras de bibliografias especializadas e científicas.

Isso se caracteriza como canais ou fontes de informação como instrumentos propícios para a comunicação científica que pode ser considerada como um processo comportamental associado à criação e à comunicação de ideias, entre os cientistas, no âmbito interno (comunidade científica) e no âmbito externo (público em geral) (LIEVROUW, 1990). A interação entre pesquisadores na organização interna de uma

comunidade científica, bem como com a sociedade de modo genérico, se dá a partir da disseminação dos conhecimentos nos diversos canais e fontes, potencializados dos recursos mais simples aos mais complexos e criteriosos, por meio de diferentes agentes e suportes.

Em termos gerais, no século XVII, surgiram as sociedades científicas, os institutos de pesquisa, e o pesquisador enquanto profissional. Na passagem dos anos 1600 para 1700 são originadas as instituições de incentivo e fomento à pesquisa e criadas academias com foco na arte, engenharia e medicina. O termo pesquisa foi fruto da consciência dos sábios que sentiram a “necessidade de buscas para que o conhecimento fosse sistemático, profissional, útil e cooperativo” (BURKE, 2003, p. 48-49) a partir da denominação do ato de pesquisa como investigação e experimento.

A criação de uma das sociedades científicas mais importantes do mundo, a *Royal Society*, em 1662, localizada em Londres, foi o marco para a institucionalização plena da ciência. Levando em consideração a ciência moderna, em países e em desenvolvimento, a sua criação, expansão e consolidação gira em torno da profissionalização, institucionalização e industrialização, ocorrendo de maneiras diferentes em diversas regiões (LOUREIRO-ALVES, 2010).

Assim, as universidades e as sociedades científicas marcam uma virada no saber e no fazer da ciência, tendo em vista as suas contribuições para abrir espaço para os diálogos imparciais, para as interações entre os agentes do saber, para o uso de informações no intuito de gerar conhecimento de acordo com a realidade dos fatos e dos fenômenos naturais e, posteriormente, sociais.

A constituição, o desenvolvimento e/ou a institucionalização e as transformações da ciência ou de uma disciplina, área ou campo científico podem ser compreendidas por alguns teóricos da sociologia da ciência, a partir de diversificadas visões e contribuições para análise, interpretação e acompanhamento de contexto científico. Cabe apresentarmos alguns desses importantes nomes e as suas perspectivas quanto ao contexto científico social, que emergiram ao longo do século XX e são empregados nos diversos estudos com foco na ciência.

Melo (2020) relata que a sociologia do conhecimento é incipiente até o início do século XX e é nos estudos de Max Scheler que começa a demonstrar vitalidade e originalidade nas propostas compartilhadas por Karl Mannheim, a partir de sua obra *Ideologie und Utopia*. Também revela que “autores como Barry Barnes, David Bloor,

Gaston Bachelard, Paul Feyerabend, Thomas Kuhn, Derek John de Solla Price também são exemplos de autores seminais sobre o assunto” (MELO, 2020, p. 46).

Considerado como um dos sociólogos mais importantes do século XX, em nível internacional (NUNES, 2007), Robert King Merton é até considerado como o pai da sociologia da ciência. Podemos encontrar ideias importantes desse autor na obra *“Ensaio de Sociologia da Ciência”* onde apresenta suas constatações e visão sobre o desenvolvimento científico. Para Merton (2013) a ciência pode ser entendida a partir de quatro pontos: como um agrupamento ou formação de métodos característicos que viabilizam a certificação/validação do conhecimento; é caracterizada como um estoque de conhecimento armazenado que é originado a partir das aplicações desses métodos; um conjunto formado por valores e costumes culturais que gerenciam as atividades científicas; e qualquer uma das três anteriores.

Robert Merton reconhece a ciência enquanto uma instituição social, a partir de condições estruturais que envolve a cultura da ciência. Mattedi (2006) afirma que a abordagem mertoniana, no contexto da sociologia da ciência, compreende dois marcos, sendo o primeiro com pesquisas relativas ao puritanismo e a ciência, e o segundo com foco na reorientação em seu programa de pesquisa científica e a identificação da estrutura normativa que constitui a ciência.

Merton (2013) apresenta o *éthos* científico a partir da identificação de valores e normas que regiam a atividade científica. O *éthos* se caracteriza como um conjunto de normativas e de valores de estilo social e filosófico que têm por finalidade regular o funcionamento das atividades científicas. Essas normas foram classificadas em universalismo que se caracteriza por julgar a verdade conforme a observação e com os conhecimentos confirmados anteriormente, sem influência dos atributos pessoais e sociais dos idealizadores/pesquisadores, ou seja, prega a impessoalidade; comunismo que se constitui pela ideia de colaboração social nas descobertas científicas, sendo o pesquisador reconhecido pelo seu trabalho sem o status de proprietário dos conhecimentos. Nesse sentido, é dever do cientista disseminar, comunicar, publicar os resultados das pesquisas desenvolvidas; desinteresse que “[...] tem uma base firme no caráter público testável da ciência e pode-se supor que essa circunstância tem contribuído para integridade dos homens de ciência.” (MERTON, 2013, p. 195); e o ceticismo organizado que é formada pela relação com os outros elementos citados, destacando a imparcialidade nas análises do conhecimento, sobrepondo as crenças e envolvendo critérios lógicos e empíricos.

Além desses elementos do *éthos* científico, Merton (2013) analisa a dinâmica social que formaliza a comunidade científica a partir de padrões e comportamentos internos. Segundo o sociólogo, os pesquisadores que se destacam recebem mais créditos, são mais referenciados, e são privilegiados entre os seus pares do que os que são desconhecidos e que recebem poucos créditos. O reconhecimento, a partir de políticas e padrões, de um pesquisador, pode até gerar alocação de recursos. Para esse fenômeno, Richard Merton denominou de “efeito Mateus” que se constitui pelo “reconhecimento pelos pares dos cientistas de grande reputação por suas contribuições particulares, em contraste com a minimização ou recusa desse reconhecimento para os cientistas que ainda não deixaram a sua marca.” (MERTON, 2013, p. 205-206), fazendo alusão a uma passagem bíblica do Evangelho segundo Mateus.

Coelho e Massaú (2015, p. 314) explicam que “se por um lado Merton mostrou-se central para a compreensão da inextrincável relação estrutural entre ciência e sociedade, por outro não considerou a dimensão internalista da ciência”. Questões de ordem epistemológica, do centro conhecimento científico, ficaram ausentes nas contribuições de Robert Merton.

Numa perspectiva interna da ciência, sobretudo no contexto de teorias e métodos e de transformação e revoluções da ciência, a obra “*The Structure of Scientific Revolutions* - Estrutura das Revoluções Científicas” de autoria de Thomas Samuel Khun, sendo a sua primeira edição publicada em 1962, apresenta algumas contribuições para entendimento da história da ciência, sobretudo por apresentar/revisar termos como paradigmas, mudança de paradigma, ciência normal, ciência revolucionária no contexto da criação e desenvolvimento científico.

A noção de paradigma, que é constituído por normas, padrões, métodos, técnicas e teorias, é fortemente destacada no processo científico defendido por Khun (1998) que acontece de modo transitório entre a ciência normal e a revolução dessa ciência, quando percebida, e é bem aceita pela comunidade científica. Para o autor, a comunidade científica é formada por sujeitos com a mesma formação, que centralizam seus estudos e pesquisas com as mesmas teorias ou as semelhantes, compartilha do mesmo conjunto de problemas, objeto de estudo, e soluções.

Para Khun (1998) o processo de avanço científico não ocorre com o acúmulo de descobertas, mas de transformações no núcleo interno das ciências. Apesar de ser físico, apresentou e explicou exemplos que, mesmo centradas nas ciências duras,

podem ser levadas em consideração para as diversas áreas do saber científico. Trevisol Neto (2015) explica que, na visão de Khun (1998), a ciência avança por meio de saltos qualitativos entre a ciência normal e a ciência revolucionária, quando um paradigma é aceitável por parte da comunidade científica seus estudos desenvolvem-se no momento de ciência normal, a transição de paradigmas, ocasionadas por crises e anomalias, caracteriza a ciência revolucionária causando mudanças práticas e teóricas no campo ou na área científica.

Outra obra importante no contexto da sociologia do conhecimento é a de Ziman (1979), em uma perspectiva pós-moderna, entende a ciência como consequência da consciência ou expertise humana, a partir de fronteiras definidas, finalidades definidas e teorias estabelecidas. Além disso, apresenta o contexto científico como uma atividade prática, metódica, lógica, acadêmica e precisa. Os profissionais praticantes fundamentam suas atividades pela avaliação, crítica, aprovação e cooperação, contribuindo com o conhecimento científico publicado, sendo resultante do consenso e aceitação pela comunidade científica.

Ziman (1979) se preocupa em apresentar os fundamentos teóricos, a literatura de um campo, do corpo teórico que sustenta uma área. Conforme seus apontamentos, dados coletados nos estudos de campo precisam ser complementados por essas teorias. O campo é construído a partir da própria comunicação científica, por meios dos canais de publicação de trabalhos, de autores citados, de percepções e de críticas pelos pares e os novos conhecimentos que fortalecem esse campo ou área científica.

Conforme Reis e Videira (2013), John Ziman trouxe a ideia de ciência pós-acadêmica, pensando em novas formas de gestão e organização da atividade científica. Nesse sentido, as indústrias e a burocracia estariam orientando e emergindo no fazer ciência e influenciando os valores sociais e epistêmicos praticados no âmbito acadêmico. Assim, o sistema científico estaria se transformando na medida em que os interesses das empresas industriais e o Estado passam a controlar os profissionais científicos.

Outro sociólogo que apresenta contribuições fundamentais para a sociologia da ciência ou sociologia do conhecimento é Pierre Bourdieu. A partir de obras conhecidas e significativas para as ciências, Bourdieu apresenta “O campo científico” em 1983, e “Os usos sociais da ciência” em 2004. O campo é apresentado como um espaço de concorrência entre os pesquisadores, colocando em foco as dinâmicas e os processos que constituem o fazer científico (BOURDIEU, 1983a). Nesse contexto,

no campo científico apresentado pelo sociólogo podemos encontrar os agentes (indivíduos), e as instituições que promovem, produzem e disseminam a ciência.

Bourdieu sistematizou uma teoria sobre os diversos campos em muitas obras, tendo-se como exemplos: *Les règles de l'art – genèse et structure du champ littéraire*; *Le champ scientifique*; *Raisons pratiques – Sur La théorie de l'action*; *Science de la science et réflexivité Cours au Collège de France 2000-2001*; *Les modes de domination*. Suas obras refletem os fatos sociais e relacionais dos agentes, bem como respeitam um método para o alcance da lógica do mundo social. (MELO, 2020, p. 51).

A partir dessas contribuições, destacamos conceitualmente que “[...] um campo, e também o campo científico, se define entre outras coisas através da definição dos objetos de disputas e dos interesses específicos que são irreduzíveis aos objetos de disputas e aos interesses próprios de outros campos [...]” (BOURDIEU, 1983b, p. 89). Bourdieu (2004) apresenta a noção de campo para ilustrar como um espaço que seja relativamente autônomo, no entanto, sofre interferências de um ambiente externo, de modo macro. Sua autonomia é validada a partir da capacidade de refreter as demandas externas.

As forças políticas internas são marcantes em um campo científico. Analisando os estudos de Bourdieu (2004), Trevisol Neto (2015) argumenta que esse campo tem por base a posição que o cientista ocupa no campo, dependendo dessa posição a ele são designados os problemas, os métodos e as estratégias científicas que são equivalentes a estratégias políticas. Nesse contexto, dentro do campo, os iniciados dominantes e os profanos dominados se relacionam em parcerias ao tempo que também entram em conflitos para adquirir bens simbólicos (BOURDIEU, 1983a).

É importante compreender que “os dominantes são aqueles que conseguem impor uma definição da ciência segundo a qual a realização mais perfeita consiste em ter, ser e fazer aquilo que eles têm, são e fazem.” (BOURDIEU, 1983a, p. 128), enquanto os dominados são iniciantes e buscam o status científicos ainda não alcançado ou que ainda lutam pelo espaço no campo. Isso se assemelha ao que Merton (2013) chama de “Efeito Mateus”, como dito anteriormente.

Em síntese, é no âmbito das comunidades científicas que se estabelecem e se centralizam as disputas de poder entre os agentes (pesquisadores, instituições, órgãos) na ciência. Nessa perspectiva, Bourdieu introduz a noção de campo científico como um centro de monopolização de autoridade científica, que são construídas a

partir da capacidade técnica e poder social desses agentes. O sociólogo também apresenta o *habitus* que pode ser compreendido como um manual com normas ou condutas que possibilitem os agentes compreenderem os seus deveres e o que podem fazer em um determinado campo.

Bourdieu (2004) apresenta quatro tipos de capitais que impulsionam e dominam um campo, sendo eles: o econômico, o cultural, o social e o simbólico. O capital econômico é caracterizado pelos recursos econômicos/financeiros de um sujeito, que podem englobar o patrimônio material, bens salariais, remunerações e que podem acumular determinada herança; o capital cultural se constitui por habilidades, atitudes, saberes, bens culturais, títulos adquiridos; o capital social que se caracteriza pela durabilidade das redes de relações que são dotadas de pessoas que possuem capital social quanto dos outros tipos de capitais, sem necessariamente com todos, tendo como modos de acumulação produção e reprodução de relações e vínculos úteis duráveis entre agentes; e o capital simbólico é definido pelo prestígio e reconhecimento social, a partir dos outros tipos de capitais, têm como transmissão as acumulações, as honras, as influências e o prestígio social (JOURDAIN; NAULIN, 2017).

O capital simbólico pode ser compreendido como amplo e, em seu núcleo, o capital científico se desdobra como uma espécie particularizada. Trevisol Neto (2015) argumenta, baseado na obra de Bourdieu (2004, p. 60), que o capital científico é um capital simbólico, esse se relaciona com o *status* proporcionado pelos atos de conhecimento e reconhecimento capaz de manipular os meios constitutivos do campo. O capital científico ainda pode ser dividido em capital temporal ou institucionalizado e em capital puro.

O capital temporal ou institucionalizado é formado pelos posicionamentos na estrutura do campo que são influenciadas pelas posições importantes ocupadas nas instituições científicas e envolvem o contexto político-institucional dos agentes, como: participação em comissões de eventos, bancas avaliadoras, direção de laboratórios e de departamentos, entre outros. Já o capital puro acontece a partir do reconhecimento por parte do progresso, das descobertas e das invenções científicas, advindas das contribuições cognitivas nas pesquisas e nas publicações científicas, gerando competência e valoração ao cientista.

Compreendendo esses aspectos e findando esse breve panorama, apresentamos dois autores que contextualizam pontos cruciais para a questão da

constituição, desenvolvimento e institucionalização científica, Richard Whitley (1974) e Mario Bunge (1980). Finalizaremos esta subseção com as principais ideias de Bunge (1980) e apresentaremos as contribuições de Whitley (1974) de forma mais detalhada logo em seguida, na subseção 2.2, tendo em vista que suas contribuições proporcionaram embasamento teórico-metodológico para o desenvolvimento desta tese.

Na obra “Ciência e desenvolvimento”, Bunge (1980) parte de uma perspectiva de sistema conceitual e sistema social para a constituição e o desenvolvimento de uma área enquanto disciplina científica. O sistema conceitual refere-se as questões relacionadas às teorias, das ideias que formalizam “o arcabouço teórico, metodológico e temático de uma área.” (BAZI; SILVEIRA, 2007, p. 132). Já o sistema social é pautado na estruturação de elementos (atores, instrumentos e instituições) que possibilitem avaliar, difundir, comunicar, discutir e atualizar as bases que formam o sistema conceitual da área (BUNGE, 1980).

Bazi e Silveira (2007) elencam os elementos que caracterizam o sistema conceitual (responsável pela constituição, consolidação do estatuto científico e, posteriormente, institucionalização de uma área científica) no contexto de seus fundamentos, da epistemologia e da ontologia, dos conceitos e teorias, dos métodos, do objeto de estudo, do seu perfil disciplinar, podem ser delimitados em: base filosófica ou visão geral constituída por suposições acerca do mundo, do conhecimento e da boa conduta; base formal constituída por teorias lógicas, matemáticas e explicativas; base específica formada por teorias, hipóteses e dados obtidos de outros campos de pesquisa; fundo de conhecimento, representado pelo corpo de conhecimentos obtidos pelo campo em outras épocas; domínio constituídos por objetos claros e precisos que se referem ao fundo de conhecimento; objetivo, constituído pelo conjunto de metas de pesquisa; a metódica, formada pelos métodos regulares utilizados na abordagem dos problemas e dos objetos, à luz dos objetivos.

Já os componentes que estabelecem o sistema social de uma área científica ou ciência, responsáveis pelo planejamento, discussão, execução e avaliação dos conhecimentos e descoberta, conforme Bunge (1980), são constituídos por: cursos de Graduação e/ou Pós-Graduação; entidades profissionais; entidades acadêmicas; agências de fomento; periódicos científicos especializados; eventos científicos; eventos profissionais; colégios invisíveis; e frentes de pesquisa (BAZI; SILVEIRA, 2007).

Esses elementos/componentes que Bunge (1980) apresenta para caracterizar as formações dos sistemas conceitual e social de uma ciência ou campo científico devem estar bem definidos com clareza e precisão, organizados e delimitados, ao passo que a constituição e a institucionalização de uma área ou ciência sejam interdependentes (BAZI; SILVEIRA, 2007). Constituída uma área científica por meios desses sistemas, é possível se atenuar para as reivindicações e análise da institucionalização dessa área. Dessa forma, o ensino, a pesquisa, divulgação/comunicação, e aplicação do conhecimento científico são pilares básicos para constituição de um campo enquanto ciência (ALFONSO-GOLDFARB; FERRAZ, 2002).

Enquanto Bunge (1980) se refere à constituição das áreas, Whitley (1974) se preocupa com o processo de institucionalização retratando seus níveis em alto e baixo graus. Bazi e Silveira (2007, 133) entendem que “para uma disciplina se institucionalizar (oficializar-se, estabelecer-se), o seu estatuto científico deve possuir um alto grau de maturidade, conformando sua vocação na atividade científica.” Nesse contexto, a constituição de componentes dos sistemas conceituais e sociais são essenciais para a institucionalização científica.

2.2 A visão whitleyana: a institucionalização científica cognitiva e social

O título desta subseção faz alusão a perspectiva de Richard Whitley, a partir de sua obra “*Social processes of scientific development*”, publicada em 1974, sobre o seu entendimento de desenvolvimento científico enquanto um processo de institucionalização. Esse trabalho foi desenvolvido no âmbito da Sociologia da Ciência, e tem como consequência um modelo teórico-metodológico para análise do processo de institucionalização de uma ciência.

É ancorada nesta teoria que este estudo se fundamenta tanto no ponto de vista teórico, como metodológico, no contexto da Ciência da Informação. Nesse contexto, Trevisol Neto (2015) afirma que neste campo informacional a teoria whitleyana é bem aceita entre os pesquisadores e que, inclusive, já subsidiou a análise de diversos estudos da própria Ciência da Informação e de subáreas, conforme apontados anteriormente.

Richard Whitley fundamenta sua teoria de institucionalização científica por meio de fatos exemplificados no contexto da Física, mas argumenta ser possível aplicar as estruturas ou categorias que fundamentam seu pensamento a todas as áreas científicas ou a todos os campos científicos. Do ponto de vista estrutural e organizativo, a ciência, para Whitley (1974, p. 70, tradução nossa), “consiste de uma variedade de estruturas cognitivas com diferentes níveis de fechamento, e a coerência, a articulação e o modo de variação dessas estruturas tem consequências no seu desenvolvimento.”

Para Bazi e Silveira (2007, p. 134) a institucionalização na visão de Richard Whitley é entendida como “a constituição de um campo científico e como ele se formaliza e se incorpora ao conjunto das ciências, tendo em vista suas práticas, seus processos, seus instrumentos e seus arcabouços teóricos e metodológicos.” Nesse contexto, esse processo é demarcado por estruturas que sustentam a constituição do campo ou área do ponto de vista do saber, quanto do ponto de vista instrumental e institucional.

O conceito de institucionalização remete à padronização de ações e de significados, o grau de coerência e organização das ações e percepções, bem como o grau de articulação e aderência das ideias que constituem o grau de institucionalização (WHITLEY, 1974). Segundo Trevisol Neto (2015, p. 64) “Quando os membros integrantes de uma mesma comunidade científica compartilham objetivos, métodos, problemas, ideias, resoluções e ações práticas e teóricas, isso reflete um alto grau de institucionalização.”

Além disso, existem diferentes níveis na estrutura cognitiva da ciência. Dessa forma, diferentes graus de institucionalização, em diferentes níveis, podem ser vistos como graus de permeabilidade à novidade, de resistência às representações alternativas e interpretação dos resultados ou modos alternativos de compreensão. (LOUREIRO-ALVES, 2010, p. 49).

Nesse contexto, compreendemos que a teoria whitleyana abarca o grau de institucionalização como um marco ou fator importante para análise do desenvolvimento científico, pois é a partir dessa mensuração que podemos compreender como a ciência ou a área reflete a articulação e a coerência das ideias. Quanto maior o grau de institucionalização de uma área, maior será sua autonomia.

Segundo Whitley (1974) uma área possui um grau de institucionalização elevado quando os agentes científicos (cientistas) têm como ponto de partida uma posição em comum sobre os seus próprios objetivos, métodos, explicações ideais. É como uma característica distinta da área, sendo o oposto da desestruturação das expectativas de outras áreas. A teoria whitleyana prega o processo de institucionalização científica a partir de estruturas que, mesmo não impedindo que apresentem diferentes níveis de desenvolvimento, estão entrelaçadas: a **estrutura cognitiva** e a **estrutura social** da ciência (WHITLEY, 1974).

Primeiramente, é importante entender que essas duas estruturas são dependentes, estabelecidas pelas trocas e complementos que uma dá a outra. A estrutura cognitiva exerce e sofre influências sobre a estrutura social de uma área, bem como a estrutura social também pode emergir e sofrer influências sobre a estrutura cognitiva de um campo científico. Mesmo caracterizadas e apresentadas com iguais ou diferentes níveis, elas se complementam. Tendo em vista essa concepção, Arboit (2014, p. 101) entende essas estruturas como um processo sociocognitivo para “representar melhor as instituições cognitivas e sociais, tendo em vista que ambas as dimensões em nenhum momento se separam e não estão somente justapostas, mas são também indissociáveis e mutuamente penetráveis.”

Importante compreender que para uma análise da correlação entre as estruturas cognitiva e social de uma área ou campo científico, devemos levar em consideração o seu contexto histórico, e as manifestações causadas pelas instituições e pelos agentes que o compõe (WHITLEY, 1974).

Whitley (1974) entende que essas estruturas, ao serem dependentes, estabelecem trocas sensíveis, de percepção fáceis e complexas, mas que definem as atitudes ou práticas no âmbito de uma disciplina científica. A sistematização proposta pelo teórico caracteriza e delimita os espaços de atuação das estruturas cognitiva e social da institucionalização científica. Enquanto a cognitiva está orientada para a clareza dos elementos de sistema conceitual de uma determinada ciência, a social centraliza na organização do campo a partir das estruturas formais e informais que orientam e validam as atividades científicas (BAZI; SILVEIRA, 2007).

A **institucionalização cognitiva** está ligada aos próprios conhecimentos da área, as bases teóricas e os conceitos consensuais entre os pares, as questões de problemas ou problemáticas abordadas nas pesquisas e nos eventos/encontros científicos, à aceitabilidade das soluções apresentadas, à metódica ou métodos,

instrumentos e técnica de coleta, organização e análise de dados e dos fenômenos estudados, aponta Whitley (1974).

As reflexões de Bazi e Silveira (2007) sobre essa teoria aponta que as questões terminológicas, teóricas, epistemológicas, metodológica, e relações interdisciplinares constituem o domínio da institucionalização cognitiva. De acordo com esses autores é nesta estrutura que se encontra a discussão sobre os atores da ciência que entendem e desenvolvem o arcabouço teórico-metodológico que essa ciência se insere, além do consenso que se estabelece entre eles sobre esses componentes que constituem o conhecimento tácito da área. Além disso, pensando nas linguagens de especialidades da área, os termos e os conceitos são importantíssimos e são sustentados por esses atores que formam a área ou campo científico. Ao contrário disso

[...] uma clara evidência da desarticulação relativa à institucionalização cognitiva se alicerça na ausência de definições comuns e uso de termos técnicos, sendo atribuídas expressões de linguagens que não estão enquadradas em jargões especializados e relativamente autônomos. (MARTINS, 2014, p. 46).

A estrutura cognitiva de uma área ou ciência está orientada para o grau de consenso atribuído em seus aspectos epistemológicos, teóricos e metodológicos, para a identificação, legitimação e aceitação da pertinência dos problemas e das problemáticas formuladas, para a aceitabilidade das soluções encontradas e para o reconhecimento que seus métodos, técnicas e instrumentos utilizam para tratar dados e fenômenos em torno do seu objeto de estudo (PARLEMITI; POLITY, 2002).

Em síntese, a teoria whitleyana, ao demarcar os componentes que configuram a estrutura cognitiva da ciência, cita dois grandes aspectos que caracterizam essa premissa: “[...] primeiro, se refere ao nível de consenso e clareza de formulação, critérios de relevância problemática, definição e aceitabilidade de soluções assim como as técnicas apropriadas utilizadas e instrumentação. Segundo, define a atividade de um cientista em termos de consenso.” (WHITLEY, 1974, p. 72, tradução nossa). Em especial ao segundo aspecto, Martins (2014) lembra que a base da institucionalização cognitiva se relaciona com o capital científico puro apresentado por Bourdieu (2004), entendendo que parte de um prestígio social do pesquisador, repousando quase que exclusivamente sobre o reconhecimento institucionalizado entre os pares.

Whitley (1974) esclarece que um campo científico ou uma área científica será considerada com alto grau de institucionalização cognitiva desde que seus pesquisadores compartilhem posturas comuns no que se refere aos objetivos, métodos e ideias. Essas áreas com alto nível de institucionalização cognitiva permitem prever o que o cientista irá ou poderá pesquisar, os modelos e as técnicas que podem adotar, e suas explicações serão bem aceitas pela comunidade/sociedade científica. Nesse contexto, o alto nível cognitivo da ciência denotará um entendimento coerente sobre as regras estabelecidas para resolução de problemas a partir de técnicas confiáveis e bem aceitas, e não haverá preocupação quanto à explicação formal do objetivo almejado e dos caminhos teóricos e metodológicos escolhidos.

Ainda nesse limiar, a formalização se desenvolve por meio das atividades e da produção científica dos cientistas que são registradas em diferentes canais de comunicação. O que abona o alto nível de institucionalização é o conhecimento tácito. Assim, “um mínimo de consenso sobre este nível básico de conhecimento é condição prévia para existência de uma ciência empírica.” (WHITLEY, 1974, p. 73).

Quando uma área ou ciência apresenta um baixo grau de institucionalização científica apresentará ausências de definições em comum, linguagens e termos técnicos, sendo substituídos por expressões que não estão enquadradas em contextos especializados e de caráter autônomo. Como aponta Loureiro-Alves (2010, p. 52), ao refletir sobre os escritos de Whitley, “na medida em que qualquer sobreposição linguística ou simbólica ocorrer, será através da linguagem comum e não através de uma terminologia especializada” que essas áreas irão se refugiar.

As áreas científicas, com um baixo grau de institucionalização cognitiva serão interpretados como agentes que apresentam baixo nível de ordem intelectual na comunidade devido à falta de consenso ou compromissos comuns. Assim, os cientistas de um campo vão dispor de valores básicos comuns e outras crenças constantes sobre a natureza de um empreendimento científico, mas os seus trabalhos em conjunto serão desconexos e desarticulados, e sempre deverão justificar os significados de suas atividades de forma mais explícita. Quanto mais institucionalizada, o campo em que o cientista atua, mais definidas são sua identidade cognitiva e sua área de atuação (WHITLEY, 1974).

Outro ponto que evidencia a institucionalização cognitiva de uma área é a previsibilidade de trabalho, dada à definição de seu campo de interesse. Também, por intermédio desse aspecto identifica-se o

reconhecimento da identidade cognitiva que, quanto mais clara, melhor identificará determinada área de outras e o conhecimento latente por trás de sua situação problemática das demais áreas, por seus pesquisadores. **É a partir deste aspecto que se espera que a identificação social seja parte constitutiva, uma vez que as implicações da identidade cognitiva têm reflexos na ordem social interna e reconhecimento externo da área**, alocando recursos que garantam seu desenvolvimento. (MARTINS, 2014, p. 46, grifo nosso).

Entendemos que as estruturas cognitiva e social da institucionalização científica são complementares e uma interfere na outra. Enquanto os componentes cognitivos estão alocados nas questões intrínsecas de uma área, sobre sua possibilidade de teórica-metodológica autônoma, os componentes ligados à institucionalização social estão orientados por manter e organizar o estatuto científico a partir de estruturas formais do campo, promovendo a ascensão, autonomia e identidade social na comunidade.

A **institucionalização social** diz respeito “à criação e manutenção de estruturas formais que demarcam os membros da estrutura cognitiva.” (WHITLEY, 1974, p. 75, tradução nossa). Essas estruturas formalizadas são fundamentais para que uma área ou ciência se torne visível entre as comunidades a partir de seus estudos e resultados.

Whitley (1974) explica que os níveis de avaliação da institucionalização social estão focados na interação entre os profissionais de outras áreas relacionadas, na legitimação de periódicos especializados, e nos códigos de conduta de ética, para que assim possa se estabelecer a identidade social de uma área científica. Aqui, são representados o conjunto de características da área a partir de uma visão total de seus agentes que compõem o campo.

Nesse âmbito, estão as sociedades profissionais que os cientistas fazem parte, as redes de contato e de interação que eles estabelecem, os eventos científicos que participam com regularidade, os cursos que atuam, e os canais de comunicação como periódicos onde avaliam e publicam suas pesquisas. A partir desses elementos o sistema científico é capaz de definir o seu círculo profissional e social (WHITLEY, 1974).

Assim como na institucionalização científica cognitiva, para analisar os níveis de institucionalização social de uma área também devemos levar em consideração duas importantes dimensões: sendo a primeira “o nível de organização interna e definição de limites” e a segunda, “o nível de integração dentro das estruturas sociais

prevalecentes de legitimação e alocação de recursos. Para a ciência esta segunda dimensão geralmente se refere ao nível de integração em departamentos universitários e currículo de ensino.” (WHITLEY, 1974, p. 72, tradução nossa).

A organização interna do campo está ligada diretamente com a constituição e configuração de cursos de graduação e de pós-graduação, periódicos científicos, grupos de pesquisa, eventos científicos, eventos profissionais, associações e comunidades/sociedades científicas. Já a integração social dos campos com outras comunidades científicas e a predominância da área em estruturas legitimadas se refere a organização social. Nesse sentido, a institucionalização social, em um senso social, ocorre após um senso cognitivo, que deverá formalizar a organização social somente com base em um nível substancial de institucionalização cognitiva e institucionalização social interna (MARTINS, 2014).

Essa segunda dimensão de Whitley (1974), dando ênfase a integração da área científica dentro da estrutura universitária e nos currículos de cursos, reflete o modelo dominante atual na organização social da institucionalização científica, a Universidade. Compõem o processo da organização social no contexto universitário “a formação de profissionais em nível de pós-graduação, a criação de vagas nos departamentos com exigência cada vez maiores, de níveis de especialidades da área, corpo docentes compostos por estudiosos com destaque e criação acentuada de disciplinas destaques.” (MARTINS, 2014, p. 47).

Quando uma área está socialmente institucionalizada passa a servir de base para a sua identidade social, possibilitando a clareza para quais sociedades profissionais os pesquisadores/cientistas pode se juntar, quais os tipos de evento eles poderão participar e discutir sobre as situações-problemas e resultados de seus estudos, além de conseguir visualizar os periódicos científicos que podem avaliar, publicar e disseminar suas pesquisas. Porém, quando o nível de institucionalização social for baixo, as áreas não possuirão estruturas claras de canais formais de comunicação, de eventos que possibilitem a reunião de pesquisadores, e a sua demarcação e organização social será consideravelmente mais difícil e limitada. (WHITLEY, 1974).

O autor enfatiza que em um cenário onde uma área ou campo científico possua baixo nível de institucionalização científica,

os cientistas podem formar grupos sociais relativamente pequenos, bastante coesos em torno de um problema ou o modo de entendimento comum como um meio de lidar com a falta de estrutura externa. Contatos pessoais serão mais importantes como um meio de obtenção de informações e de legitimação do próprio trabalho e de outras de pesquisas. (WHITLEY, 1974, p. 75, tradução nossa).

A institucionalização social é demarcada por uma base cognitiva compartilhada entre os membros da comunidade científica, sendo suficientemente aberta para que as suas ações de pesquisa, discussões e reflexões sejam compartilhadas, refletindo, assim, a organização interna da área científica ou do campo científico. Trevisol Neto (2015, p. 66) explica que “em áreas institucionalizadas os avaliadores/revisores dos periódicos científicos são capazes de aplicar padrões consistentes e coerentes na avaliação dos produtos científicos, isso decorre da clareza e coerência cognitiva adjacente.”

Contudo, compreendemos que as estruturas cognitivas e sociais estabelecem relações entre seus elementos, e que essas estruturas não são excluídas ou manipuladas. No entanto, ambas são dependentes uma da outra, enquanto uma avança dentro de um campo, a outra também cresce, e se alguma delas estagnar, a outra também pode acompanhá-la (BAZI; SILVEIRA, 2007). Whitley (1974), portanto, estende a sua teoria de institucionalização científica para os conceitos de especialidade e áreas de pesquisa no âmbito da ciência, não se tratando da mesma coisa.

2.2.1 Especialidades e Áreas de Pesquisa

A teoria whitleyana, sobre institucionalização científica, estabelece que a **especialidade** é entendida como “uma aglomeração de áreas de pesquisa ou um conjunto de “conjuntos de situações-problema.” (WHITLEY, 1974, p. 77, tradução nossa). Já as **áreas de pesquisa** formam e se caracterizam por um conjunto de situações-problemas, no qual são inseridos os seus agentes e os seus processos científicos. “Essas distinções têm o objetivo de serem ortogonais. Poderá ter diferentes níveis de institucionalização social e cognitiva tanto nas áreas de pesquisa como nas especialidades.” (WHITLEY, 1974, p. 72, tradução nossa).

A especialidade corresponde ao agrupamento de áreas de pesquisa em um conjunto de situações dignas de problematizações de pesquisa tendo um objeto central em comum, enquanto que as áreas de pesquisa caracterizam objetos e problemas de pesquisa mais específicos de acordo com os agentes e seus procedimentos científicos de interesse. (SILVA, 2019, p. 58).

As especialidades são demarcadas pelo mesmo modelo de conhecimento dominantes, como situações-problemas diversas que levam a ramificações consideradas como áreas de pesquisa. “Especialidades, então, são distinguidas por conter um modelo, ou um limitado conjunto de modelos, que buscam explicar os ‘fatos’ existentes e direcionar investigações mais aprofundadas.” (WHITLEY, 1974, p. 80, tradução nossa).

As áreas de pesquisa, a partir de seu conjunto de situações-problema, apresentarão semelhanças cognitivas tendo em vista que possuirão um mesmo fenômeno de investigação. No entanto, não irão dispor de definições idênticas e cada uma das situações utilizarão métodos e técnicas para avaliação dos fenômenos envolvidos. Martins (2014, p. 48) explica, como sabe nos escritos de Whitley (1974), que “para expor modelos dominantes de conhecimento, as áreas de pesquisas deverão desenvolver peculiaridades de estudo baseadas em mecanismos exploratórios e descritivos bem articulados”.

“As especialidades e áreas de pesquisa interagem de acordo com pontos de convergência, que se direcionam para os fenômenos estudados, os materiais analisados e as técnicas utilizadas.” (TREVISOL NETO, 2015, p. 67). Considerando os conceitos e os argumentos de Whitley (1974), podemos evidenciar que, após a formação das especialidades e das áreas de pesquisa, será difícil a não apresentação de nenhum nível, baixo ou alto, de institucionalização científica social ou cognitiva. Dessa forma, as especialidades e as áreas de pesquisa também possuem suas institucionalizações científicas cognitivas e sociais.

Uma especialidade é identificada como altamente institucionalizada cognitivamente quando é bem delineada, com modelos sistemáticos particulares que emerge como abordagem dominante da especialidade. Com alto nível de institucionalização, o campo das especialidades possui consenso sobre os modelos apropriados, coerência e aplicação desses modelos. A partir das considerações de Whitley (1974), Martins (2014) aponta que

A organização cognitiva de uma especialidade é garantida pelo acordo sobre o objeto de preocupação geral e a institucionalização cognitiva lida com o nível de articulação de possíveis modelos para explorar esse objeto. Dado o nível de consenso na definição da realidade e na forma apropriada de entendimento, é possível identificar a relação que o cientista identifica sobre 'sua' especialidade. (MARTINS, 2014, p. 50).

Quanto à institucionalização social das especialidades, Whitley (1974, p. 86, tradução nossa) explica que esse contexto “refere-se à organização formal de comunicação, associação e demarcação de uma especialidade a outra.” Também é levado em consideração um consenso mínimo de trocas de informações por meio de diferentes pesquisadores, reunião de sociedades ou comunidades profissionais e a legitimação de periódicos na área da especialidade. Como cada área define o grau de importância dos seus eventos e mecanismos, é importante entender que não há como estabelecer quais desses componentes possuirão um nível mais alto de institucionalização social.

Já em “[...] situação onde a especialidade não é altamente institucionalizada cognitiva e socialmente, áreas de pesquisa podem se tornar mais importantes como fontes de identidade cognitiva e social para os cientistas.” (WHITLEY, 1974, p. 88, tradução nossa). O autor destaca que uma especialidade com baixo nível de institucionalização pode ocasionar em um baixo número de modelos vagamente definidos objeto de diferentes interpretações. Mesmo com modelos claros, existe a possibilidade de ter especialidades pouco definidas quando não houver consenso sobre o modelo a ser utilizado e as suas fronteiras não estiverem claramente definidas em seu contexto de aplicação e relevância.

O que mede a institucionalização cognitiva de uma área de pesquisa são as conexões estabelecidas entre as fronteiras de investigação e as situações-problema, ou seja, quanto maior o consenso na definição do fenômeno ou do objeto, nas técnicas aplicadas, e nos resultados aceitos, maior será o nível de institucionalização cognitiva da área de pesquisa (WHITLEY, 1974; MARTINS, 2014).

Ainda de acordo com essas reflexões, a teoria whitleyana indica que a institucionalização cognitiva nas áreas de pesquisa também leva em consideração o princípio organizador de que um cientista pode se dedicar a uma determinada investigação para atividades finitas e restritas para o desenvolvimento da pesquisa,

com limitações de materiais e técnicas meramente adequadas com aplicações específicas.

Martins (2014), analisando a institucionalização social interna das áreas de pesquisa na teoria de Richard Whitley, verifica que essa se alinha aos das especialidades, se estabelecendo a partir do reconhecimento dos trabalhos dos cientistas de forma comum e a relação entre essas pesquisas científicas. Essa organização social interna é válida a partir dos fatores de colaboração e divisão de tarefas a partir de um consenso cognitivo ou sistema conceitual; domínio geral com aceitabilidade e consenso sobre os problemas denominados relevantes e interessantes, com sistema de avaliação diferenciada; e quando ocorrer um baixo consenso cognitivo, abordagens para um acordo no problema, sob a perspectiva de diferenças e de soluções que serão aceitáveis.

Haverá um nível muito baixo da institucionalização social interna, no caso das áreas de pesquisa, quando os cientistas trabalham em conjuntos de problemas triviais e não reconhecem uns aos outros como companheiros de discussões, estudos e pesquisas. Contraste a isso, a institucionalização científica social com elevado nível, garante também um estágio elevado de consenso e institucionalização cognitiva, mesmo que não haja consequência direta para as duas estruturas (WHITLEY, 1974).

Tomando como base os conceitos de especialidades e áreas de pesquisa, podemos considerar o campo da Ciência da Informação como uma ciência que se constitui, do ponto de vista isolado, de especialidades que, apesar de possuírem um modelo dominante de conhecimento ou objeto de estudo – a informação – existem interesses e aglomerações de áreas de pesquisa com diversificadas situações-problema e movimentos interdisciplinares.

Martins (2014) toma como exemplo na Ciência da Informação brasileira os GT da ANCIB e ENANCIB, responsáveis por manter discussões, publicações e movimentos científicos de temas específicos e emergentes na área, além de terem cientistas responsáveis pela condução dos interesses em comum. Além disso, podemos tomar como exemplo as subáreas e/ou tendências teóricas da Ciência da Informação no Brasil apontadas por Araújo (2014a, 2017, 2018).

Em síntese, abordamos na próxima seção (2.2.2) os componentes facilitadores para análise das estruturas cognitivas e sociais da ciência, área ou campo científico, conforme os escritos apresentados até o momento. Isso servirá como norte para sistematizar o método desta tese, por meio de categorias analíticas e indicadores, a

partir dos critérios de avaliação dos níveis de institucionalização científica da GC no campo da Ciência da Informação no Brasil.

2.2.2 Componentes de análise das estruturas cognitiva e social

Com base no que foi demonstrado e discutido até o momento, apresentamos os componentes necessários para análise e/ou avaliação da institucionalização científica cognitiva e social da ciência, tomando por base a teoria whitleyana, teórico que fundamenta suas contribuições a partir da Sociologia da Ciência. Além disso, o Quadro 1 também aponta alguns elementos refletidos e contribuídos com estudos sobre institucionalização social e cognitiva de Whitley (1974) por meio de pesquisadores da Ciência da Informação, como Bazi e Silveira (2007) e Martins (2014).

Quadro 1 – Componentes de análise da institucionalização científica a partir das estruturas cognitiva e social

INSTITUCIONALIZAÇÃO CIENTÍFICA – WHITLEY (1974)		
ESTRUTURA COGNITIVA	Consenso e clareza nos aspectos teóricos e metodológicos	Linearidade e concordância da linguagem especializada a partir do emprego de termos técnicos e conceitos ou definições;
		Consenso e compromisso as modelos de investigação: técnicas e/ou teorias comuns e articulados entre os cientistas.
	Definição de atividade de um cientista	Coerência e integração entre os objetos de análise;
		Previsibilidade da natureza do trabalho de um cientista a partir de sua identidade cognitiva;
		Consenso nas atividades de identificação, descrição e avaliação das pesquisas científicas.
ESTRUTURA SOCIAL	Organização Interna e definição de limites	Comunidades científicas, elementos que promovem a identidade social da área e as estruturas sociais que regulam o estatuto científico (grupos de pesquisa, unidade organizacional, associações/entidades científicas, profissionais);
		Compromissos, colaborações e acordos entres pesquisadores (colégios invisíveis e frentes de pesquisa);

		Veículos de comunicação científica (eventos científicos e periódicos científicos);
		Especialistas com formação na área.
	Integração das estruturas sociais	Oferta de disciplinas com temas que contemplem a especialidade;
		Vagas em universidades reservadas a especialistas da área;

Fonte: Elaborado pelo autor (2022) com base em Whitley (1974), Bazi e Silveira (2007), e Martins (2014).

A institucionalização científica desenvolvida por Whitley (1974) funciona como um mecanismo teórico-metodológico para avaliação de disciplina científica, área científica, e campo científico, além de especialidade ou áreas de pesquisa. A partir de critérios estabelecidos, com adoção da realidade de uma ciência, é possível compreender o estado real do campo a partir dessa teoria. Como relata Trevisol Neto (2015, p. 67) “[...] Dependendo da realidade que se encontra, são apresentados modelos conceituais e estruturas profissionais: claras ou confusas, definidas ou indefinidas.”

Para abrangermos o processo de institucionalização da GC no campo da Ciência da Informação brasileira, é necessário compreender como se configura esse campo informacional, mais especificamente os seus aspectos teóricos e institucionais que coadunam para o seu estabelecimento.

2.3 A Ciência da Informação: breve histórico e institucionalização

Com o propósito de apresentar soluções aos problemas informacionais, a Ciência da Informação foi se constituindo a partir das transformações das ações humanas materializadas em documentos foram se perpetuando na sociedade. Com relação ao processo construtivo desse campo informacional, Souza (2015) aponta algumas “indefinições” quando se refere a origem, a algumas abordagens, destacando que suas abordagens teóricas e epistemológicas têm sido exploradas para ocupar tais “imprecisões”. Tais lacunas estão em conformidade os fatos históricos e diferentes

caminhos na constituição dessa área, como aponta Rayward (1997) a Documentação como a raiz da área, Shera (1980) denota a Biblioteconomia como fundamento da Ciência da Informação, e Saracevic (1996) trata tal área por uma perspectiva tecnológica e interdisciplinar. Nesse sentido, três correntes teóricas foram fundamentais para a origem da Ciência da Informação, como: a Biblioteconômica, a Documental e a Tecnológica e Informacional (SOUZA, 2015).

Importante destacar que esses elementos ou áreas foram cruciais para o desenvolvimento do que chamamos, hoje, de Ciência da Informação, a saber: a Bibliografia e a Documentação, a Biblioteconomia, as Tecnologias de Informação e Comunicação, e os Fundamentos da Teoria Matemática (ARAÚJO, 2014b).

Com a invenção da imprensa, no século XV, houve a expansão e o aumento da produção de livros na Europa dando início a época das primeiras bibliografias que podiam ser compreendidas como listas de livros presentes em diversas bibliotecas espalhadas pela região europeia, subsidiando para uma ideia pós-custodial. No século XIX, com o aumento de periódicos científicos e da produção livros no mundo, houve mudanças no processo de descrição e organização de documentos impressos (ARAÚJO, 2014b).

Foi nesse contexto que em 1985 Paul Otlet e Henry La Fontaine idealizaram e organizaram um evento marcante nesse período, a I Conferência Internacional de Bibliografia, e criaram também o Instituto Internacional de Bibliografia (IIB) que passou a ser chamado de Instituto Internacional de Documentação (IID) e que se constitui como Federação Internacional de Informação e Documentação (FID), com o objetivo de movimentar um processo cooperativo mundial para estabelecer um instrumento que propiciasse inventariar todo o conhecimento produzido e registrado pelos seres humanos.

A partir dessa perspectiva, Paul Otlet começou a pôr em prática a estratégia que visava à compilação de um catálogo universal da informação registrada que existia na época e que permitia um acesso por meio de assuntos ao conteúdo informacional dos documentos que estavam referenciados, concretizando através da aplicação de um sistema de classificação universal (SILVA; RIBEIRO, 2002). A partir disso, “começam-se então as iniciativas políticas para sua institucionalização, em caráter internacional.” (SILVA, 2017, p. 19).

Otlet, em um plano científico, tornou-se um importante sujeito que começou a visualizar uma nova disciplina científica, conhecida por Documentação.

O que a Documentação propôs foi uma outra linha de ação, uma outra frente de trabalho, composta por uma gigantesca rede de registros destes acervos custodiados nas instituições. Mais do que “ter” o documento, interessava aos pesquisadores envolvidos com a Documentação promover uma listagem, um registro de “onde” poderia estar cada um dos documentos produzidos pelos seres humanos. (ARAÚJO, 2014b, p. 5).

De acordo com esse autor, os primeiros relatos do que deveria se pensar sobre esta área é sobre a crítica à custódia, ao bibliotecário erudito, ao historiado nos arquivos que, ao invés de focarem na disseminação das informações, limitavam-se em preservar os registros de conhecimento. A Documentação foi se desenvolvendo nessa perspectiva a partir de perspectivas institucionais como também de fatores ou contributos teóricos e científicos. A sua legitimação se deu a partir das contribuições de Otlet, principalmente quando publicou o *Traité de Documentation* (Tratado de Documentação), em 1934.

Durante esse percurso e desenvolvimento da Documentação, a Biblioteconomia foi se consolidando não só como campo disciplinar, mas também nos espaços institucionais como em cursos de graduação e de pós-graduação no final da primeira metade e início da segunda metade do século XX, tendo conteúdos no contexto da Ciência da Informação a partir dos anos 1960/1970. Começou-se então as relações estendidas entre a Documentação e a Biblioteconomia, inclusive pela inserção de conteúdos dessa primeira nos cursos de Biblioteconomia, exemplo disso foi cenário estadunidense.

Silva e Freire (2012) entendem que a Biblioteconomia se constituiu como importante para o desenvolvimento e institucionalização da Ciência da Informação a partir das práticas de organização do conhecimento com os processos de “organização, registro e classificação para assegurar a memória da humanidade através de procedimentos voltados para o acesso às informações, ainda que esse acesso, por longo período histórico, estivesse restrito a segmentos sociais específicos.” (SILVA; FREIRE, 2012, p. 4).

Além das influências da Bibliografia, da Documentação e da Biblioteconomia para a Ciência da Informação, o surgimento da denominação dos primeiros cientistas da informação no mundo foi outra característica importante a ser pontuada. Diversos profissionais de áreas como a Química, a Física, a Engenharia, entre outros, se

autodenominaram cientista da informação por realizarem práticas de índices, resumos, construção de canais de disseminação da informação, aceleração de trabalhos dos pares. Nesse momento iniciava-se a Ciência da Informação que tinha como foco a Informação Científica e Tecnológica e, mais à frente, como uma Ciência que tinha como objetivo os fluxos informacionais e sua materialização como promoção de produtos e serviços.

Embora tenha nascido como uma atividade eminentemente prática, ao longo dos anos essa iniciativa foi se direcionando para uma importante institucionalização, primeiro na Inglaterra, com a realização da *Royal Society Scientific Information Conference*, em 1948, e a criação, em 1958, do *Institute of Information Scientist*. Pouco depois, na União Soviética, foi criado o Viniti, *Vserossiisky Institut Nauchnoi i Tekhnicheskoi Informatsii*, vinculado à Academia de Ciências. E, a seguir, em 1958, ocorreu nos Estados Unidos a *International Conference on Scientific Information*. Nesse processo de institucionalização, foi-se firmando, por um lado, a ideia de que a Ciência da Informação era uma ciência dedicada à informação em ciência e tecnologia. (ARAÚJO, 2014b, p. 7).

Em contexto tecnológico foi outro ponto importante que influenciou e ainda influencia a área de Ciência da Informação. A microfilmagem para armazenamento e uso de documentos no início do século XX e, mais à frente, o desenvolvimento dos computadores subsidiaram para as possibilidades de guarda, acesso e disseminação de documentos e informações. Podemos destacar a contribuição de Vannevar Bush como precursor da Ciência da Informação por desenvolver e publicar em seu texto *As We May Think* no *The Atlantic Monthly*, em julho de 1945, problematizações sobre informacionais naquele período, como a questão da recuperação da informação. Como possível solução chegou a idealizar o *Memex* como um meio de automatização dos processos de recuperação.

A fundamentação da Ciência da Informação pode ser entendida a partir de paradigmas que acompanham a áreas desde as primeiras teorias. Capurro (2003) destaca que no campo existem três paradigmas, a saber: físico, cognitivo e social. Nesse plano, podemos compreender a presença desses ao cruzarmos com as teorias que subsidiaram o desenvolvimento desse campo informacional.

Com relação a sua fundamentação no contexto do paradigma físico, a Ciência da Informação teve inicialmente suas bases atreladas à Teoria da Matemática da Comunicação, que desenvolveu o conceito científico de informação, de autoria de

Claude Shannon e Warren Weave, em 1949. Essa Teoria é baseada em algumas dimensões (física, semântica e pragmática), destacando-se a dimensão técnica por se preocupar com a transmissão de mensagens, canais de comunicação e os meios que fazem parte desse processo como emissor e receptor. Essa primeira fundamentação da área é caracterizada pela corrente positivista, sobretudo por compreender a informação como fenômeno de pesquisa e desenvolvimento de produtos e serviços em um cenário pós-guerra.

Nessa perspectiva, a Ciência da Informação é considerada uma área do conhecimento científico que inicia sua consolidação a partir dos anos 1960, através dos relatórios feitos na conferência do *Georgia Institute of Technology*. Neste contexto, após a mudança de nome do *American Documentation Institute* para *American Society of Information Science* (ASIS), em 1968, Harold Borko, a partir de um clássico artigo intitulado como: *Information Science – what is it?* formula uma definição que permeia até os dias atuais, ou melhor, possibilitou que novas definições de Ciência da Informação fossem acrescentadas:

É uma ciência interdisciplinar que investiga as propriedades e comportamento da informação, as forças que governam os fluxos e os usos da informação, e as técnicas, tanto manual quanto mecânica, de processamento da informação, visando sua armazenagem, recuperação, e disseminação ideal (BORKO, 1968, p. 05).

Ainda no estudo de Harold Borko, já era compreensível que o campo da Ciência da Informação era caracterizado por contribuições de outras disciplinas que possibilitam a interdisciplinaridade, sendo uma ciência derivada de relações com outros campos de conhecimento tais como: “a Matemática, a Lógica, a Linguística, a Psicologia, a Ciência da Computação, a Engenharia de Produção, as Artes, as Gráficas, a Comunicação, a Biblioteconomia, a Administração e aos outros campos científicos semelhantes.” (BORKO, 1968, p. 02).

Acredita-se que de acordo com os estudos de Japiassu (1976, 1981) a interdisciplinaridade é constituída por uma relação de reciprocidade, de mutualidade, de interação que permitirá o diálogo entre as disciplinas. Para este autor, a interdisciplinaridade se caracteriza pela “intensidade das trocas entre especialistas e pelo grau de interação real das disciplinas, no interior de um projeto específico de pesquisa.” (JAPIASSU, 1976, p. 74).

Portanto, “[...] falar de interdisciplinaridade é falar de interação de disciplina.” (JAPIASSU, 1976, p. 59). Assim, pode-se dizer que as disciplinas que compõem as pesquisas em Ciência da Informação caracterizam a interdisciplinaridade ao interagir com os processos teórico-metodológicos. Legitimando Borko, Saracevic (1970) entende a Ciência da Informação como interdisciplinar por natureza, destacando a importância dos pesquisadores das ciências naturais que traziam um modo de raciocínio científico próprio. Nesse contexto interdisciplinar e tecnológico o autor caracterizou a Ciência da Informação como, além de natureza interdisciplinar, responsável por problemas sociais e questões tecnológicas (SARACEVIC, 1996).

De acordo com Silva (2017, p. 20) “o pontapé inicial para o início das relações interdisciplinares, na Ciência da Informação, é identificado por Pinheiro (2005; 2007a) [...]” a partir do elance entre a Biblioteconomia e a Ciência da Computação e na difusão de diversas disciplinas que se propõem a resolver um problema social informacional a partir de diferentes teorias e metodologias.

Algumas teorias foram fundamentando a Ciência da Informação não só do ponto de vista físico, material, estático como também na perspectiva cognitiva, no pano da subjetividade. Nessa perspectiva, baseados nas contribuições sobre a Documentação de Paul Otlet e La Fontaine e o contributo da ontologia e epistemologia de Karl Popper escrita por Brookes (1980/1981) quando registra a questão da necessidade informacional para preencher alguma lacuna ou desejo informacional dos indivíduos que pode ser compreendida a partir da Teoria que Belkin (1980) desenvolveu, conhecida como *Anomalous State of Knowledge* (ASK) – “Estado Anômalo do Conhecimento”.

Nesse contraponto podemos citar algumas contribuições que o paradigma cognitivo possibilitou para os estudos de Ciência da Informação voltadas para a construção de conhecimento a partir do fenômeno informacional que se destacam o uso e usuários da informação em uma perspectiva subjetiva e de necessidades de informação para superação de lacunas ou *gaps*, além da própria gestão do conhecimento enquanto prática cognitiva e comportamental de usuários ou sujeitos.

No que diz respeito ao paradigma social da Ciência da Informação relacionamos as teorias da sociologia, o contributo de Jesse Shera, Bernd Frohmann e Birger Hjørland. Convergindo com o paradigma cognitivo e possibilitando suas ampliações quanto ao contexto social, no que está posto em um mundo exterior à informação, como a cultura, as tradições, as perspectivas de vida, as relações e

marcadores da sociedade, questões políticas e econômicas de comunidades, entre outros aspectos.

Essas discussões foram se ampliando internacionalmente, inclusive no Brasil que, em 2022, completou 52 anos de história a partir da Institucionalização do IBICT, da qualificação de profissionais e pesquisadores na área, das contribuições na criação de cursos e seus currículos, do avanço na produção científica e na perspectiva teórica-epistemológica.

2.3.1 Sinopse do cenário da Ciência da Informação no Brasil

Entrando especificamente para o cenário brasileiro, o processo de desenvolvimento da Ciência da Informação no Brasil tem reflexo do contexto internacional, como os Estados Unidos, que consolidou a área a partir de diversos elementos disciplinadores teóricos e institucionais. Assim como no exterior, a Biblioteconomia e Documentação demarcou fortemente e historicamente a constituição e institucionalização da Ciência da Informação em seu percurso inicial no país.

Souza (2012) explica que a Ciência da Informação no Brasil foi sendo implantada paulatinamente a partir das condições técnicas e científicas da tradicional Biblioteconomia e a moderna Documentação, tendo como marco teórico e metodológico as práticas biblioteconômicas e documentárias por questões necessárias e pela emergência da Informação Científica & Tecnológica (IC&T). Um marco institucional na Ciência da Informação brasileira, na década de 1950, foi a criação do Instituto Brasileiro de Bibliografia e Documentação (IBBD) no ano de 1954 por meio do decreto nº 35.124, de 27 de fevereiro daquele ano e posteriormente transformado no atual Instituto Brasileiro de Informação, Ciência e Tecnologia (IBICT) por meio da Resolução nº 20/76, de 25 de março de 1976 (CUNHA, 2005; PINHEIRO, 2007b).

A própria associatividade entre as áreas da Biblioteconomia, Documentação e Informação promoveu um espaço para discussões e indícios de interdisciplinaridade e diálogo entre esses. Nessa perspectiva, o campo se estabeleceu em 1970 no Brasil se constituindo como um espaço de relações de forças que, por vezes, tenso, e outras

de solidariedade fundamental (SOUZA, 2012). Essa implantação no país se deu pela necessidade de qualificar e capacitar profissionais que centravam suas atividades na bibliografia e documentação científica a partir de cursos voltados para pesquisas científicas de diversas áreas como a Medicina e Ciências Agrícolas, transformando em Curso de Documentação Científica.

Esse curso foi de fundamental importância não só para a qualificação de profissionais, mas por ser um indício de transformações no grau de escolarização. Com o tempo o curso foi tornando-se obsoleto e a necessidade de conteúdos inovadores foi se tornando emergente. Nesse contexto, o IBBD passou a idealizar e implementar em 1972 o primeiro Curso de Mestrado em Ciência da Informação na tentativa de suprir os gaps ocasionados pela própria evolução da documentação e informação, onde seu corpo docente é predominantemente por norte-americanos e ingleses (ZAHER, 1995).

Apesar do primeiro Curso de Mestrado, *Stricto Sensu*, em Ciência da Informação já recebia tal nomenclatura, os Cursos que foram criados ao longo da década de 1970 tinham, inicialmente, a denominação de Cursos de Mestrado em “Biblioteconomia e Documentação”, perdurando até a década de 1990 em algumas instituições de ensino, mais precisamente em Universidades como a UFMG, Universidade de Brasília (UnB), Universidade de São Paulo (USP) e Pontifícia Universidade Católica de Campinas (PUCCAMP) (PINHEIRO, 2007b).

[...] Essas transformações representaram a extinção dos programas de pós-graduação *stricto sensu* em Biblioteconomia e a implantação de outros na área de Ciência da Informação. Contudo, não se pode dizer que essa descontinuidade se reflita nas pesquisas e, conseqüentemente, na produção científica do campo, na medida em que a dinâmica de inter-relação entre esses campos de conhecimento possibilita o desenvolvimento de pesquisas dedicadas a questões da Biblioteconomia e de outras áreas do conhecimento. (SOUZA, 2012, p. 55).

Contudo, no Brasil, faculdades, escolas ou departamentos de Biblioteconomia foram mudando sua designação para Ciência da Informação nas últimas décadas do século XX. Os cursos de graduação em Biblioteconomia mantiveram, na grande maioria dos casos sua denominação, diferentemente dos cursos de pós-graduação que tiveram o nome alterado para Ciência da Informação (ARAÚJO, 2014b).

Marteleto (2009) aponta que, em termos históricos, a história da Ciência da Informação brasileira é caracterizada por fases distintas que retratam a própria história da pós-graduação. Após implantação ocorreu na década de 1970, seguida por um arrefecimento nos anos de 1980, e sua retomada, que corresponde ao início da expansão do campo.

Com relação a formalização institucional que demarcam o campo da Ciência da Informação do Brasil, inicialmente, podem ser entendidas pelas diretrizes, instruções, regras, normas para o desenvolvimento, aperfeiçoamento e desse campo informacional no país. Esses elementos constituem os marcos regulatórios da área que são representados por meio de Documentos da Área da CAPES e os Grupos de Trabalhos que constituem a ANCIB (ELIEL, 2008).

Ao realizarmos uma busca no Portal da CAPES, na área de Comunicação e Informação – Ciência da Informação, foram identificados 27 PPG que correspondem a esse campo informacional brasileiro. São 13 Cursos de Doutorado, 18 Cursos de Mestrado, e nove Cursos de Mestrado Profissional, conforme apresenta o Quadro 2.

Quadro 2 – Instituições de Ensino Superior e Programa de Pós-Graduação que ofertam cursos na área de Ciência da Informação

IES - SIGLAS	Nome da Instituição	Denominação do Programa	Tipo/Nível do Curso
UFRJ	Universidade Federal do Rio de Janeiro	Ciência da Informação	Mestrado Acadêmico e Doutorado
UFF	Universidade Federal Fluminense	Ciência da Informação	Mestrado Acadêmico e Doutorado
UFPB	Universidade Federal da Paraíba	Ciência da Informação	Mestrado Acadêmico e Doutorado
USP	Universidade de São Paulo	Ciência da Informação	Mestrado Acadêmico e Doutorado
		Gestão da Informação	Mestrado Profissional
UFMG	Universidade Federal de Minas Gerais	Ciência da Informação	Mestrado Acadêmico e Doutorado
		Gestão & Organização do Conhecimento	Mestrado Acadêmico e Doutorado
UDESC	Universidade do Estado de Santa Catarina	Gestão de Unidades de Informação	Mestrado Profissional

FCRB	Fundação Casa de Rui Barbosa	Memória e Acervos	Mestrado Profissional
UFSCAR	Universidade Federal de São Carlos	Ciência da Informação	Mestrado
UNESP	Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho	Ciência da Informação	Mestrado Acadêmico e Doutorado
UFBA	Universidade Federal da Bahia	Ciência da Informação	Mestrado Acadêmico e Doutorado
UEL	Universidade Estadual de Londrina	Ciência da Informação	Mestrado Acadêmico e Doutorado
UFSC	Universidade Federal de Santa Catarina	Ciência da Informação	Mestrado Acadêmico e Doutorado
UFRN	Universidade Federal do Rio Grande do Norte	Gestão da Informação e do Conhecimento	Mestrado Profissional
UnB	Universidade de Brasília	Ciência da Informação	Mestrado Acadêmico e Doutorado
UFPE	Universidade Federal de Pernambuco	Ciência da Informação	Mestrado Acadêmico e Doutorado
UFC	Universidade Federal do Ceará	Ciência da Informação	Mestrado Acadêmico
UFCA	Universidade Federal do Cariri	Biblioteconomia	Mestrado Profissional
UFS	Universidade Federal de Sergipe	Gestão da Informação e do Conhecimento	Mestrado Profissional
UFPA	Universidade Federal do Pará	Ciência da Informação	Mestrado Acadêmico
UFAL	Universidade Federal de Alagoas	Ciência da Informação	Mestrado Acadêmico
UFES	Universidade Federal do Espírito Santo	Ciência da Informação	Mestrado Acadêmico
UFRGS	Universidade Federal do Rio Grande do Sul	Ciência da Informação	Mestrado Acadêmico e Doutorado
FUMEC	Fundação Mineira de Educação e Cultura	Sistemas de Informação e Gestão da Informação	Mestrado Profissional e Doutorado
UNIRIO	Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro	Biblioteconomia	Mestrado Profissional
		Gestão de Documentos e Arquivos	Mestrado Profissional

Fonte: Portal da CAPES (2022).

Os Cursos de Doutorado, de Mestrado Acadêmico e Mestrado Profissional perpetuados nas 24 IES e que refletem o campo informacional possuem nomenclatura cunhado em “Ciência da Informação”, além de termos mais específicos da Biblioteconomia, Arquivologia, Sistemas e Gestão da Informação, Gestão de Unidades de Informação, Memória e Acervos no cenário dos Cursos de Mestrado Profissional.

O Programa de Gestão & Organização do Conhecimento da UFMG e Sistemas de Informação e Gestão da Informação da FUMEC são os que ofertam Cursos de Doutorado e Mestrado Acadêmicos com denominação diferente dos demais. Apesar desses Programas não possuírem o termo da área, “estão inseridos de alguma forma na Ciência da Informação em uma análise mais pormenorizada, seja na denominação, nas linhas de pesquisa, aspecto ou aplicação da Ciência da Informação, ou na titulação de parte do seu corpo docente.” (SOUZA; STUMPF, 2009, p. 55).

No Brasil, percebemos que todas as Regiões (Centro-Oeste, Norte, Nordeste, Sudeste e Sul) são contempladas com IES que ofertam PPG no contexto da Ciência da Informação, o que fortalece o campo e emerge na construção epistemológica, teórica, metodológica e prática a partir de seus pesquisadores e suas pesquisas.

Essa evolução da ocupação desses espaços foi ganhando ainda mais força na área, tanto do ponto de vista da Pós-Graduação, como das graduações que têm relações com a Ciência da Informação (Arquivologia, Biblioteconomia, Museologia, Gestão da Informação). A partir de então, também surgem associações que buscam promover ações de fortalecimento do campo, como a ABECIN⁸ e a ANCIB.

A ABECIN pode ser entendida, conforme o seu portal, como uma entidade que objetiva ampliar e assegurar o debate sobre a formação e qualificação de pessoas comprometidas em manter e ampliar de um corpo de profissionais voltados à formação de recursos humanos em nível da Universidade.

Outra importante associação é a ANCIB que tem por finalidade acompanhar e as atividades que são realizadas no contexto da pesquisa e do ensino no âmbito dos cursos de Pós-Graduação em Ciência da Informação no Brasil. Se configura como a representação científica e política importante para discussões pertinentes à área da informação no país e fora dele.

⁸ Portal disponível em: <https://abecin.org.br/>

Barreto (2009) descreve que desde o início dos anos 1980 os PPG na área de Ciência da Informação realizam encontros para discutir e/ou debater sobre indagações, pesquisas, tendências e novidades dessa área nova. Nesse contexto, o autor reflete que

Esses encontros se estenderam até 1994, quando foi realizado o décimo terceiro e último, como parte complementar da programação da já existente ANCIB. Fundada cinco anos antes, em 1989, no Encontro realizado em Brasília com a finalidade de: “promover o desenvolvimento da pesquisa e de estudos avançados da Ciência da Informação e Biblioteconomia no País”, como indica seu estatuto fundador, aprovado em Assembléia Geral, 23 de junho de 1989, por ocasião do X Encontro Nacional de Cursos de Pós-graduação em Biblioteconomia, Documentação e Ciência da Informação (BARRETO, 2009, p. 13).

A ANCIB foi criada em 1989 se configurando como uma sociedade científica sem fins lucrativos atuantes em pós-graduação da área. Como forma de organização das principais subáreas (ARAÚJO, 2014a, 2014b, 2017, 2018), tendências ou correntes temáticas que contemplam a Ciência da Informação brasileira, a ANCIB possui 12 GT para melhor organização dos temas de interesse dos pesquisadores, profissionais, alunos e instituições, conforme o Quadro 3.

Quadro 3 – Grupos de Trabalho e Ementas na ANCIB

Grupo de Trabalho (GT)	Ementa
GT 1 - Estudos Históricos e Epistemológicos da Ciência da Informação	Estudos históricos e epistemológicos da Ciência da Informação (escolas de pensamento, correntes teóricas, autores e obras de fundamentação, leituras teórico-metodológicas e conceituações). Constituição, desenvolvimento e inovação conceitual, teórica e metodológica do campo científico informacional. Os objetos de estudos da Ciência da Informação e suas transformações teórico-conceituais. Reflexões e discussões sobre disciplinaridade, interdisciplinaridade e transdisciplinaridade.
GT 2 – Organização e Representação do Conhecimento	Teorias, metodologias, políticas, instrumentos, processos e produtos para a organização e representação do conhecimento recuperação e acesso à informação, nas suas dimensões epistemológicas, aplicadas, sociais, culturais e terminológicas enquanto conhecimento socializado, institucionalizado ou não, em ambientes informacionais (tais como: arquivos, museus, bibliotecas e congêneres), incluindo o uso e desenvolvimento das tecnologias de informação e as relações inter, multi e transdisciplinares neles verificadas.
GT 3 – Mediação, Circulação e Apropriação da Informação	Estudo dos processos e das relações entre mediação, circulação e apropriação de informações, em diferentes contextos e tempos históricos, considerados em sua complexidade, dinamismo e abrangência, bem como relacionados à construção e ao avanço do campo científico da Ciência da Informação, compreendido em

	dimensões inter e transdisciplinares, envolvendo múltiplos saberes e temáticas, bem com contribuições teórico-metodológicas diversificadas em sua constituição.
GT 4 – Gestão da Informação e do Conhecimento	Gestão de ambientes, sistemas, unidades, serviços, produtos de informação e recursos informacionais. Estudos de fluxos, processos, usos e usuários da informação como instrumentos de gestão. Gestão do conhecimento e aprendizagem organizacional no contexto da Ciência da Informação. Marketing da informação, monitoramento ambiental e inteligência competitiva. Estudos de redes para a gestão. Aplicação das tecnologias de informação e comunicação à gestão da informação e do conhecimento.
GT 5 – Política e Economia da Informação	Políticas e regimes de informação. Informação, Estado e governo. Propriedade intelectual. Acesso à informação. Economia política da informação e da comunicação. Produção colaborativa. Poder, ativismo e cidadania. Conhecimento, aprendizagem e inovação. Ética da informação. Informação e ecologia.
GT 6 – Informação, Educação e Trabalho	O mundo do trabalho informacional: atores, cenários, competência em informação, dimensões e habilidades. Organização, processos de trabalho em dispositivos de informação e cultura. As relações entre informação, educação, trabalho, saúde e tecnologia. Regulamentação profissional, entidades sindicais, associações de classe e mercado de trabalho e competência profissional. Diversidade cultural, representações sociais, práticas e construção identitária dos profissionais da informação. Responsabilidade social, ética e profissional na Ciência da Informação. As bases curriculares e experiências pedagógicas: formação e perfil profissional ou docente.
GT 7 – Produção e Comunicação da Informação em Ciência, Tecnologia & Inovação	Estudos teóricos, aplicados e metodológicos sobre a produção, comunicação e uso da informação em Ciência, Tecnologia e Inovação. Inclui pesquisas relacionadas aos processos de comunicação, divulgação, análise e formulação de indicadores para planejamento, avaliação e gestão em CT&I.
GT 8 – Informação e Tecnologia	Estudos e pesquisas teórico-práticos sobre e para o desenvolvimento de tecnologias de informação e comunicação que envolvam os processos de geração, representação, armazenamento, recuperação, disseminação, uso, gestão, segurança e preservação da informação em ambientes digitais.
GT 9 – Museu, Patrimônio e Informação	Análise das relações entre o museu (fenômeno cultural), o patrimônio (valor simbólico) e a informação (processo), sob múltiplas perspectivas teóricas e práticas de análise. Museu, patrimônio e informação: interações e representações. Patrimônio musealizado: aspectos informacionais e comunicacionais.
GT 10 – Informação e Memória	Estudos sobre a relação entre os campos de conhecimento da Ciência da Informação e da Memória Social. Pesquisas transdisciplinares que envolvem conceitos, teorias e práticas do binômio 'informação e memória'. Memória coletiva, coleções e colecionismo, discurso e memória. Representações sociais e conhecimento. Articulação entre arte, cultura, tecnologia, informação e memória, através de seus referenciais, na contemporaneidade. Preservação e virtualização da memória social.
GT 11 – Informação & Saúde	Estudos das teorias, métodos, estruturas e processos informacionais em diferentes contextos da saúde, considerada em sua abrangência e complexidade. Impacto da informação, tecnologias, e inovação em saúde. Informação nas organizações

	de saúde. Informação, saúde e sociedade. Políticas de informação em saúde. Formação e capacitação em informação em saúde.
GT 12 – Informação, Estudos Étnico-Raciais, Gênero e Diversidades	Estudos teóricos e aplicados em informação sobre Raça, Classe, Gênero, Sexualidades e Interseccionalidades. Teorias Críticas, Culturais, Racial, Feministas e Queer. Correntes teóricas, escolas de pensamento, bases metodológicas-conceituais e aplicações técnico-científicas dos estudos étnico-raciais, de gênero e de diversidade. Teorias, discursos, saberes, atividades científicas e profissionais em ambientes informacionais comunitários, populares e organizacionais. Relações sociais, de poder e resistências. Epistemicídio, violências e insurgências. Estudos Pós-Coloniais, Decoloniais e Anticoloniais. Estudos Críticos da Branquitude. Justiça Social, Informacional, Racial e de Gênero.

Fonte: Portal da ANCIB (2022).

Os GT da ANCIB foram constituídos ao longo dos anos e representam os grupos de pesquisadores que estudam, discutem, questionam e produzem conhecimento científico que coadunam com as características de áreas de pesquisa ou especialidades apontadas pela teoria de Whitley (1974), dependendo do contexto em que são analisados. No contexto desta pesquisa de tese, o GT 4 se destaca como o grupo que desenvolve estudos e pesquisas sobre a informação e o conhecimento na perspectiva da gestão, em ambientes organizacionais, unidades de informações, ou em múltiplos contextos. Segundo Lara e Smit (2010, p. 18), “desde a sua instalação, em 2005, os Grupos de Trabalho têm sofrido ajustes na designação de sua temática e ementa, visando adequá-las à realidade da pesquisa.”

A ANCIB, que completou 33 anos de lutas e existência em 2022, tem sido um espaço em que pesquisadores e estudantes discutem acerca da pesquisa em Ciência da Informação em vista de mudanças que apontam para períodos de transição entre diferentes regimes de informação, implicando em aceitação, questionamento ou resistência às mudanças em curso (MARTELETO, 2009).

Vale destacar que esses GT são representados anualmente no maior evento da Ciência da Informação no Brasil, promovido pela ANCIB e sediado por diferentes PPG que estão espalhados pelo país, o ENANCIB. Em 2021, ocorreu a sua 21ª Edição e teve como tema “50 anos de Ciência da Informação no Brasil: saberes, diversidade e transformação social”, momento para celebrar o seu jubileu de ouro, sediado no IBICT/UFRJ.

O XXI ENANCIB foi mais um evento histórico, sendo a primeira edição a acontecer de forma totalmente remota, devido à questão do distanciamento físico e social imposta pela pandemia do novo coronavírus (Sars-Cov-2) que gera a doença

COVID-19. Nesse mesmo íterim, destaca-se a sugestão e aprovação para a criação do GT 12 “Informação, Estudos Étnico-Raciais, Gênero e Diversidades” que passará a contemplar estudos, pesquisas e discussões por pesquisadores a partir do XXII ENANCIB que ocorrerá na cidade de Porto Alegre, Rio Grande do Sul, no âmbito do Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação da UFRGS.

Além dos espaços institucionais como as IES, PPG, associações e eventos que demarcam o campo da Ciência da Informação no Brasil, também podemos apresentar os periódicos científicos desse campo informacional como canais de comunicação científica (MEADOWS, 1999). Os primeiros periódicos, “Arquivo & Administração” e “Revista Ciência da Informação”, correspondentes a Ciência da Informação no Brasil foram criadas em 1972, há 50 anos.

O Quadro 4 apresenta, conforme o ano de criação, os periódicos científicos existentes no campo da Ciência da Informação no Brasil.

Quadro 4 – Periódicos científicos brasileiros em Ciência da Informação

Ano	Revista/Periódico
1972	Arquivo & Administração Revista Ciência da Informação
1973	Revista Brasileira de Biblioteconomia e Documentação
1985	Ágora: Arquivologia em debate BIBLOS – Revista do Instituto de Ciências Humanas e da Informação
1989	Transinformação
1991	Informação & Sociedade: Estudos
1994	Revista BiblioCanto
1995	Informação & Informação
1996	Encontros Bibli Perspectiva em Ciência da Informação Revista ACB: Biblioteconomia em Santa Catarina
1998	Comunicação & Informação
1999	DataGramaZero ETD – Educação Temática Digital
2002	Revista Bibliomar
2003	Em Questão Revista Digital de Biblioteconomia e Ciência da Informação
2005	Biblionline Inclusão Social Liinc em Revista
2006	BRAJIS – Brazilian Journal of Information Science
2007	PontodeAcesso Revista Eletrônica de Comunicação, Informação & Inovação em Saúde
2008	Revista Ibero-Americana de Ciência da Informação TPBCI – Tendências da Pesquisa Brasileira em Ciência da Informação
2010	InCID: Revista de Ciência da Informação e Documentação Perspectivas em Gestão & Conhecimento
2011	AtoZ: Novas Práticas em Informação e Conhecimento Bibliotecas Universitárias: pesquisas, experiências e expectativas Múltiplos Olhares em Ciência da Informação
2012	Biblioteca Escolar em Revista

	Informação Arquivística Informação@Profissões IRIS – Revista de Informação, Memória e Tecnologia Acervo: Revista do Arquivo Nacional
2013	RACIn – Revista Analisando em Ciência da Informação Archeion Online
2014	Ciência da Informação em Revista Informação & Tecnologia Logeion: filosofia da informação Revista Brasileira de Educação em Ciência da Informação Revista Informação na Sociedade Contemporânea Revista P2P & Inovação
2015	Folha de Rosta Revista do Arquivo
2016	Informação em Pauta Revista Conhecimento em Ação
2018	Revista Fontes Documentais Convergência em Ciência da Informação Revista Cajueiro
2019	Ciência da Informação em Aberto ⁹

Fonte: Portal da CAPES (2022).

Durante os primeiros 50 anos da constituição da Ciência da Informação foram criados 52 periódicos científicos vinculados às IES, aos Departamentos, aos PPG e às Associações ou às Instituições acadêmicas e/ou profissionais que visam a disseminação ou comunicação do conhecimento científico especializado.

Dos anos 1972 a 2019 existem periódicos com escopo orientando para a Ciência da Informação como também aquelas que se referem à temas relacionados a uma especialidade específica como a Arquivologia e a Biblioteconomia, que são compreendidas como disciplinas dialógicas com esse campo informacional.

De acordo com a Classificação da Produção Intelectual no Portal Eletrônico da CAPES (2022), o Qualis Periódicos é um sistema utilizado para classificar a produção científica dos PPG referente aos artigos publicados em periódicos científicos. Esta classificação é realizada pelos comitês de consultores de cada área de avaliação da CAPES. Em ordem decrescente, o estrato A1 é o mais elevado e o C apresenta peso zero, portanto sem caráter científico-acadêmico. Os periódicos sem estratificação ainda não foram avaliados pelo comitê de área da CAPES, com base no quadriênio 2013 – 2016.

O Quadro 4 não apresenta o estrato Qualis referente a cada título de periódico, isso porque, desde o ano de 2019, se discute uma nova configuração de metodologia

⁹ Apesar de ser lançado como periódico da área, “Ciência da Informação em Aberto” não publicou volume e nem número editorial até o período de análise bibliográfica e consulta aos portais.

para a definição do Qualis Periódicos para os próximos quadriênios. Esse novo método visa, inclusive, a sua universalização (uma única classificação), independente da área em que o periódico esteja vinculado. Essa nova metodologia visa criar estratos e suprimir alguns existentes, se configurando em: A1, A2, A3, A4, B1, B2, B3 e B4. Os estratos que deixariam de compor o processo avaliativo seriam, B5 e C.

Esses elementos apresentados até aqui são estruturas ou indicadores da institucionalização do campo da Ciência da Informação brasileira e, além desses, “no contexto da pós-graduação e da pesquisa, outros elementos caracterizam o processo de institucionalização da Ciência da Informação, como, por exemplo, o financiamento das pesquisas e o corpo docente-pesquisador dos programas de pós-graduação.” (SOUZA, 2012, p. 57).

O corpo docente-pesquisador, a partir de financiamento de pesquisas, são atores responsáveis para o movimento do campo no que tange a manutenção e aprimoramento das instituições que promovem a formação, a pesquisa, a associatividade acadêmica-profissional, os eventos, entre outros, além de realizarem investigações teórica-metodológicas que contribuam com os fundamentos da área, em uma perspectiva cognitiva (WHITLEY, 1974). A título de exemplo desses pesquisadores no campo informacional brasileiro são os professores doutores que orientam pesquisas em PPG e os que são reconhecidos como Bolsistas de Produtividade do CNPq.

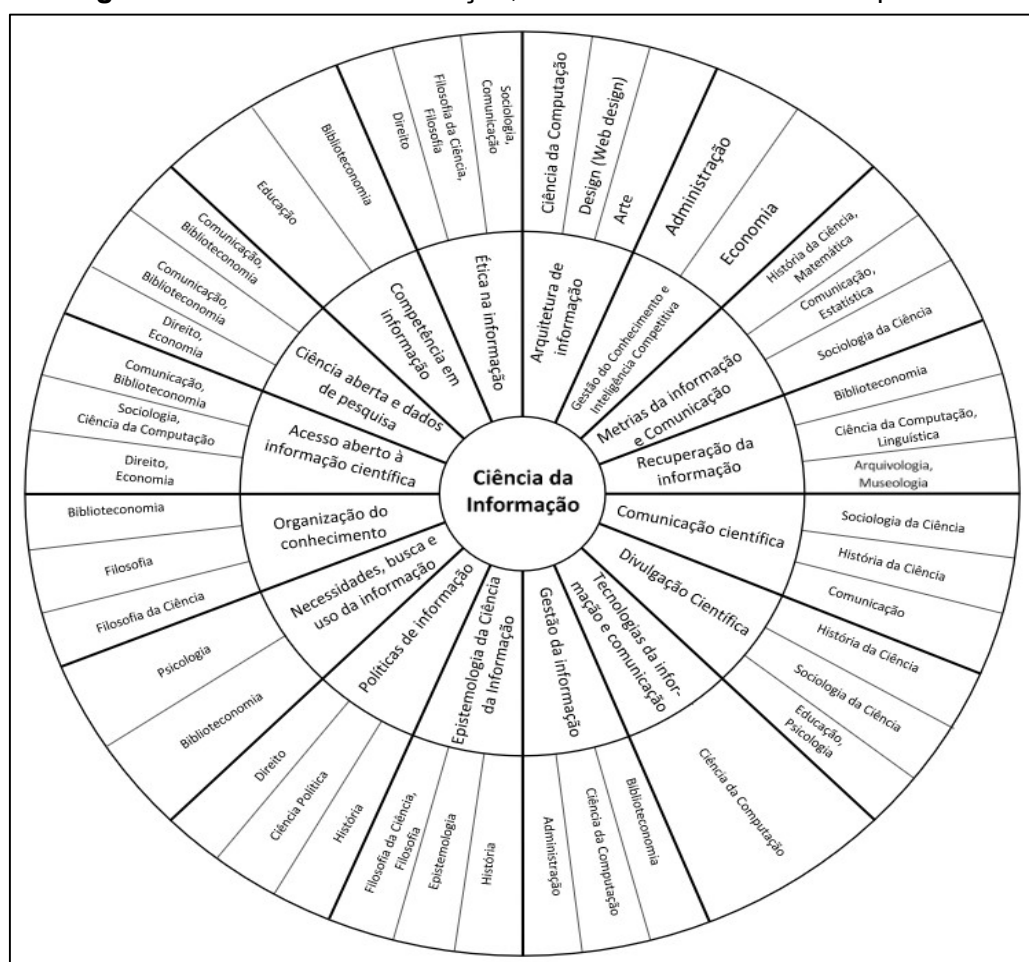
Araújo (2014a) com base nos GT da ANCIB e as produções científicas apresentadas nesses grupos durante as edições do ENANCIB e na produção científica em periódicos da Ciência da Informação, constata a presença de subáreas da Ciência da Informação que promovem avanços teóricos e conceituais. Essas subáreas são definidas como: os Estudos dos Fluxos de Informação Científica; Representação e Recuperação da Informação; os Estudos de Usuários da Informação; a Gestão da Informação e do Conhecimento; a Economia Política da Informação; e os Estudos Métricos da Informação.

Em 2017, Carlos Alberto Ávila de Araújo realiza nova pesquisa e constata que, além dessas subáreas, o campo da Ciência da Informação vem sendo contemplado com teorias e tendências contemporâneas, a saber: Análise do Domínio; Altimetria; Cultura Organizacional; Curadoria Digital; Folksonomias e Indexação Social; Ética Intercultural da Informação; Neodocumentação; Humanidades Digitais; Arqueologia da Sociedade da Informação; Práticas Informacionais; Regimes de Informação;

Memória; e Aproximações com Arquivologia, Biblioteconomia e Ciência da Informação.

Essas subáreas e teorias contemporâneas representam a evolução em que o campo da Ciência da Informação no Brasil vem passando ao longo de sua trajetória nessas últimas cinco décadas. Em conformidade com os estudos de Araújo (2014a, 2017), Pinheiro (2018) apresenta as subáreas e áreas interdisciplinares na Ciência da Informação que, entre elas, destacamos as subáreas Gestão da Informação e a Gestão do Conhecimento, conforme aborda a Figura 1.

Figura 1 – Ciência da Informação, subáreas e áreas interdisciplinares



Fonte: Pinheiro (2018, p. 126).

Epistemologicamente, a Ciência da Informação possui relações interdisciplinares com diversas áreas de conhecimento, desde as disciplinas voltadas para a dimensão pragmática até o estabelecimento de disciplinas com raízes na sociologia.

Nesse contexto, esta tese estará ancorada nas relações existentes entre este campo informacional e as Ciências Administrativas e Econômicas, compreendendo o as fronteiras e os limites existentes entres essas áreas, e estabelecendo pontos de fusão entre Informação, Conhecimento e Gestão que estabelecem a Gestão da Informação e a Gestão do Conhecimento como repertório de pesquisa no campo da Ciência da Informação no Brasil.

2.3.2 Gestão da Informação e Gestão do Conhecimento na perspectiva da Ciência da Informação

A necessidade de informação e de conhecimento no âmbito organizacional, os fluxos de informações formais e informais nas organizações, os sistemas de gerenciamento da informação e do aproveitamento os conhecimentos individuais e coletivos para obtenção de melhores informações, proporcionaram a emergência de pesquisas e inovação sobre GIC ou, separadamente, GI e GC.

Falar de GI ou GC nos remete a necessidade de explicar o(s) ponto(s) de conexão entre Gestão na Ciência da Informação, e até mesmo do movimento interdisciplinar entre essa Ciência com a Administração. Alves e Duarte (2015, p. 38) explicam que a tônica interdisciplinar entre esses dois campos se dá no âmbito de um “[...] processo de trocas de saber, cuja interação navega em problemas básicos de se compreender a aplicação da informação, suas manifestações e o comportamento informativo humano no contexto das organizações.”

Podemos dizer, ainda mais, que o processo de gestão que ocorre nas organizações e em múltiplos contextos gerenciais ocorre pelo processo informacional que é fruto das relações e interações entre os sujeitos, com compartilhamento do conhecimento entre eles, a partir de ambientes com cultura favorável. Isso potencializa a relação real da GI e GC, enquanto disciplinas oriundas da Administração, com este campo informacional.

A gestão significa “lançar mão de todas as funções e conhecimentos necessários para, através de pessoas, atingir os objetivos de uma organização de forma eficiente e eficaz” (DIAS, 2002, p. 11). Entre as funções apontadas pelo autor, destacam-se a técnica, contábil, financeira, comercial, segurança, administrativa e,

ainda podemos acrescentar a de tecnologias, de serviços informacionais a partir de documentos e informações, e as humanas, voltada para as pessoas.

A gestão não se restringe às funções da administração como aquelas apontadas por Fayol nas teorias administrativas, mas se expande para execução dos direcionamentos a serem realizados a partir das atribuições e das competências que um determinado organismo institucional ou ambientes gerenciáveis. Assim, entendendo a Ciência da Informação como interdisciplinar e que tem função primordial de resolver problemas informacionais, as organizações passam a ter tais problemas no ponto de vista gerencial, surgindo a emergência da GI e da GC.

No campo da Ciência da Informação, o fenômeno informacional é um elemento cultural, de ordem e de criação humana, ou seja, carrega sentido a ser comunicado para produzir conhecimento. Quando adequadamente assimilado, este fenômeno pode modificar o estoque mental das pessoas e trazer benefícios ao seu desenvolvimento pessoal, bem como o desenvolvimento das organizações e da sociedade em que ele se insere (MARTELETO, 2007; FEITOZA, 2019).

Buckland (1991) ao trazer a proposta de três significados de informação, se aproxima das concepções trazidas pelos teóricos Brookes (1980) e Belkin (1980, 1990), distinguindo-a em “informação como processo”; “informação como conhecimento” e “informação como coisa”.

A informação como processo refere-se à comunicação daquela informação, o ato de informar, fazendo a comunicação de algum conhecimento novo; Informação como conhecimento se caracteriza por ser intangível, ou seja, não se pode tocá-la ou medi-la de modo algum, pois o conhecimento é individual, subjetivo, portanto para serem comunicados devem ser expressos, representados ou descritos de alguma maneira física, materializando em algum suporte, como o documento físico ou digital, configurando-se assim em “informação como coisa” (BUCKLAND, 1991).

No aspecto etimológico da palavra, informação vem do latim *formatio*, no sentido original da palavra, “informar” é “dar forma a”, independentemente de seu suporte, sendo que a informação visa modelar a pessoa que a recebe no sentido de fazer alguma diferença em sua perspectiva ou insight (DAVENPORT; PRUSAK, 1998). Na perspectiva da Gestão, esses autores caracterizam a informação como dados dotados de relevância e propósito que requer unidade de análise, que exige consenso em relação ao significado, e exige necessariamente a mediação humana.

Compreendendo o conceito de informação na perspectiva gerencial, realizamos um breve contexto sobre a GI. Quanto à sua origem, ela está relacionada ou atrelada a publicação do livro *Traité de documentation*, de Paul Otlet, em 1934, cujas ideias estavam baseadas em análises de documentos, buscando entender as necessidades organizacionais para o acesso às informações contidas nos documentos (BARBOSA, 2008, 2020). De acordo com Barbosa (2020), Otlet defendeu a necessidade de sistemas internacionais de gestão da informação, bem como o desenvolvimento de uma enciclopédia universal capaz de reunir todo o conhecimento humano, tendo como obra marcante a Classificação Decimal Universal (CDU).

Transformações foram acontecendo na sociedade, e nas organizações, os modos de produzir sofreram mudanças significativas, desde a era da agricultura e da industrial até os tempos atuais. Nesse sentido, novas condutas organizacionais foram surgindo, dentre elas, a gestão do conhecimento, com a valorização da informação e do conhecimento no mercado e nas organizações. Essa é uma prática que acontece por meio das pessoas, registros e de usuários no âmbito organizacional. A efetividade dessa gestão acontece quando se transformam as informações em conhecimentos e vice-versa.

Oliveira e Bertucci (2003) explicam que a gestão da informação contempla o processo da informação, com os objetivos de promoção da eficiência, de forma a organizar e suprir as demandas por informação vindas externamente e internamente; de planejamento de políticas de informação; de desenvolvimento e manutenção de sistemas e serviços de informação; de melhoramento do fluxo de informação e do controle da tecnologia da informação.

Podemos entender a gestão da informação como como um conjunto de estratégias que visa identificar as necessidades informacionais, mapear os fluxos formais de informação nos diferentes ambientes da organização, assim como sua coleta, filtragem, análise, organização, armazenagem e disseminação no ambiente corporativo (VALENTIM, 2004). A GI é uma ação administrativa de um ambiente informacional, sendo um processo que obtêm, processa e usa recursos basilares para direcionar a informação na organização e para servir a sociedade (PONJUÁN DANTE, 2004).

Segundo Tarapanoff (2006), informação no contexto da gestão da informação, ou seja, informação como ferramenta organizacional estratégica, refere-se a todos os tipos de informação de valor, tanto de origem interna quanto de externa à organização.

Conforme apresenta Carvalho (2006) o gerenciamento de informações, como recurso de uma organização, implica em identificar as necessidades informacionais e desenvolver os processos de coletar, armazenar, distribuir, recuperar e usar a informação, ou seja, realizar sua gestão.

Detlor (2010) apresenta a GI como um conjunto de processos de gerência da organização baseados na criação, obtenção, armazenamento, distribuição e uso da informação em contextos da organizacionais e pessoais. Nessa perspectiva, Dutra e Barbosa (2020) realizaram uma revisão sistemática sobre modelos e etapas utilizados para a gestão da informação a partir de uma revisão bibliográfica nos idiomas espanhol, inglês e português, e identificaram 44 textos que retratam etapas e modelos sobre GI, conforme o Quadro 5.

Quadro 5 – Textos referentes às etapas e modelos de GI

Ano	Autores	Etapas de gestão da informação
2017	Bertoldo	Caracterização do ambiente organizacional; Tratamento; Organização e análise; Elaborar alternativas; Plano de implementação; Avaliação
2016	Małolepsza	Identificação das necessidades de informação; Aquisição da informação; Organização e armazenamento da informação; Desenvolvimento de produtos e serviços informacionais; Distribuição da informação; Uso da informação
2016	Moreira	Identificação de necessidade e requisitos de informação; Coleta; Validação, Armazenamento; Recuperação; Tratamento; Desenvolvimento de produtos e serviços de informação; Distribuição; Uso; Descarte
2015	De Sordi	Identificar/mapear; Obter/adquirir; Distribuir/partilhar; Utilizar/aplicar; Aprender/criar; Contribuir; Descartar/despojar
2013	Starck, Varvakis Rados e Silva	Identificação das necessidades de informação; Aquisição; Organização e armazenamento; produtos de informação; Distribuição; Uso
2012	Reginato e Graciolli	Monitoramento dos ambientes interno e externo; Recuperação da informação; Coleta; Análise; Sistematização da informação; Compartilhamento; Tomada de decisão
2011	Souza e Duarte	Determinação das necessidades de informação; Busca; Coleta; Análise; Seleção; Organização; Armazenamento; Recuperação; Acesso; Desenvolvimento de produtos e serviços; Distribuição; Compartilhamento; Disseminação; Utilização/uso
2011	Bastos <i>et al.</i> (MGIC)	Coleta; Validação; Tratamento; Armazenamento; Recuperação; Distribuição, Disseminação
2010	Floridi	Coleta; Registro; Processo; Distribuição/transmissão; Uso; Reciclagem/Atualização/Descarte
2010	Detlor	Criação; Aquisição; Organização; Armazenamento; Distribuição; Uso

2009	Lyra	Identificação de necessidades e requisitos; Obtenção; Tratamento; Armazenamento; Distribuição; Uso; Descarte
2008	Lombardi	Identificação das necessidades de informação; Planejamento; Aquisição da informação; Representação, organização e armazenamento da informação; Distribuição da informação; Análise e uso da informação.
2007	Monteiro e Falsarella	Necessidade de informação; Busca; Obtenção; Tratamento; Armazenamento; Disponibilização; Uso
2007	Arévalo	Obtenção; Armazenamento; Processamento/transformação; Difusão; Tomada de decisão
2006	Tarapanoff	Geração; Coleta; Organização; Disseminação; Uso
2005	Cândido <i>et al.</i>	Prospectar/monitorar informação: Captação-coleta-aquisição, seleção-filtragem; Tratar informação: Análise, interpretação, transformação, agregar valor; Comunicar informação: Circulação, difusão, disseminação, transferência, mediação; Usar informação: Compartilhar/socializar, retroalimentar o sistema
2005	Gupta, Bhatt, Kitchens	Criar; Manter; Distribuir; Rever e revisar
2005	Laureano e Moraes	Manuseio; Armazenamento; Transporte; Descarte
2004	Davenport, Marchand e Dickson	Coletar; Armazenar; Consultar; Distribuir; Explorar a informação
2004	Beal	Identificação das necessidades e requisitos; Obtenção; Tratamento; Armazenamento; Distribuição; Uso; Descarte
2004	EMC	Criar; Proteger; Acessar; Migrar; Arquivar; Descartar
2004	Le Coadic	Construção; Comunicação; Uso
2003	Choo	Identificação das necessidades de informação; Aquisição de informação; Organização e armazenamento da informação; Desenvolvimento de produtos e serviços informacionais; Distribuição; Uso
2003	Cianconi	Definição das necessidades de informação; Coleta; Armazenamento; Distribuição; Recuperação; Uso
2003	Sêmola	Manuseio; Armazenamento; Transporte; Descarte
2003	Bueno Campos	Criação; Transmissão/Difusão; Medição e gestão
2002	Miller	Identificação das necessidades e dos responsáveis pelas decisões; Coleta; Análise; Disseminação
2002	Marchiori	Mapeamento das informações necessárias; Coleta; Avaliação da qualidade; Armazenamento; Distribuição; Uso; Acompanhamento de resultados
2002	Smit e Barreto	Sistema de armazenamento, recuperação da informação; Seleção; Entrada; Classificação; Armazenamento; Recuperação; Uso
2002	Salas	Produção da informação; Obtenção e distribuição da informação; Conhecer as necessidades de busca dos trabalhadores; Mapa da informação; Os metadados

2001	Marchand, Kettinger e Rollins	Detecção/Percepção; Coleta; Organização; Processamento; Manutenção
2000	Prost, Raub e Romhardt	Identificar; Adquirir; Desenvolver; Partilhar/distribuir; Utilizar; Reter
2000	Davenport e Marchand	Mapear; Adquirir/criar/capturar; Empacotar; Armazenar; Compartilhar/transferir/aplicar; Inovar/evoluir/transformar
2000	Fernandéz	Identificação; Captura; Organização; Disseminação
1999	Bukowitz e Williams	Obter; Utilizar; Aprender; Contribuir; Avaliar; Construir e sustentar; Abster-se
1999	Oliveira e Amaral	Atividades de aquisição; Base de dados; Atividades de utilização
1998	Davenport e Prusak	Determinação de exigências de informação; Obtenção de informação; Distribuição da informação; Utilização da informação
1998	Ponjuan Dante	Seleção/aquisição; Representação; Armazenamento; Recuperação; Distribuição; e Uso
1998	Butcher y Rowley	Planejamento; Organização; Direção; Controle; e Reciclagem
1994	McGee e Prusak	Identificação de necessidades e requisitos de informação; Aquisição e coleta de informação; Classificação, armazenamento, tratamento e apresentação da informação; Desenvolvimento de produtos e serviços de informação; Distribuição e disseminação da informação; Análise e uso da informação
1994	Lesca e Almeida	Rotinas de coleta das informações do ambiente externo para serem consumidas internamente; Procedimentos de transformação das informações coletadas em produtos e serviços destinados à própria organização; Disponibilização e uso do que fora produzido internamente ao ambiente externo
1993	Ros García	Coletar; Registrar; Processar; Armazenar; Recuperar; e Visualizar
1992	Páez Urdaneta	Identificação das necessidades; Fornecimento; Distribuição; e Uso
1988	Goldstein	Obtenção; Interpretação/aprendizagem; Desenvolvimento de conhecimentos

Fonte: Adaptado de Dutra e Barbosa (2020, p. 117-118).

Essas etapas e modelos da GI facilitam o processo dos fluxos informacionais e servem como categorias de análise aplicada do ponto de vista da pesquisa como também para análise de ações de gerenciamento informacional nas organizações.

Outro ponto a ser observado é que muitas das etapas e dos modelos identificados na pesquisa de Dutra e Barbosa (2020) coincidem com a abordagem integrada da GIC, considerando a GC nesse processo. Sendo assim, passamos a apresentar os elementos concernentes a esse fenômeno gerencial com foco nas pessoas e nos seus processos informacionais.

A colocação de McLnerney (2006) sobre os termos que compõem a GC reforça a necessidade de compreendermos os termos que formam a “gestão” do “conhecimento” para além da linguagem. Isso porque o gerenciamento não pode ser relacionado à ideia de controle sobre o conhecimento das pessoas, mas sim poder propiciar políticas, modelos, práticas que viabilizem a troca de ideias, compartilhamento de experiências, aprendizados que possam corroborar com a criação de novos conhecimentos. Por isso, para entendermos a GC é necessário que se compreenda os significados das palavras gestão e conhecimento empregados como terminologia de conceitos, seus fundamentos, entre outros (DUARTE; LIRA; LIRA, 2014).

A gestão está alinhada para execução das atribuições e das competências a partir da utilização dos meios e dos conhecimentos pertinentes aos indivíduos para alcançar determinados objetivos e finalidades (DUARTE; LIRA; LIRA, 2014). Nesse contexto, a Gestão na perspectiva da GC seria “lançar mão” de estratégias que possibilitem os sujeitos informacionais interagirem e compartilharem o que sabem (conhecimentos e ideias) para o alcance da inovação em diversos ambientes, como os organizacionais. Mas, ao falarmos de GC, que tipo de conhecimento falamos?

Ao abordar os tipos de conhecimentos a partir das realidades significativas, Köche (2011) expõe as seguintes classificações: ordinário, mítico, artístico, filosófico, religioso e científico. O autor ainda apresenta o senso comum como conhecimento, sendo este a forma mais usual para interpretar as ações do homem, do mundo e o universo como um todo. Esses tipos de conhecimento são denominados para cada dimensão existencial da sociedade, partindo desde o mais simples até o mais complexo.

Tomando como base as reflexões de Santos, Llarena e Lira (2014) e Llarena (2015), há diversas definições do que seria “conhecimento” no âmbito de diversificados campos científicos. Os estudos sobre a epistemologia do conhecimento passam por três momentos: O primeiro refere-se a teóricos como Santo Agostinho baseado no racionalismo, São Tomás de Aquino no empirismo e, Hegel, Fichte, Schopenhauer, Wittgstein, Descartes e Locke que tratam o conhecimento como uma operação de identificação e semelhança. O segundo seria as interpretações filosóficas que passam pela ideia de construção de conhecimento por meio da relação do pensamento do eu com o mundo através das contribuições de Kant, Husserl e Dewey. E por fim, contemporaneamente, a visão de Hessen com sua obra de Teoria do

Conhecimento, como sendo a interpretação e explicação filosófica do conhecimento humano e que o conhecer significa apreender espiritualmente um objeto.

O conhecimento pelo qual perpassa a GC é aquele de difícil estruturação, que reside na mente dos sujeitos, que são imbricados aos indivíduos, de difícil acesso, mas que pode ser compartilhado à medida em que se é verbalizado e formalizado. Falamos de conhecimento humano, no qual o estão as questões cognitivas e experiências criadas e construídas ao longo da vida. Nesse contexto, Zins (2006) entende que o conhecimento é um pensamento na mente do indivíduo que se caracteriza por uma crença justificada de que aquele pensamento é verdadeiro. O conhecimento pode ser empírico ou não empírico como, por exemplo, o caso do conhecimento lógico ou matemático (exemplo: todo quadrado tem quatro lados).

Barbosa (2020) apresenta que a noção de conhecimento como recurso econômico foi sistematizada por Machlup (1962) ao apontar cinco tipos de conhecimentos: a) conhecimento prático que está associado ao conhecimento sobre os negócios, conhecimento dos colaboradores aplicados aos serviços e produtos; b) conhecimento intelectual que foca exclusivamente nas ideias, insights, e atitudes; c) conhecimento informal, por meio de redes e conversas que surgem no decorrer das interações de colaboradores; d) conhecimento espiritual que está ligada às crenças e as questões internas dos sujeitos; e e) conhecimento indesejável ou sem interesse que são os que não são “úteis” para o contexto desejado. Nessa perspectiva, a GC busca aproveitar todo o conhecimento individual e coletivo por entender que são insumos ou recursos indispensáveis para obtenção de lucro e vantagem competitiva.

Nas organizações, a conduta de gerenciar o conhecimento das pessoas por meio de estratégias entre grupos ou equipes foi crescendo no campo empresarial e/ou nas organizações públicas e logo foram aparecendo as consequências e os objetivos alcançados. Isso acentuou ainda mais a busca pela vantagem competitiva entre as organizações na sociedade, com o fim de melhorar seus serviços para obter sucesso e inteligência organizacional.

Nessa perspectiva, na cultura do compartilhamento de conhecimentos e de informações em ambientes organizacionais, por meio de práticas ou de estratégias com o auxílio ou não de tecnologias, a gestão do conhecimento tornou-se um tema relevante de estudos e pesquisas tanto para as organizações quanto para os centros universitários da atual sociedade.

Historicamente, a partir das contribuições dos autores Otlet e Bush já podíamos visualizar a GC quando evidenciaram a possibilidade de organizar, armazenar, acessar e usar a informação e o conhecimento integradamente, ou seja, possibilitar o gerenciamento desses elementos. A partir de então surge a GC como estratégia de melhorar as políticas públicas, por meio do trabalho de autoria de Henry em 1974 intitulado de *“Knowledge management: a new concern for public administration”*, que refletiu a relevância do conhecimento como recurso fundamental para as empresas e o trabalho, além das contribuições de Berry e Cook em 1976 (BARBOSA, 2008; DUARTE; LIRA; LIRA, 2014).

Quanto à popularização da GC pelo mundo, os autores Sveiby e Martins (2005) afirmam que a GC, no seu início, foi um movimento com origem nos EUA, utilizando o termo ‘gerenciamento do conhecimento’ aplicado aos estudos de Artificial intelligence (AI) (Inteligência Artificial), onde a preocupação era como a tecnologia poderia contribuir com a melhoria de aprendizado. Porém, como a tecnologia ficava atrasada durante meses, começou a estudar o conhecimento, como forma de entender os processos por meio da criação, aprendizado e compartilhamento do conhecimento na organização.

No Japão, os estudos de Nonaka e colaboradores contribuíram com o desenvolvimento da GC por meio da inovação em empresas de grande porte. Dentre os estudos que mais contribuíram está o de Nonaka e Takeuchi, em 1997, com ênfase no conceito de criação do conhecimento (SVEIBY; MARTINS, 2005). Na Suécia, foi marcada pela contribuição de Sveiby ao se preocupar com uma estratégia baseada na produção de conhecimento e na criatividade de sua equipe no âmbito de uma administração, sendo seu marco maior o livro *Know How Company*, publicado em 1987 (SVEIBY; MARTINS, 2005).

Bettecourt e Cianconi (2012) Evidenciam que a gestão do conhecimento tem origem nos estudos realizados no âmbito da Ciência da Computação, mais especificamente voltados a Inteligência Artificial. As autoras destacam o livro *‘Knowledge management foundations: Thinking about thinking - How people and organizations represent, create and use knowledge’*, de Karl Wiig (1993) e constataam que “Um dos principais focos da gestão do conhecimento hoje é a colaboração, prevalecendo o estudo de práticas que estimulem o compartilhamento e a colaboração para a aprendizagem e produção de conhecimentos” (2012, p. 17).

Duarte, Lira e Lira (2014) explicam que na década de 1990, muitas pesquisas científicas contribuíram com o desenvolvimento da disciplina GC, o a partir de obras de autores como Nonaka e Takeuchi, Senger, Stewart, Drucker, Edvisson e Davenport e Prusak, Angeloni, ganhando espaço no âmbito da literatura acadêmica, por meio de trabalhos internacionais e nacionais.

Quanto à **produtividade e pesquisa**, Liberatore e Herrero-Solana (2013) verificam que entre as 53 temáticas relacionadas com a Ciência da Informação com frequências mais altas, destacam-se entre as onze mais incidentes, a gestão do conhecimento, em terceira posição está a gestão da informação e, a inteligência competitiva, em décima primeira.

Corrêa, Ziviani e França (2016) apresentam a produção científica por pesquisadores nos anos 2000 e início dos anos 2010, o aumento de publicações em níveis de mestrado e doutorado com foco em GC no Brasil, por autores vinculados a pesquisas da área de Comunicação e Informação, e por pesquisadores de grupos de pesquisas da Ciência da Informação.

No campo da Ciência da Informação no Brasil, a partir dos números significativos da produção científica e espaços de aprendizagem e pesquisas em instituições de ensino, a GC é um domínio estudado juntamente com a gestão da informação, que passaram a ser tendências de pesquisa desde os anos de 1990, com estudos voltados para a inteligência competitiva e a gestão estratégica da informação. Mais à frente, foi reconhecida como uma subárea (PINHEIRO, 1997; ARAÚJO, 2018).

Pesquisas nessa subárea foram crescendo exponencialmente por meio de trabalhos científicos comunicados nos principais periódicos de Ciência da Informação e na demanda de apresentações orais em um dos GT da ANCIB e no ENANCIB antes denominado de Gestão de Unidades de Informação, consolidando-se, posteriormente, como Gestão da Informação e do Conhecimento (GT 4).

A GI e a GC ou a GIC são processos fundamentais no contexto organizacional e tem crescido exponencialmente o interesse por parte de pesquisadores nos centros universitários, academias científicas e universidades. No campo da Ciência da Informação no Brasil a crescente produção científica e o ensino em cursos de mestrado e doutorado, além de cursos de graduação, a gestão da informação e do conhecimento tem se destacado nas últimas décadas (PINHEIRO, 1997; ARAÚJO, 2014a, 2017; ARAÚJO; VALENTIM, 2019; FEITOZA; MONTEIRO; DUARTE, 2019).

Epistemologicamente, a disciplina GC vem crescendo de maneira a se considerar que, além de ser tema de pesquisa da Ciência da Informação, é uma tendência em outras áreas, como as Engenharias, a Administração, a Computação, a Psicologia e as Tecnologias, além de ser discutido por empresários e empreendedores.

Jashapara (2005) argumenta que a Ciência da Informação exercia, nos primeiros anos do século XXI, um papel limitado na análise do discurso interdisciplinar da Gestão do Conhecimento. O autor acrescenta que tal discussão abre uma oportunidade para Ciência da Informação contribuir para as disciplinas vizinhas, tais como administração e ciência da computação. Na seara da Ciência da Informação, Batista (2008) explica que por este campo, inicialmente, ter se mantido fiel às suas origens relacionadas à coleta, ao processamento, e ao acesso à informação (Mundo 3 de Popper), deixou de explorar a interação entre os Mundos 2 e 3 de Popper, isto é, a relação entre conhecimento tácito (ou subjetivo) e conhecimento explícito (ou objetivo) e como a informação se transforma em conhecimento individual.

Como consequência, o campo de atuação que Brookes propôs para a Ciência da Informação (as interações entre o Mundo 2 e 3 de Popper) passou a ser ocupado, a partir de meados da década de 1990, pela GC, quando surgiram as primeiras obras e se iniciou a implementação de projetos de GC (BATISTA, 2008) por pesquisadores e profissionais da informação.

Alvares *et al.* (2020) aprofundam, em pesquisa, a questão interdisciplinar da gestão do conhecimento por meio das influências da administração, das ciências cognitivas, da economia, da estatística e da segurança da informação por meio dos quatros paradigmas de Sagsan (2009), a saber: humanista, sociotécnico, organizacional e tecnológico.

O paradigma humanista é baseado se baseia em uma visão subjetiva que se interessa pela dimensão tácita do conhecimento, encontrado na questão de aprendizagem individual, na personalidade, na capacidade cognitiva; o paradigma sociotécnico se dá pela junção entre o que é social e o que técnico e “constituído pelas relações entre pessoas que desempenham as tarefas e o técnico, por materiais, ferramentas, energia, equipamentos, instalações e tecnologia” (ALVARES *et al.*, 2020, p. 139).

O paradigma organizacional tem como foco o conhecimento explicitado, criado pelas relações sociais entre colaboradores e pessoas de um mesmo ambiente e que

difundem de forma colaborativa, devendo “ser processado por meio de atividades de criação, estruturação, compartilhamento, uso e auditoria do conhecimento” (ALVARES *et al.*, 2020, p. 139). Já o paradigma tecnológico centra a GC nos avanços tecnológicos, como a transformação digital e a *big data*, determinando os processos de recuperação, compartilhamento, e disseminação de informações (conhecimento explícito) estruturadas.

Na perspectiva da corrente científica da GC enquanto passível de ser realizada, a organização deve construir estratégias ou práticas que possibilite a conversão de dois tipos de conhecimento apresentados por Nonaka e Takeuchi (1997), sendo o conhecimento tácito e o conhecimento explícito. A conversão do conhecimento tácito em explícito ocorre de modo que seja criado, compartilhado e utilizado, a partir da criação de um contexto capacitante na organização, em meio físico ou virtual, onde sejam efetivadas as interações baseadas na solicitude e na confiança entre as pessoas ou colaboradores (FEITOZA; MONTEIRO; DUARTE, 2019).

De acordo com Kajimoto e Valentim (2017, p. 366) a noção do termo ‘conhecimento tácito’ já aparecia na obra de Polanyi, “*Tacit dimension*”, publicada em 1966. O “autor destaca que a mente humana se constitui no instrumento máximo para a construção de conhecimento, tanto no âmbito teórico quanto no prático, uma vez que as vivências de um indivíduo ocorrem em distintos contextos e momentos histórico-sociais”.

Já o conhecimento explícito é formal sistemático, de fácil transmissão aos indivíduos e aos grupos, pois tem, em sua forma, a facilidade de codificação, disseminação, transferência, uso e reuso. Pode-se observar no Quadro 6 as características inerentes ao conhecimento tácito e ao conhecimento explícito propostos por Takeuchi e Nonaka.

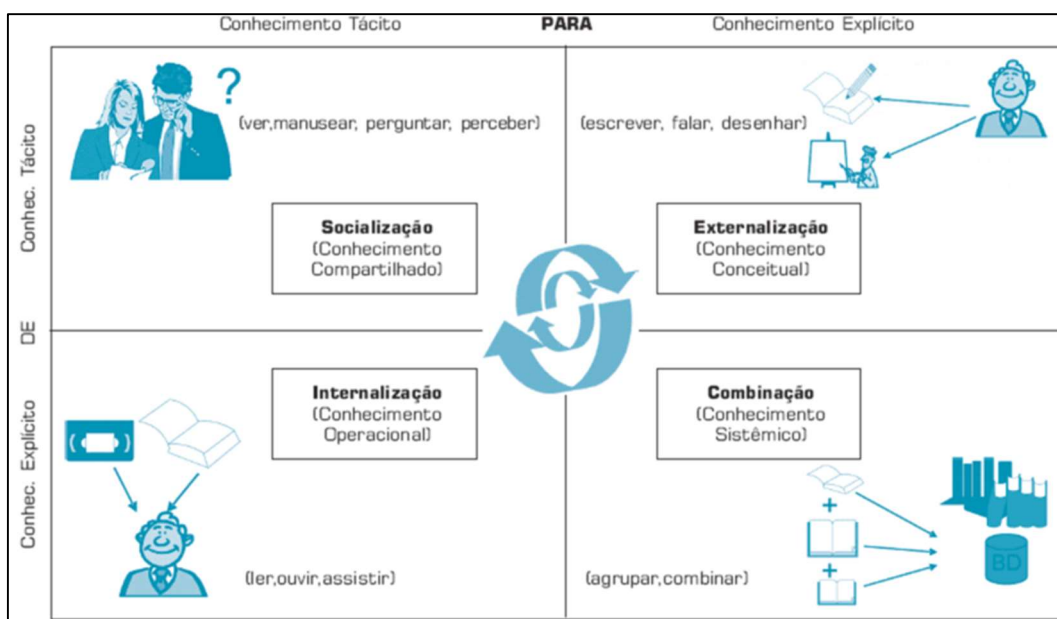
Quadro 6 – Conhecimento Tácito e Conhecimento Explícito

Conhecimento tácito (subjetivo)	Conhecimento explícito (objetivo)
Conhecimento de experiência (corpo)	Conhecimento da racionalidade (mente)
Conhecimento simultâneo (aqui e agora)	Conhecimento sequencial (lá e então)
Conhecimento análogo (prática)	Conhecimento digital (teoria)

Fonte: Adaptado de Takeuchi e Nonaka (2008).

A dinâmica das transformações do conhecimento tácito em explícito e vice-versa se dá por meio de quatro processos, segundo Nonaka e Takeuchi (1997), são eles: socialização, externalização, combinação e internalização, conforme a Figura 2.

Figura 2 – Espiral do conhecimento



Fonte: Sousa, Davila e Varvakis (2009, p. 7) com base em Nonaka e Takeuchi (1997).

A **socialização** que converte o conhecimento tácito em conhecimento tácito pela **externalização**, que converte conhecimento tácito em conhecimento explícito; por meio da **combinação**, convertendo o conhecimento explícito em conhecimento explícito; e pela **internalização**, que converte conhecimento explícito em conhecimento tácito. Essa Teoria facilita o entendimento e sustenta a efetividade da gestão do conhecimento nas organizações.

A dinâmica criação do conhecimento nas organizações é definida por Takeuchi e Nonaka (2008, p. 57) como a que “[...] amplifica, organizacionalmente, o conhecimento criado pelos indivíduos e os cristaliza como parte de rede de conhecimento das organizações.” Para que essa criação ocorra, a organização deve criar e utilizar o conhecimento transformando-o de tácito para explícito. Essa transformação segundo os autores, acontece por meio da socialização, da externalização, da combinação e da internalização.

Há cinco condições adequadas, denominadas por Nonaka e Takeuchi (1997), que são condições capacitadoras da criação do conhecimento organizacional para que a espiral do conhecimento seja concretizada e promovida nos ambientes organizacionais, gerando novos *insights* e inovação, a saber: intenção, autonomia, flutuação e caos criativo, redundância e variedade de requisitos.

A intenção é a aspiração da organização às suas metas e é carregada de valor, além de direcionar a espiral; a autonomia leva em consideração a necessidade de que cada sujeito seja autônomo em suas ações e motivado para criar novos conhecimentos; a flutuação e o caos criativo permitem o aperfeiçoamento motivado por questões e pela crise; a redundância aborda o conceito de informação excessiva para a organização, para motivar o compartilhamento entre os indivíduos e gerar conhecimento; e por fim, a variedade de requisitos centra-se na quantidade de informações de qualidade disponíveis e acessíveis para muitos colaboradores, tendo a melhor forma e mais rápida (NONAKA; TAKEUCHI, 1997; LEITE, 2006).

Assim, Nonaka e Takeuchi (1997) tem o modelo denominado em cinco fases do processo de conhecimento organizacional a partir de caso real e prático, a saber: o compartilhamento do conhecimento tácito, a criação de conceitos, a justificação de conceitos, a construção de um arquétipo e, por fim, a difusão interativa do conhecimento.

Conceitualmente, a gestão do conhecimento se dá pela criação de novos conhecimentos, disseminando-os em amplitude por meio da organização e agrupando-os velozmente em novos produtos, serviços, tecnologias e sistemas inovadores que perpetuam a transformação dentro da organização (NONAKA; TAKEUCHI, 1997). Entendemos que esse tipo de gestão é formado por um conjunto de estratégias que visam, essencialmente, aos fluxos informais (conhecimento gerado por meio de conversas, relações interpessoais) de uma organização, a fim de criar ideias e de solucionar problemas em suas rotinas (VALENTIM, 2002).

Para Duarte (2003) a GC tem sua eficácia desde a criação ao uso pleno do conhecimento, viabilizados pela cultura de aprendizado e compartilhamento dentro das organizações. Para Valentim (2004), gestão do conhecimento é um conjunto de estratégias para criar, adquirir, compartilhar e utilizar ativos de conhecimento, bem como estabelecer fluxos que garantam a informação necessária no tempo e formato adequados, a fim de auxiliar na geração de ideias, solução de problemas e tomada de decisão.

Outro conceito de Valentim (2008, p. 4) sobre a GC como um

[...] conjunto de atividades que visa trabalhar a cultura organizacional/informacional e a comunicação organizacional/informacional em ambientes organizacionais, no intuito de propiciar um ambiente positivo em relação à criação/geração, aquisição/apreensão, compartilhamento/socialização e uso/utilização de conhecimento, bem como mapear os fluxos informais (redes) existentes nesses espaços, com o objetivo de formalizá-los, na medida do possível, a fim de transformar o conhecimento gerado pelos indivíduos (tácito) em informação (explícito), de modo a subsidiar a geração de ideias, a solução de problemas e o processo decisório em âmbito organizacional.

Takeuchi e Nonaka (2008, p. 1) definem a GC “como o processo de criar continuamente novos conhecimentos, disseminando-os amplamente através da organização e incorporando-os velozmente em novos produtos/serviços, tecnologias e sistemas que perpetua a mudança no interior da organização.” Na visão de Angeloni (2008, p. 2), a GC é “um conjunto de processos que governa a aquisição, a criação, o compartilhamento, o armazenamento e a utilização de conhecimento no âmago das organizações.”

A noção de Gestão da Informação e do Conhecimento ou GIC, conjuntamente, pode ser explicada por Barbosa (2008) ao apontar que ambas as condutas de gestão no âmbito organizacional podem ocorrer de forma integral. Isso pode ser compreendido também, o processo de GI intrínseco ao processo de GC, corroborando com a evolução desses estudos em nível mundial e em diversas áreas de conhecimento (BARBOSA, 2020).

Choo (2003) também compreende a ideia integrada de gestão da informação e do conhecimento ao propor modelo de administração da informação e de gestão do conhecimento em busca do alcance de criação de significados, construção de conhecimento e tomada de decisão por parte dos colaboradores de uma organização.

Na literatura acerca de GC, Leite (2004) e, posteriormente, Alvares, Baptista e Araújo Júnior (2010) mostram, conceitualmente, que gerenciar o conhecimento pode ser entendido de diferentes perspectivas, como:

1. **Da Gestão de Capital Intelectual** se baseia nas formas estruturadas e integradas de gerenciar o capital intelectual da organização;

2. **Da Criação do Conhecimento Organizacional** como teoria que fundamenta os estudos de GC e as práticas de produção e criação de conhecimento por meio de processos ontológicos e epistemológicos;
3. **Da Gestão de Ativos Intangíveis**, onde a gestão do conhecimento é entendida como uma estratégia para alavancar os ativos intangíveis da organização;
4. **Do Intelecto Profissional que é** classificada dentro das organizações em quatro níveis: conhecimento cognitivo; habilidades avançadas; compreensão sistêmica; e criatividade automotivada;
5. **Da Ecológica de Aprendizado**, onde as organizações buscam criar estratégias de criação do conhecimento;
6. **Da Gestão de Árvores do Conhecimento**, foca na evolução de competências existentes no interior das organizações;
7. **Das Práticas Organizacionais**, baseando-se nas atividades que são realizadas para o desenvolvimento do conhecimento organizacional (trabalhos em equipe, compartilhamento de competências, entre outros);
8. **Dos Ativos de Informação** onde é compreendida como uma ação sistemática e objetiva de informação para sua aplicação;
9. **Do Processo**, em que a GC pode ser compreendida como estrutura que objetiva coordenar as metas e os processos de gerenciamento do conhecimento.

A GC trata de alguns princípios essenciais, como capacitar as pessoas a funcionar em conjunto; preservar sua cultura e valores; garantir aprendizado; criar, descobrir e coletar conhecimentos internos e externos a organização; compartilhar e compreender modelos e as melhores práticas, para que possam ser utilizadas (HOFFMANN, 2016).

Percebemos na teoria do conhecimento organizacional proposto por Nonaka e Takeuchi (1997) e os demais conceitos que são adotados sobre o tema, a gerência se dá nos ambientes de favorecimento de compartilhamento, estimulando estratégias e/ou práticas que viabilizem o gerenciamento do conhecimento nas organizações de diversos setores sociais.

Feitoza (2019) explica que os conceitos e as perspectivas de GC são aplicáveis e orientados para as organizações e para múltiplos ambientes por meio de **práticas** contempladas desde a identificação/produção ao uso e reuso do conhecimento nos diversos modelos de GC, inclusive a reutilização do conhecimento que só é possível

quando se aplica meios e técnicas para o armazenamento e disseminação do conhecimento.

As práticas organizacionais no contexto da GC que visam criar, reter, disseminar, compartilhar e aplicar o conhecimento dentro das organizações, bem como na relação dessas com o mundo externo podem ser conhecidas como: *benchmarking*, melhores práticas, *coaching*, lições aprendidas, mapeamento de conhecimento, comunicação institucional, comunidades de prática, *storytelling* ou narrativas, portais corporativos e educação empreendedora. O Quadro 7 apresenta de forma sintetizada como se configura cada uma delas.

Quadro 7 – Práticas organizacionais com foco em GC

Prática	Definição	Autor(es)
<i>Benchmarking</i>	É uma prática que visa avaliar processos de trabalhos, produtos e serviços de uma organização que é reconhecida como a que representa as melhores práticas, com o objetivo de melhoria de suas atividades	Spendolini (1994)
Melhores práticas	Um procedimento validado para a realização de uma tarefa ou solução de um problema. São registradas/documentadas em banco de dados, manuais ou diretrizes.	Probst, Raub e Romhardt (2002)
<i>Coaching</i>	Um processo de treinamento que oferece uma perspectiva mais ampla de oportunidades de aprendizado, uma abordagem mais bem direcionada e um foco mais bem definido, com benefícios para o indivíduo e a organização	Duarte, Lira e Lira (2014)
Lições aprendidas	Ferramentas que refletem práticas do passado e que podem fornecer recomendações concretas para melhorar o desempenho organizacional no futuro, aprendendo com os sucessos e com os erros	Bergeron (2003)
Mapeamento de conhecimento	Refere-se ao levantamento e representação daquilo que existe na organização, indicando quem sabe o que, funcionando como um guia, apenas apresenta o conhecimento, sem necessariamente detalhá-lo	Davenport e Prusak (1998)
Comunicação institucional	Aborda as formas de comunicação utilizadas pela organização para interagir com o seu público interno e externo.	Duarte, Lira e Lira (2014)
Comunidades de prática	são grupos de pessoas, que ao serem de uma mesma área de conhecimento, compartilham experiências, ideias, habilidades com vistas ao desenvolvimento de melhores práticas para solucionar problemas e para preservar e aprimorar a capacitação dos indivíduos que fazem parte desta	Duarte, Lira e Lira (2014)
<i>Storytelling</i> ou narrativas	Diz respeito ao uso da antiga arte de contar histórias com vistas ao compartilhamento do conhecimento e contribuir com informações para quem as recebe ouvindo	Feitoza (2019)

Portais corporativos	Podem ser compreendidos como a melhor maneira de se criar um ambiente seguro para o compartilhamento do conhecimento via web	Duarte, Lira e Lira (2014)
Educação empreendedora	Busca estimular as pessoas a compartilhar os conhecimentos tidos como críticos para o negócio da empresa, formando e revigorando uma rede interna e externa de relacionamentos	Eboli (2004)

Fonte: Elaborado pelo autor (2022).

As práticas de GC não proporcionam a efetivação da realização dos processos de socialização, externalização, combinação e internalização do conhecimento, como também potencializa a ideia de que esse tipo de gestão não é metafórico e nem acontece do nada, é preciso estabelecer conversas informais a partir de políticas formais e institucionalizadas.

Do ponto de vista científico, a GC se apresenta como uma disciplina que carrega as polêmicas enquanto sua existência que a partir de uma práxis (teoria e prática) esse fenômeno passa a ser reconhecidamente alcançável. Para isso, existem na literatura científica diversos **modelos teóricos e metodológicos** que facilitam a aplicação da GC em determinadas pesquisas e múltiplos contextos.

Oliveira (2014) entende que os modelos de GC podem ser compreendidos como representações ou constructos essencialmente descritivos no contexto da ciência, expressam características elementares para o entendimento comum de certos processos, como a adoção de algum modelo enquanto metodologia a ser aplicada em pesquisa ou avaliação das ações de GC em diferentes ambientes organizacionais. Nesse contexto, passamos a apresentar alguns modelos de GC que são adotados na Ciência da Informação ou criados no âmbito deste campo informacional por pesquisadores interessados pelo tema.

Wiig (1993) apresenta o seu modelo cíclico, **ciclo de gestão do conhecimento**, e se dá em torno de quatro passos: desenvolvimento, retenção, compartilhamento e uso do conhecimento. O primeiro passo refere-se à obtenção do conhecimento fomentado por inovações individuais, por colaboradores criativos, por atualização do conhecimento, por codificação e modelagem e organização do conhecimento explicitado. O segundo passo diz respeito a retenção do conhecimento por meio de práticas que viabilizem a memória organizacional. O terceiro, o compartilhamento do conhecimento, engloba a identificação de fontes de conhecimento como reuniões e repositórios. O quarto, o uso do conhecimento,

acontece por diversas formas de utilização e aplicação desses conhecimentos, principalmente para tomada de decisão.

O **modelo genérico de criação de conhecimento** de Nonaka e Takeuchi (1997), conforme já abordado anteriormente, é fruto das interações entre gerentes japoneses investigadas durante anos de crise no Japão. Esse modelo possui duas dimensões: a epistemológica que trata da dualidade entre os conhecimentos tácitos e explícitos e das interações entre esses tipos de conhecimento com os indivíduos e as organizações; e a ontológica que aborda quatro níveis para criação do conhecimento, a saber: individual, em grupo, em organização, e na interorganização, acontecendo por meio do processo de conversão do tácito em explícito.

Oliveira (2014) infere que o modelo de GC construído por Nonaka e Takeuchi (1997) é centrado na criação do conhecimento, possibilitando que as organizações aprendam a lidar com as rápidas obsolescências desse ativo intangível, e se mantendo fortes, competitivas e amparadas por *insights* renovados e inovadores.

Davenport e Prusak (1998) desenvolveram um **constructo de GC** a partir de pesquisas aplicadas e discutidas com gerentes de grandes corporações, entendendo que o conhecimento é uma mistura de elementos variados, considerado como um processo ou um ativo que se deriva das informações que se derivam dos dados. O modelo construído pelos autores perpassa três etapas específicas: geração, codificação, e transferência do conhecimento.

A geração do conhecimento representa as ações que se movem para empreender ou aumentar os estoques de conhecimento no âmbito das organizações. A codificação do conhecimento visa apresentar o conhecimento de forma mais acessível para as pessoas que precisam dele, de forma apresentável e compreensível. A transferência do conhecimento se dá pelo repasse desse ativo de forma espontânea e não estruturada.

Em síntese, o modelo de Davenport e Prusak (1998) é argumentado pela da importância do conhecimento para a manutenção das organizações, sendo necessário promover esse ativo dinâmico no mercado do conhecimento, onde, perpassando pelas práticas de geração, codificação e transferência do conhecimento, ganha movimento, ação e se transforma em valor organizacional (OLIVEIRA, 2014).

Terra (2000) apresenta um **modelo sistêmico da gestão do conhecimento** composto por sete dimensões relacionados a prática gerencial, a saber: o papel da alta administração em termos de estratégia e visão organizacional responsável pela

definição de aplicações de conhecimento; a cultura organizacional que é responsabilidade da alta administração e engloba a predisposição da organização para inovar, experimentar, e aprender continuamente; a estrutura organizacional onde deve-se haver mudanças nas composições e práticas organizacionais em consonância com o aprendizado, a inovação e a criação de novos conhecimentos; as políticas de recursos humanos, sempre pensando nos processos de recrutamento, seleção, e treinamento para sempre atualizar o conhecimento; os sistemas de informação que se apresentam como novas formas de geração, difusão e armazenamento do conhecimento (explícito) ancorado no aprendizado e interações constantes entre os indivíduos; a mensuração dos resultados que se caracteriza como função avaliativa das ações de GC; e, por fim, aprendizado com o ambiente para estabelecer novas perspectivas para organização em programas de qualificação, ou aprendizado com os clientes.

Stollenwerk (2001) ao comparar os modelos de GC da literatura científica, observou e compreendeu que cada elemento que compõe os modelos estudados é comum a outro, ou seja, “existem ideias básicas que permeiam todos eles, apesar das especificidades e das contribuições individuais de cada modelo” (STOLLENWERK, 2001, p. 147-148). Sendo assim, propôs um **modelo genérico de GC a partir de fatores facilitadores** (a liderança, a cultura organizacional, a mediação e a recompensa), e os processos de criação, identificação, captura, seleção e validação, organização e armazenagem, compartilhamento e aplicação do conhecimento.

Teixeira Filho (2001) apresenta um **modelo de GC como um processo** alicerçado em três pilares: conhecimento (interação de tácito e explícito), organização (cultura e estratégia), e tecnologia (suporte e integração). Além disso, a partir das vivências profissionais em ambientes organizacionais e em projetos, elenca uma metodologia de GC em cinco etapas: preparação, explicitação, socialização, divulgação e avaliação.

Stankosky e Baldanza (2001) propõem um **modelo de GC com foco em quatro pilares**: Liderança/administração; organização; aprendizagem e tecnologia. Trata-se do modelo adotado na Universidade George Washington - EUA, onde foi criado o primeiro programa de doutorado em Gestão do Conhecimento, para servir de base para pesquisa com o intuito de consolidar a gestão do conhecimento como disciplina acadêmica (BATISTA, 2008). O pilar liderança/administração se refere aos fatores do ambiente externo, ao processamento estratégico e ao processo global de

organização; o pilar organização refere-se às funções, aos processos, estruturas formais e informais, entre outros; o pilar aprendizagem está alinhada ao comportamento com foco na aprendizagem dos indivíduos; e o pilar tecnologia diz respeito aos meios tecnológicos que contribuem e viabilizam as estratégias de compartilhamento e práticas de GC.

Bukowitz e Williams (2002) apresentam um **modelo de GC** baseado em dois planos: nível tático que é centrado em processos de obtenção, uso, aprendizado e contribuição do conhecimento, e o nível estratégico que é formado por avaliação, construção e sustentação, e descarte. Entre esses níveis, para os autores, encontramos o conhecimento orientado para depósitos de conhecimento; relacionamentos; tecnologia de informação e infraestrutura de comunicações; conjuntos de habilidades funcionais; processo de know-how; resposta ambiental; inteligência organizacional; fracasso; fontes externas.

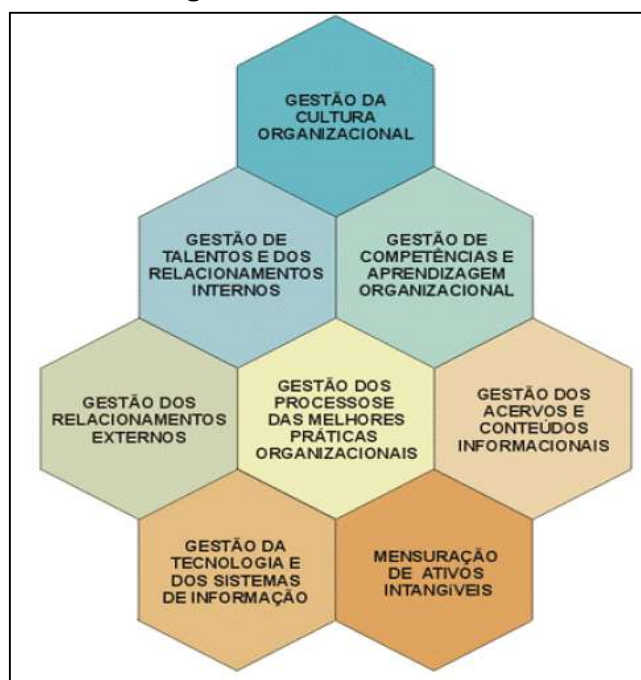
Probst, Raub e Romhardt (2002) apresentam um modelo de processos essenciais de GC a partir de uma pesquisa-ação realizada por meio de entrevistas com gerentes de variados ramos da indústria. Os processos são definidos em: Identificação, Aquisição, desenvolvimento, partilha/distribuição, utilização e retenção do conhecimento. Além disso, são complementados por mais dois elementos construtivos: as metas de conhecimento que se refere ao direcionamento da gestão do processo, estabelecendo as habilidades que devem ser desenvolvidas em cada nível; e a avaliação do conhecimento, que objetiva medir o conhecimento normativo, estratégico e operacional.

Malone (2002) aponta o **modelo knowledge management special interest group – KM-SIG**, se apoiando nos domínios de conhecimento que existem nas organizações. Os elementos que formam o modelo são: domínio de conhecimento: todo conhecimento já existente no trabalho e que envolve dados, informação e conhecimento articulado; redes de conhecimento: onde o conhecimento é percorrido ou transferido pelas organizações; alinhamento estratégico: identificação, captura e transferência do conhecimento que devem estar alinhados aos objetivos da administração estratégica; equipes de projeto: que são criados para realização de atividades em grupos e com estratégias; comunidades de conhecimento: grupos com membros que possuem interesse comum mas sem objetivos estabelecidos; e comunidades de prática: tem a mesma função das comunidades de conhecimento, mas se dá de forma espontânea.

Bergeron (2003) trata de um **modelo essencial de GC** e que é composto por oito etapas consideradas como o **ciclo de vida da gestão do conhecimento**, são elas: Criação/Aquisição: quando o conhecimento é criado e obtido por meio das fontes externas da organização; Modificação: o conhecimento passa por modificações em atendimento às necessidades da organização; Uso: utiliza o conhecimento explicitado para um propósito “útil”; Arquivamento: o conhecimento explícito é armazenado sob uma forma e um formato para ser preservado a longo prazo; Transferência: compartilhamento do conhecimento tácito e disseminação do conhecimento explícito dentro de um contexto organizacional; Tradução/Reaproveitamento: tradução do conhecimento explícito adquirido por fontes externas; Acesso: o conhecimento explícito é fornecido aos sujeitos para atender uma necessidade; e Eliminação: fase de atualização do conhecimento explícito, descartando aqueles não úteis à organização.

Choo (2003) propõe o **modelo de criação do conhecimento** reconhecendo que as chamadas organizações do conhecimento utilizam a informação de forma estratégica a partir de três etapas: construção de sentido (*sensemaking*); criação do conhecimento; e a tomada de decisão. A GC transcende com a segunda etapa do uso da informação, a criação do conhecimento, onde é o momento de criação, organização e processamento da informação para construção de novos conhecimentos, por meio da aprendizagem organizacional. Aprendizagem essa defendida e apontada por Senge (1998) como importante momento de viabilidade de qualificação e geração de conhecimentos.

Um modelo que abarca a visão e possíveis elementos da GC foi proposto por Cianconi (2003) e é denominado de oito facetas da gestão do conhecimento, e podemos visualizar na Figura 3, a seguir:

Figura 3 – Facetas da GC

Fonte: Cianconi (2003, p. 237).

A gestão da cultura organizacional busca incentivar a cultura do compartilhamento a partir de recebimentos de novas ideias, e adota estrutura flexível nas organizações, descaracterizando os engessamentos e hierarquias generalizadas. A gestão de talentos e dos relacionamentos internos foca nas relações agradáveis e busca a satisfação das pessoas a partir de suas competências, e seleciona pessoas a multidisciplinaridade dos perfis e a interdisciplinaridade das equipes.

A gestão de competências e aprendizagem organizacional foca nas ações de aprendizagem por meio da qualificação e educação corporativa e estimula a ampliação do conhecimento de forma democrática e inovadora. A gestão dos relacionamentos externos busca ouvir clientes e/ou usuários para criar estratégias e estender a aprendizagem organizacional também para o público-alvo, além de estimular as narrativas e histórias dos colaboradores.

A gestão de processos das melhores práticas busca por melhorias de processos a partir da documentação das narrativas e adota banco de competências, base de dados e promove a documentação dos processos além dos modos tradicionais e incluir base de dados, sistemas especialistas, vídeos. A gestão dos acervos e conteúdos informacionais considera a usabilidade e as navegações nos portais corporativos e utiliza categorias para classificar e organizar a informação

(conhecimento explicitado) por padrões de dados, indexação, normativas e vocabulários.

A gestão da tecnologia e sistemas de informação refere-se a adoção de tecnologia da informação para apoiar os fluxos de informação em portais e ferramentas de trabalho. A mensuração de ativos intangíveis busca identificar os indicadores de competências dos funcionários, além de promover mecanismos para que as pessoas assimiluem a cultura do compartilhamento.

Rossatto (2003) aborda um **modelo estratégico de GC** com quatro elementos fundamentais para o processo: ativos intangíveis, conversão, ações e estruturas. Esse modelo estratégico “[...] é a via de realização da gestão do conhecimento nas organizações, consubstanciada nas ações de compartilhamento, conceituação, sistematização e operacionalização do conhecimento.” (OLIVEIRA, 2014, p. 69).

Em sua tese, a partir da análise da produção científica sobre gestão do conhecimento, Duarte (2004) elenca as estratégias organizacionais da gestão do conhecimento a partir de **modelo representativo da práxis da gestão estratégica do conhecimento nas organizações**. A autora explica que as organizações recomendam eixos e estratégias para facilitar o uso pleno do conhecimento nesses ambientes.

Os eixos, seguido das estratégias nesse modelo, são: humano: busca promover a aprendizagem por meio de trabalhos em equipe, proporcionando o compartilhamento do conhecimento; estrutural: busca estruturas inovadoras e que promovam fluxos de conhecimento e adotar estilo de liderança com foco nas pessoas; tecnologia e sistema de informação: procura adotar tecnologias acessíveis aos colaboradores e que facilitem a troca e compartilhamento do conhecimento e informação; cultura organizacional: é necessária a reflexão sobre os modos de trabalho na busca de alinhamento entre os valores e modos com o planejamento estratégico da organização; e relacionamento no ambiente externo: busca realizar negócios com agentes negociadores, e desenvolver postura ética na intenção de conquistar confiança entre as pessoas e a organização.

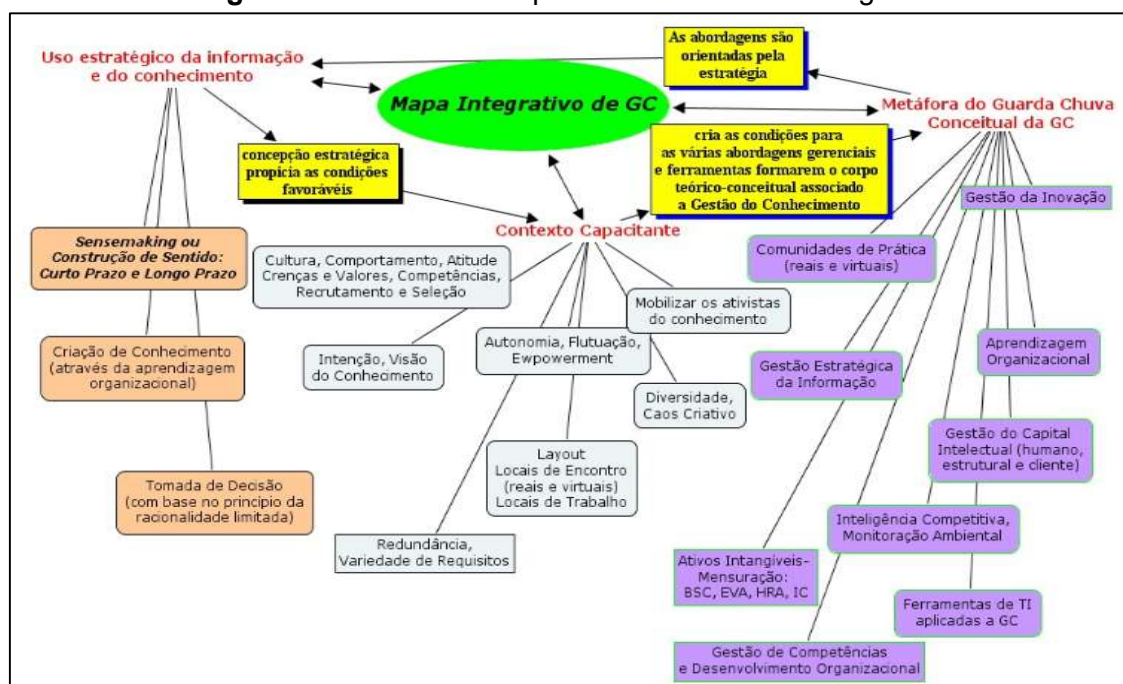
Entendendo a GC como fluxo informal, com objeto focado para o conhecimento tácito, Valentim (2004) apresenta um **modelo processual cíclico da gestão do conhecimento** com atividades base para o seu desenvolvimento e aplicação, a saber: identificação as demandas e necessidades do conhecimento; mapeamento e reconhecimento dos fluxos; desenvolvimento da cultura organizacional positiva em

relação ao compartilhamento/socialização do conhecimento; promoção da comunicação informacional de forma eficiente, utilizando tecnologias de informação e comunicação; criação de espaços criativos nas organizações; desenvolvimento de competências e habilidades voltadas ao negócio da organização; criação de mecanismos de captação de conhecimento gerado por diferentes pessoas no âmbito organizacional; desenvolvimento de sistemas corporativos de diferentes naturezas, com vistas ao uso e compartilhamento do conhecimento; fixação de normas e padrões de sistematização de conhecimento; e retroalimentação do ciclo.

Dalkir (2005) apresenta um modelo relacionado ao ciclo de gestão do conhecimento que passa pelos estágios de captação/criação que se refere à identificação e registro do conhecimento, interno e externo, seguido por uma prática de inovação, o compartilhamento e disseminação, e internalização e utilização do conhecimento.

Alvarenga Neto (2005, 2008) propõe um modelo de mapeamento conceitual integrativo da GC após realização de pesquisa em três grandes organizações atuantes no Brasil, com base nos pressupostos científicos. O modelo representa a integração de três importantes elementos: metáfora do guarda-chuva conceitual da GC; contexto capacitante; e uso estratégico da informação e do conhecimento, conforme Figura 4, a seguir.

Figura 4 – Modelo de mapeamento conceitual integrativo da GC



Fonte: Alvarenga Neto (2005, p. 370).

A **metáfora do “Guarda-Chuva” conceitual da GC** perpassa por temas ou abordagens aplicáveis em pesquisa e em ambientes organizacionais, são eles: Comunidades de prática (real ou virtual); Gestão da inovação; Gestão estratégica da informação; Aprendizagem organizacional; Gestão do capital intelectual com foco no humano, na estrutura e no cliente; Inteligência competitiva e monitoramento ambiental; Ativos intangíveis-mensuração; Gestão de Competência e desenvolvimento organizacional; Ferramentas de tecnologia da informação e aplicadas a GC.

Esse “guarda-chuva”, na prática, é viável e passível de aplicação quando as organizações ou múltiplos ambientes possibilitam ou buscam **criação do contexto capacitante** que são possíveis variáveis concretas, abstratas e subjetivas que ocorrem a partir do interesse da organização ou ambiente que almeja o alcance da GC. Concretamente: é possível mobilizar ativistas do conhecimento, estabelecer visão com foco no conhecimento a partir de políticas e planejamento, criar *layout* – locais de encontros (real e virtual) e locais de trabalho; e Abstratamente: construir uma cultura favorável, potencializar comportamento, favorecer o bem coletivo e organizacional a partir de atitudes, crenças e valores, visar as competências, realizar bom recrutamento e selecionar pessoas certas, incluir diversidade e os caos criativo, promover autonomia e flutuação no ambiente, e a redundância com variedades de requisito.

O **uso estratégico da informação e do conhecimento**, presente no modelo integrativo abordado por Alvarenga Neto (2005, 2008), está alinhada a proposta de Choo (2003, 2006) e é entendida como uma concepção estratégica que propicia as condições favoráveis para viabilização do contexto capacitante e, além disso, esse elemento estratégico orientam as abordagens presentes no “guarda-chuva” conceitual. Nessa fase, os indivíduos passam pela construção do sentido (*sensemaking*), criam conhecimento a partir da aprendizagem organizacional, e tomam decisão a partir das limitações e acesso que tiveram ao criar conhecimento.

Batista (2008) construiu um **modelo pragmático de Gestão do Conhecimento com Foco na Qualidade** e validou com organizações ganhadoras do Prêmio Qualidade e foi construído a partir dos fundamentos teóricos da GC alinhados às aproximações teóricas da Ciência da Informação. O modelo possui sete dimensões de práticas de GC, são elas: liderança, estratégias e planos, clientes, sociedade, informações e conhecimento, pessoas e processos, além de apresentar uma outra

dimensão que se constitui pelos resultados da aplicação da GC, conforme expõe o Quadro 8.

Quadro 8 – Dimensões do modelo de GC com Foco na Qualidade

Dimensão	Principal característica
Liderança	Diz respeito a como a direção gerencia os conhecimentos relativos ao cliente, ao mercado; à sociedade; ao desempenho organizacional; e aos fundamentos de excelência em gestão.
Estratégias e Planos	Refere-se a como a organização gerencia o conhecimento relativo às características do seu setor de atuação; ao ambiente interno; as estratégias; aos indicadores para avaliar a implementação das estratégias.
Clientes	Diz respeito a como a organização gerencia as informações e o conhecimento referentes aos clientes
Sociedade	Diz respeito a como a organização gerencia as informações e o conhecimento referentes à sociedade e às comunidades com as quais interage
Informações e conhecimento	Diz respeito a como a organização gerencia as informações e o conhecimento relativos às informações organizacionais e comparativas, assim como àquelas relativas aos ativos intangíveis
Pessoas	Se refere a como a organização gerencia as informações e o conhecimento relativos às pessoas da força de trabalho
Processos	Se refere a como a organização gerencia as informações e o conhecimento relativos aos processos de apoio e finalísticos da organização
Resultados	Diz respeito aos resultados da implementação das práticas de Gestão do Conhecimento referentes às dimensões Liderança; Estratégias e Planos; Clientes; Sociedade; Informações e Conhecimento; Pessoas e Processos

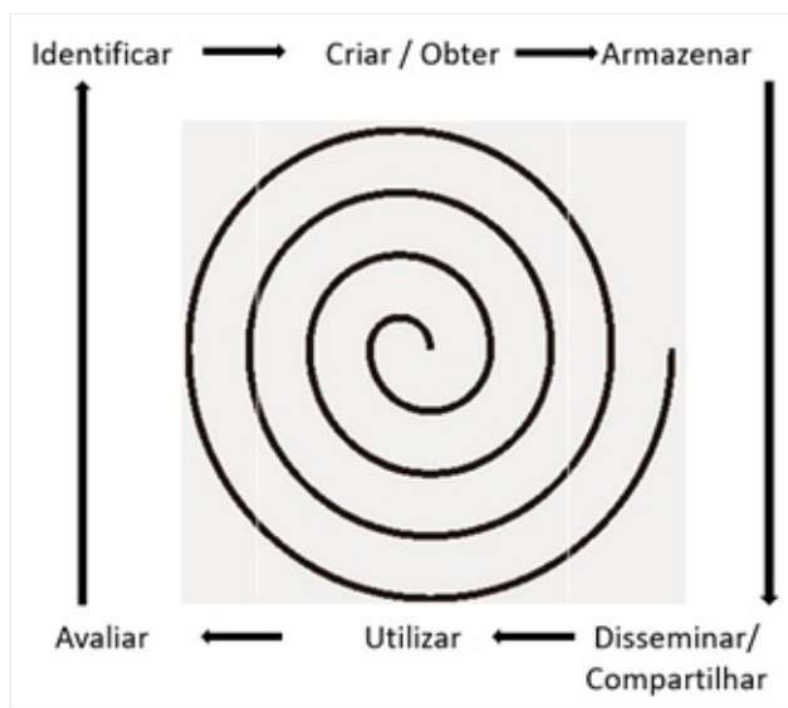
Fonte: Elaborado pelo autor (2022) com base em Batista (2008).

Corrêa (2018) apresenta em sua tese a conformação de um **modelo teórico-pragmático com foco na GC holística**. Conforme o autor, as dimensões do modelo de GC holística tendem a beneficiar novas propostas de modelos de Gestão do Conhecimento, concernentes ao paradigma holístico, para que as contemplem de modo a prover uma gestão efetiva do conhecimento organizacional. São dimensões desse modelo: estratégia, liderança e suporte da alta administração, equipe de gestão do conhecimento, recursos (financeiro, humano, material e tempo), processos e atividades, gestão de recursos humanos, treinamento e educação, motivação, trabalho em equipe, cultura, tecnologia da informação, mensuração e projeto piloto da Gestão do Conhecimento holística.

Damian e Moro Cabero (2020) propõem um **modelo de GC como foco na memória organizacional** e desenhado com base na estrutura apresentada na teoria cunhada por Nonaka e Takeuchi (1997), conforme a Figura 5. Para as autoras, a escolha por apresentarem as etapas do modelo com base na espiral do conhecimento

se deu devido a renovação constante dos processos da GC e do conhecimento em si, e consideram que as organizações estão inseridas em um contexto dinâmico, onde as mudanças são frequentes e constantes e informações e conhecimentos são gerados em velocidade não observada anteriormente.

Figura 5 – Modelo de GC com foco na memória organizacional



Fonte: Damian e Moro Cabero (2020, p. 12).

O modelo apresenta as etapas de identificar, criar/obter, armazenar, disseminar, utilizar e avaliar o conhecimento nas organizações. O processo identificar visa identificar quais conhecimentos são necessários para o desempenho dos afazeres organizacionais; o processo criar/obter visa definir maneiras pelas quais tal conhecimento possa ser criado e/ou obtido; o processo armazenar é responsável por armazenar o conhecimento criado para que não seja perdido e possa ser reutilizado sempre que seja preciso; o processo disseminar/compartilhar objetiva a disseminação e o compartilhamento entre todos que compõem a organização e que podem fazer uso dele; o processo utilizar tem a finalidade de fazer com que conhecimento seja usado nas atividades rotineiras da organização para o aumento de vantagens competitivas sustentáveis; e o processo avaliar parte do princípio que o conhecimento é extinguível, ou seja, um conhecimento que hoje é válido e relevante pode não ser útil no futuro (DAMIAN; MORO CABERO, 2020).

Além desses modelos, podemos citar outros que foram desenvolvidos em pesquisas de doutoramento no âmbito do PPGCI da UFPB, como o de Llerena (2015) que foi criado para o contexto da GC no campo educacional, o de Seager (2018) criado para viabilizar o processo de GC em orçamento participativo municipal, o de Lira (2019) criado para viabilizar comunidades de prática no setor contábil de universidades brasileiras, o de Brito (2021) que viabiliza a GC no contexto das bibliotecas virtuais, entre outros desenvolvidos no campo da Ciência da Informação brasileira.

Os modelos teóricos e pragmáticos apresentados servem como base para o entendimento interdisciplinar da GC não só enquanto tema de interesse da Administração, da Psicologia, da Computação, entre outros, mas da própria Ciência da Informação enquanto campo que viabiliza as condicionantes necessárias para efetivação da gestão do conhecimento nas pesquisas e nas aplicações organizacionais por profissionais da informação. Sendo assim, torna-se evidente a necessidade de compreendermos como se configura o processo de institucionalização científica da GC na Ciência da Informação e o seu posicionamento enquanto disciplina emergente.

Após apresentarmos os fundamentos teóricos que serviram de base para o desenvolvimento desta tese, recorreremos ao percurso metodológico da tese com a caracterização e *corpus* da pesquisa, com os métodos e técnicas empregados para a viabilização de construção de categorias, indicadores e avaliação do processo de institucionalização da GC neste campo informação, bem como as técnicas de coleta e análise dos dados.

3

PERCURSO METODOLÓGICO

No processo de investigação científica, o método é de suma importância para descrição, elucidação e embasamento dos fatos, a partir da busca pelo alcance dos objetivos e, conseqüentemente, na descoberta de novas soluções e aplicações de fenômenos, objetos e conhecimentos científicos.

Segundo Minayo (2017), a pesquisa científica compreende as problemáticas e questionamentos causados pelas dúvidas como condições inerentes na busca daquilo que não se conhece, por mais que existam avanços teórico e metodológicos, a incerteza e a ausência do conhecimento sobre a essência do objeto, estimulam o pesquisador/cientista em sua jornada, tornando-se uma ação condicionante no processo da pesquisa.

Nessa perspectiva, esta seção apresenta os procedimentos metodológicos quanto à caracterização da pesquisa conforme a delimitação do objeto de estudo e aos objetivos estabelecidos, quanto às fontes de informação que foram adotadas no processo investigativo, quanto aos instrumentos de coleta de dados, quanto às técnicas de organização, tratamento, análise e interpretação dos dados.

Isso é imprescindível, tendo em vista que o estabelecimento do procedimento metodológico minimiza a subjetividade e aproxima o pesquisador do objeto de estudo, proporcionando uma maior confiabilidade aos dados e, conseqüentemente, um melhor resultado de pesquisa (MAY, 2004; GIL, 2012).

3.1 Caracterização da pesquisa

Esta pesquisa se caracteriza, a partir do objetivo geral proposto e dos específicos/operacionais, como **exploratória** e **descritiva**. Gil (2012, p. 43) entende que as pesquisas exploratórias “têm como principal finalidade desenvolver, esclarecer e modificar conceitos e ideias, tendo em vista a formulação de problemas mais precisos ou hipóteses pesquisáveis para estudos posteriores.”

O argumento que sustenta esta tese como um estudo exploratório se dá pela tentativa de compreender o processo de institucionalização científica de um dos temas emergentes no campo da Ciência da Informação (BARBOSA, 2008; VALENTIM, 2008; ARAÚJO, 2014a), mas que ainda apresenta algumas nuances e indagações quanto à sua estrutura cognitiva, além de sua estrutura social concentrada no fator político-institucional da organização interna deste campo informacional.

Apesar de já existir alguns trabalhos fundamentados na teoria whitleyana (WHITLEY, 1974) na Ciência da Informação, como apontamos na introdução desta investigação, não foi identificado nenhuma pesquisa que tenha como pressuposto a GC enquanto especialidade ou área de pesquisa, e de ser constituída por um movimento interdisciplinar que agrega possibilidades de investigações causadas pelas situações-problemas no contexto de gestão, informação e conhecimento neste campo no Brasil.

Quanto à caracterização da investigação como descritiva, esta pesquisa buscou compreender os fenômenos envolvidos no processo de institucionalização científica da GC, no intuito de descrever o(s) seu(s) nível(is) ou estágio(s) atuais de institucionalização a partir das características dos elementos ou componentes que serão analisados nas estruturas cognitiva e social, no âmbito da Ciência da Informação brasileira. As pesquisas descritivas têm por objetivo descrever as características de uma determinada população ou fenômeno (GIL, 2012) e “busca especificar propriedades e características importantes de qualquer fenômeno que se analise.” (SAMPIERI; COLLADO; LÚCIO, 2013, p. 102).

A pesquisa científica se constitui a partir das indagações e da delimitação de objeto de estudo, independente da área de conhecimento. Para que essa delimitação seja clara e objetiva, sintetizamos a partir de uma questão problema que, nesta pesquisa, orienta para as **abordagens quantitativa e qualitativa**, ou seja, uma **abordagem ou método misto**. Além disso, essas abordagens emergem a partir dos materiais obtidos para construção das categorias analíticas e indicadores da institucionalização científica whitleyana, bem como as fontes de informação para identificação e coleta dos dados. De acordo com Creswell (2010, p. 27),

A pesquisa de métodos mistos é uma abordagem de investigação que combina ou associa as formas qualitativa e quantitativa. Envolve suposições filosóficas, o uso de abordagens qualitativas e quantitativas e a mistura das duas abordagens em um estudo. Por isso é mais que uma simples coleta e análise dos dois tipos de dados; envolve também o uso das duas abordagens em conjunto, de modo que a força geral de um estudo seja maior do que a da pesquisa qualitativa ou quantitativa isolada.

As pesquisas quantitativas servem de base de comprovação, de coleta, e de análise dos dados, nos números e nos procedimentos quantificáveis ou estatísticos

em que estabelecem os padrões de indicadores e de comportamento dos fenômenos e dos dados tratados e analisados (SAMPLIERE; COLÁCIO; LÚCIO, 2006). O enfoque ou a abordagem quantitativa nesta pesquisa serviu para delimitar dados quantificáveis no que se refere a produção científica (indicadores bibliométricos, com a análise de citações) sobre GC e os números relacionados às publicações e agentes institucionais que regulam o seu estatuto científico e demarcam sua identidade social para que, assim, contribuíssem com a identificação e mensuração do estágio de institucionalização científica cognitiva e social do fenômeno analisado.

Para Marconi e Lakatos (2011) o método qualitativo fornece análise mais detalhada sobre as investigações, hábitos, atitudes, tendências, comportamentos, entre outros. Para Alves e Aquino (2012, p. 81), as abordagens qualitativas no campo das ciências sociais é “uma práxis que visa a compreensão, a interpretação e a explicação de um conjunto delimitado de acontecimentos que é resultante de múltiplas interações [...], dos indivíduos, ou seja, os fenômenos sociais.” A abordagem qualitativa nos dará possibilidades de interpretações dos fenômenos que ocorrem nas entrelinhas de indicadores teóricos e analíticos dos componentes de institucionalização científica (WHITLEY, 1974), além de possibilitar o entendimento das características e fatores que coadunam com o estabelecimento de teorias, métodos, relações entre cientistas ou pesquisadores, demarcações sociais e suas influências no fazer científico da GC no campo da Ciência da Informação brasileira.

Em suma, essas abordagens, quantitativa e qualitativa da pesquisa, possibilitaram a mensuração de percepções teóricas e metodológicas, identificar o atual estágio de institucionalização por meio de indicadores estatísticos ou quantificáveis, a partir das características dos fenômenos que coadunam com o processo de desenvolvimento histórico-epistemológicos, metodologias, e a configuração de estruturas organizacionais e políticas em torno da GC no campo da Ciência da Informação no Brasil.

Esta tese também é caracterizada como **pesquisa bibliográfica e documental**. Quanto à pesquisa bibliográfica, podemos considerar que é de suma importância para o desenvolvimento de todas as investigações do ponto de vista da ciência. Nesta pesquisa, foi adotada na perspectiva da compreensão dos aspectos direcionados ao contexto e ao desenvolvimento científico, da teoria de institucionalização científica proposta por Richard Whitley que serviu como aporte

teórico-metodológico da tese, além do contexto científico deste campo informacional, e dos principais referenciais da gestão no contexto da informação e do conhecimento.

Para esse alcance, o estudo bibliográfico foi primordial por possibilitar o contato com vasto material, como livros, artigos, dissertações, teses, entre outras fontes que coadunam para imersão teórica da pesquisa. De acordo com Gil (2002, p. 48) a pesquisa bibliográfica “[...] é desenvolvida a partir de material já elaborado, constituído principalmente de livros e artigos científicos.”

No que se refere à pesquisa documental, Severino (2007, p. 123) entende que é neste tipo de pesquisa que “os conteúdos dos textos ainda não tiveram nenhum tratamento analítico, são ainda a matéria prima, a partir da qual o pesquisador vai desenvolver sua investigação e análise.” Ela se configura a partir de materiais informacionais como documentos legais, gravações, jornais, fotos, independentemente de seu suporte ser analógico ou digital.

Esse tipo de pesquisa possibilitou o uso de registros de dados (documentos) retirados em anais de evento, portais, bases de dados, *sítes*, periódicos, entre outros, que ainda não tenham recebido tratamento analíticos do ponto de vista da institucionalização científica da GC na Ciência da Informação no país.

3.2 *Corpus* da pesquisa

O *corpus* da pesquisa, do ponto de vista da coleta de dados, foi constituído de registros ou documentos retirados em diferentes fontes de informação, a saber: Plataformas desenvolvidas pelo governo federal brasileiro (Plataforma Sucupira, Portal de Coleta CAPES e Qualis Periódicos, Currículo Lattes e DGP da Plataforma Lattes); Portais: periódicos científicos eletrônicos, eventos, associação, PPG, e de anais de evento(s).

O universo da pesquisa foi formado pela produção científica no contexto da GC no campo da Ciência da Informação no Brasil, com recorte direcionado para os anais das 21 edições do ENANCIB; pelo conjunto de IES; por outros tipos de Instituições; de pesquisadores; de cursos de mestrado e doutorado dos PPG vinculados à área de Ciência da Informação e de suas Linhas de pesquisa; de grupos de pesquisa registrados no DGP/CNPq e nos portais dos Programas; de rede de cooperação; de

associação/sociedade científica, a ANCIB; de periódicos da Ciência da Informação; de portais de eventos científicos.

Consideramos que esta pesquisa não partiu de uma amostra definida, tendo em vista que buscamos, a partir da técnica de levantamento, identificar os componentes das estruturas cognitiva e social da GC na Ciência da Informação a partir da seleção de fontes específicas e, a partir disso, obtivemos os dados em números. Em síntese, para identificação e constatação dos componentes, apresentamos as fontes selecionadas e os dados identificados para análise.

Para a estrutura cognitiva, adotamos os anais das 21 edições do maior evento do campo da Ciência da Informação no Brasil, o ENANCIB. A escolha pela produção científica em GC no âmbito desse evento, que se configurou como fonte de informação para identificação da estrutura cognitiva da GC, deu-se pelo reconhecimento deste evento pela comunidade científica da Ciência da Informação e da CAPES, além de se configurar como o mais importante para este campo informacional.

Marteletto e Lara (2008) explicam que a organização do ENANCIB se dá por GT e que tais grupos se caracterizam a partir dos interesses de pesquisa, em torno de temáticas relevantes para a Ciência da Informação. Nesse contexto, a GC emerge como uma tendência, tendo em vista sua presença no decorrer das edições do evento.

Assim, apresentamos, de forma geral, na Tabela 1, os dados que foram levantados nos anais do ENANCIB e que foram selecionados para análise da primeira estrutura a partir dos resultados desta investigação, a cognitiva, por meio de seus componentes que estão expostos no Quadro 9, nesta seção.

Tabela 1 – Dados analisados na estrutura cognitiva

Elementos identificados	Dados Recuperados
Trabalhos sobre GC publicados nos anais	59 pôsteres/resumos expandidos e 135 Comunicações orais/Trabalhos Completos = 194 trabalhos
Palavras-chave	749 (incluindo as repetições)
Autores	254
Autores mais produtivos	16
Autores representativos do núcleo da GC	9
Referências analisadas nos trabalhos dos autores representativos do núcleo da GC	2.133

Fonte: Dados da pesquisa (2022).

Para constatação da estrutura social da GC na Ciência da Informação no Brasil, fizemos uso de diferentes fontes de informação, considerando os componentes sociais que viabilizam esse processo de institucionalização científica. Para identificação das IES, dos PPG e suas linhas de pesquisa utilizamos a Plataforma Sucupira - Portal de Coleta CAPES.

Para realizarmos o levantamento de Grupos de Pesquisa e de Rede(s) de Cooperação com escopo em GC na Ciência da Informação, recorremos aos portais dos PPG que apresentam o corpo docente e os grupos de pesquisa a eles vinculados. Também recorremos ao DGP do CNPq para a busca dos Grupos vinculados aos docentes credenciados em PPG na Ciência da Informação. Para a busca e caracterização de Rede(s) de Cooperação recorremos ao portal institucional e aos documentos disponíveis nele.

Para Identificação do perfil e das afiliações dos pesquisadores definidos como Representantes do Núcleo de GC na Ciência da Informação, pelo viés do ENANCIB, fizemos uso, também, do Currículo Lattes da Plataforma Lattes.

Para identificação dos periódicos e eventos científicos, recorremos aos portais dos 52 periódicos listados no Quadro 4, e aos portais dos principais eventos identificados com escopo em GC. A Tabela 2 apresenta os dados identificados para análise dos componentes que desenvolvem a estrutura social da GC neste campo informacional.

Tabela 2 – Dados analisados na estrutura social

Elementos identificados	Dados Recuperados
IES com PPG na Ciência da Informação	24
PPG na Ciência da Informação	27
PPG da Ciência da Informação com denominação em GC	4
Linhas de Pesquisa em GC	15
Grupos de Pesquisa em GC	18
Rede(s) de Cooperação em GC	1
Pesquisadores com perfil e afiliações	9
Periódicos Científicos em GC	4
Periódicos com textos de GC Citados pelos Representantes do Núcleo	18
Eventos Científicos em GC	2

Fonte: Dados da pesquisa (2022).

Apresentado o *corpus* da pesquisa, no que se refere às estruturas cognitiva e social para análise do processo de institucionalização científica da GC na Ciência da Informação no Brasil, abordamos, a seguir, a operacionalização e descrição dos instrumentos de coleta, das técnicas de organização, tratamento e análise aplicadas.

3.3 Operacionalização e descrição dos instrumentos de coleta e das técnicas de organização, tratamento e análise dos dados

A operacionalização desta tese foi pautada nos objetivos específicos executados no decorrer da pesquisa. Nesse sentido, exibiremos, por etapas, cada procedimento que foi realizado na investigação, a saber: 1ª) Sistematização das categorias analíticas, dos indicadores e dos componentes enquanto critérios de avaliação; 2ª) Identificação e descrição dos componentes estruturais da institucionalização científica.

Optamos por apresentar as fontes e os instrumentos de coleta de dados e as técnicas de organização, tratamento, análise e interpretação dos dados de acordo com cada etapa/objetivo específico da pesquisa, almejando o alcance do objetivo geral que foi **analisar o processo de institucionalização científica da Gestão do Conhecimento na Ciência da Informação no Brasil, a partir de estruturas sociais e cognitivas**.

Realizamos essa estrutura metodológica porque acreditamos na organização das ideias quanto ao percurso que a pesquisa trilhou, considerando as fronteiras e os limites de investigação.

3.3.1 Sistematização das categorias analíticas, dos indicadores e dos componentes enquanto critérios de avaliação

O primeiro objetivo específico desta investigação foi “**sistematizar os critérios para avaliação dos níveis ou estágio(s) de institucionalização social e cognitiva da Gestão do Conhecimento na Ciência da Informação, fundamentados na teoria whitleyana**”.

Para o seu alcance, realizamos um estudo bibliográfico sobre o contexto e as visões sobre o desenvolvimento da ciência, conforme apresentado na seção 2 e subseção 2.1 e 2.2 – Fundamentação Teórica –, dando ênfase ao processo de institucionalização científica apresentada por Richard Whitley por meio de seus escritos no capítulo de livro intitulado “*Cognitive and social institutionalization of scientific specialities and research areas*” (Institucionalização social e cognitiva de especialidades científicas e áreas de pesquisa).

Durante o processo de busca de artigos científicos, livros, dissertações e teses que pudessem auxiliar no processo da escrita sobre esse processo, encontramos algumas pesquisas que abordam a institucionalização científica no contexto da Ciência da Informação de autoria de Bazi e Silveira (2007); Loureiro-Alves (2010); Martins (2014); Trevisol Neto (2015); e Silva (2019). São pesquisas que se utilizaram dos contributos da teoria de Whitley (1974) para fundamentar seus estudos. Destacamos esses autores nesta tese por entendermos a importância dos estudos de institucionalização na Ciência da Informação, que é entendida como uma ciência relativamente nova e contemporânea.

Nessa perspectiva, iniciamos a parte da análise de pesquisa de tese com a técnica de Análise de Conteúdo (AC) (BARDIN, 2011) que desencadeou desde o início de uma pré-análise, seleção e exploração de materiais para constituição dos escritos sobre o processo de institucionalização científica (WHITLEY, 1974). A AC é conceituada como

[...] um conjunto de técnicas de análise das comunicações visando obter, através de procedimentos sistemáticos e objetivos de descrição do conteúdo de mensagens, indicadores (quantitativos ou não) que permitam inferir conhecimentos relativos às condições de produção/recepção (variáveis inferidas) dessas mensagens. (BARDIN, 2011, p. 47).

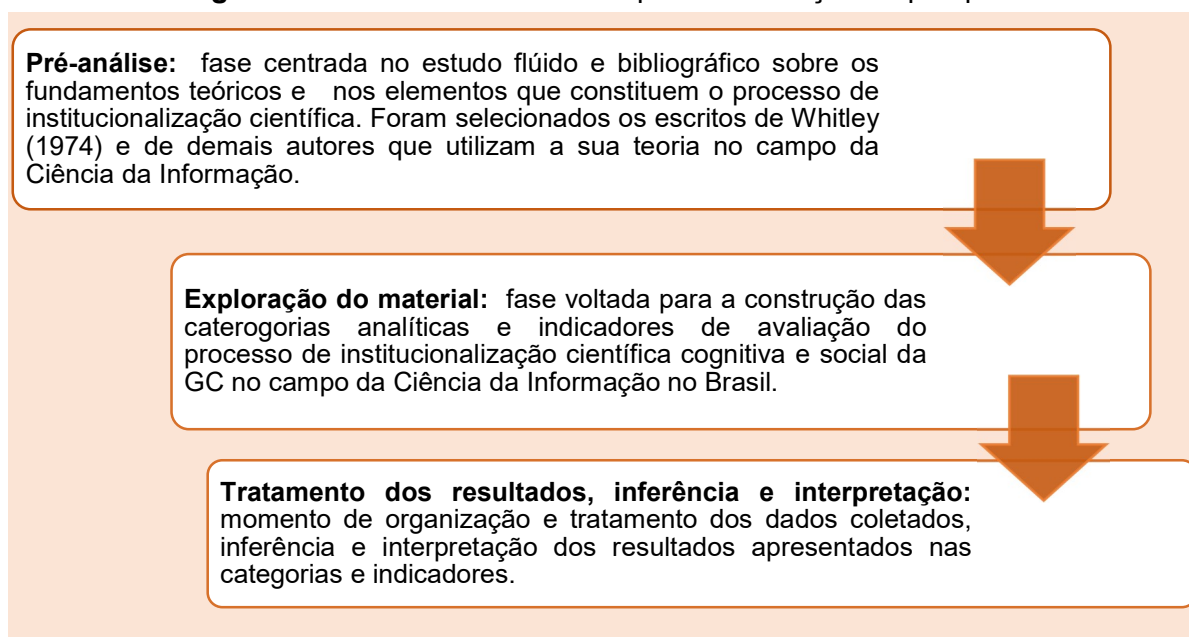
Partindo desse conceito, compreendemos que foi possível adotar a técnica de AC para sistematizarmos, como método, as categorias analíticas, os indicadores e os componentes conforme as mensagens, os conteúdos, e/ou a teoria whitleyana do processo de institucionalização científica, contribuindo para a organização e interpretação dos resultados *a posteriori*.

Nesse contexto, Bardin (2011) indica que essa técnica se organiza em três fases da pesquisa: (a) pré-análise; (b) exploração do material e (c) tratamento de

dados, inferência e interpretação. A primeira fase se refere a organização, sendo estabelecidas os esquemas flexíveis de trabalhos, com leituras flutuantes, contatos iniciais com documentos que serão submetidos para apropriação. A segunda fase diz respeito a seleção e exploração de materiais para fins de sistematização e elaboração de indicadores que permitam inferir os conhecimentos. Na terceira e última fase, temos a fase de tratamento, organização, inferência e interpretação dos dados apontados pelas categorias analíticas e indicadores.

De forma elucidativa, apresentamos a Figura 6, como representação das fases desta primeira etapa que é fundamentada na técnica de AC proposta por Bardin (2011), e realizada com o intuito de construir as categorias analíticas e indicadores analíticos desta tese.

Figura 6 – Fase da técnica de AC para constituição da pesquisa



Fonte: Elaborado pelo autor (2022).

Na realização na fase de **pré-análise**, no que tange à pesquisa bibliográfica para construção da fundamentação teórica, foram escolhidas fontes de informação como artigos de periódicos científicos por meio do portal de periódicos da CAPES, a Base de Dados Referenciais de Artigos de Periódicos em Ciência da Informação (BRAPCI), as dissertações e as teses da Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações (BDTD) e livros, para levantamento prévio da literatura necessária sobre as teorias que circundam o desenvolvimento e a institucionalização científica,

identificando os componentes que formam as estruturas social e cognitiva (WHITLEY, 1974), buscando formar as categorias e os indicadores.

Na **exploração do material**, tomando como base as estruturas cognitiva e social identificadas na teoria whitleyana e de seus componentes constantes no Quadro 1, na seção 2.2, estabelecemos as categorias analíticas, além dos indicadores e seus componentes de avaliação do processo de institucionalização científica da GC no campo da Ciência da Informação no Brasil, conforme apresentamos o Quadro 9 para fins de demonstração, a seguir.

Quadro 9 – Categorias, Indicadores e Componentes para a análise do processo de institucionalização científica da GC na Ciência da Informação no Brasil

		INDICADORES	COMPONENTES
CATEGORIAS ANALÍTICAS	ESTRUTURA COGNITIVA DA GC	Linearidade e concordância na linguagem especializada e ordem intelectual	Palavras-chave e/ou termos adotados nas pesquisas de GC
		Natureza previsível das pesquisas a partir da identidade cognitiva	Conceitos articulados sobre GC, a partir do quadro terminológico, entre os pesquisadores
		Consenso e compromisso dos fundamentos teóricos, dos objetivos de análise e dos modelos de investigação	Fundamentos teóricos e metodológicos que fundamentam os estudos de GC e a previsibilidade teórica
		Consenso nas atividades de identificação descrição e avaliação das pesquisas científicas	Predominância de corrente(s) científica(s), a partir das obras de autores citados, convergente(s) da GC entre os pesquisadores
	ESTRUTURA SOCIAL DA GC	Instituições que subsidiam espaços, vagas, ocupações para formação de especialistas (pesquisadores, docentes, entre outros) em GC	IES com PPG na área de Ciência da Informação e em GC, e Linhas de Pesquisa em GC
		Formação de sociedades e comunidades científicas e Identidade Social Interna	Grupos de pesquisa, Redes de Cooperação em GC
		Formação de sociedades e comunidades científicas e Identidade Social Externa	Espaços para Comunicação Científica: Periódicos científicos e Eventos Especializados em GC
		Formação de Especialistas na Área e Alocação desses em Instituições	Perfil formativo (graduação, mestrado, doutorado e pós-doutorado) e Afiliações de pesquisadores em GC

Fonte: Elaborado pelo autor com base em Whitley (1974).

As categorias analíticas, os indicadores e os componentes de avaliação/constatação foram construídos, como dito anteriormente, com base nos escritos de Whitley (1974) com o apoio de materiais bibliográficos de autores com

pesquisas no campo da Ciência da Informação. Para a tese, levamos em considerações o contexto que se insere a GC neste campo informacional, realizando opções viváveis e necessários para o alcance dos objetivos.

Além disso, os indicadores delimitados para esta pesquisa estão ancorados nas questões que foram apresentadas na problematização, levando em conformidade as categorias e subcategorias nas estruturas e componentes sociais e cognitivos, a partir da teoria whitleyana.

É importante destacar que a AC contribuiu com a primeira parte do momento desta pesquisa, no que tange a análise dos materiais sobre o contexto científico e institucionalização científica, e a exploração dos materiais que circundam a teoria whitleyana. Para tanto, a terceira e última fase dessa técnica foi abarcada após o processo de coleta de dados concernentes às categorias analíticas, aos indicadores e aos componentes de avaliação que, além da AC, foram subsidiados por outros procedimentos técnicos de análise, elencados na segunda etapa da operacionalização desta investigação.

3.3.2 Identificação e descrição dos componentes estruturais da institucionalização científica

Nesta segunda etapa da pesquisa, estão delineados os instrumentos de coleta e as técnicas de tratamento, organização, interpretação e análise dos dados que serão adotados no decorrer da investigação, levando em consideração os objetivos específicos (b) e (c) desta tese, para que assim pudéssemos alcançar os objetivos (d) e (e). Nesse contexto, apresentamos esses instrumentos e técnicas de acordo com cada objetivo/etapa operacional.

Tendo como objetivo específico (b) **“identificar os componentes que formam a estrutura cognitiva da GC na Ciência da Informação no Brasil”** e na tentativa de contemplar os indicadores de avaliação da estrutura cognitiva do fenômeno investigado, conforme o Quadro 9, descreveremos como foram coletados, organizados e analisados esses dados.

A **primeira fase** da coleta de dados da estrutura cognitiva, ocorrida entre os meses de maio e junho de 2022, foi realizar o levantamento dos trabalhos sobre GC

disponíveis no Portal de Eventos da ANCIB¹⁰ que mantém os anais das 15 primeiras edições (1994 a 2014) e nos portais de eventos das instituições que registraram os das edições ocorridas entre 2015 e 2021, ou seja, nos anais das 21 edições do ENANCIB.

Para realização da consulta e identificação dos artigos de interesse, acatamos os trabalhos que possuísem os termos “gestão do conhecimento” ou “*knowledge Management*” e “gestão da informação e do conhecimento” ou “*information and knowledge management*” no título, ou no resumo, ou nas palavras-chave dos 5.209 trabalhos publicados em todos os GT das 21 edições do evento. A busca e seleção dos trabalhos se deu por leitura minuciosa e exaustivas dos itens registrados nos metadados e na primeira página de cada texto científico.

Na **segunda fase** da coleta, após o levantamento das publicações em todos os GT, partimos para a consulta do ano do evento, título, autor(es), resumos e palavras-chave adotadas. Em Planilha Excel, listamos os itens em colunas conforme o Apêndice A. Com isso, descrevemos, a seguir, como foi organizado os componentes que subsidiaram a análise da categoria estrutura cognitiva da GC.

Na **terceira fase**, em detrimento dos indicadores **linearidade e concordância na linguagem especializada e ordem intelectual e natureza previsível das pesquisas a partir da identidade cognitiva**, organizamos os dados relacionados às palavras-chave que, em primeiro momento, foram extraídas das 194 publicações sobre GC. Aplicamos todas os termos, oriundos das palavras-chave, no mecanismo de geração de nuvens de tags, o WordArt¹¹, a partir do *ranking* de ocorrências dos termos.

Em tabela, elencamos na seção de resultados a ocorrência de cada termo e como isso impacta na linearidade e nas articulações temáticas ou conceituais a partir das aplicações dos termos pelos autores de todos os trabalhos sobre GC. Selecionamos os termos mais recorrentes e as suas possíveis relações com a GC e se isso implica nas suas abordagens enquanto situações problemas e na sua posição na Ciência da Informação.

Como **quarta fase**, recorremos aos autores mais produtivos em pesquisas de GC no âmbito do ENANCIB, e foram identificados 254 pesquisadores com autoria no tema. A opção por listar os autores produtivos, conforme o Apêndice B, se deu pela

¹⁰ Disponível em: <http://enancib.ibict.br/index.php/enancib/index>

¹¹ Sistema de livre acesso disponível em: <https://wordart.com/>

necessidade de selecionar os responsáveis pela trajetória, estruturação e avanço da GC, em que chamamos de Representantes do Núcleo da GC na Ciência da Informação no Brasil, desconsiderando os que não se encaixam como transientes.

Entre todos os pesquisadores, 16 autores se encaixaram entre os mais produtivos, considerando a quantidade mínima de cinco trabalhos publicados. Para seleção dos pesquisadores representativos do núcleo dentre os 16 mais produtivos, foi necessária a aplicação de alguns critérios, a saber:

- 🚦 Título de Doutor;
- 🚦 Ser credenciado(a) ou ter atuado como pesquisador permanente em Programas de Pós-Graduação *Stricto Sensu*;
- 🚦 Orientações acadêmicas em andamento ou concluídas de dissertações e/ou teses;
- 🚦 Líder ou Membro Pesquisador de Grupo de Pesquisa cadastrado no DGP do CNPq.

Após o estabelecimento desses critérios, nove autores formaram a representação do núcleo da GC neste campo informacional, pelo viés da produtividade ao longo das edições do ENANCIB. Tais pesquisadores serviram de base para o prosseguimento dos próximos componentes para constatação dos indicadores da estrutura cognitiva.

A escolha dos pesquisadores também foi embasada pela identificação de regularidade dos autores representativos do núcleo da GC durante as edições do ENANCIB, desde o primeiro ano em que surgiu o primeiro trabalho cunhado em GC até a última edição do evento que ocorreu, até aqui, em 2021.

Na **última e quinta fase** da categoria estrutura cognitiva, **consenso e compromisso dos fundamentos teóricos, dos objetivos de análise e dos modelos de investigação e o consenso nas atividades de identificação descrição e avaliação das pesquisas científicas**, recorreremos aos autores e suas respectivas obras (referências citadas) que embasam os trabalhos publicados em GC nos ENANCIB.

Nesta etapa, tínhamos por finalidade alcançar os componentes de fundamentos teóricos e metodológicos que fundamentam os estudos de GC e predominância de corrente(s) científica(s) convergente(s) entre pesquisadores, para que pudéssemos

inferir sobre tais indicadores. Nesse contexto, os trabalhos selecionados para esse momento da análise foram os que formam a produção científica dos nove autores representativos do núcleo da GC.

Sendo assim, a partir da análise de citação, acostada pelo procedimento de análise bibliométrica, passamos a selecionar todas as referências de 90 trabalhos publicados pelos pesquisadores do núcleo da GC nos ENANCIB. As referências foram extraídas de todos os trabalhos e organizadas em planilha correspondente a cada autor que produziu o texto, contabilizando no total de 2.133 referências.

Vale ressaltar que consideramos as autocitações por entendermos que os trabalhos são de múltiplas autorias, onde a citação parte não só do autor(a) citado mais de todos os que estão em colaboração. Após a extração das referências, mesclamos na ordem alfabética e contabilizamos as repetições no caso de um mesmo autor e obra citada para obtermos as incidências.

Elencamos nos resultados desta tese, na Tabela 7, os citados que possuíram ao menos 5 citações. Entre os dados, aparecem em maior parte autor/obra citados e com ênfase na GC, como também alguns citados referentes a outras teorias e metodologias que embasam as pesquisas dos autores produtivos.

Para, finalmente, alcançarmos a base teórico-metodológica da GC na Ciência da Informação no Brasil e identificar a predominância da corrente científica nos estudos desse tema, foram considerados as referências de GC mais citadas em níveis nacional e internacional, a partir de obras de 15 autores evidenciados.

A Figura 7 ilustra a operacionalização do processo de identificação dos componentes da estrutura cognitiva da GC, a seguir:

Figura 7 – Fases da operacionalização de identificação dos componentes da estrutura cognitiva da GC



Fonte: Elaborado pelo autor (2022).

Tendo como objetivo específico (c) **“identificar os componentes que desenvolvem a estrutura social da GC na Ciência da Informação no Brasil”** e com a finalidade de contemplar os indicadores de avaliação da categoria de estrutura social do fenômeno investigado, conforme o Quadro 9, descreveremos como foram coletados, organizados e analisados esses dados. Ressaltamos que o período de coleta de dados desta categoria se deu entre os meses de maio e junho de 2022.

A **primeira fase** da coleta dos dados da estrutura social foi identificar as IES com PPG na área de Ciência da Informação e em GC, enquanto a **segunda fase** foi focalizada na identificação das Linhas de Pesquisa dos PPG, para seleção das que possuem foco em GC. Esses componentes contribuíram para constatação das **Instituições que subsidiam espaços, vagas, ocupações para formação de especialistas (pesquisadores, docentes, entre outros) em GC**.

Desse modo, recorreremos à Plataforma Sucupira - Portal de Coleta CAPES, com o intuito de identificar, por meio da técnica de levantamento, às IES, os PPG e as suas respectivas Linhas de Pesquisa. Foram consideradas as universidades com possuem cursos de mestrados acadêmicos e profissionais e curso de doutorado vinculados à Ciência da Informação no âmbito da CAPES.

Para identificação das Linhas de Pesquisa, além do Portal de Coleta CAPES, também recorremos aos portais dos PPG que registram tais informações. Além disso, foram considerados a denominação, ou as ementas, ou os eixos temáticos para identificação da relação da Linha com a GC. Esses dados foram organizados e expostos em Tabelas e Quadros na seção de análise e discussão dos resultados.

Na **terceira fase**, realizamos o levantamento dos Grupos de Pesquisa e da(s) Rede(s) de Cooperação com escopo em GC. Nesse sentido, recorremos inicialmente aos portais de todos os PPG apresentados anteriormente a fim de selecionar os Grupos que possuem linhas de pesquisa ou escopo em GC. No caso da não identificação desses nos portais, selecionamos os docentes credenciados em cada PPG e realizamos busca pelo nome do pesquisador no DGP do CNPq, como também buscamos pela denominação de alguns Grupos.

Quanto à Rede de Cooperação, realizamos uma busca nos portais dos PPG e em diferentes canais de informação como site de eventos, entre outros, no intuito de identificar ações ou estabelecimentos de redes existentes no contexto da GC neste campo. Sendo assim, a rede selecionada e caracterizada consta registrada no website da UFSC, mais precisamente ligado ao Departamento de Ciência da Informação da instituição.

Na **quarta fase** da coleta de componentes da estrutura social da GC, procedemos o levantamento dos espaços de comunicação científica a partir de canais formais e informais. Quanto aos canais formais, optamos pela identificação dos periódicos científicos e, para os canais informais, os eventos científicos. Isso possibilitou a constatação da **formação de sociedades e comunidades científicas e Identidade Social Interna e Externa da GC neste campo informacional**.

Realizamos o levantamento dos periódicos científicos que possuem foco em GC na parte de seu foco ou seu escopo, além de considerarmos o contexto dos eixos temáticos que o canal adota. Sendo assim, procedemos a análise os 52 títulos de periódicos da Ciência da Informação brasileira com a finalidade de selecionar os especializados em GC e/ou possuem foco/escopo para o tema.

Além disso, a partir da técnica bibliométrica de análise de citação, retomamos aos trabalhos publicados pelos representantes do núcleo da GC para identificação dos periódicos mais citados nas referências sobre o tema em análise.

Na Tabela 10, listamos os periódicos que se destacaram entre os 52 títulos existentes e excluimos os que não são brasileiros e/ou os que, mesmo sendo da

Ciência da Informação, a referência em si não se tratava da GC. Nesse sentido, foram elencados os principais periódicos que reforçam e embasam os fundamentos teóricos da GC a partir de próprios periódicos deste campo informacional.

Quanto aos eventos científicos, realizamos o levantamento dos principais eventos da Ciência da Informação e selecionamos os que mais são de relevância para este campo e que contemplassem significativamente a GC. Além disso, identificamos evento que mesmo não sendo promovido por este campo informacional, recebe influências de agentes pesquisadores e institucionais.

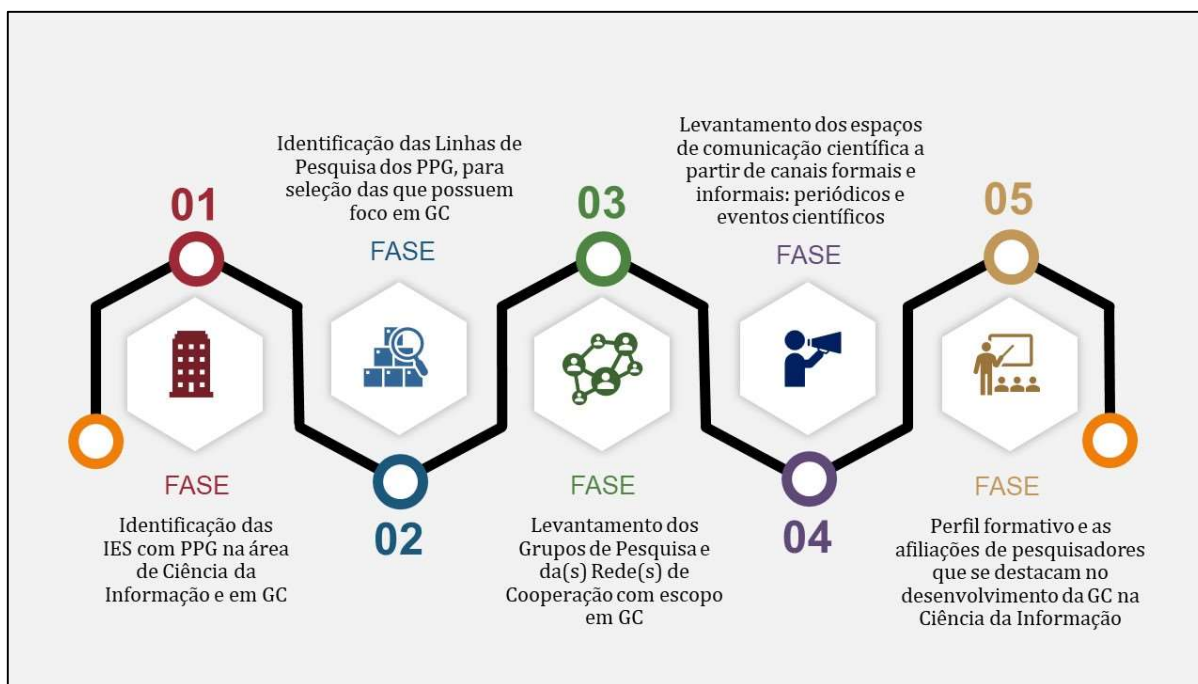
Nessa fase de pesquisa, buscamos caracterizar os eventos especializados em GC de modo a apresentar as principais influências que condicionam a GC enquanto tema de interesse e de relevância para esse tipo de canal de comunicação científica. Sendo assim, foram elencados o contexto, mesmo que breve, histórico, o número de publicações e de edições, entre outras variáveis.

Na **quinta e última fase** de coleta de dados da estrutura social, buscamos apresentar o perfil formativo e as afiliações de pesquisadores que se destacam no desenvolvimento da GC na Ciência da Informação. Sendo assim, retomamos aos nove representantes do núcleo para findar tal procedimento e constatar a **formação de especialistas na área e alocação desses em Instituições**.

Para isso, recorreremos a busca pela identificação da formação de graduação, de mestrado, de doutorado, e pós-doutorado desses pesquisadores a partir do Currículo Lattes na Plataforma Lattes. Para verificação de suas afiliações, identificados alguns dados também no Currículo Lattes e no DGP do CNPQ no campo de busca parametrizada.

A Figura 8 ilustra a operacionalização do processo de identificação dos componentes da estrutura social da GC, a seguir:

Figura 8 – Fases da operacionalização de identificação dos componentes da estrutura social da GC



Fonte: Elaborado pelo autor (2022).

Após a descrição desse *modus operandi* acerca da investigação, apresentamos o procedimento de análise que foi crucial para organização dos dados e nas inferências e discussões, na seção dos resultados. Sendo assim, esta pesquisa se apoiou nos estudos métricos da informação, tomando por base a bibliometria.

Os estudos bibliométricos se caracterizam a partir das métricas da produção do conhecimento, tendo a possibilidade de conhecer as conexões entre os documentos, entre os pesquisadores e os assuntos tratados, assim como perceber qual a abrangência geográfica destes elementos para que possam ser relacionados (HJØRLAND, 2002; FREITAS; ALBUQUERQUE, 2017). Nessa perspectiva, a bibliometria consiste na “aplicação de técnicas estatísticas para descrever aspectos da literatura e dos meios de comunicação (análise quantitativa da informação).” (ARAÚJO, 2006, p. 11).

A técnica bibliométrica abarcou a pesquisa no que tange a organização, ao tratamento e a análise dos dados referentes aos componentes de estruturas cognitiva e social da institucionalização científica. Para alcançar os objetivos desta proposta, foram extraídos alguns componentes voltados às instituições, aos autores, e aos

documentos, para contemplar os indicadores de avaliação do processo de institucionalização científica.

De acordo com Martins (2014), baseada na proposta de Hjørland (2002), a Bibliometria permite a verificação detalhada e a conexão entre documentos individuais, proporcionando análises que indiquem o reconhecimento de autores e suas relações entre pesquisadores, campos científicos e regiões geográficas. Isso é essencial para o contexto desta investigação, tendo em vista as categorias analíticas relacionadas aos objetivos desejáveis.

Para aplicação da bibliometria existem algumas leis que corroboram com o objetivo a ser alcançado durante uma pesquisa. De acordo com com Bufrem e Prates (2005, p. 12) “as leis bibliométricas que são comumente utilizadas e relacionadas à produtividade científica (Lei de Lotka) e à dispersão da produção científica (Lei de Bradford) e à ocorrência de palavras no texto (Lei de Zipf).” Em nossa investigação, foram adotadas a Lei de Lotka para identificação da produtividade científica dos autores sobre GC e a Lei de Zipf ao analisarmos a ocorrência de termos (palavras-chave) no texto. Conforme Silva, Hayashi e Hayashi (2011, p. 125 -126),

ao aplicar a análise bibliométrica, o pesquisador deve: definir objetivos, localizar e acessar as fontes de informação, estabelecer estratégias de busca de informação para a coleta de dados, estabelecer relacionamentos entre os dados obtidos, recorrer ao referencial teórico para a elaboração de categorias de análise, de construção de indicadores e, por fim, apresentar os resultados obtidos com a análise bibliométrica para a crítica externa.

Tomamos como método uma das áreas mais importantes do estudo bibliométrico, a **análise de citação**, no intuito de verificar, a partir dos documentos citados, os referenciais teóricos e metodológicos de investigação. Foresti (1990) explica que a análise de citações investiga os documentos citantes e os documentos citados, além de permitir a legitimidade das teorias e conceitos adotados na área, promovendo o reconhecimento de cientistas e estabelecendo os direitos de propriedade intelectual.

Utilizamos a análise de citação em dois momentos da nossa pesquisa, a saber: na análise dos referenciais teóricos e metodológicos citados pelos representantes do núcleo da GC, definidos pela produção científica no âmbito do ENANCIB, e na análise

dos títulos de periódicos brasileiros que foram mais citados no embasamento dos trabalhos publicados por esse mesmo grupo de pesquisadores.

Quanto aos objetivos (d) e (e), realizamos as inferências sobre o atual estágio de institucionalização científica da GC, bem como sobre o seu posicionamento no campo da Informação a partir dos principais resultados promovidos pelos componentes das estruturas cognitiva e social.

Encerrando esta seção, apresentamos uma síntese com as estratégias metodológicas (abordagens, instrumentos de coleta, e técnicas de organização e análise de dados) de acordo com cada objetivo específico, conforme o Quadro 10.

Quadro 10 – Síntese dos objetivos, abordagens, tipos e procedimentos técnicos adotados na pesquisa

Objetivo geral: Analisar o processo de institucionalização científica da Gestão do Conhecimento na Ciência da Informação no Brasil, a partir de estruturas sociais e cognitivas.		
	Objetivos Específicos:	Abordagem, tipo de pesquisa e procedimentos adotados:
a)	Sistematizar os critérios para avaliação dos níveis ou estágio(s) de institucionalização social e cognitiva da Gestão do Conhecimento na Ciência da Informação, fundamentados na teoria whitleyana;	✓ Ordem qualitativa; ✓ Adoção da pesquisa bibliográfica e análise de conteúdo; ✓ Desenvolvimento dos indicadores e componentes de avaliação do seu atual estágio.
b)	Identificar os componentes que formam a estrutura cognitiva da GC na Ciência da Informação no Brasil	✓ Análise quantitativa e qualitativa; ✓ Técnica de levantamento documental; ✓ Técnica de categorização para organização dos dados; ✓ Técnica bibliométrica e a abordagem de análise de citação para análise dos dados
c)	Identificar os componentes que desenvolvem a estrutura social da GC na Ciência da Informação no Brasil	✓ Análise quantitativa e qualitativa; ✓ Técnica de levantamento documental; ✓ Técnica de categorização para organização dos dados; ✓ Técnica bibliométrica e a abordagem de análise de citação para análise dos dados
d)	Inferir sobre o atual estágio do processo de institucionalização científica da GC neste campo informacional	✓ Inferência dos resultados a partir dos componentes identificados nas estruturas cognitiva e social.
e)	Evidenciar o posicionamento da GC na Ciência da Informação no Brasil a partir de seu estágio de institucionalização científica	✓ A partir dos componentes identificados nas estruturas cognitiva e social e com base na teoria whitleyana.

Fonte: Elaborado pelo autor (2022).

Na seção seguinte são apresentados os resultados da análise do processo de institucionalização científica da GC, a partir dos componentes que formam e viabilizam as suas estruturas cognitiva e social na Ciência da Informação no Brasil.

4

ANÁLISE, DISCUSSÃO E INFERÊNCIAS DOS RESULTADOS

Esta seção apresenta os resultados alcançados, a discussão e a inferência sobre o processo de institucionalização científica da GC na Ciência da Informação no Brasil, evidenciando o seu posicionamento neste campo informacional. Organizamos os dados a partir das categorias e dos indicadores estabelecidos para nossa avaliação e análise, com base na teoria de Richard Whitley abordada em seu contributo “*Social processes of scientific development*” de 1974.

As categorias de análise estão divididas a partir das estruturas cognitiva e social do processo de institucionalização científica. Importante esclarecer que, mesmo que sejam distintas, são estruturas complementares e possibilitam uma avaliação geral e combinatória de uma disciplina. Martins (2014) explica que “Os níveis de institucionalização cognitiva e social poderão se diferir, no entanto, ambos sempre estarão presentes em maior, menor ou igual escala dentro de uma área.”

Além da revelação dos resultados sobre o processo de institucionalização do tema em questão, esta seção se encerra com a inferência sobre o atual estágio desse estabelecimento e a posição que a GC ocupa na Ciência da Informação à luz da teoria whitleyana, mais precisamente sobre os indicadores de avaliação e a caracterização das possibilidades denominadas de especialidade e de área de pesquisa.

Sendo assim, em consonância com os objetivos específicos, a primeira categoria apresentada nesta seção é a **estrutura cognitiva** e a segunda categoria abordada é a **estrutura social**, conforme as subseções delineadas a seguir.

4.1 Estrutura Cognitiva da GC

A estrutura cognitiva de uma área ou de uma disciplina é caracterizada pela sua produção científica realizada no âmbito das universidades, em projetos de pesquisa, dos grupos de estudos e pesquisa, e no desenvolvimento de teses e dissertações que, ao estarem em andamento ou serem concluídas, são publicadas em diferentes canais de comunicação científica como eventos ou periódicos.

Essas pesquisas científicas são realizadas a partir de teorias, de métodos, de instrumentos, e de procedimentos de análises ideais para o alcance de propostas. É a partir dessas características, formando a estrutura cognitiva, que os pesquisadores empenhados e de destaque estabelecem a identidade intelectual de uma disciplina de interesse.

Conforme a Teoria de Whitley (1974) a institucionalização científica do ponto de vista da estrutura cognitiva leva em consideração a articulação entre regras ou normas sobre as teorias e as técnicas que viabilizam uma coerência e um maior entendimento no âmbito de onde ela está sendo desenvolvida, ou seja, a disciplina no campo ou área científica.

Neste estudo, como justificado anteriormente, realizamos a análise da produção científica sobre Gestão do Conhecimento nos anais publicados durante as 21 edições do importante evento que é consolidado e responsável pelo desenvolvimento da Ciência da Informação brasileira, o ENANCIB.

A escolha por esse canal de comunicação científica parte do entendimento, também, de que esse evento é um significativo indicador das tendências de pesquisa que estão sendo planejadas, discutida, executadas e publicizadas na Ciência da Informação do país. Os pesquisadores renomados e preocupados com este campo informacional se fazem presentes regularmente, comunicando suas pesquisas nos GT de interesse.

Nesse contexto, apesar do ENANCIB ser um dos indicadores que pode representar um grau de institucionalização da estrutura social da GC neste estudo, escolhemos contextualizar o evento, a partir de um breve relato, a sua constituição e realização com o intuito de apontar, posteriormente, o número de publicações de trabalhos identificados sobre a Gestão do Conhecimento durante as edições, em todos os GT, e que foram selecionados para análise desta categoria.

Como explicado nos procedimentos metodológicos, os dados relacionados ao panorama das edições do ENANCIB (1994 – 2021) foram coletados no portal de Eventos da ANCIB e nos *sites* dos eventos que não se encontram no referido portal. A apresentação está organizada de forma que se identifiquem a edição, o local, a data, o tema central do evento e os GT, conforme o Quadro 11.

Quadro 11 – Panorama das edições do ENANCIB (1994 – 2021)

Edição, Local e Data	Tema Central do Evento	Grupos de Trabalho
I ENANCIB - Belo Horizonte/Minas Gerais - 8 a 10 de abril de 1994	Não houve	GT - Informação Tecnológica GT - Informação e Sociedade/Ação Cultural GT - Representação do Conhecimento/Indexação/Teoria da Classificação GT - Administração/Gestão/Avaliação e Estudos de Usuários

		GT - Formação profissional/Mercado de Trabalho GT - Produção Científica/Literatura Cinzenta GT - Políticas de Pesquisa dos Cursos de Pós-graduação
II ENANCIB - Valinhos/São Paulo - 22 a 24 de novembro de 1995	Não houve	GT - Informação Tecnológica e Administração de Serviços GT - Representação do Conhecimento/Indexação/Teoria da Classificação GT - Novas Tecnologias/Bases de Dados/Fontes de Informação [e a Educação] GT - Informação e Sociedade/Ação Cultural GT - Produção Científica/Literatura Cinzenta GT - Formação Profissional e Mercado de Trabalho
III ENANCIB - Rio de Janeiro/Rio de Janeiro - 10 a 12 de setembro de 1997	Não houve	GT 1 - Informação Tecnológica e Administração de Serviços GT 2 - Representação do Conhecimento/Indexação/Teoria da Classificação GT 3 - Novas Tecnologias/Redes de Informação/Educação a Distância GT 4 - Informação e Sociedade/Ação Cultural GT 5 - Produção Científica/Literatura Cinzenta GT 6 - Formação Profissional/Mercado de Trabalho
IV ENANCIB - Brasília/Distrito Federal - 6 a 10 de novembro de 2000	Conhecimento para o século XXI: a Pesquisa na Construção da Sociedade da Informação.	GT 1 - Informação Tecnológica e Informação para Negócios GT 2 - Representação do Conhecimento/Indexação/Teoria da Classificação GT 3 - Novas Tecnologias/Redes de Informação/Educação à Distância GT 4 - Informação e Sociedade/Ação Cultural GT 5 - Comunicação científica GT 6 - Formação Profissional e Mercado de Trabalho GT 7 - Planejamento e Gestão de Sistemas de Informação e Inteligência Competitiva GT 8 - Epistemologia da Ciência da Informação
V ENANCIB - Belo Horizonte/Minas Gerais - 10 a 14 de novembro de 2003	Informação, Conhecimento e Transdisciplinaridade: desafios do milênio	GT 1 - Informação Tecnológica e para Negócio GT 2 - Representação do Conhecimento/Indexação/Teoria da Classificação GT 3 - Novas Tecnologias/Redes de Informação/Educação à Distância GT 4 - Informação e Sociedade/Ação Cultural GT 5 - Comunicação e Produção Científica/Literatura Cinzenta GT 6 - Formação Profissional e Mercado de Trabalho

		GT 7 - Planejamento e Gestão de Sistemas GT 8 - Epistemologia da Ciência da Informação * Submissões Gerais
VI ENANCIB - Florianópolis/Santa Catarina - 28 a 30 de novembro de 2005	A política científica e os desafios da sociedade da informação	GT 1 - Estudos Históricos e Epistemológicos da Informação GT 2 - Organização do Conhecimento e Representação da Informação GT 3 - Mediação, Circulação e Uso da Informação GT 4 - Gestão de Unidades de Informação GT 5 - Política, Ética e Economia da Informação GT 6 - Informação e Trabalho GT 7 - Informação para Diagnóstico, Mapeamento e Avaliação
VII ENANCIB - Marília /São Paulo - 19 a 22 de novembro de 2006	A dimensão epistemológica da Ciência da Informação e suas interfaces técnicas, políticas e institucionais nos processos de produção, acesso e disseminação da informação	GT 1 - Estudos Históricos e Epistemológicos da Informação GT 2 - Organização do Conhecimento e Representação da Informação GT 3 - Mediação, Circulação e Uso da Informação GT 4 - Gestão de Unidades de Informação GT 5 - Política, Ética e Economia da Informação GT 6 - Informação e Trabalho GT 7 - Informação para Diagnóstico, Mapeamento e Avaliação
VIII ENANCIB - Salvador /Bahia - 28 a 31 de outubro de 2007	Promovendo a inserção internacional da pesquisa brasileira em Ciência da Informação	GT 1 - Estudos Históricos e Epistemológicos da Informação GT 2 - Organização e Representação do Conhecimento GT 3 - Mediação, Circulação e Uso da Informação GT 4 - Gestão de Unidades de Informação GT 5 - Política e Economia da Informação GT 6 - Informação, Educação e Trabalho GT 7 - Produção e Comunicação da Informação em Ciência, Tecnologia & Inovação * Grupo de Debates sobre Museologia e Patrimônio
IX ENANCIB - São Paulo/São Paulo - 28 de setembro a 01 de outubro de 2008	Diversidade cultural e políticas de Informação	GT 1 - Estudos Históricos e Epistemológicos da Informação GT 2 - Organização e Representação do Conhecimento GT 3 - Mediação, Circulação e Uso da Informação GT 4 - Gestão da Informação e do Conhecimento nas Organizações GT 5 - Política e Economia da Informação GT 6 - Informação, Educação e Trabalho GT 7 - Produção e Comunicação da Informação em Ciência, Tecnologia & Inovação GT 8 - Informação e Tecnologia
X ENANCIB - João Pessoa/Paraíba - 25 a 28 de outubro de 2009	A responsabilidade social da Ciência da Informação	GT 1 - Estudos Históricos e Epistemológicos da Ciência da Informação GT 2 - Organização e Representação do

		Conhecimento GT 3 - Mediação, Circulação e Apropriação da Informação GT 4 - Gestão da Informação e do Conhecimento nas Organizações GT 5 - Política e Economia da Informação GT 6 - Informação, Educação e Trabalho GT 7 - Produção e Comunicação da Informação em Ciência, Tecnologia & Inovação65 GT 8 - Informação e Tecnologia GT 9 - Museu, Patrimônio e Informação
XI ENANCIB - Rio de Janeiro/PB - 25 a 28 de outubro de 2010	Inovação e inclusão social: questões contemporâneas da informação	GT 1 - Estudos Históricos e Epistemológicos da Ciência da Informação GT 2 - Organização e Representação do Conhecimento GT 3 - Mediação, Circulação e Apropriação da Informação GT 4 - Gestão da Informação e do Conhecimento nas Organizações GT 5 - Política e Economia da Informação GT 6 - Informação, Educação e Trabalho GT 7 - Produção e Comunicação da Informação em Ciência, Tecnologia & Inovação GT 8 - Informação e Tecnologia GT 9 - Museu, Patrimônio e Informação GT 10 - Informação e Memória
XII ENANCIB - Brasília/DF - 23 a 26 de outubro de 2011	Políticas de informação para a sociedade	GT 1 - Estudos Históricos e Epistemológicos da Ciência da Informação GT 2 - Organização e Representação do Conhecimento GT 3 - Mediação, Circulação e Apropriação da Informação GT 4 - Gestão da Informação e do Conhecimento nas Organizações GT 5 - Política e Economia da Informação GT 6 - Informação, Educação e Trabalho GT 7 - Produção e Comunicação da Informação em Ciência, Tecnologia & Inovação GT 8 - Informação e Tecnologia GT 9 - Museu, Patrimônio e Informação GT 10 - Informação e Memória GT 11 - Informação e Saúde
XIII ENANCIB - Rio de Janeiro/RJ - 28 a 31 de outubro de 2012	A sociedade em rede para a inovação e o desenvolvimento humano	GT 1 - Estudos Históricos e Epistemológicos da Ciência da Informação GT 2 - Organização e Representação do Conhecimento GT 3 - Mediação, Circulação e Apropriação da Informação GT 4 - Gestão da Informação e do Conhecimento nas Organizações GT 5 - Política e Economia da Informação GT 6 - Informação, Educação e Trabalho GT 7 - Produção e Comunicação da Informação em Ciência, Tecnologia & Inovação

		GT 8 - Informação e Tecnologia GT 9 - Museu, Patrimônio e Informação GT 10 - Informação e Memória GT 11 - Informação e Saúde
XIV ENANCIB - Florianópolis/Santa Catarina - 29 de outubro a 01 de novembro de 2013	Informação e interação: ampliando perspectivas para o desenvolvimento humano	GT 1 - Estudos Históricos e Epistemológicos da Ciência da Informação GT 2 - Organização e Representação do Conhecimento GT 3 - Mediação, Circulação e Apropriação da Informação GT 4 - Gestão da Informação e do Conhecimento nas Organizações GT 5 - Política e Economia da Informação GT 6 - Informação, Educação e Trabalho GT 7 - Produção e Comunicação da Informação em Ciência, Tecnologia & Inovação GT 8 - Informação e Tecnologia GT 9 - Museu, Patrimônio e Informação GT 10 - Informação e Memória GT 11 - Informação e Saúde
XV ENANCIB - Belo Horizonte/Minas Gerais - 27 a 31 de outubro de 2014	Além das nuvens: expandindo as fronteiras da Ciência da Informação	GT 1 - Estudos Históricos e Epistemológicos da Ciência da Informação GT 2 - Organização e Representação do Conhecimento GT 3 - Mediação, Circulação e Apropriação da Informação GT 4 - Gestão da Informação e do Conhecimento nas Organizações GT 5 - Política e Economia da Informação GT 6 - Informação, Educação e Trabalho GT 7 - Produção e Comunicação da Informação em Ciência, Tecnologia & Inovação GT 8 - Informação e Tecnologia GT 9 - Museu, Patrimônio e Informação GT 10 - Informação e Memória GT 11 - Informação e Saúde
XVI ENANCIB - João Pessoa/Paraíba - 26 a 30 de outubro de 2015	Informação, Memória e Patrimônio: do documento às redes	GT 1 - Estudos Históricos e Epistemológicos da Ciência da Informação GT 2 - Organização e Representação do Conhecimento GT 3 - Mediação, Circulação e Apropriação da Informação GT 4 - Gestão da Informação e do Conhecimento GT 5 - Política e Economia da Informação GT 6 - Informação, Educação e Trabalho GT 7 - Produção e Comunicação da Informação em Ciência, Tecnologia & Inovação GT 8 - Informação e Tecnologia GT 9 - Museu, Patrimônio e Informação GT 10 - Informação e Memória GT 11 - Informação e Saúde
XVII ENANCIB - Salvador/Bahia - 20	Descobrimientos da Ciência da	

a 25 de novembro de 2016	Informação: desafios da Multi, Inter e Transdisciplinaridade	GT 1 - Estudos Históricos e Epistemológicos da Ciência da Informação GT 2 - Organização e Representação do Conhecimento GT 3 - Mediação, Circulação e Apropriação da Informação GT 4 - Gestão da Informação e do Conhecimento GT 5 - Política e Economia da Informação GT 6 - Informação, Educação e Trabalho GT 7 - Produção e Comunicação da Informação em Ciência, Tecnologia & Inovação GT 8 - Informação e Tecnologia GT 9 - Museu, Patrimônio e Informação GT 10 - Informação e Memória GT 11 - Informação e Saúde
XVIII ENANCIB - Marília/São Paulo - 23 a 27 de outubro de 2017	Informação, sociedade e complexidade	GT 1 - Estudos Históricos e Epistemológicos da Ciência da Informação GT 2 - Organização e Representação do Conhecimento GT 3 - Mediação, Circulação e Apropriação da Informação GT 4 - Gestão da Informação e do Conhecimento GT 5 - Política e Economia da Informação GT 6 - Informação, Educação e Trabalho GT 7 - Produção e Comunicação da Informação em Ciência, Tecnologia & Inovação GT 8 - Informação e Tecnologia GT 9 - Museu, Patrimônio e Informação GT 10 - Informação e Memória GT 11 - Informação e Saúde * GT Especial para submissões
XIX ENANCIB - Londrina/Paraná - 22 a 26 de outubro de 2018	Sujeito informacional e as perspectivas atuais em Ciência da Informação	GT 1 - Estudos Históricos e Epistemológicos da Ciência da Informação GT 2 - Organização e Representação do Conhecimento GT 3 - Mediação, Circulação e Apropriação da Informação GT 4 - Gestão da Informação e do Conhecimento GT 5 - Política e Economia da Informação GT 6 - Informação, Educação e Trabalho GT 7 - Produção e Comunicação da Informação em Ciência, Tecnologia & Inovação GT 8 - Informação e Tecnologia GT 9 - Museu, Patrimônio e Informação GT 10 - Informação e Memória GT 11 - Informação e Saúde * GT Especial para submissões
XX ENANCIB - Florianópolis/Santa Catarina - 21 a 25 de outubro de 2019	A Ciência da Informação e a Era da Ciência de Dados	GT 1 - Estudos Históricos e Epistemológicos da Ciência da Informação GT 2 - Organização e Representação do Conhecimento GT 3 - Mediação, Circulação e Apropriação da Informação GT 4 - Gestão da Informação e do Conhecimento

		GT 5 - Política e Economia da Informação GT 6 - Informação, Educação e Trabalho GT 7 - Produção e Comunicação da Informação em Ciência, Tecnologia & Inovação GT 8 - Informação e Tecnologia GT 9 - Museu, Patrimônio e Informação GT 10 - Informação e Memória GT 11 - Informação e Saúde * GT Especial para submissões
XXI ENANCIB - Rio de Janeiro/Rio de Janeiro - 25 a 29 de outubro de 2021	50 anos de Ciência da Informação no Brasil: saberes, diversidade e transformação social	GT 1 - Estudos Históricos e Epistemológicos da Ciência da Informação GT 2 - Organização e Representação do Conhecimento GT 3 - Mediação, Circulação e Apropriação da Informação GT 4 - Gestão da Informação e do Conhecimento GT 5 - Política e Economia da Informação GT 6 - Informação, Educação e Trabalho GT 7 - Produção e Comunicação da Informação em Ciência, Tecnologia & Inovação GT 8 - Informação e Tecnologia GT 9 - Museu, Patrimônio e Informação GT 10 - Informação e Memória GT 11 - Informação e Saúde * GT Especial para submissões

Fonte: Dados da pesquisa (2022).

A primeira edição do ENANCIB ocorreu em 1994 na cidade de Belo Horizonte, em Minas Gerais. Inicialmente, era nomeado de Encontro Nacional de Pesquisa em Ciência da Informação e Biblioteconomia. Nesse primeiro momento, não havia tema central do evento, mas já era estruturado a partir de GT e sem numeração. Whitley (1974) apresenta as especialidades e as áreas de pesquisa de forma a explicar como se organiza uma área científica.

Os GT constituem espaços para reunião, discussão e intercâmbio entre os pesquisadores associados à ANCIB, de modo a permitir a interlocução e o compartilhamento de resultados de pesquisas, criando oportunidades de debates e estímulo à reflexão (ANCIB, 2022). Nesse contexto, podemos relatar que os GT podem ser reconhecidos como especialidades da Ciência da Informação que se preocupam com determinadas situações problemas que se configuram como áreas de pesquisa.

A estrutura do ENANCIB até os dias de hoje é formada por GT e isso veio desde a sua primeira edição. Mostafa (1994) afirma que, ao serem criados os GT, esperava-se que esses grupos se tornassem, de fato, grupos de trabalho com coordenadores e

pesquisadores sócios. Além disso, foi uma abertura para que outros grupos surgissem de forma paralela ou à medida que novas tendências de pesquisas fossem apontadas. Para tanto, Solange Mostafa destacou ainda, à época, que os alunos de pós-graduação de todos os níveis mereciam estímulo especial por se enquadrarem como pesquisadores do hoje e do amanhã.

No II ENANCIB o nome do evento passou a se chamar de Encontro Nacional de Pesquisa em Ciência da Informação, entendendo a Biblioteconomia como intrínseca a área maior. Além disso, o evento passou de sete GT para seis. A partir III ENANCIB, ocorrido em setembro de 1997 na cidade do Rio de Janeiro/Rio de Janeiro, houve a identificação numérica de cada GT com indicação de números de um a seis, e mudanças em algumas de suas nomenclaturas.

A partir da sua quarta edição, ocorrida em novembro de 2000 na cidade de Brasília/Distrito Federal, o evento passou a ter um tema central para discussões, palestras, diálogos e fortalecimento da área, considerando as emergências de pesquisas na contemporaneidade. Constatamos também a presença de novos GT e mudanças nos nomes de outros grupos.

Na quinta edição do evento, identificamos acréscimos e alterações nos GT, além de espaço para apresentação de trabalhos gerais, sendo chamado de “Submissões Gerais”. O VI ENANCIB, ocorrido na cidade de Florianópolis/Santa Catarina em 2005, foi histórico, pois ocorreu a decisão pela regularidade ou periodicidade do evento no formato anual, levando em consideração o desejo dos pesquisadores pela possibilidade de interlocução direta com a comunidade (ANCIB, 2008). Ainda nesse ano, o número de GT foi reduzido para sete.

Em Marília/São Paulo, ocorreu a sétima edição do ENANCIB e uma das suas principais características foi a não alteração dos nomes dos GT pela primeira vez na história do evento, mantendo-se os grupos da edição passada com a mesma numeração e denominações. Foi neste ano de 2006 que surgiu pela primeira vez a denominação de um GT que contemplasse a Gestão do Conhecimento, denominada de “Gestão da Informação e do Conhecimento nas Organizações – (GT 4)¹²”.

O VIII Encontro Nacional de Pesquisa em Ciência da Informação foi realizado em Salvador/Bahia com alterações de GT e com a criação de espaço para “Debates

¹² Para fins de organização dos dados, apresentamos a evolução do grupo e da denominação do GT – 4 enquanto grupo destinado para os trabalhos de GC na subseção que contempla a categoria de estrutura social da disciplina na Ciência da Informação.

em Museologia e Patrimônio”, sendo uma iniciativa importante para consolidação do atual GT 9 – Museu, Patrimônio e Informação.

A nona edição do ENANCIB ocorrida na cidade de São Paulo/São Paulo no ano de 2008 com os mesmos GT da edição de número oito. A novidade desse ano foi a criação do grupo de “Informação e Tecnologia”. Na 10ª edição, em João Pessoa/Paraíba, no ano de 2009, foi criado o GT voltado para museus e patrimônio, conforme apontado anteriormente. A 11ª edição do Encontro foi sediada pela UFRJ na cidade do Rio de Janeiro/Rio de Janeiro, segunda vez na cidade, e teve como destaque a criação do 10º GT, intitulado de Informação e Memória. Além disso, houve mudanças nas denominações de outros grupos de trabalho.

Com a 12ª edição do ENANCIB, realizada em Brasília/Distrito Federal, houve a criação de mais um GT, o de Informação & Saúde. O XIII voltou a acontecer pela terceira vez no Rio de Janeiro/Rio de Janeiro, no Centro de Convenções Sul América, com a permanência de todos os GT do evento anterior.

Em 2013, na 14ª edição do ENANCIB na cidade de Florianópolis/Santa Catarina, ocorreu uma mudança importante na história do GT que contempla a Gestão do Conhecimento como escopo de pesquisa. O termo “organizações” foi suprimido da denominação do GT 4, passando a ser “Gestão da Informação e do Conhecimento”. Acreditamos que isso ocorreu devido ao entendimento de que a GIC pode ser pesquisada e aplicada em qualquer tipo de organização e em variados ambientes que contemplem informação e conhecimento, não só empresas ou instituições.

Os Encontros ocorridos em 2014, 2015 e 2016 ocorreram nas cidades de Belo Horizonte/Minas Gerais, João Pessoa/Paraíba e Salvador/Bahia, respectivamente, e já tinham sediados o evento anteriormente. Durante as 15ª, 16ª e a 17ª edições do ENANCIB não houve mudanças na estrutura do evento.

O XVIII ENANCIB foi realizado na cidade de Marília/São Paulo, sediado pela UNESP, e foi a partir desse encontro que a estrutura do evento passou a ter a submissão de trabalhos de coordenadores dos GT em um grupo especial. Isso foi importante para manter a avaliação às cegas de forma eficiente. Em 2018, no XIX Encontro, em Londrina/Paraná, outra mudança foi na composição das coordenações dos GT aprovada durante o Fórum de Coordenadores de GT, no qual “Vice coordenador” passou a se chamar de “Coordenador Adjunto”.

Em 2019, o evento ocorreu em Florianópolis/Santa Catarina, com a manutenção de todos os 11 GT, sediado pelo Programa de Pós-Graduação em

Ciência da Informação da UFSC. O XX ENANCIB começou a ser planejado ainda em 2019 com a confirmação da UFRJ/IBICT como sede da edição histórica, onde se comemoraria presencialmente os 50 anos de Ciência da Informação no Brasil.

Excepcionalmente em 2020 não houve edição do ENANCIB – desde o ano de 2005 (ano que o evento se tornou anual) – devido a pandemia da COVID-19. Sendo assim, a 20ª edição do evento veio a ocorrer em 2021, na modalidade remota devido às recomendações da Organização Mundial da Saúde (OMS) para a manutenção de afastamento social até que a população fosse consideravelmente vacinada.

O ENANCIB de 2021 foi histórico por ter sido a primeira edição na modalidade totalmente remota, com a utilização de plataformas digitais como *YouTube* e *Google Meet*, organizado pelo PPGCI da UFRJ/IBICT, sendo a quarta vez como o Rio de Janeiro/Rio de Janeiro como cidade sede mesmo que de maneira virtual. Essa edição também ocorreu a mudança no nome do evento, contemplando não só como encontro de Pesquisa, mas também de Pós-Graduação da área. Além disso, outro fator foi a criação de um novo GT, voltado para os estudos sobre informação, étnico-raciais, gênero e diversidade.

A partir do XXI Encontro Nacional de Pesquisa e Pós-Graduação em Ciência da Informação, que ocorrerá em Porto Alegre/Rio Grande do Sul em novembro de 2022, passará a contemplar 12 Grupos de Trabalho para discussão sobre os fenômenos que envolvem este campo informacional no Brasil.

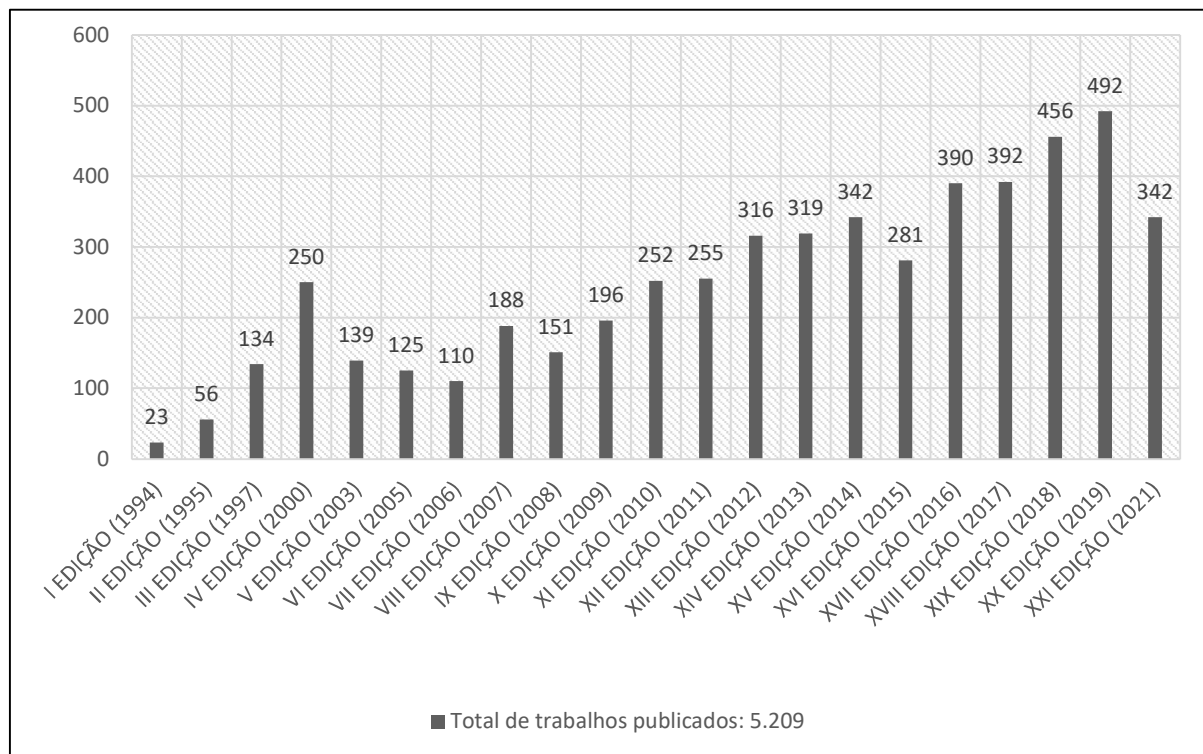
De fato, como podemos perceber, a previsão de Mostafa (1994) em tornar os grupos em trabalhos em GT consolidados foi ocorrendo durante a história do ENANCIB até a contemporaneidade, com a criação e reformulação de espaços que contemplem as necessidades das estruturas que formam a Ciência da Informação brasileira.

A trajetória das edições do ENANCIB é marcada por mudanças e aperfeiçoamentos em sua estrutura. O Encontro já aconteceu em quase todas as regiões do Brasil, com exceção da Região Norte. A regularidade dos GT foi consolidada a partir da 12ª edição, apesar nas pequenas mudanças em algumas das nomenclaturas, como foi o caso do GT 4.

Consideramos, portanto, que o ENANCIB é o maior evento da Ciência da Informação que reúne pesquisadores e alunos de pós-graduação no contexto informacional. Nesse sentido, esses atores realizam pesquisas com diferentes temáticas e apresentam e publicam em um determinado GT.

O Gráfico 1 apresenta a quantidade e evolução dos trabalhos publicados nos anais do evento por edição/ano desde a sua primeira edição.

Gráfico 1 – Pesquisas publicadas nos anais do ENANCIB (1994 – 2021)



Fonte: Dados da pesquisa (2022).

Em todas as edições do maior evento da área de Ciência da Informação no Brasil, houve um total de 5.209 pesquisas apresentadas e publicadas em seus anais. No período de sua estruturação (1994/2005) o evento contabilizou 727 comunicações. A partir de 2005/2006, quando se tornou um evento regular com periodicidade anual, o ENANCIB foi se consolidando aos poucos, tanto do ponto de vista da formação e criação dos GT, como mencionado anteriormente, como na evolução de submissões e aprovações de trabalhos em andamento e/ou concluídos.

De 2006 até a última edição (2021) o evento contou com 4.482 trabalhos nas modalidades de pôster/resumo expandido ou comunicação oral/trabalho completo, apesar de o Encontro considerar dividir os trabalhos em suas formas de apresentação a partir do ano de 2007 (VIII edição).

Considerando a totalidade das publicações de 1994 (I edição) a 2021 (XXI edição) é perceptível o aumento expressivo na quantidade dos trabalhos, apesar das variações para menos existentes em algumas edições, mais precisamente entre os

anos 2003 e 2009. A partir de 2010, podemos considerar uma evolução quase que linear do número de trabalhos por edição, com pico de 492 apresentações e publicações nos anais do XX ENANCIB, dispostos em seus 11 GT.

Observamos também que o número total de trabalhos da última edição, ocorrida em 2021, na modalidade remota, reflete um número inferior se comparado com as edições de 2016, 2017, 2018 e 2019. Partimos do pressuposto de que isso deve por ter sido um evento atípico quanto às formas de apresentação em ambientes digitais, além das limitações ocasionadas pelas condições sanitárias e qualidade saúde física e mental entre discentes dos cursos de mestrado e doutorado da área e dos docentes pesquisadores.

Para possibilitar a abertura mais específica da análise cognitiva centrada na produção científica sobre GC no âmbito dos anais de todas as 21 edições do maior Encontro de Pesquisa da Ciência da Informação no Brasil, o ENANCIB, foi necessário realizar a identificação das pesquisas em todos os GT, além de levar em consideração todos os tipos de modalidades dos trabalhos.

4.1.1 Pesquisas sobre Gestão do Conhecimento no ENANCIB (1994 – 2021)

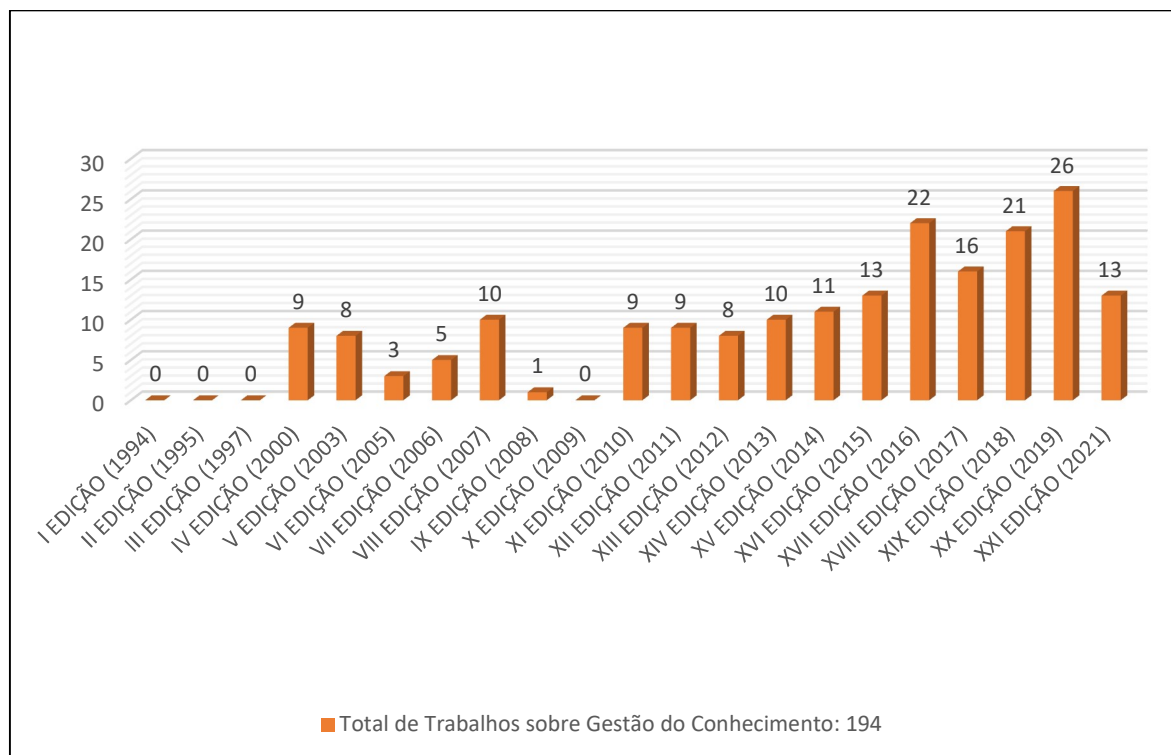
Para identificar e selecionar os trabalhos que versam sobre a Gestão do Conhecimento publicados nos anais de todas as edições do ENANCIB (1994 – 2021), foi preciso realizar uma busca exaustiva no portal de Eventos da ANCIB e nos Portais de Eventos que não se encontram no referido portal, como é o caso das últimas seis edições ocorridas entre os anos de 2015 e 2021.

Na extração dos dados disponíveis nos anais, foram levados em consideração os termos “gestão do conhecimento” ou “*knowledge Management*” e “gestão da informação e do conhecimento” ou “*information and knowledge management*”. Essas terminologias foram acatadas nos trabalhos que possuem os termos presentes no título, ou no resumo, ou nas palavras-chave.

Desse modo, o foco desta tese centra-se nas pesquisas exclusivamente na Gestão do Conhecimento na perspectiva isolada, mas também levando em consideração a abordagem integrada com a Gestão da Informação, compreendendo que o nosso fenômeno é o primeiro. O Gráfico 2 apresenta os trabalhos identificados,

ressaltando a presença da temática em todos os GT, bem como as 21 edições do ENANCIB, a seguir:

Gráfico 2 – Produção científica sobre GC nos anais do ENANCIB (1994 – 2022)



Fonte: Dados da pesquisa (2022).

Os trabalhos no contexto da Gestão no âmbito do ENANCIB se fizeram presente desde a sua primeira edição em 1994, como é o caso de pesquisas no contexto do planejamento estratégico e de gerentes de informações. Isso pode ter colaborado para discussões de novas condutas de gestão no âmbito da Ciência da Informação enquanto campo científico e no contexto de múltiplos ambientes/unidades/serviços informacionais na sociedade.

Podemos observar que os três primeiros anos que marcaram a história do ENANCIB, em sua fase de estruturação, não houve trabalhos que tratassem sobre a GC de forma direta ou timidamente em seus textos. No entanto, há um texto no II ENANCIB (1995) que, apesar de não mencionar o termo Gestão do Conhecimento, versa sobre o perfil do profissional da informação com foco no conhecimento, chamando-o de trabalhador do conhecimento, como caracteriza Drucker (1997). O título do resumo apresentado e publicado nos anais do evento é “A sociedade de

informação e o mercado de trabalho: análise das ofertas de trabalho na Grande São Paulo (1992/1994)” do GT “Formação profissional e Mercado de trabalho”.

Concretamente, os primeiros trabalhos a abordar o termo “Gestão do Conhecimento” ou Gestão da Informação e do Conhecimento” em seus elementos textuais aqui considerados aparecem a partir do ano 2000, IV edição do evento, com a presença de nove pesquisas apresentadas.

Ao analisarmos o Gráfico 2 é preciso considerar que das 21 realizações do evento, quatro não contemplaram a GC em seus trabalhos, duas edições possuíam menos de 5 trabalhos e três edições houve um número inferior a oito apresentações. Isso demonstra um grau mediano e evolutivo para os estudos de GC se considerarmos os demais Encontros que discutem temas sobre diversas perspectivas informacionais.

Entre o período de 2003 (V ENANCIB) e 2007 (VIII ENANCIB) houve presença de pesquisas sobre o tema em questão mesmo com a oscilação em números totais de publicações. Destacamos a oitava edição, em 2007, como a que mais apresenta o maior número de trabalhos em GC na primeira década do século XXI, sendo a primeira vez a alcançar a marca de pelo menos 10 apresentações, enquanto em 2009 o Encontro de Pesquisa em Ciência da Informação no Brasil não registrou pesquisas nesse contexto.

A partir da XI edição, em 2010, os trabalhos sobre a GC passaram a ser regulares no ENANCIB e, de certo modo, quase que de forma linear e com aumento considerável em relação a década anterior que pode ser reconhecida como a inserção e início das discussões sobre a temática na área. Sendo assim, o número de pesquisas registradas nos anais das edições XI, XII, XIII, XIV, XV, XVI, XVII, XVIII, XIX, XX e XXI variaram de nove a 26 trabalhos.

O número total de pesquisas sobre o tema nas modalidades presentes nos anais de todas as edições do evento chegou, até o ano de 2021, em 194 publicações. Levando em consideração que, apesar de a gestão do conhecimento ser um dos pontos destacados na Ementa de um dos GT juntamente com a GI, o tema não possui um espaço único e exclusivo para discussão.

Isso corrobora para o entendimento de que a totalidade desses trabalhos sobre GC representam, de forma gradativa e unidimensional, uma emergência ou tendência para a Ciência da Informação (ARAÚJO, 2014a, 2017) tendo em vista a diversidade de especialidades e áreas de pesquisa que existem neste campo informacional no Brasil.

Importante salientar que a representação da distribuição de trabalhos sobre GC por GT encontra-se na Categoria de Estrutura Social no Quadro 17, por entendermos que é a partir da presença do tema em determinados grupos do evento que podemos inferir a sua inserção distribuída ou centralizada, e como se organiza nesse importante indicador. Desse modo, não foi pertinente apresentar a destruição e a incidência da temática nesta subseção por grupo devido a esse contexto.

Os trabalhos provenientes do ENANCIB, nas primeiras edições, eram apresentados sem caracterização das modalidades e todos os trabalhos disponíveis em seus anais se configuram como resumos. O evento passou a dividir as apresentações entre pôster e comunicação oral a partir da VIII edição em 2007.

No caso das pesquisas sobre a GC, com suas aparições a partir do ano 2000, o total das 194 apresentações disponibilizadas são textos com modalidades entre pôster e comunicação oral ou resumo expandido e trabalho completo. A Tabela 3 indica os tipos de modalidades dos textos científicos apresentados nas 17 edições que constam a presença da temática “Gestão do Conhecimento”.

Tabela 3 – Modalidades dos Trabalhos sobre GC – ENANCIB (1994 – 2021)

Ano – Edição do ENANCIB	Pôster/ Resumo Expandido	Comunicação Oral / Trabalho Completo
2000 – IV Edição	9	-
2003 – V Edição	-	8
2005 – VI Edição	-	3
2006 – VII Edição	-	5
2007 – VIII Edição	-	10
2008 – IX Edição	-	1
2010 – XI Edição	3	6
2011 – XII Edição	2	7
2012 – XIII Edição	1	7
2013 – XIV Edição	3	7
2014 – XV Edição	6	5
2015 – XVI Edição	7	6
2016 – XVII	8	14
2017 – XVIII Edição	2	14
2018 – XIX Edição	10	11
2019 – XX Edição	7	19
2021 – XXI Edição	1	12
TOTAL	59	135

Fonte: Dados da pesquisa (2022).

Entre os 194 trabalhos identificados nos anais do Portal de Eventos da ANCIB, 59 são caracterizados como pôster ou resumo expandido, e 135 são comunicação oral ou trabalho completo. Os trabalhos do evento, em certa medida, são pesquisas que estão em andamento e que normalmente são apresentados em pôster/resumo expandido como também as pesquisas finalizadas são, em sua maioria, apresentadas como comunicação oral ou trabalho completo.

Disposto o quantitativo de trabalhos e suas modalidades, as subseções que seguem se pautam nos dados extraídos dessas pesquisas, considerando os indicadores da estrutura cognitiva selecionados para análise do processo de Gestão do Conhecimento no campo da Ciência da Informação no Brasil.

4.1.2 Termos adotados (palavras-chave) nas pesquisas sobre GC

O uso corrente e a coerência de terminologias e de vocabulários específicos são importantes para definirem os objetos de investigação de uma área. Isso é essencial, enquanto indicador, para analisar o nível de institucionalização cognitiva de uma área ou disciplina científica, como bem aponta Whitley (1974).

Na Ciência da Informação, um dos problemas que pode ser constatado é a ausência de precisão terminológica devido ao perfil interdisciplinar do campo que é envolvido por diversas disciplinas que se constituem como especialidades ou áreas de pesquisa, tendo a partir disso, a construção de um quadro terminológico de conceitos e teorias próprios e, também, emprestados (KOBASHI; SMIT; TÁLAMO, 2001).

Reconhecendo a GC como uma tendência temática interdisciplinar do campo informacional no Brasil, mais especificamente da Ciência da Informação, e buscando compreender o(s) termo(s) que forma(m) a sua estrutura cognitiva, apresentaremos as palavras-chave recorrentes em suas pesquisas correspondente ao nosso *corpus* documental.

A partir do levantamento das pesquisas sobre GC nos anais das 21 edições do ENANCIB, ranqueamos os termos que estiverem presentes no campo de palavras-chave dos trabalhos publicados. Entre os 194 trabalhos nas modalidades pôster/resumo expandido e comunicação oral/trabalho completo, 15 trabalhos não registraram palavras-chave.

As palavras-chave foram extraídas de 179 trabalhos publicados, nos quais foram identificadas 355 palavras distintas, 97 palavras que se repetem por pelo menos uma vez, e 749 palavras-chave em sua totalidade (incluindo as repetições). Tendo como parâmetro o quantitativo mínimo de três vezes de aparição nos trabalhos, a Tabela 4 dispõe das palavras-chave mais recorrentes, na ordem decrescente, das que mais incidiram às que menos foram adotadas, com um total de 371 repetições.

Tabela 4 – Palavras-chave recorrentes nas pesquisas sobre GC –
anais das edições do ENANCIB (1994 – 2021)

Termo	Repetições
Gestão do Conhecimento	137
Gestão da Informação	37
Ciência da Informação	32
Gestão da Informação e do Conhecimento	17
Aprendizagem Organizacional	9
Bibliotecas Universitárias	9
Compartilhamento da Informação	7
Conhecimento	7
Compartilhamento do Conhecimento	6
Conhecimento Organizacional	6
Inovação	6
Inteligência Competitiva	6
Memória Organizacional	6
Redes Sociais	6
Informação	5
Modelos de Gestão do Conhecimento	5
Produção Científica	5
Criação de Conhecimento	4
Colaboração	4
Comunidades de Prática	4
Comportamento Informacional	4
Contexto Capacitante	4
Políticas Públicas	4
Profissional da Informação	4
Tecnologia de Informação e Comunicação	4
ENANCIB	3
Estudos de Usuários	3
Geração de Inovação	3
Gestão de Documentos	3
Gestão Estratégica do Conhecimento	3
Modelos	3
Práticas de Gestão do Conhecimento	3
Processo	3
Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação	3

Representação do Conhecimento	3
Tomada de decisão	3
Total	371

Fonte: Dados da pesquisa (2022).

Analisando a Tabela 4, observamos que o termo “Gestão do Conhecimento” foi o termo mais frequente ou recorrente ao ser utilizado 137 vezes. Apesar do uso dessa palavra-chave não ser surpreendente para a nossa análise, tendo em vista que é o principal tema investigado em um dos campos dos textos que compõem o *corpus* documental, há uma questão importante a ser destaca.

Observamos que “Gestão do Conhecimento”, quando adotada no campo das palavras-chave de cada trabalho, está empregada uma única vez. Isso significa que das 179 pesquisas, 137 trabalhos reconhecem o termo, e elevam o nível de variação do termo para além do título e do resumo, ao destacá-lo, de certo modo, como padrão de linguagem representativa de estudos sobre GC.

A segunda palavra mais frequente foi “Gestão da Informação” com 37 repetições, entre os 179 trabalhos que possuem palavras-chave. Ao tratarmos de ‘Gestão’ no campo da Ciência da Informação existe uma diversidade de possibilidades de pesquisas e que, por vezes, inconsistências na adoção dos termos. ‘Informação’ e ‘Conhecimento’ são fenômenos diferentes, mas que podem se complementar dependendo do contexto, sendo, a priori, correlatos e com diferentes definições.

Há na Ciência da Informação uma certa confusão de adoção da “Gestão da Informação” como o termo responsável pelo nosso estudo que, em sua essência é sobre GC. Isso corrobora com o entendimento de uma das perspectivas apontadas por Davenport e Cronin (2000) onde a GC é vista, no campo da Ciência da Informação e Biblioteconomia, predominantemente como gerenciamento de informações com outro termo, a partir de uma derivação semântica.

Apesar dessa possibilidade, pela ocorrência do termo “Gestão da Informação” nos trabalhos sobre GC, o que pode ser, também, é a adoção do termo para compreender o relacionamento entre informação e conhecimento, integradamente. Porém, pode ser um risco para identidade terminológica da Gestão do Conhecimento, quando adotado indevidamente.

A terceira palavra-chave frequente nos trabalhos foi “Ciência da Informação”, com 32 repetições, corroborando com o contexto em que as pesquisas inseridas nos anais do ENANCIB têm como campo científico a própria Ciência da Informação ao ser caracterizada pelas suas especialidades e/ou áreas de pesquisa.

Como dito anteriormente, muitos trabalhos realizados no âmbito do ENANCIB vêm de pesquisas desenvolvidas em cursos de pós-graduação ou de projetos/grupos de pesquisa no contexto da Ciência da Informação. Não obstante, a depender do teor do trabalho sobre GC, principalmente àqueles que se referem aos conceitos, às terminologias, às epistemologias, e às próprias análises em estudos aplicados no contexto de ambientes informacionais, tende a relacionar ao termo Ciência da Informação enquanto vocabulário, tendo em vista o movimento interdisciplinar da Gestão do Conhecimento com outras áreas do saber.

O termo “Gestão da Informação e do Conhecimento” incide como a quarta palavra-chave recorrente entre os 179 trabalhos com 17 repetições. Esse termo é muito comum nos trabalhos que envolvem a Gestão no campo da Ciência da Informação, sobretudo quando são pesquisas que investigam os dois tipos de gestão de forma simultânea e integrada. Barbosa (2008, p. 21) quando abordou a informação e o conhecimento no contexto da gestão buscou compreendê-los como “[...] fenômenos indissociáveis e complementares da vida organizacional. O conhecimento, uma vez registrado, transforma-se em informação e essa, uma vez internalizada, torna-se conhecimento.”

Na Ciência da Informação é comum a adoção de estudos que entendem a Gestão do Conhecimento de forma “isolada” (compreendendo que a sua própria abordagem carrega, em si, os aspectos informacionais), como podemos encontrar pesquisas que tendem a orientar a GIC como uma abordagem que se complementam, com convergências e diferenças do ponto de vista teórico e de aplicação. Nesse sentido, o uso recorrente desse termo representa uma abordagem integrada dos dois tipos de gestão que, inclusive, é uma denominação de uma dos GT do evento aqui investigado.

Os próximos termos são os que tiveram menos que 10 repetições, mas que, do ponto de vista desta análise, nos chama a atenção por compreendermos refletem as possíveis abordagens da GC nas pesquisas desenvolvidas no âmbito da Ciência da Informação brasileira. Com nove ocorrências, as palavras-chave “Aprendizagem

Organizacional” e “Bibliotecas Universitárias” se destacam e emergem como pontos de intersecções com a Gestão do Conhecimento.

A “Aprendizagem Organizacional” está voltada para a capacidade de promover o encorajamento e a disposição entre as pessoas colaboradoras de aprender de forma coletiva, ou seja, “as organizações que aprendem são aquelas onde as pessoas aprimoram continuamente sua capacidade para criar o futuro que realmente gostariam de ver surgir.” (SENGE, 1998, p. 234).

A partir dessa aplicabilidade de aprendizagem as pessoas poderão criar e compartilhar conhecimento a partir de um contexto favorável e gerenciado. Nesse sentido, a Aprendizagem Organizacional é uma das abordagens encontradas no âmbito da GC que, conforme este estudo apresenta, é considerada como uma das suas situações problemas no campo da Ciência da Informação no Brasil.

A palavra-chave “Bibliotecas Universitárias” como um dos pontos a emergir consideravelmente nas pesquisas sobre GC na Ciência da Informação e isso tende a ser estudos de cunhos teórico e de aplicação no contexto das unidades ou de ambientes de informação. Autran, Llarena, Pinheiro e Oliveira (2016), ao realizarem uma revisão sistemática, consideraram as Bibliotecas como eixo de análise importante e ponto de aproximação entre a GC e a Ciência da Informação.

Apesar da palavra-chave “Bibliotecas Universitárias” não estar diretamente relacionada ao termo e ao conceito de Gestão do Conhecimento, consideramos que elucida pesquisas importantes para reflexões e análises que aproximam as tendências temáticas e pragmáticas para pesquisadores, docentes e profissionais da Ciência da Informação.

Com sete vezes de aparição nos trabalhos publicados, os termos “Compartilhamento da Informação” e “Conhecimento” também se relacionam com GC, apesar de depender do contexto. Uma dos processos ou práticas que viabiliza a GC é o compartilhamento da informação (conhecimento explícito), principalmente se entendermos numa perspectiva de combinação e internalização no processo da espiral do conhecimento apresentado por Nonaka e Takeuchi (1997).

Apesar dessa relação, não se pode confundir compartilhamento da informação com compartilhamento do conhecimento. Enquanto o primeiro se relaciona com o compartilhamento do conhecimento registrado/informação em algum suporte, o segundo se relacionada ao conhecimento tácito, aquele compartilhado a partir de técnicas de verbalização, socialização.

O termo “Conhecimento”, quando adotado nessas pesquisas, precisa estar claro e bem explicado. Entendemos que informação e conhecimento possuem um leque de conceitos e podem ser interpretados conforme são contextualizados. No campo da Gestão, o “conhecimento” está relacionado àqueles pertencentes às pessoas, ao indivíduo que, a partir das práticas de GC, podem construir novos conhecimento de estágio coletivo e organizacional.

As palavras-chave “Compartilhamento do Conhecimento”, “Conhecimento Organizacional”, “Inovação”, “Inteligência Competitiva”, “Memória Organizacional” e “Redes Sociais” aparecem entre os 179 trabalhos com seis repetições cada uma. Esses termos chamam a atenção pelas relações existem com a Gestão do Conhecimento no campo da Ciência da Informação.

“Compartilhamento do Conhecimento” está estreitamente contemplada no conceito de GC quando pensada na conversão do conhecimento tácito para conhecimento tácito, a socialização, na espiral do conhecimento (NONAKA, TAKEUCHI, 1997). “Conhecimento Organizacional” é constituída pelas pessoas, pelos grupos de indivíduos, pelas políticas e cultura voltada para o conhecimento, como também por práticas de gestão do conhecimento, nesse sentido, a aparição do termo torna-se coerente com o contexto.

“Inovação” é uma das emergências apresentadas para o campo da Ciência da Informação no Brasil, sobretudo quando se pensa o lugar da Gestão nesta área de conhecimento. Duarte (2012) nos apresenta que, a partir de uma análise no GT 4 do ENANCIB na XIII Edição, as ações de GC reveladas nos trabalhos já apontavam para uma abordagem inovadora conforme as dimensões da gestão da inovação de Terra (2012) e na perspectiva da Ciência da Informação.

O termo “Inteligência Competitiva” se relaciona com GC por entender como um fator primordial para tornar as organizações inteligências, levando em consideração a GI e GC (VALENTIM, 2003). Entre os trabalhos apresentados, a Inteligência Competitiva emerge como uma consequência do gerenciamento do conhecimento.

“Memória Organizacional” é outra palavra-chave que apresenta como uma situação problema que origina em uma área de pesquisa para a GC no campo da Ciência da Informação. Conforme o estudo de Feitoza *et al.* (2019), a Memória Organizacional se revela como preservação do Conhecimento Organizacional, oriundas das ações ou práticas de GC, conforme pesquisa no âmbito deste campo informacional.

A palavra-chave “Rede Social” emerge em um contexto potencial para a GC no contexto das redes informais e de colaboração no campo das organizações, como também na perspectiva das tecnologias de informação e comunicação, sobretudo nas mídias sociais, onde as interações e relações entre os indivíduos por meio dessas ferramentas colaboraram significativamente com os processos inovadores de GC em ambientes informacionais e como área de pesquisa.

As palavras-chave “Informação” e “Modelos de Gestão do Conhecimento” aparecem com cinco repetições nos trabalhos publicados no evento. Nesse contexto, Informação pode estar atrelada a abordagem integrada da GIC e os modelos são metodologias ou parâmetros teóricos ou aplicados de análise de práticas de GC nas organizações. Apesar de também ocorrerem cinco repetições do termo “Produção Científica” entendemos que é uma palavra-chave transiente e que representa estudos de comunicação científica que se interessa por temas como a GC.

Com a ocorrência de quatro repetições, as palavras-chave “Criação do Conhecimento”, “Colaboração”, “Comunidades de Prática”, “Comportamento Informacional”, “Contexto Capacitante”, “Políticas Públicas”, “Profissional da Informação” e “Tecnologia da Informação e Comunicação” emergem como termos interessantes para o desempenho da GC no campo da Ciência da Informação. Consideremos o termo “Políticas Públicas” como transiente, mesmo que seja um fator importante para o acontecimento de ações de GC no escopo institucional público.

“Criação do Conhecimento”, “Colaboração” e “Comunidades de Prática” são termos que estão intrínsecos ao conceito de Gestão do Conhecimento, dependendo do contexto em que é apresentado. A “Criação do Conhecimento” se dá justamente pela “Colaboração” entre os sujeitos, a partir de ações ou métodos aplicáveis, como o caso das “Comunidades de Prática” que são grupos que buscam compartilhar o que saber e aprender sobre um segmento ou ideais em comum, exercendo assim a gestão do conhecimento.

Os termos “Comportamento Informacional” e “Profissional da Informação” tendem a pensar os sujeitos informacionais no processo de gestão do conhecimento, tendo em vista a sua articulação com as questões cognitivas. Nesse processo se sobressaem os profissionais que lidam com o contexto informacional que, a partir de uma base de formação, estão preparados para atuar nessa perspectiva. A ocorrência desses termos não nos surpreende, apesar de não serem centrais no corpo teórico e metodológico da GC.

Importante destacar a aparição do termo “Contexto Capacitante” que se destaca como um termo imbricado aos aspectos epistemológicos e ontológicos da GC. O contexto capacitante se refere ao ambiente em que o conhecimento é gerenciado, a partir de estratégias que corroborem para a sua socialização ou compartilhamento e criação (NONAKA; TAKEUCHI, 1997). Na literatura científica, esse contexto recebe o nome de “Ba”, conforme contribuições de Nonaka e Konno (1998).

As palavras-chave “ENANCIB”, “Estudos de Usuários”, “Geração de Inovação”, “Gestão de Documentos”, “Gestão Estratégica do Conhecimento”, “Modelos”, “Práticas de Gestão do Conhecimento”, “Processo”, “Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação”, “Representação do Conhecimento” e “Tomada de Decisão” têm aparição de três vezes cada termo, entre os 179 trabalhos sobre GC dispostos nos anais do ENANCIB.

Pelo sentido dos termos, consideramos “ENANCIB”, “Modelos” e “Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação” e “Recuperação do Conhecimento” como palavras transientes no percurso das pesquisas selecionadas. Isso porque são termos que não estão direcionados respectivamente com a GC, mas que podem estar representando pesquisas tenham adotado o evento e os programas para investigação. Quanto ao termo “Modelos” compreendemos que é um termo vago no contexto da nossa investigação, que pode ser constituído em diferentes perspectivas.

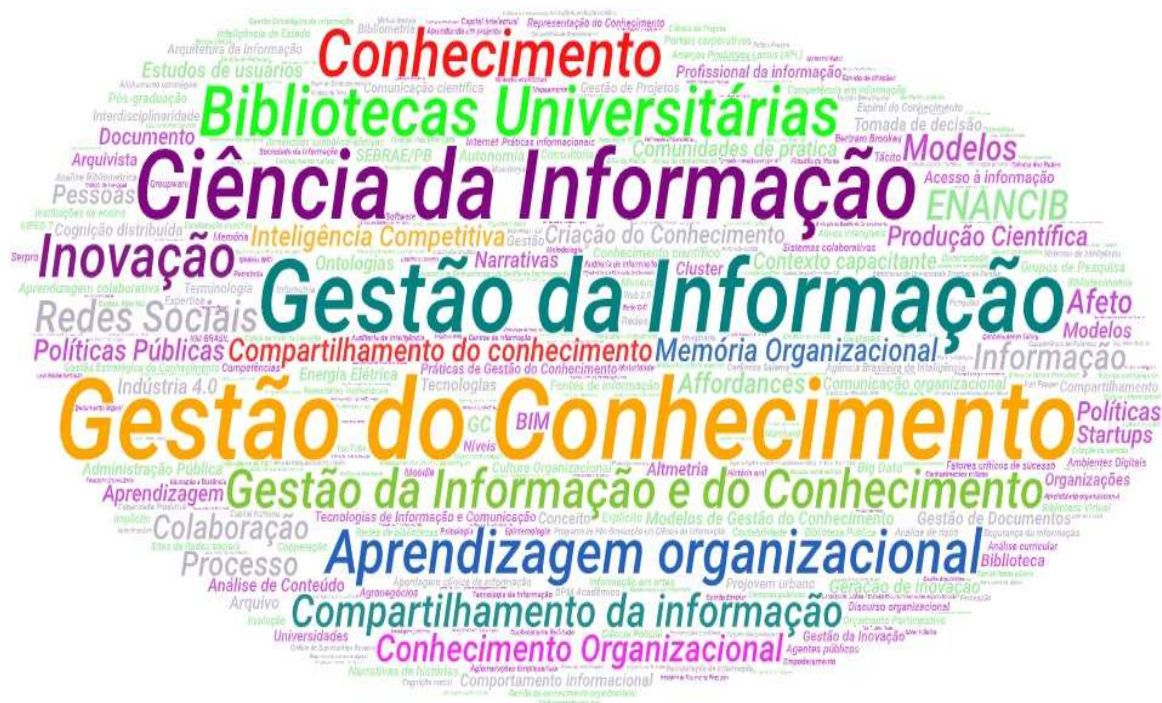
Os termos “Geração de Inovação”, “Gestão de Documentos”, “Gestão Estratégica do Conhecimento”, “Práticas de Gestão do Conhecimento”, “Processo” e “Tomada de Decisão” corroboram com o argumento de Alvares, Baptista e Araújo Júnior (2010) quando categoriza a gestão do conhecimento a partir de algumas perspectivas que se complementam. Do ponto de vista paradigmático, também está correspondente aos aspectos teóricos e epistemológicos da GC abordados por Alvares *et al.* (2020) quando apresentam as disciplinas e as teorias à luz dos paradigmas humanista, sociotécnico, organizacional e tecnológico de Sagsan (2009).

No contexto cognitivo, Whitley (1974) aponta que a institucionalização de uma área é relativamente de nível baixo quando situações problema originam os trabalhos desconexos e desarticulados entre os agentes científicos, sendo os seus significados justificados por conta da falta de clareza e de consenso pelos pesquisadores que produzem e publicam seus trabalhos.

No caso da nossa investigação compreendemos que os termos refletidos no campo das palavras-chave nos trabalhos sobre GC, do maior evento da Ciência da Informação brasileira, sinalizam a Gestão do Conhecimento como principal eixo temático, sendo agregada por temas imbricadas no desenvolvimento de suas pesquisas.

Em suma, a Figura 9 exhibe de forma lúdica os principais termos recorrentes nas pesquisas sobre GC nos trabalhos recuperados nos anais das edições do ENANCIB (1994 – 2021).

Figura 9 – Representação dos termos recorrentes em Gestão do Conhecimento



Fonte: Elaborado pelo autor, por meio do WordArt, com base nos dados da pesquisa (2022).

Este trabalho, mesmo sem transcorrer análise de conceitos sobre GC, intentou abordar a representação desses termos deixando evidente as possibilidades de abordagens da GC no contexto da Ciência da Informação no Brasil, aqui considerados como situações-problemas que dão origem às suas respectivas áreas de pesquisa, a saber: Gestão da Informação (numa perspectiva imbricada ao processo de gestão do conhecimento; Conhecimento Organizacional; Aprendizagem Organizacional; Compartilhamento da Informação; Compartilhamento do Conhecimento; Inteligência

Competitiva; Criação do Conhecimento; Memória Organizacional; Processo de GC; e Redes Sociais.

Dessa forma, os termos e respectivos conceitos são lineares e vão ao encontro com a Gestão do Conhecimento enquanto disciplina que abarca determinados objetos de análise que são refletidos em uma linguagem padrão e intelectualizada que é constituída pelas abordagens apresentadas. Isso reflete um dos indicadores do processo de institucionalização cognitiva no que se refere a **linearidade e concordância na linguagem especializada e ordem intelectual**.

Quanto a **natureza previsível das pesquisas a partir da identidade cognitiva**, o resultado aponta para uma inferência de que existe um grau de consenso das articulações conceituais entre os pesquisadores que publicaram sobre GC nas últimas edições do ENANCIB e, compreendendo que em sua maioria são trabalhos desenvolvidos no âmbito da Pós-Graduação e/ou Grupos de Pesquisa, tal disciplina vem sendo solidificada em seu processo de institucionalização cognitiva (WHITLEY, 1974), além de ter, certamente, uma forte presença nas estruturas sociais da Ciência da Informação no Brasil.

No entanto, por ser uma disciplina nova e ter visões ou correntes do ponto de vista epistemológico e pragmático, há situações em que é preciso explicar e apresentar o conceito de forma mais clara, o que pode ser um indicador de que GC vem ocupando seu espaço institucionalizado de forma evolutiva, com nível mediano/alto e exponencial.

Condicionante a isso, como complemento à análise das palavras-chave, o próximo passo desta subseção foi conhecer mais um indicador da estrutura cognitiva da GC neste campo informacional a partir do levantamento dos autores das pesquisas sobre GC nos anais do ENANCIB.

Para tanto, foi necessário realizar o levantamento da produção científica especializada que evidencie, de um grupo de autores selecionados entre os mais produtivos, o referencial ou arcabouço teórico-metodológico da GC que responda pela questão de qual corrente científica é predominante e qual a previsibilidade de teorias são adotadas em pesquisas sobre GC no contexto da Ciência da Informação no Brasil.

4.1.3 Autores das pesquisas sobre GC nos anais do ENANCIB (1994 – 2021)

Nesta etapa da análise foi elaborada uma lista com todos os autores que produziram os trabalhos de GC em autoria única ou em colaboração (coautoria). Não foi o nosso foco elencar nesses aspectos, tendo em vista que consideramos todos os de maneira ampla, denominando-os de autor(es), sem necessariamente especificar o(a) autor(a) e o(a) coautor(a).

A Tabela 5 dispõe os autores produtivos das pesquisas identificadas nos anais do evento. No *ranking* consta o nome dos autores que produziram e publicaram ao menos três trabalhos nas edições e aqueles que tiveram uma ou duas não foram nomeados nesta subseção, mas podem ser identificados no Apêndice B.

Tabela 5 – Autores produtivos em GC nos anais do ENANCIB (1994 – 2021)

Autor(a)	QTD/ Trabalhos	Autor(a)	QTD/ Trabalhos
Emeide Nóbrega Duarte	21	Marcos do Couto Bezerra Cavalcanti	4
Marta Lúcia Pomim Valentim	14	Narjara Bárbara Xavier Silva	4
Ricardo Rodrigues Barbosa	11	Rayan Aramis de Brito Feitoza	4
Júlio Afonso Sá de Pinho Neto	10	Daniel de Araújo Martins	3
Suzana de Lucena Lira	10	Ediene Souza de Lima	3
Fábio Corrêa	9	Elisângela Cristina Aganette	3
Marta Araújo Tavares Ferreira	9	Eric de Paula Ferreira	3
Rosilene Agapito da Silva Llerena	9	Jorge Tadeu de Ramos Neves	3
Cláudio Paixão Anastácio de Paula	7	Lillian M. Araújo de Rezende Alvares	3
Fabrizio Ziviani	7	Luiz Claudio Gomes Maia	3
Renata de Souza França	7	Márcia Maria de M. T. Saeger	3
Ieda Pelógia Martins Damian	6	Maria C. Reis Lobo de Vasconcelos	3
Jurema S. de Araújo Nery Ribeiro	6	Regina de Barros Cianconi	3
Alzira Karla Araújo da Silva	5	Renata Maria Abrantes Baracho	3
Armando Sérgio de Aguiar Filho	5	Valério Brusamolin	3
Rivadavia C. D. de Alvarenga Neto	5	Wagner Junqueira de Araújo	3
Elaine da Silva	4	33 autores	2
Elaine Drumond Pires e Silva	4	186 autores	1
Letícia Gorri Molina	4	Total de 254 autores	

Fonte: Dados da pesquisa (2022).

Considerando que o *corpus* documental para análise se constituiu em 194 trabalhos, entre pôster/resumo expandido e comunicação oral/trabalho completo, foi possível identificar todas as autorias nos metadados dos anais eletrônicos e no corpo do texto indexado. O total de autores foi de 254, sendo 68 com duas ou mais produções e 186 com um trabalho publicado.

Com base no parâmetro quantitativo, esta pesquisa considerou os **autores mais produtivos** em pesquisas de GC, no âmbito do ENANCIB, os que tiveram no mínimo cinco publicações entre os 68 autores com mais de duas publicações. Nesse sentido, os 186 pesquisadores são considerados como fortes transientes na GC por ter regularidade de apenas uma edição, das 17 edições que contemplaram esses trabalhos.

Como observado na Tabela 5, existem 16 autores com produções que variam entre cinco e 21 comunicações publicadas nos anais do evento. Com 21 trabalhos, a autora Emeide Nóbrega Duarte (Duarte, E. N) se apresenta como a mais produtiva sobre GC. Em seguida, Marta Lígia Pomim Valentim (Valentim, M. L. P.) é a segunda autora que mais produziu trabalhos sobre o tema, com 14 publicações. Se destacando com 11 pesquisas apresentadas, o autor Ricardo Rodrigues Barbosa (Barbosa, R. R.) é o terceiro mais produtivo entre os 68 autores que produziram mais de um trabalho ao longo das edições do ENANCIB.

Os três autores mais produtivos Duarte, E. N; Valentim, M. L. P.; e Barbosa, R. R. se diferenciam dos demais autores por representarem unicamente um determinado quantitativo de produções, sendo 21, 14 e 11 respectivamente. Conforme disponibilizado no Portal da ANCIB (2022), sobre a trajetória dos coordenadores de GT da associação, percebemos que os três pesquisadores possuem fortes relações com a temática, inclusive por terem sido coordenadores do GT 4 que é responsável por diversas temáticas sobre gestão, como a GC, e é denominado atualmente de “Gestão da Informação e do Conhecimento”.

Com 10 comunicações registradas nos anais do evento, Júlio Afonso Sá de Pinho Neto (Pinho Neto, J. A. S.) e Suzana de Lucena Lira (Lira, S. L.) são os autores que ocupam a quarta colocação no *ranking* dos autores que mais produziram sobre o tema. Fábio Corrêa (Corrêa, F.), Marta Araújo Tavares Ferreira (Ferreira, M. A. T.) e Rosilene Agapito da Silva Llarena (Llarena, R. A. S.) publicaram nove comunicações durante as edições do ENANCIB e ocupam o quinto lugar entre os mais produtivos.

Cláudio Paixão Anastácio de Paula (Paula, C. P. A.), Fabrício Ziviani (ZIVIANI, F.) e Renata de Souza França (França, R. S.) ocupam a sexta posição no *ranking* dos produtivos com sete produções sobre a temática, cada um. Já na sétima posição ocupam aqueles que publicaram seis vezes em todas as edições do evento, que é o caso das autoras Ieda Pelógia Martins Damian (Damian, I. P. M.) e Jurema Suely de Araújo Nery Ribeiro (Ribeiro, J. S. A. N.).

Os autores Alzira Karla Araújo da Silva (Silva, A. K. A.), Armando Sérgio de Aguiar Filho (Aguiar Filho, A. S.) e Rivadávia Correa Drummond de Alvarenga Neto (Alvarenga Neto, R. C. D.) são os que possuem cinco trabalhos e ocupam a oitava posição dos autores publicaram sobre Gestão do Conhecimento nos anais das edições do principal encontro de pesquisa em Ciência da Informação no Brasil.

Esses autores podem ser considerados como os mais produtivos em GC no contexto da Ciência da Informação no Brasil, a partir das contribuições e representatividade no ENANCIB. Além disso, podem ser considerados como aqueles que têm credibilidade e influência na comunidade científica e nas camadas estruturais que sociabilizam a ciência a partir de sua comunicação.

Esses autores também podem ser reconhecidos como aqueles que podem servir de referência sobre a GC neste campo informacional, tomando como base suas contribuições teóricas, metodológicas e pragmáticas em diversos contextos ou ambientes informacionais.

Destacamos também, ao verificarmos o Currículo Lattes, que entre os mais produtivos existem atualmente dois pesquisadores que são bolsistas de Produtividade em Pesquisa (PQ) do CNPq, a saber: Valentim, M. L. P. (Bolsista nível 1 D) e Ziviani, F (Bolsista nível 2). As bolsas PQ “são destinadas a pesquisadores que se destaquem entre seus pares, valorizando sua produção em desenvolvimento tecnológico e inovação a partir de critérios normativos” que são estabelecidos pelo próprio órgão de fomento (CNPq, 2022). Assim, pesquisadores bolsistas de produtividade em pesquisa tornam-se importantes para o fortalecimento da GC na Ciência da Informação brasileira.

Os dados apontam que, de forma geral, que entre os 35 autores nomeados na Tabela 5, 16 são aqueles mais produtivos que correspondem ao quantitativo mínimo de cinco produções, considerados como os que mais concentram suas pesquisas em GC no âmbito do ENANCIB. Identificados esses autores mais produtivos, a nossa pesquisa se procedeu para o levantamento dos fundamentos teóricos que embasam as pesquisas dos autores responsáveis pelo tema na Ciência da Informação e como estabelecem a corrente no campo.

Para tanto, foi preciso estabelecer critérios para seleção de alguns pesquisadores dentre os mais produtivos dispostos na Tabela 5 devido a maior credibilidade desses autores, além de considerarmos como cada um se encontra organizado institucionalmente dentro da Ciência da Informação, conforme consulta

prévia realizada no Currículo Lattes. Os critérios serviram para estabelecer os autores, dentre os 16 mais produtivos, e foram considerados os que mais representam e contribuíram para a estruturação e consolidação da institucionalização cognitiva da GC na Ciência da Informação, com suas pesquisas e com os determinados vínculos permanentes nas instituições.

Os critérios definidos nesta etapa da pesquisa ficaram estabelecidos em: título de Doutor; ser credenciado(a) ou ter atuado como pesquisador permanente em Programas de Pós-Graduação *Stricto Sensu*; orientações acadêmicas em andamento ou concluídas de dissertações e/ou teses; e líder ou membro pesquisador de Grupo de Pesquisa cadastrado no DGP do CNPq.

Ao aplicarmos os critérios definidos entre os 16 autores mais produtivos, foram selecionados nove autores que podem ser reconhecidos como Doutores, docentes pesquisadores de Programa de Pós-Graduação *Stricto Sensu* com orientações de pesquisas em andamento ou concluídas, líder ou membro de Grupo cadastrado no DGP do CNPq, conforme a Tabela 6.

Tabela 6 – Autores representativos do núcleo da GC

Autor(a)	QTD/Trabalhos
Duarte, E. N.	21
Valentim, M. L. P.	14
Barbosa, R. R.	11
Pinho Neto, J. A. S.	10
Corrêa, F.	9
Paula, C. P. A.	7
Ziviani, F.	
Damian, I. P. M.	6
Silva, A. K. A.	5

Fonte: Dados da pesquisa (2022).

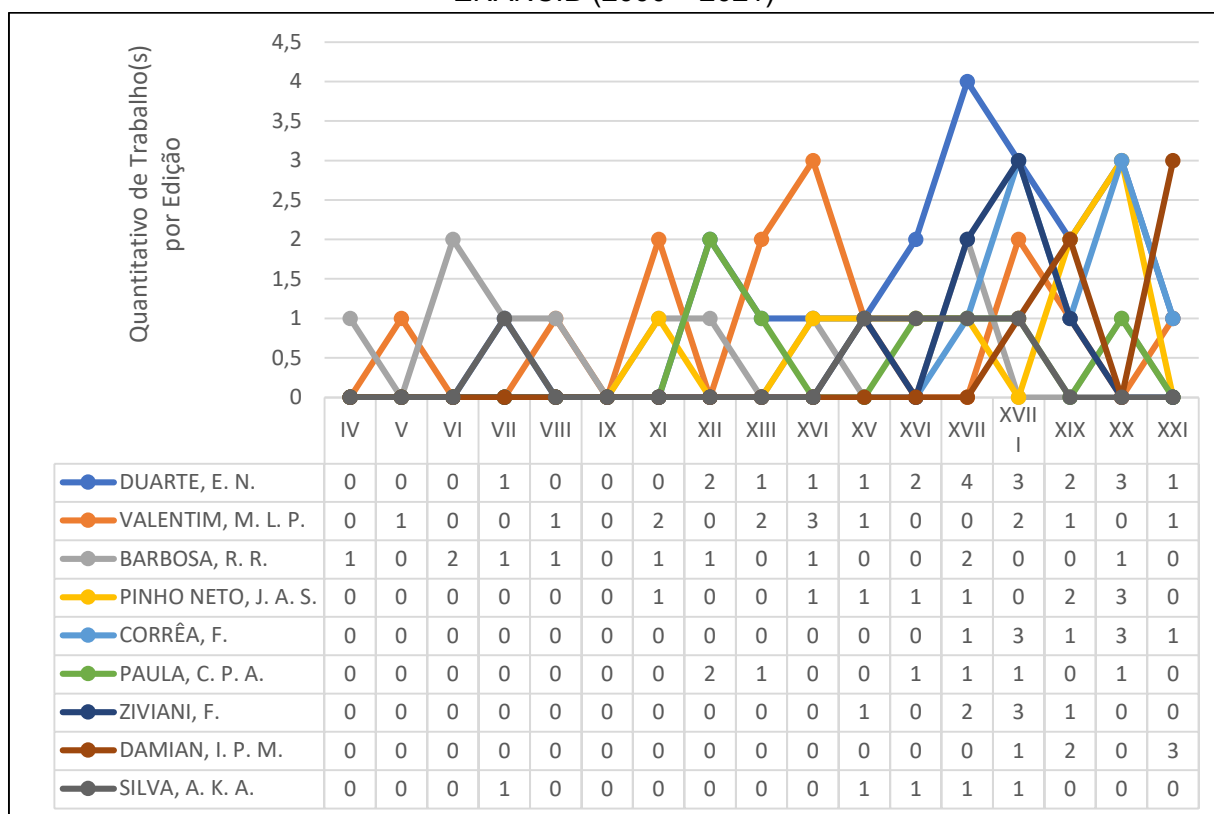
Esses autores podem ser considerados, em nossa investigação, como os **Representativos do Núcleo da GC na Ciência da Informação no Brasil**, tendo em vista a ocupação e as funções que desempenham no contexto da área no país,

conforme apresentamos na segunda categoria desta análise, mais especificamente a estrutura social.

Em uma distribuição bibliométrica, Santos e Kobashi (2009, p. 165) explicam que “O núcleo representa o grupo de dados que aparecem com as maiores frequências, relativamente ao conjunto dos itens analisados. [...] o núcleo simboliza os autores mais férteis numa área de especialidade.” Nessa perspectiva, a escolha pelo termo “núcleo” se dá pelo entendimento que esses autores selecionados dentre os mais produtivos possuem certa frequência, ou seja, tem publicações recorrentes e demonstra, quantitativamente, um grau de maturidade na temática.

O Gráfico 3 apresenta a regularidade desses autores representantes no núcleo em GC no âmbito das edições do ENANCIB. Levamos em consideração o período de 2000 (ano da primeira publicação sobre GC) a 2021 (última edição do evento). Outra constatação é que a edição X, ocorrida no ano de 2009, não se encontra no referido Gráfico por ser o ano que houve ausência de publicações sobre a temática.

Gráfico 3 – Regularidade de produção dos autores representativos do núcleo da GC no ENANCIB (2000 – 2021)



Fonte: Dados da pesquisa (2022).

Entre os autores que compõem a representação do núcleo da GC no âmbito da produção científica sobre GC no ENANCIB, a autora Duarte, E. N. é a que contempla maior regularidade de publicações no evento, sendo participativa em 11 edições das 17 que contemplam a temática em seus anais. A autora possui produção científica pela primeira vez no VII ENANCIB (2006), passou três edições sem comunicações e se estabilizou com sua presença regular a partir da 12ª edição (2011), ou seja, em mais de 50% da fase de consolidação do evento.

Entre os autores representativos desse núcleo, a autora Valentim, M. L. P. e o autor Barbosa, R. R. são os pesquisadores que estão presentes desde a fase de estruturação do ENANCIB, quando o evento ainda não tinha sua periodicidade anual. Isso significa que esses autores, apesar de não terem regularidade de textos exclusivos de GC publicados em todas as edições, estão presentes desde as primeiras aparições do tema no evento.

Percebemos que a configuração dos demais autores que representam o núcleo de GC no âmbito da Ciência da Informação e na perspectiva do ENANCIB passam a ser maior participação com suas publicações na segunda década do século XXI, mais precisamente entre a 11ª e 21ª edições. Na última edição, ocorrida remotamente em 2021, os autores que se fizeram presentes foram Duarte, E. N.; Valentim, M. L. P.; Corrêa, F.; e Damian, I. P. M.

O processo de fortalecimento da GC no âmbito da Ciência da Informação também está atrelado às participações e contribuições de pesquisadores em diferentes canais, sendo o ENANCIB como importante indicador para tal tendência. Nesse sentido, apesar de haver algumas ausências desses autores em determinadas edições, a regularidade desses, mesmo que parcial, vem sendo constituída de forma gradativa, à medida em que a evolução dos estudos sobre o tema vem ocorrendo durante as edições.

Apresentado os autores responsáveis pela produção científica em Gestão do Conhecimento nos anais do ENANCIB, abordamos a seguir a análise dos referenciais teóricos nos trabalhos publicados pelos representantes do núcleo da temática do evento, a partir do método de análise de citação. Santos e Kobashi (2009) consideram o núcleo como o local em que se distribuem os elementos bibliográficos redundantes ou que identificam certa área ou domínio de especialização, e esse princípio também é observado nos estudos de citação.

4.1.4 Fundamentos teórico-metodológicos da GC na Ciência da Informação

Outros indicadores importantes para análise do processo de institucionalização cognitiva da GC neste campo informacional é o **consenso e compromisso dos fundamentos teóricos, dos objetivos de análise e dos modelos de investigação** (fundamentos teóricos e metodológicos que fundamentam os estudos de GC e a previsibilidade teórica) e o **consenso nas atividades de identificação descrição e avaliação das pesquisas científicas** (predominância de corrente(s) científica(s) convergente(s)).

Para isso, realizamos o procedimento de análise de citação, ou seja, das referências mencionados nos trabalhos publicados pelos autores que representam o núcleo da GC no ENANCIB, selecionados entre os mais produtivos na temática. Dos 90 artigos analisados, um não foi contabilizado por se configurar como resumo e não ter citado e referenciado nenhum autor/obra.

Ao analisar 89 textos que compuseram o *corpus* selecionado, a partir dos trabalhos publicados pelos nove autores elencados na Tabela 6, organizamos os referenciais citados em Planilha Excel por autor, chegando aos seguintes resultados: 424 obras citadas nos 21 trabalhos publicados de Duarte, E. N. D.; 264 textos referenciados/citados nas 14 pesquisas de autoria de Valentim, M. L. P.; 244 referências recuperadas nos 11 trabalhos publicados por Barbosa, R. R.; 186 referências dos 10 trabalhos de autoria de Pinho Neto, J. A. S.; 362 fontes referenciadas/citadas nos nove textos publicados por Corrêa, F.; 207 referências nos sete trabalhos de autoria de Paula, C. P. A.; 212 referências nas sete pesquisas publicadas por Ziviani, F.; 161 referências nos seis trabalhos realizados por Damian, I. P. M.; e 73 referências identificadas nos cinco trabalhos publicados por Silva, A. K. A.

Somando todas as referências da análise, foram identificadas 2.133 referências distribuídas em todos os trabalhos publicados pelos autores que viabiliza a comunidade científica de GC no âmbito da Ciência da Informação e pelo viés do ENANCIB. Importante considerar que as autocitações não foram excluídas tendo em vista que os trabalhos são predominantemente de múltiplas autorias e que tais citações partem uma indicação não apenas do autor citado, mas de todos que concordam e elegem para a fundamentação.

A Tabela 7 apresenta os autores/obras mais citados nas publicações dos pesquisadores selecionados para análise, reconhecendo o grau de maturação e de importância desses agentes, considerando os critérios anteriormente aplicados. Para fins de organização, elencamos os autores mais citados, os anos das suas obras, e número de citações que cada um(a) recebeu e em ordenação decrescente. Além disso, consideramos aqueles mais citados cujo número de citações fosse acima de cinco.

Tabela 7 – Autores e Obras mais citados nas publicações dos pesquisadores do núcleo da GC nas Edições do ENANCIB (2000 – 2021)

Autor(a)	Ano(s)	Número de Citações
NONAKA, I; TAKEUCHI, H.	1995; 1997; 2008	53
VALENTIM, M. L. P.	2002; 2003; 2002; 2004; 2005; 2006; 2007; 2008; 2010; 2013; 2016	49
DAVENPORT, T. H.; PRUSAK, L.	1998a; 1998b	37
BARBOSA, R. R.	1997; 2002; 2008a; 2008b; 2013	29
BARDIN, L.	1977; 1979; 2009; 2011	27
CHOO, C. W.	1995; 1998; 2002; 2003; 2006	26
ARAÚJO, C. A. Á.	2007; 2008; 2011; 2013; 2014; 2017	22
TERRA, J. C.	2000; 2001; 2005; 2012	21
GIL, A. C.	1987; 1999; 2002; 2008; 2009; 2019	17
PAULA, C. P. A.	1999; 2005; 2011; 2012; 2013	15
ALVAREGA NETO, R. C. D.	2002; 2003a; 2003B; 2005; 2008	13
TAKEUCHI, H.; NONAKA, I.	2008	13
DUARTE, E. N.	2004; 2008; 2011; 2015	11
DRUCKER, P. F	1969; 1993; 1997; 1998; 2000; 2012	10
ANGELONI, M. T.	1999; 2000; 2002a; 2002b	9
BUKOWITZ, W. R.; WILLIAMS, R. L.	2002	9
TARAPANOFF, K.	2001; 2006	9
BERGERON, B. P.	2003	8
STEWART, T. A.	1998; 2002	8
VON KROGH, G. V.; ICHIJO, K.; NONAKA, I.	2001	8
MORIN, E.	1999, 2000, 2004, 2005	7
POLANYI, M.	1958; 1966; 1997	7
SOUZA, E. D.; DIAS, E. J. W.; NASSIF, M.	2011	7
SARACEVIC, T.	1975, 1996	7
BETTENCOURT, M. P. L.; CIANCONI, R. B.	2012	6
CAPURRO, R.	1999; 2003; 2005	6
CASTELLS, M.	1999; 2002; 2009	6
TRIVIÑOS, A. N. S.	1987; 2015	6

YIN, R. K.	2001; 2010; 2015	6
BATISTA., F. F.	2012; 2015	5
DAVENPORT, E.; CRONIN, B.	2000	5
FLEURY, A.; FLEURY, M. T.	1997; 2000; 2001	5
FLICK, U.	2004; 2009	5
SVEIBY, K. E.	1998; 2001	5
WIIG, K. M.	1997; 1999; 2002	5

Fonte: Dados da pesquisa (2022).

Os dados dos mais citados apontam que oito autores e sua(s) respectiva(s) obra(s) foram citados(as) mais de 20 vezes, a saber: NONAKA, I e TAKEUCHI, H.; VALENTIM, M. L. P.; DAVENPORT, T. H. e PRUSAK, L.; BARBOSA, R. R.; BARDIN, L.; CHOO, C. W.; ARAÚJO, C. A. Á. e TERRA, J. C., enquanto que seis foram citados(as) entre 10 e 17 vezes, como é o caso de GIL, A. C.; PAULA, C. P. A.; ALVARENGA NETO, R. C. D.; DUARTE, E. N. e DRUCKER, P. F.

Em primeiro lugar, em nível internacional, destacam-se os autores NONAKA, H. e TAKEUCHI, I. como autores e obra mais citados entre os citantes responsáveis pelo núcleo intelectual da GC na Ciência da Informação no Brasil. O conjunto de trabalhos publicados por Duarte, E. N. possui 11 referências dos autores citados, Barbosa, R. R. e Corrêa, F. citam cinco vezes, Pinho Neto, J. A. S.; Valentim, M. L. P. e Ziviani, F. citam os autores e a obra quatro vezes, Paula, C. P. A. cita duas vezes, Damian, I. P. M. cita três vezes, enquanto Silva, A. K. A. cita os autores/obra duas vezes.

Reconhecemos que, em conformidade com o número de trabalhos de cada citante, os contributos intelectuais de NONAKA, H. e TAKEUCHI, I. são a base teórica e epistemológica para o núcleo da GC no campo informacional em investigação. Além de serem de nível internacional, a perspectiva teórica que os autores apresentam para a GC pode se configurar como um dos meios de interdisciplinaridade existente entre o tema e a Ciência da Informação.

Além dos estudos de NONAKA, H. e TAKEUCHI, I. que se apresenta como teóricos fundamentais para investigações de GC no campo informacional aqui estudado, em nível internacional também temos outros importantes autores citados, a saber: DAVENPORT, T. H. e PRUSAK, L.; BARDIN, L.; CHOO, C. W.; DRUCKER, P. F.; BUKOWITZ, W. R. e WILLIAMS, R. L.; BERGERON, B. P.; STEWART, T. A.; VON KROGH, G. V., ICHIJO, K. e NONAKA, I.; MORIN, E.; POLANYI, M.; SARACEVIC, T.;

CAPURRO, R.; CASTELLS, M.; YIN, R. K.; DAVENPORT, E.; CRONIN, B.; FLICK, U.; SVEIBY, K. E.; WIIG, K. M.

Os citados SARACEVIC, T. e CAPURRO, R. são teóricos do ponto de vista da estudos epistemológicos da Ciência da Informação. MORIN, E. não se configura como um autor do tema aqui analisado, mas é um dos autores que versa sobre teorias do conhecimento e se apresenta como um teórico importante para embasar a complexidade que existe na perspectiva da GC. DRUCKER, P. F e configura como teórico reconhecidamente na Ciência da Administração e CASTELLS, M. como um importante teórico no contexto das tecnologias e redes.

BARDIN, L.; YIN, R. K.; e FLICK, U. são os que, em nível internacional, se destacam nos estudos de metodologia científica e projetos acadêmicos. Tais obras, a partir da análise de citação são consideradas como muito utilizadas nos trabalhos publicados pelos representantes do núcleo da GC. Essas se referem a técnica de análise de dados (Análise de Conteúdo), os tipos de Estudos de Caso, e a Abordagem qualitativa de pesquisa, respectivamente.

Os citados de nível internacional que podem representar os fundamentos teóricos e metodológicos da GC na Ciência da Informação são aqueles que representam um número de no mínimo cinco citações empregadas pela sua própria comunidade científica (núcleo representativo). São eles: NONAKA, H. e TAKEUCHI; I. DAVENPORT, T. H. e PRUSAK, L.; CHOO, C. W.; TAKEUCHI, I e NONAKA, H.; BUKOWITZ, W. R. e WILLIAMS, R. L.; BERGERON, B. P.; STEWART, T. A.; VON KROGH, G. V., ICHIJO, K. e NONAKA, I.; POLANYI, M.; DAVENPORT, E. e CRONIN, B.; SVEIBY, K. E.; e WIIG, K. M.

Em segundo lugar, os estudos de VALENTIM, M. L. P. são, em nível de autorias nacionais, os mais citados no âmbito dos trabalhos publicados pelos autores que representam o núcleo da GC na Ciência da Informação no Brasil. Duarte, E. N. D. cita a pesquisadora 13 vezes, Pinho Neto, J. A. S. cita sete vezes, Damian, I. P. M. cita seis vezes, Ziviani, F. cita três vezes, Corrêa, F. e Silva, A. K. A. citam duas vezes. Podemos considerar que, além de ser a autora mais citada entre a comunidade científica da GC, também é uma pesquisadora que congrega estudos no tema no âmbito da Ciência da Informação nacionalmente.

Além dos estudos de VALENTIM, M. L. P. que se apresentam como fundamentos teóricos para o campo informacional aqui estudado, em nível de Brasil, temos os seguintes citados: BARBOSA, R. R.; ARAÚJO, C. A. Á.; TERRA, J. C.; GIL,

A. C.; PAULA, C. P. A.; ALVAREGA NETO, R. C. D.; DUARTE, E. N.; ANGELONI, M. T.; TARAPANOFF, K.; SOUZA, E. D., DIAS, E. J. W.; e NASSIF, M.; BETTENCOURT, M. P. L. e CIANCONI, R. B.; TRIVIÑOS, A. N. S.; BATISTA., F. F.; e FLEURY, A. e FLEURY, M. T.

Uma observação a ser pontuada, conforme os dados alcançados, é que apesar das obras de ARAÚJO, C. A. Á.; GIL, A. C.; e TRIVIÑOS, A. N. S. estarem entre os mais citados nos estudos de GC na Ciência da Informação brasileira, não são fundamentos especificamente sobre o fenômeno aqui abordado. ARAÚJO, C. A. Á., assim como SARACEVIC, T. e CAPURRO, R., é um autor em que suas respectivas obras estão na abordagem teórica e epistemológica da própria Ciência da Informação. Isso também pode ser considerado como importante para o nosso estudo, mesmo que não sejam especialistas em GC, tendo em vista que os pesquisadores representativos do núcleo, conforme Tabela 6, se preocupam em orientar e fundamentar seus trabalhos neste campo informacional.

Outro ponto a ser destacado são os autores GIL, A. C. e TRIVIÑOS, A. N. S. também não são teóricos com obras sobre a GC. No entanto, percebemos que os citantes utilizam, em sua maioria, obras desses autores que se destacam nos estudos de metodologia científica e projetos acadêmicos. Sendo o primeiro mais utilizado por estudos da Ciência da Informação e, o segundo, muito comum em pesquisas da área das Ciências da Administração.

Os citados PAULA, C. P.; BATISTA., F. F.; e FLEURY, A. e FLEURY, M. T. são citados com obras no contexto da temática, no entanto, os dados nos permitem inferir que muitas das citações foram realizadas ou pelo próprio autor ou por um até dois autores, o que não torna significativo e consensual enquanto fundamento teórico da Gestão do Conhecimento no campo da Ciência da Informação no Brasil.

Diante disso, os citados de nível nacional que podem representar os fundamentos teóricos e metodológicos do tema em questão são aqueles que representam um número de no mínimo cinco citações pela própria comunidade (núcleo representativo). São eles: VALENTIM, M. L. P.; BARBOSA, R. R.; TERRA, J. C.; ALVAREGA NETO, R. C. D.; DUARTE, E. N.; ANGELONI, M. T.; TARAPANOFF, K.; SOUZA, E. D., DIAS, E. J. W. e NASSIF, M.; e BETTENCOURT, M. P. L. e CIANCONI, R. B.

A inferência sobre o **consenso e compromisso dos fundamentos teóricos, dos objetivos de análise e dos modelos de investigação**, com base nos critérios de Whitley (1974), da Gestão do Conhecimento no campo da Ciência da Informação foi evidenciada a partir desses teóricos que fundamentos os trabalhos construídos nos autores representativos do tema, pelo viés do ENANCIB, e são previsíveis enquanto teóricos.

Como resultados, apresentamos a base teórico-metodológica dos estudos de GC na Ciência da Informação no Brasil considerando os citados de nível internacional e de nível nacional, conforme expõe a Tabela 8.

Tabela 8 – Base teórico-metodológica da GC na Ciência da Informação no Brasil

Autor(a) INTERNACIONAL Citado(a)	Quant. de Citações	Autor(a) NACIONAL Citado(a)	Quant. de Citações
NONAKA, H.; TAKEUCHI, I.	53	VALENTIM, M. L. P.	49
DAVENPORT, T. H.; PRUSAK, L.	37	BARBOSA, R. R.	29
CHOO, C. W.	26	TERRA, J. C.	21
BUKOWITZ, W. R. e WILLIAMS, R. L.	9	ALVAREGA NETO, R. C. D.	13
BERGERON, B. P.	8	DUARTE, E. N.	11
STEWART, T. A.	8	ANGELONI, M. T.	9
VON KROGH, G. V., ICHIJO, K. e NONAKA, I.	8	TARAPANOFF, K.	9
POLANYI, M.	7	SOUZA, E. D.; DIAS, E. J. W.; NASSIF, M.	7
DAVENPORT, E.; CRONIN, B.	5	BETTENCOURT, M. P. L.; CIANCONI, R. B.	6
SVEIBY, K. E.	5		
WIIG, K. M.	5		

Fonte: Dados da pesquisa (2022).

A Tabela 8 expõe os autores internacionais e os nacionais mais citados que podem ser considerados como os fundamentos teóricos e metodológicos da Gestão do Conhecimento neste campo informacional em análise. 15 autores, com trabalhos em autoria ou coautoria, são de fora do Brasil e que têm contribuído essencialmente para o desenvolvimento das teorias, dos conceitos e de modelos de investigação da GC em diversos campos científicos e, como demonstra os resultados, não é diferente na Ciência da Informação.

Esses autores estrangeiros são adotados por quase todos os nove autores representativos do núcleo da GC, selecionados entre os mais produtivos nas edições do ENANCIB. Destacamos que, pelo próprio perfil interdisciplinar da Gestão do

Conhecimento e da Ciência da Informação, sua base teórica internacional se ancora em autores de diversos campos como, por exemplo, as teorias da Ciência da Administração e Organizacionais, da Computação, da Filosofia, da Psicologia.

Com grande destaque, apontamos NONAKA, H. e TAKEUCHI; DAVENPORT, T. H. e PRUSAK, L.; e CHOO, C. W. como os que mais são regulares nos fundamentos teóricos desses estudos, dando a previsibilidades das teorias e dos conceitos mais adotados no conjunto de trabalhos publicados pelos citantes (autores representativos do núcleo).

Quanto aos autores de nível nacional, do Brasil, destacamos 12 autores com obras em autoria única ou coautoria, citados pelos citantes em nossa análise e são adotados pela maioria desses representantes da GC na Ciência da Informação. Observamos que entre esses, 10 autores são predominantemente pesquisadores com conceitos, metodologias e modelos de investigação desenvolvidos no âmbito da Ciência da Informação brasileira, como é o caso de VALENTIM, M. L. P.; BARBOSA, R. R.; ALVAREGA NETO, R. C. D.; DUARTE, E. N.; TARAPANOFF, K.; SOUZA, E. D., DIAS, E. J. W. e NASSIF, M.; e BETTENCOURT, M. P. L. e CIANCONI, R. B.

Os demais citados, TERRA, J. C. e ANGELONI, M. T., são autores de outras áreas de conhecimento, mais precisamente das Ciências da Administração ou campos com ênfase em Teorias Organizacionais. Isso ratifica a interdisciplinaridade existente entre a Ciência da Informação e a Administração, pelo viés da GIC, como apontam Alves e Duarte (2015) e Padilha Neto (2020).

Apontamos VALENTIM, M. L. P.; BARBOSA, R. R.; e TERRA, J. C. como os mais regulares nos fundamentos teóricos desses estudos, em nível nacional, dando a previsibilidades das teorias e dos conceitos mais adotados no conjunto de trabalhos publicados pelos autores representativos do núcleo da GC na Ciência da Informação no Brasil, a partir do ENANCIB.

A presença desses autores e suas respectivas obras como mais citados nos trabalhos desenvolvidos no âmbito do maior evento da Ciência da Informação brasileira aponta para o reconhecimento de que conceitos, modelos, estudos teóricos e empíricos têm sido desenvolvidos neste campo e que a própria comunidade vem reconhecendo tais obras e autores como importantes em suas pesquisas. Tal fato, sugere para um processo de maturação da disciplina Gestão do Conhecimento nos espaços científicos, mais precisamente a estrutura cognitiva, na Ciência da Informação.

Outro indicador importante a ser considerado a partir desses dados é a inferência sobre a predominância de corrente(s) científicas(s) convergentes ou divergentes, conforme o **consenso nas atividades de identificação descrição e avaliação das pesquisas científicas**. No caso da GC, apontamos na problematização desta pesquisa as divergências sobre o pensamento de alguns autores ao refletirem os conceitos e as possibilidades de gerenciar o conhecimento em múltiplos contextos.

Tomando como base os dados de nossa pesquisa, principalmente a coerência entre os autores mais produtivos e representativos do núcleo na escolha de obras e autores para fundamentar suas pesquisas sobre GC, reconhecemos que NONAKA, H. e TAKEUCHI; DAVENPORT, T. H. e PRUSAK, L.; e CHOO, C. W.; VALENTIM, M. L. P.; BARBOSA, R. R.; e TERRA, J. C. estão orientados e convergem para uma perspectiva teórica e epistemológica da GC enquanto um tipo de gestão que é possível de ser realizada a partir da influência mútua dos sujeitos sociocognitivos que compartilham seus conhecimentos tácitos em um contexto capacitante (*Ba*) e, ao explicitá-los, tornam-se em informações estratégicas para os usuários de múltiplos ambientes.

Nesse sentido, as obras desses seis autores, e dos demais alocados na Tabela 8, são previsíveis quanto aos conceitos, teorias e fundamentos que sustentam as pesquisas de GC. Muitas dessas contribuições se centralizam na perspectiva de que a GC acontece por meio de pessoas ou sujeitos, de estratégias ou práticas organizacionais, com ferramentas tecnológicas e com diretrizes ou políticas eficazes. Além disso, há entre esses mais citados, aqueles que consideram um ambiente, uma unidade, ou uma organização/instituição como pilar do conhecimento quando se centra na GC para realização de seus serviços em colaboração, por meio de indivíduos detentores de conhecimentos.

Apresentados os resultados da estrutura cognitiva da GC na Ciência da Informação no Brasil, a próxima seção traz os dados dos indicadores de sua estrutura social entendendo que uma área estruturada cognitivamente, independentemente de suas relações bem definidas ou não, permitirá o desenvolvimento de fronteiras sociais (WHITLEY, 1974; MARTINS, 2014).

4.2 Estrutura Social da GC

A estrutura social de uma área ou de uma disciplina é caracterizada pela criação, desenvolvimento e manutenção de estruturas formais que possam demarcar e sociabilizar os membros da estrutura cognitiva. A partir dos componentes de estrutura social os pesquisadores estarão alocados em espaços que possibilitem o desenvolvimento de ensino e pesquisas, a troca de saberes por meio da coletividade, a busca por investimentos por órgãos socialmente políticos, a luta de classe, a comunicação de suas pesquisas em diferentes canais, entre outros.

Entendendo que as estruturas cognitiva e social da institucionalização científica são complementares e que uma interfere na outra (WHITLEY, 1974), esta subseção diz respeito a categoria de estrutura social, porém, está intimamente relacionada com a estrutura cognitiva apresentada anteriormente, sendo possível (re)visitar alguns componentes elencados inicialmente nesta seção dos resultados.

Whitley (1974) entende que as universidades, sobretudo na década de 1970, era o modelo dominante de organização social, ou seja, das estruturas que viabilizam a ascensão científica na sociedade. Em concordância com o autor, Martins (2014) explica que na Ciência da Informação esse modelo ainda é predominante pelo próprio desenvolvimento da área estar ancorado nos Programas de Pós-Graduação, e a partir disso, foram criados os movimentos de pesquisas, comunidades científicas, formação de pessoal especializados, entre outros.

Entendendo que foi no âmbito das universidades acontecem o desenvolvimento da pós-graduação, os projetos de pesquisa, dos grupos de estudos e pesquisa, a comunicação científica a partir das disponibilidades de canais formais e viabilidade de canais informais, e a qualificação de profissionais e pesquisadores, apresentamos alguns dos componentes da estrutura social do processo de institucionalização da GC no campo da Ciência da Informação no Brasil.

4.2.1 Instituições de Ensino Superior e os cursos de Pós-Graduação

Whitley (1974) explica que as universidades, enquanto instituição potencial para o desenvolvimento de institucionalização científica de uma área ou disciplina, são responsáveis por alocar os espaços de ensino, pesquisa, formação de pessoal, entre outros.

Esta subseção apresenta as IES, do território brasileiro, que ofertam os cursos de mestrado (acadêmicos e profissionais) e os cursos de doutorado na área de Ciência da Informação, por buscarmos compreender a presença da disciplina Gestão do Conhecimento nas denominações dos referidos Programas. Para isso, inicialmente, foi preciso listar os nomes dessas instituições, no Quadro 12, que contemplam os cursos que foram elencados anteriormente no Quadro 2.

Quadro 12 – IES que ofertam Programas de Pós-Graduação na área de Ciência da Informação no Brasil

Quant.	Instituição de Ensino Superior
1	Fundação Casa de Rui Barbosa (FCRB)
2	Universidade Federal de Sergipe (UFS)
3	Universidade de Brasília (UNB)
4	Universidade de São Paulo (USP)
5	Universidade do Estado de Santa Catarina (UDESC)
6	Universidade Estadual de Londrina (UEL)
7	Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho (UNESP)
8	Universidade Federal da Bahia (UFBA)
9	Universidade Federal da Paraíba (UFPB)
10	Universidade Federal de Alagoas (UFAL)
11	Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG)
12	Universidade Federal de Pernambuco (UFPE)
13	Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC)
14	Universidade Federal de São Carlos (UFSCar)
15	Universidade Federal do Cariri (UFCA)
16	Universidade Federal do Ceará (UFC)
17	Universidade Federal do Espírito Santo (UFES)
18	Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO)
19	Universidade Federal do Pará (UFPA)
20	Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ)
21	Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN)
22	Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS)
23	Universidade Federal Fluminense (UFF)
24	Fundação Mineira de Educação e Cultura (FUMEC)

Fonte: Dados da pesquisa (2022).

Conforme exposto no item 2.3.1, existem atualmente 27 Programas de Pós-Graduação na área de Ciência da Informação que, conforme o Quadro 12, distribuídos em 24 IES no Brasil alocadas em 17 estados, contemplando as cinco Regiões geográficas (centro-oeste, nordeste, norte, sudeste e sul).

Atualmente, na Região Sudeste, há 10 IES que são responsáveis por 13 Programas de Pós-Graduação na área de Ciência da Informação, a saber: o Programa de Pós-Graduação em Memória e Acervos (PPGMA) da FCRB; o PPGCI que além de contemplar os cursos de Mestrado e Doutorado acadêmicos, possuem o curso de mestrado profissional em Gestão da Informação, ou seja, dois Programas vinculados

à USP; o PPGCI da UNESP; o Programa de Pós-Graduação em Ciências da Informação e o Programa de Pós-Graduação em Gestão & Organização do Conhecimento (PPGGOC) da UFMG; o PPGCI da UFSCar; o PPGCI da UFES; o Programa de Pós-Graduação em Biblioteconomia (PPGB) e o Programa de Pós-Graduação em Gestão de Documentos e Arquivos (PPGARQ) da UNIRIO; o PPGCI da UFRJ/IBICT; o PPGCI da UFF; e o Programa de Pós-Graduação em Sistemas de Informação e Gestão do Conhecimento (PPGSIGC) da FUMEC.

Na Região Nordeste, há oito IES que contemplam oito Programas de Pós-Graduação na área de Ciência da Informação, são eles: o PPGCI/GIC, responsável pelo curso de mestrado profissional em Gestão da Informação e do Conhecimento da UFS; o PPGCI da UFBA; o PPGCI da UFPB; o PPGCI da UFAL; o PPGCI da UFPE; o Programa de Pós-Graduação em Biblioteconomia (PPGB) da UFCA; o PPGCI da UFC; e o PPGIC da UFRN.

Há uma IES responsável por um PPG em Ciência da Informação na Região Centro-oeste do Brasil, denominado Programa de Pós-Graduação em Ciências da Informação (PPGCINF) da UNB. O mesmo ocorre na Região Norte do país, com o PPGCI da UFPA. Na Região Sul, existem IES que possuem quatro Programas na área de Ciência da Informação, a saber: o Programa de Pós-Graduação em Gestão da Informação (PPGINFO) da UDESC; o PPGCI da UEL; o PPGCI da UFRGS; e o Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação (PGCIn) da UFSC.

Os dados levantados na Plataforma Sucupira (Coleta CAPES) apontam para predominância de Programas na área da Ciência da Informação no país sobretudo na Regiões Sudeste e Nordeste do Brasil. Além disso, notamos as denominações dos Programas que, em alguns casos, aparecem com nomenclatura mais específica e em concordância com as suas subáreas (ARAÚJO, 2014). A Tabela 9 apresenta a distribuição e *ranking* conforme os nomes atribuídos aos Programas de Pós-Graduação.

Tabela 9 – Denominação do Programa na área de Ciência da Informação no Brasil

Nome do Programa	Frequência	%
Ciência da Informação	15	55,6
Ciências da Informação	2	7,4
Gestão da Informação	2	7,4
Biblioteconomia	2	7,4
Gestão da Informação e do Conhecimento	2	7,4

Memória e Acervos	1	3,7
Gestão & Organização do Conhecimento	1	3,7
Gestão de Documentos e Arquivos	1	3,7
Sistema de Informação e Gestão do Conhecimento	1	3,7
Total	27	100%

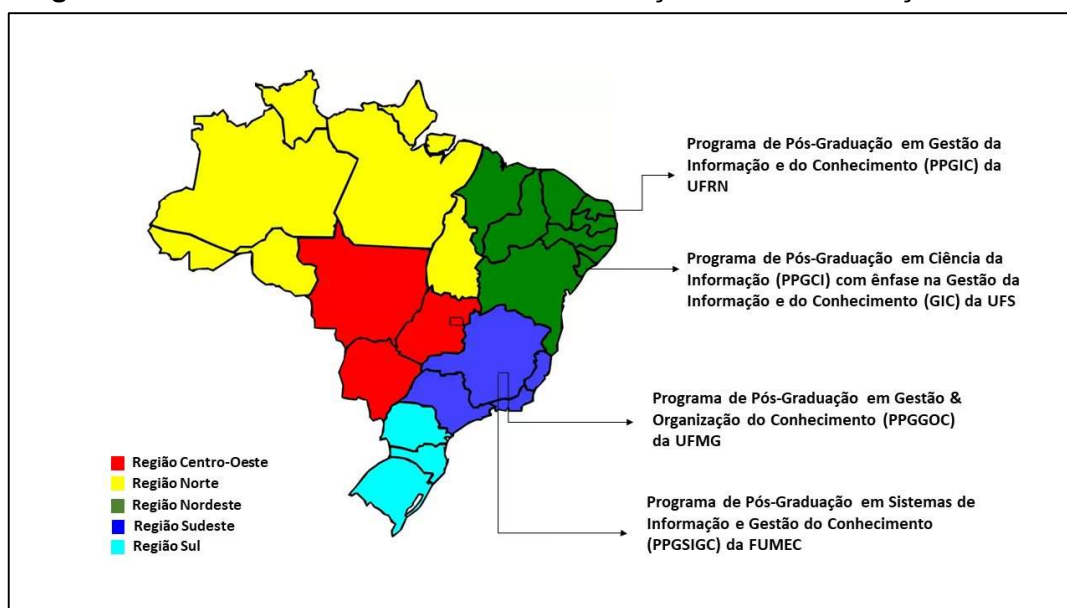
Fonte: Dados da pesquisa (2022).

Dos 27 PPG (100%) na área de Ciência da Informação, os que estão intitulados como “Ciência da Informação” correspondem a 55,6% com 15 programas no total. Os programas que correspondem a 7,4% são “Ciências da Informação”, “Gestão da Informação”, “Biblioteconomia” e “Gestão da Informação e do Conhecimento”, com duas incidências cada um. Correspondendo a 3,7% encontram-se, os programas: “Memória e Acervos”; “Gestão & Organização do Conhecimento”; “Gestão de Documentos e Arquivos”; e “Sistemas de Informação e Gestão do Conhecimento”.

Destacamos, entre as denominações elencadas, as que contemplam a Gestão do Conhecimento enquanto foco do PPG. Entre as nove que estão apresentadas na Tabela 6 quatro correspondem a GC, seja de forma integrada com a GI ou de forma autônoma.

A Figura 10 representa a localização e os respectivos nomes dos PPG que possuem a GC como denominação, voltada para cursos de mestrado (acadêmicos e /ou profissionais) e doutorado acadêmico no âmbito da Ciência da Informação.

Figura 10 – PPG na área de Ciência da Informação com denominações em GC



Fonte: Elaborado pelo autor com base nos dados da pesquisa (2022).

Existem dois Programas com foco em GC na Região Nordeste, denominados de “Gestão da Informação e do Conhecimento” das IES UFRN, no Rio Grande do Norte, e UFS, em Sergipe. Esses PPG ofertam o curso de mestrado profissional, numa perspectiva integrada da informação e do conhecimento no contexto da gestão, a GIC.

No Sudeste brasileiro, mais precisamente no estado de Minas Gerais, a Ciência da Informação possui mais dois PPG que contemplam a GC de forma autônoma e genérica, sendo um na UFMG que é denominado de “Gestão & Organização do Conhecimento”, e outro na FUMEC que é intitulado de “Sistemas de Informação e Gestão do Conhecimento”.

Considerando a abrangência de especialidades e áreas de pesquisa que existem no campo da Ciência da Informação no Brasil, como apontam as denominações dos GT da ANCIB e as subáreas e tendências defendidas por Araújo (2014, 2017), consideramos que é a presença da GC enquanto denominação de PPG é um avanço para essa disciplina, enquanto sua ocupação neste campo informacional.

Nessa perspectiva, Souza, Dias e Nassif (2011) afirmam que a GI e a GC são temas que vêm sendo bastante discutidos em diversos ambientes, especialmente nas IES. Os autores afirmam que o desenvolvimento da GC representa um novo modelo aberto e dinâmico de produzir e ofertar serviços baseados na descoberta e qualidade dos recursos intangíveis intelectuais e dos processos deles decorrentes encontrados nos ambientes organizacionais.

Demonstramos as **universidades, aqui denominadas de IES, que subsidiam espaços, vagas, ocupações para formação de especialistas (pesquisadores, docentes, entre outros) em GC**. Porém, o fato de a disciplina Gestão do Conhecimento aparecer com maior evidência (nas denominações) dos PPG da área de Ciência da Informação, não significa que outros Programas não têm foco ou interesse pelo tema.

Nesse sentido, de acordo com os indicadores e componentes da estrutura social de uma área traçados por Whitley (1974) e com os que delineamos nos procedimentos metodológicos, buscamos nos próximos itens desta subseção apresentar as linhas de pesquisa dos PPG da Ciência da Informação, bem como os grupos de pesquisa criados e atuados pelos pesquisadores que compõem esses PPG e que têm foco na GC.

4.2.2 Linhas de Pesquisa dos PPG da Ciência da Informação

As Linhas de Pesquisa são construídas no âmbito dos PPG a fim de elucidar um melhor direcionamento nos eixos temáticos a serem estudados e pesquisados por docentes e discentes com vínculo(s) em Programa(s). O desenvolvimento de uma área, como a GC, perpassa pelo interesse ou tendências a serem investigadas, condicionando tais Linhas como um norte primário para novas questões de pesquisa.

Whitley (1974) entende que o processo de institucionalização científica também perpassa pela formação de pessoal no âmbito das unidades organizacionais e científicas. As Linhas de Pesquisa orientam a formação desses futuros profissionais e pesquisadores que se dedicam a algum objeto ou fenômeno científico.

No caso da GC, no âmbito dos PPG na área da Ciência da Informação, foi preciso recorrer a portais *online* como a Plataforma Sucupira (Coleta CAPES) e *sites* pesquisados e disponíveis na web dos 27 Programas para fins de identificação de suas Linhas. O Quadro 13 apresenta as IES, os Programas e as suas determinadas Linhas de Pesquisa.

Quadro 13 – Linhas de Pesquisa dos 27 PPG na área de Ciência da Informação

IES/Programas	Linhas de pesquisa
FCRB/PPGMA	Linha 1: Patrimônio documental: representação, gerenciamento e preservação de espaços de memória; Linha 2: Produção, Organização e Comunicação da Informação.
UFS/PPGCI-GIC	Linha 1: Informação, Sociedade e Cultura; Linha 2: Produção, Organização e Comunicação da Informação
UnB/PPGCINF	Linha 1: Organização da Informação; Linha 2: Comunicação e Mediação da Informação
USP/PPGCI	Linha 1: Apropriação social da informação; Linha 2: Gestão de dispositivos de informação; Linha 3: Organização da informação e do conhecimento
USP/PPGCI-GI	Linha 1: Gestão de unidades de informação; Linha 2: Mediação cultural; Linha 3: Organização do conhecimento
UDESC/PPGGI	Linha 1: Informação, memória e sociedade; Linha 2: Gestão de unidades de informação
UEL/PPGGI	Linha 1: Compartilhamento da informação e do conhecimento; Linha 2: Organização e representação da informação e do conhecimento
UNESP/PPGCI	Linha 1: Informação e Tecnologia;

	Linha 2: Produção e Organização da informação; Linha 3: Gestão, Mediação e Uso da Informação
UFBA/PPGCI	Linha 1: Políticas e Tecnologias da Informação; Linha 2: Produção, Circulação e Mediação da Informação
UFPB/PPGCI	Linha 1: Memória, Mediação e Apropriação da informação; Linha 2: Organização, Representação e Tecnologias da Informação Linha 3: Ética, Gestão e Políticas de Informação;
UFAL/PPGCI	Linha 1: Produção, Mediação e Gestão da Informação Linha 2: Informação, Comunicação e Processos Tecnológicos;
UFMG/PPGCI	Linha 1: Memória social, patrimônio e produção do conhecimento; Linha 2: Políticas públicas e organização da informação; Linha 3: Usuários, Gestão do Conhecimento, e Práticas Informacionais.
UFMG/PPGGOC	Linha 1: Arquitetura & Organização do Conhecimento; Linha 2: Gestão & Tecnologia da Informação e Comunicação
UFPE/PPGCI	Linha 1: Memória da Informação Científica e Tecnológica; Linha 2: Comunicação e Visualização da Memória
UFSC/PGCIn	Linha 1: Memória, Mediação e Organização do Conhecimento; Linha 2: Informação, Comunicação Científica e Competência; Linha 3: Dados, Inteligência e Tecnologia Linha 4: Gestão da Informação e do Conhecimento
UFSCar/PPGCI	Linha 1: Conhecimento e Informação para Inovação; Linha 2: Tecnologia, Informação e Representação
UFCA/PPGB	Linha 1: Informação, Cultura e Memória; Linha 2: Produção, Comunicação e Uso da Informação
UFC/PPGCI	Linha 1: Representação da Informação e do Conhecimento e Tecnologia; Linha 2: Mediação e Gestão da Informação e do Conhecimento;
UFES/PPGCI	Linha 1: Informação, Sociedade e Cultura; Linha 2: Produção, Organização e Comunicação da Informação
UNIRIO/PPGB	Linha 1: Organização e Representação do Conhecimento; Linha 2: Biblioteconomia, Cultura e Sociedade
UNIRIO/PPGARQ	Linha 1: Gestão da Informação Arquivística; Linha 2: Arquivos, Arquivologia e Sociedade
UFPA/PPGCI	Linha 1: Mediação e Uso da Informação; Linha 2: Organização da Informação
UFRJ/IBICT/PPGCI	Linha 1: Comunicação, Organização e Gestão da Informação e do Conhecimento; Linha 2: Configurações Socioculturais, Políticas e Econômicas da Informação
UFRN/PPGIC	Linha 1: Gestão da Informação e do Conhecimento; Linha 2: Gestão, Comunicação e Uso da Informação; Linha 3: Organização, Mediação e Tecnologia
UFRGS/PPGCIN	Linha 1: Informação e Ciência;

	Linha 2: Informação e Sociedade
UFF/PPGCI	Linha 1: Informação, Cultura e Sociedade; Linha 2: Fluxos e Mediações Sociotécnica da Informação
FUMEC/ PPGSIGC	Linha 1: Gestão da Informação e do conhecimento; Linha 2: Tecnologia em Sistemas de Informação

Fonte: Dados da pesquisa (2022).

A princípio, ao visualizarmos as denominações das Linhas de Pesquisa de cada PPG dispostas no Quadro 13, notamos que seis Programas abordam o termo “Gestão do Conhecimento” ou “Gestão da Informação e do Conhecimento” na nomenclatura. Sendo assim, partindo do pressuposto de que as ementas ou eixos temáticos possuem caráter explicativo da Linha de Pesquisa, realizamos a leitura das ementas ou eixos temáticos de todas que compõem os PPG na busca de outras que tivessem a GC como foco.

Considerando o exposto, foi realizada a busca pelas ementas e pelos eixos temáticos nos próprios *sites* ou endereços web dos respectivos Programas. Entre os 27 PPG da área de Ciência da Informação, 15 ofertam Linhas de Pesquisa em GC, ou seja, a maioria dos cursos de mestrado (acadêmicos e profissionais) e os cursos de doutorado (acadêmico) contemplam Linhas orientadas para pesquisas que evidenciam a GC ou as suas abordagens.

Os 15 Programas que possuem Linhas de Pesquisa na perspectiva do tema de nossa investigação são: PPGCI-GIC/UFS; PPGCINF/UNB; PPGCI/USP; PPGCI/Uel; PPGCI/UNESP; PPGCI/UFPB; PPGCI/UFAL; PPGCI/UFMG; PPGGOC/UFMG; PPGCin/UFSC; PPGCI/UFSCar; PPGCI/UFC; PPGCI/IBICT/UFRJ; PPGIC/UFRN; e PPGSIGC/FUMEC, conforme apresenta o Quadro 14.

Quadro 14 – Ementas ou Eixos Temáticos das Linhas de Pesquisa em GC nos PPG da área de Ciência da Informação

PPGCI-GIC/UFS	
Linha 2: Produção, Organização e Comunicação da Informação	
Ementa: Abrange pesquisas sobre a informação em seu processo de produção e comunicação que envolvam recortes históricos, sociais, tecnológicos e de gestão em variadas unidades de informação, seja em ambiente físico ou virtual. Pesquisas sobre gestão e tecnologias da informação e da comunicação. Suporte e mídias informacionais. Estudos sobre competências profissionais e práticas de gestão da informação e do conhecimento. Pesquisas sobre gestão e tecnologia da informação aplicada para o desenvolvimento de sistemas e dispositivos facilitadores do acesso e uso da informação. Estudos sobre mediação, apropriação e uso da informação.	

PPGCINF/UnB Linha 1: Organização da Informação
Eixo temático: Gestão da Informação. Gestão do Conhecimento e Inteligência Competitiva e Organizacional.
PPGCI/USP Linha 2: Gestão de dispositivos de informação
Eixo temático: Reflexões histórico-conceituais sobre estudos de usuários, colégios invisíveis, comunidades virtuais e comunidades de prática , incluindo a compreensão dos métodos e procedimentos de análise.
PPGCI/UEL Linha 1: Compartilhamento da informação e do conhecimento
Ementa: A linha visa desenvolver estudos orientados à informação e ao conhecimento como objetos de intervenção e transformação científica e social. As pesquisas convergem para: mediação da informação e da literatura; busca e apropriação da informação e do conhecimento; comportamento e competência informacionais; comunicação científica e métricas de avaliação da produção científica; redes sociais de conhecimento e memória organizacional.
PPGCI/UNESP Linha 3: Gestão, Mediação e Uso da Informação
Ementa: [...] A linha enfoca, sobretudo, os estudos teóricos, metodológicos e aplicados sobre as temáticas: gestão da informação, gestão do conhecimento, aprendizagem organizacional; inteligência empresarial, prospecção e monitoramento informacional; fluxos, processos, usos e usuários da informação; cultura, comportamento e competência em informação; processos de comunicação, mediação, uso e apropriação da informação; práticas de informação e leitura nos diversos espaços informacionais.
PPGCI/UFPB Linha 3: Ética, Gestão e Políticas de Informação
Ementa: Teorias, metodologias e tecnologias voltadas à ética e responsabilidade social, à gestão da informação e do conhecimento , às políticas de informação e às redes sociais organizacionais.
PPPGCI/ UFAL Linha 1: Produção, Mediação e Gestão da Informação
Eixo temático: Programas, Políticas e Gestão da Informação e do Conhecimento
UFMG/PPGCI Linha 3: Usuários, Gestão do Conhecimento, e Práticas Informacionais
Ementa: [...] Ela inclui, ainda, aspectos relacionados ao usuário em contextos organizacionais e suas necessidades, busca e uso da informação e do conhecimento para tomada de decisão. São consideradas como parte dessa investigação as dimensões afetivas, cognitivas, perceptivas e simbólicas das relações entre os indivíduos e a informação.
PPGGOC/ UFMG Linha 2: Gestão & Tecnologia da Informação e Comunicação
Ementa: A linha de pesquisa aborda questões relacionadas com o gerenciamento estratégico da informação e do conhecimento, envolvendo sua organização, recuperação e disseminação em contextos digitais e organizacionais. As atividades nessa linha de pesquisa envolvem investigações relacionadas com sistemas de informação, gestão do conhecimento , interação homem-máquina, usos e necessidades da informação e do conhecimento, modelagem, processamento de linguagem natural, indexação automática, data-mining, big data, linked data, open

data, web, web semântica, visualização de dados, metadados eletrônicos, dentre outras. São também objetos de atenção, nesse contexto, as tecnologias necessárias para instrumentalizar a organização da informação e do conhecimento.
PGCIn/UFSC Linha 4: Gestão da Informação e do Conhecimento
Ementa: Por meio de abordagens interdisciplinares, está pautada nos recursos informação e conhecimento nos processos organizacionais (com ou sem fins lucrativos). Estuda o aspecto informacional como instrumento na tomada de decisão através da inovação e manutenção da sustentabilidade econômica, ambiental e social.
PPGCI/UFSCar Linha 1: Conhecimento e Informação para Inovação
Ementa: Compreende os estudos sobre gestão, organização, mediação, visibilidade e acesso à informação e ao conhecimento considerando-os como elementos estratégicos para a inovação. O conceito de inovação é entendido de modo amplo, e não exclusivo ao desenvolvimento de produtos e serviços, podendo também dizer respeito a novas configurações e arranjos sociais. Pesquisas relacionadas aos processos de gestão do conhecimento, prospecção tecnológica e inteligência competitiva representam a relação direta entre os estudos da Ciência da Informação voltados à inovação. Já os estudos relacionados à organização social da informação, à mediação comunicativa e à promoção do acesso aberto dão conta de analisar as implicações sociais, culturais e comportamentais envolvidas com a inovação, entendendo-a como um processo de produção do conhecimento.
PPGCI/UFC Linha 2: Mediação e Gestão da Informação e do Conhecimento
Ementa: [...] tenciona refletir sobre as múltiplas abordagens teórico-conceituais e pragmáticas em torno da mediação da informação e na consolidação do diálogo em redes de comunicação, no que tange ao aprendizado informacional para a sustentabilidade em diferentes contextos sociais. Preocupa-se também com as questões metodológicas e conceituais direcionadas à gestão da informação e do conhecimento, com foco nas organizações aprendentes da sociedade contemporânea, na busca para o desenvolvimento de competências em informação, visando à geração contínua de conhecimentos e o aprimoramento constante de estratégias de crescimento organizacional.
IBICT/PPGCI/UFRJ Linha 1: Comunicação, Organização e Gestão da Informação e do Conhecimento
Ementa: Estudos históricos e epistemológicos da Ciência da Informação e metodologias das Ciências Sociais e Aplicadas. Comunicação e divulgação em Ciência e Tecnologia; análises e aplicações bibliométricas, informétricas, webmétricas e cientométricas. Sistemas de organização e representação do conhecimento, ontologias, web semântica e contribuições da lingüística. Processos de busca, acesso, recuperação e uso da informação. Dimensões conceituais e semióticas das estruturas e dos fluxos da informação e do conhecimento em diferentes contextos. Informação e gestão, monitoramento tecnológico, gestão estratégica da informação e do conhecimento nas organizações e nas políticas públicas. Cultura organizacional.
PPGIC/UFRN Linha 1: Gestão da Informação e do Conhecimento
Não disponibiliza Ementa e Eixo Temático
PPGSIGC/FUMEC Linha 1: Gestão da Informação e do conhecimento
Não disponibiliza Ementa e Eixo Temático

Fonte: Dados da pesquisa (2022).

Não foi possível identificar a ementa ou eixos temáticos das Linhas de Pesquisa do PPGIC/UFRN e do PPGSIGC/FUMEC, mas foram consideradas porque além de terem denominações do Programa em GC, também possuem Linhas nomeadas no tema em questão. Dos 15 PPG, é possível visualizar a GC a partir dos eixos temáticos das Linhas de Pesquisa de três e, das demais, a partir das abordagens de suas ementas.

Observamos que todas as Regiões do Brasil possuem PPG que contemplam Linhas de Pesquisa em GC no âmbito dos Programas da área de Ciência da Informação, com exceção da Região Norte, representada pelo PPGCI/UFPA que não tem a GC como foco de suas pesquisas.

Compreendemos que os Programas são responsáveis pelo desenvolvimento da formação de pesquisadores e especialistas em determinadas áreas e, no caso da GC na Ciência da Informação, isso vem acontecendo de forma acentuada e expressiva pois há predominância em mais de 50% dos PPG com interesse pelas investigações a partir dessa disciplina.

Existe, portanto, uma demonstração de tendência positiva e elevada para a institucionalização social da área da GC no âmbito dos Programas de Pós-Graduação pertencentes à Ciência da Informação brasileira. Isso promove a ascensão da área não só do ponto de vista de sua organização enquanto disciplina, mas também eleva e predomina o avanço dos componentes cognitivos a partir de pesquisas, pesquisadores.

A presença significativa da GC como foco das Linhas de Pesquisas é também um indicador para o fortalecimento da área no que se refere a produção científica e tecnológica, por meio de teses e dissertações. Deixando aqui o pressuposto de que existe um nível elevado cognitivo da GC na Ciência da Informação a partir das investigações realizadas nos cursos de mestrado e doutorado, confirmando o que apontam os resultados de pesquisas realizadas por Santos e Kobashi (2007) e Silva (2017).

O próximo componente elenca os Grupos de Pesquisa enquanto estrutura que também demarca a organização social de uma área. No caso da GC no campo da Ciência da Informação no Brasil, procuramos listar tais Grupos na expectativa de reconhecê-los como parte das estruturas responsáveis pela comunidade científica e

identidade social da disciplina enquanto tema emergente neste campo informacional em investigação.

4.2.3 Grupos de Pesquisa e Rede(s) de Cooperação em GC na Ciência da Informação

A identidade social e a construção de núcleos científicos de uma área podem ser constituídas, também, a partir de espaços que promovam o diálogo, a criação e o compartilhamento de conhecimento científico, e a promoção e a visibilidade das pesquisas desenvolvidas por pesquisadores de com os mesmos interesses e de especialidades afins. Esses espaços são conhecidos como Grupos de Pesquisa.

Os Grupos de Pesquisa “são responsáveis pela investigação de temáticas relevantes no âmbito científico, conduzem o debate e acirram o saber-fazer, contribuindo, sobremaneira, para a construção de conhecimento.” (SILVA, CASIMIRO, DUARTE, 2016, p. 15). Feres (2010, p. 47), entende que “os grupos de pesquisa podem ser compreendidos como células nas quais um conjunto de pesquisadores se organiza em torno de um determinado tópico.”

No Brasil, esses grupos são registrados oficialmente do DGP do CNPq e são constituídos como um inventário de grupos de pesquisa científica e tecnológica do país (CNPq, 2022). Segundo o Portal do CNPq (2022)¹³ “os grupos de pesquisa inventariados estão localizados, principalmente, em universidades, instituições isoladas de ensino superior com cursos de pós-graduação *stricto sensu*, institutos de pesquisa científica e institutos tecnológicos”.

Sabendo que os Grupos de Pesquisa no campo da Ciência da Informação são predominantemente criados pelos pesquisadores vinculados aos PPG, partimos para identificação dos que possuem foco em GC nos *sítes* ou endereço web disponibilizados por alguns PPG deste campo informacional. Além disso, por entendermos que tais Grupos são criados pelos pesquisadores da área, também recorreremos a busca pelos nomes dos credenciados nos 27 Programas.

Alguns PPG não disponibilizam os Grupos de Pesquisa vinculados em seus endereços, o que motivou nossa busca pelo nome de cada pesquisador(a) no DGP

¹³ Disponível em: <http://lattes.cnpq.br/web/dgp/o-que-e/>

do CNPQ¹⁴, na aba de consulta parametrizada¹⁵. Houve, também, em alguns casos, a busca pela denominação do próprio grupo.

Foram levados em consideração os Grupos de Pesquisa denominados de Gestão do Conhecimento e áreas afins, como também aqueles que, mesmo não tendo a GC em suas nomenclaturas, a consideram como Linha de Pesquisa do Grupo. Sendo assim, disponibilizamos no Quadro 15 as IES e os PPG em que esses Grupos de Pesquisa estão vinculados, as duas denominações, os seus líderes e os respectivos anos de criação e registro no DGP/CNPq.

Quadro 15 – Grupos de Pesquisa com foco em GC de pesquisadores credenciados em PPG da Ciência da Informação

IES/PPG	Nome do Grupo de Pesquisa	Líder(es)	Ano de Criação
UFS/PPGCI-GIC	Núcleo de Estudos e Pesquisas em Sistemas de Informação (NEPSI)	Jairo Simião Dornelas e Denis Silva da Silveira	1995
	Grupo de Pesquisa em Engenharia da Produção (GPEP)	Andres Estombelo Montescóe e Cleiton Rodrigues de Vasconcelos	2012
	Núcleo de Estudos em Mediação, Apropriação e Gestão da Informação e do Conhecimento (NEMAGI)	Martha Suzana Cabral Nunes	2016
UnB/PPGCINF	Inteligência Organizacional e Competitiva	Kira Maria Antonia Tarapanoff e Lillian Maria Araújo de Rezende Alvares	2000
UEL/PPGCI	Gestão do Conhecimento, Informação e Memória	Letícia Gorri Molina	2014
UNESP/PPGCI	Informação, Conhecimento e Inteligência Organizacional (ICIO)	Marta Lígia Pomim Valentim e Marcia Cristina de Carvalho Pazin Vitoriano	2004
UFBA/PPGCI	Grupo de Estudos de Políticas de Informação, Comunicações e Conhecimento (GEPICC)	Gleise da Silva Brandão e Francisco José Aragão Pedroza Cunha	2003
	Informação, Aprendizagem e Conhecimento (GIACO)	Emeide Nóbrega Duarte e Alzira Karla de Araújo Silva	2004

¹⁴ Disponível em: <https://lattes.cnpq.br/web/dgp>

¹⁵ Disponível em: http://dgp.cnpq.br/dgp/faces/consulta/consulta_parametrizada.jsf

UFPB/PPGCI	Grupo de Estudos e Pesquisas Gestão da Informação, Conhecimento e Tecnologias (GICTEC)	Júlio Afonso Sá de Pinho Neto e Suely Henrique de Aquino Gomes	2007
UFAL/PPGCI	Inovação e Competitividade	Luciana Peixoto Santa Rita e Anderson de Barros Dantas	2004
UFMG/PPGCI	Estudos Cognitivos em Ciência da Informação	Monica Erichsen Nassif	2002
	EPIC - Estudos em Práticas Informacionais e Cultura	Carlos Alberto Ávila de Araújo	2013
UFMG/PPGGOC	Information, Knowledge & Innovation (IKI)	Frederico Cesar Mafra Pereira	2022
UFSC/PGCIn	Núcleo de Gestão para Sustentabilidade	Paulo Mauricio Selig e Gregório Jean Varvakis Rados	1996
UFSCar/PPGCI	Núcleo de Informação em Ciência, Tecnologia, Inovação e Sociedade	Wanda Aparecida Machado Hoffmann	2009
UFC/PPGCI	Gestão da Informação e do Conhecimento em Ambientes Educacionais (GICAE)	Maria Aurea Montenegro Albuquerque Guerra	2021
UNIRIO/PPGB	Comunidades de Prática, Organização do Conhecimento e Inovação	Miriam Gontijo de Moraes e Maria Simone de Menezes Alencar	2014
	Estudos em Organização e Gestão Estratégica de Bibliotecas, da Informação e do Conhecimento (GEORGEA)	Jaqueline Santos Barradas e Stefanie Cavalcanti Freire	2020
UFPA/PPGCI	Gestão da Informação e do Conhecimento na Amazônia (GICA)	Célia Regina Simonetti Barbalho e Danielly Oliveira Inomata	2000
UFRJ/IBICT/PPGCI	Centro de Referência em Inteligência Empresarial (CRIE)	Marcos do Couto Bezerra Cavalcanti e Valéria Macedo	1998
UFRN/PPGIC	Tecnologia e Gestão da Informação e do Conhecimento	Fernando Luiz Vechiato e Andréa Vasconcelos Carvalho	2018
UFF/PPGCI	Gestão e uso da informação e do conhecimento	Regina de Barros Cianconi	2009
	Grupo de Pesquisa Gestão do Conhecimento, Inovação e Competitividade (GECIC)	Fabricio Ziviani e Jorge Tadeu de Ramos Neves	2011

FUMEC/PPGSIGC	Grupo de estudos Gestão da inovação, Inteligência Competitiva e Empreendedorismo (GEICE)	Cristiana Fernandes de Muylder e Emilio Jose Montero Arruda Filho	2011
	Nível de Maturidade em Gestão do Conhecimento	Fábio Corrêa	2021

Fonte: Dados da pesquisa (2022).

Como dito anteriormente e, tomando como um dos indicadores que fortalecem de área, esta investigação tomou para análise os Grupos de Pesquisa que além de suas denominações, pudessem contemplar linhas de pesquisa com escopo temático com foco em GC. Entre os 27 Programas na área de Ciência da Informação, 18 PPG possuem ao menos um membro pesquisador ou líder de Grupos de Pesquisa no contexto da Gestão do Conhecimento.

Além disso, existem alguns Programas que possuem mais de dois Grupos em GC, são eles: o PPGCI-GIC UFS; o PPGCI da UFPB; o PPGCI da UFMG; o PPGB da UNIRIO; e o PPGSIGC da FUMEC. Verificamos também que existem Grupos de Pesquisa nos PPG denominados de GIC ou GC, conforme representamos na Figura 10 e em concordância com os objetivos e Linhas de Pesquisa de cada um.

Tomando como base Whitley (1974), Martins (2014, p. 122) ao refletir sobre as origens e vínculos dos Grupos de Pesquisa, explica que um indicativo importante da institucionalização social “[...] é apontado na concepção dos grupos e em suas origens, tendo em vista que as principais entidades responsáveis pelas suas formações são as Instituições de Ensino Superior, através dos Programas de Pós-graduação.”

Todos as Regiões do Brasil possuem Grupos de Pesquisas que realizam estudos e investigações sobre a GC no âmbito na Ciência da Informação. Essa constatação também reflete um importante indicativo para uma potencial institucionalização social da área tendo em vista que tais Grupos têm se espalhados pelo Brasil, o que corrobora para o entendimento de que a disciplina em investigação se encontra presente por pesquisadores de todos os espaços regionais da Ciência da Informação e não está isolada geograficamente.

Entre os Grupos identificados notamos que o NEPSI, o GPEP, o Grupo de Pesquisa em Inovação e Competitividade, o Grupo de Núcleo de Gestão para Sustentabilidade, e o GEICE, possuem pesquisadores vinculados aos PPG da área

da Ciência da Informação, mas que foram Grupos criados em outras áreas que possuem a GC como tema ou escopo de investigação. Essa aparição nos faz inferir que a gestão do conhecimento se predomina como uma disciplina interdisciplinar tanto do ponto de vista de suas bases teóricas e técnicas como aponta Fernandes (2019), além de ser também a partir dos microcosmos sociais da ciência.

Whitley (1974) reforça que a diversidade de técnicas não necessariamente reflete uma fragilidade na institucionalização da área, tendo em vista que a utilização, por parte dos cientistas, de várias bases teóricas e técnicas diferentes, reflete como uma forma de corroboração de resultados que parecem anômalos, mas que estabelecem um discurso entre as fronteiras cognitivas e sociais.

Consideramos que a maior parte dos Grupos de Pesquisa com foco em GC e criados no contexto da Ciência da Informação no Brasil são específicos para o contexto da própria Gestão, da informação e/ou do Conhecimento, com técnicas e análises construídas a partir do próprio campo informacional e de outras áreas afins, ajudam no processo de uma forte institucionalização cognitiva da GC neste campo.

Sendo assim, esses resultados evidenciam que predomina, atualmente, um forte nível de institucionalização social da GC por apresentarem grupos de estudos específicos e participarem do núcleo de estudos de outras áreas de pesquisa em Ciência da Informação, como é o exemplo do EPIC, do CRIE, os dos grupos pertencentes a FUMEC.

Entre os 25 Grupos de Pesquisa identificados e que representam pesquisadores de 18 PPG da área de Ciência da Informação, e cadastrados no DGP/CNPq, 12 Grupos, a maioria, existem há mais de 15 anos. São eles: NEPSI, GPEP, Inteligência Organizacional e Competitiva, ICIO, GEPICC, GIACO, GICTEC, Inovação e Competitividade, Estudos Cognitivos em Ciência da Informação, Núcleo de Gestão para Sustentabilidade, GICA e CRIE.

Outra constatação é que outros Grupos de Pesquisa foram criados ao longo da última década, fase em que a GC vem se consolidando consideravelmente no campo da Ciência da Informação, conforme os números de produção científica no ENANCIB. Os que foram cadastrados no DGP nos últimos anos foram: NEMAGI, Gestão do Conhecimento, Informação e Memória; EPIC; Information, Knowledge & Innovation (IKI); GICAE; Comunidades de Prática, Organização do Conhecimento e Inovação; GEORGEA; Tecnologia e Gestão da Informação e do Conhecimento; Gestão e uso

da informação e do conhecimento; GECIC; GEICE; e Nível de Maturidade em Gestão do Conhecimento.

Enquanto rede de cooperação entre pesquisadores e instituições, trazemos à tona Teixeira (2011, p. 16) que entende uma rede como “uma estrutura social composta por pessoas ou organizações, conectadas por vários tipos de relações, que compartilham valores e objetivos comuns.”

Enquanto resultado de rede de cooperação em GC na Ciência da Informação brasileira, destacamos a **Rede de Gestão da Informação e do Conhecimento (Rede GIC)** que, de acordo com o seu Plano de Trabalho¹⁶ disponível em seu portal¹⁷, tem como objeto geral fomentar e fortalecer a inovação na Ciência da Informação com atividades integradas de ensino, pesquisa e extensão”.

O surgimento da Rede GIC foi ocasionado pela idealização e desejo de pesquisadores das instituições UFSC e UFPR, durante o I Congresso de Gestão Estratégica da Informação, Empreendedorismo e Inovação, em Florianópolis, Santa Catarina, no ano de 2017. Essas instituições, a priori, desejavam criar a Rede Sul de GI que foi formalizada por meio de um documento assinado, denominado de Carta de Florianópolis.

A Rede passou a ser uma Rede Nacional, Rede GIC, no mesmo ano, em novembro de 2017, durante o I Seminário Nacional de Gestão da Informação e do Conhecimento (SNGIC) que foi organizado e sediado pelo PPGCI da UFRN, na cidade de Natal. De acordo com Melo, Gallotti e Carvalho (2021, p. 6, grifo nosso), o evento contou com a participação e engajamento “[...] dos idealizadores da Rede Sul e com pesquisadores da UFRN, da UnB, da UFMG e da UFPB, os quais manifestaram interesse em integrar a Rede, **ampliando tanto sua abrangência geográfica quanto seu escopo, por incluir também a gestão do conhecimento.**”

Para viabilizar a Rede Nacional de GIC, conforme o seu portal e o Processo UFSC Nº 23080.074486/2018-11¹⁸, a Rede não bastava apenas a Carta de Florianópolis, foi necessária a formalização de uma proposta de relacionamento e cooperação técnica entre as instituições UFSC e UFPR em agosto de 2022, na busca de fomentar e fortalecer a inovação na Ciência da Informação, com a integração dos

¹⁶ Documento disponível em:

<https://gesinf.paginas.ufsc.br/files/2020/11/ACORDO-INST.-COOP.-TEC.-ASSINADO.pdf>

¹⁷ Disponível em: <https://gic.ufsc.br/>

¹⁸ Dispõe o Acordo Institucional de Cooperação Técnica que entre si celebram a UFSC e a UFPR.

pilares universitários: ensino, pesquisa e extensão. O Acordo Institucional de Cooperação Técnica, conforme o portal e documentos institucionalizado da Rede, pretende criar esforços para alcançar tais objetivos:

- Integrar e Fortalecer o Sistema Nacional de Ciência, Tecnologia e Inovação nos termos do artigo 219-B da Constituição Federal;
- Implantar e aprimorar a Rede de Gestão da Informação e do Conhecimento;
- Participar em conjunto, na medida do possível, de seleção ou concorrência de órgãos públicos ou agências de fomento;
- Promover intercâmbio acadêmico, por meio de convite a pesquisadores da Instituição para programas de curta e longa duração;
- Receber discentes da Instituição parceira em suas atividades acadêmicas;
- Organizar simpósios, conferências e encontros sobre temas de pesquisa de interesse mútuo;
- Desenvolver programas de pesquisa conjunta, por meio de convênios ou contratos específicos;
- Realizar intercâmbio de informações quanto ao desenvolvimento do ensino e da pesquisa em cada uma das instituições;
- Determinar por acordo mútuo as diferentes áreas de cooperação bem como os termos, condições e métodos de implementação de cada projeto, a serem realizados por meio de convênios ou contratos específicos;
- Contribuir para o fortalecimento das capacidades operacional, científica e tecnológica das instituições de ciência e tecnologia;
- Incentivar ou participar da criação de ambientes favoráveis à inovação e às atividades de transferência de tecnologia;
- Reunir e formalizar grupos de pesquisa no âmbito da Rede;
- Prospectar parcerias em vista da internacionalização.

A possibilidade de IES das cinco regiões, 26 estados e o Distrito Federal de integrar a Rede GIC é garantida pela cláusula de número quatro mediante formalização que se dá através de documentos e/ou termos regulamentados. Nesse sentido, a Rede, coordenada pelo Professor Doutor William Barbosa Vianna do DCI/PGCIn/UFSC, foi ampliada e existem, até o momento, no âmbito da Rede GIC, 15 universidades brasileiras com Programas e Cursos vinculados à Ciência da

Informação e, devido a sua interdisciplinaridade, conta com a participação de áreas parcerias e adjacentes.

Além disso, a Rede conta com uma instituição de ensino de nível internacional, a Universidade de Coimbra, em Portugal. Isso torna-se importante para visibilidade e colaborações científicas, técnicas e tecnológicas entre o Brasil e Portugal, no que cerne a GI e a GC e seus pesquisadores e instituições envolvidos.

Em nível nacional, hoje fazem parte da Rede GIC as seguintes IES: a UDESC; a UEL; a UNESP; a Universidade Federal de Goiás (UFG); a UFMG; a UFPR; a UFRGS; a UFRN; a UFSC; a UFPB; a UnB; a UFPE; a Universidade Federal do Amazonas (UFAM); a UNIRIO e a UFS. Sendo assim, as cinco regiões do Brasil são contempladas com instituições integradas à Rede e que potencializa e fortalece cooperações, pesquisas, ações e a própria GI e a GC.

As parcerias e adesão de IES, PPG e Departamentos favorecem a realização de Congressos, Seminários e Reuniões que visam fomentar discussões qualificadas e ligações entre instituições, fortalecimento da própria Rede (MELO; GALLOTTI; CARVALHO, 2021). O Quadro 16 apresenta os PPG e os Cursos de Graduação que, institucionalmente, são membros da Rede GIC, e as suas respectivas localidades (cidades e estados).

Quadro 16 – IES, PPG, Cursos membros da Rede GIC

IES/Programa	Cidade – Estado/Distrito Federal
UDESC/PPGINFO	Florianópolis – Santa Catarina
UFSC/PGCIn	Florianópolis – Santa Catarina
UEL/PPGCI	Londrina – Paraná
UNESP/PPGCI	Marília – São Paulo
UFMG/PPGGOC	Belo Horizonte – Minas Gerais
UFMG/ PPGCI	Belo Horizonte – Minas Gerais
UFPR/PPGGI	Curitiba – Paraná
UFRGS/PPGCIN	Porto Alegre – Rio Grande do Sul
UFRN/PPGIC	Natal – Rio Grande do Norte
UFPE/PPGCI	Recife – Pernambuco
UFPB/PPGCI	João Pessoa – Paraíba
UnB/PPGCINF	Brasília – Distrito Federal
UNIRIO/PPGB	Rio de Janeiro
UFS/PPGCI-GIC	São Cristóvão
UFG/Curso de GI	Goiânia

UFAM/Curso de Biblioteconomia	Manaus
-------------------------------	--------

Fonte: Portal da Rede GIC (2022).

Conforme os dados, constatamos que as IES cadastradas da Rede de cooperação em GIC mantêm vínculo a partir de pesquisadores alocados nos PPG da área de Ciência da Informação, além dos Cursos de Graduação em GI e de Biblioteconomia. A predominância é de que Rede seja por meio de Programas com cursos de mestrados acadêmicos e profissionais e de cursos de Doutorado, mas as instituições que não apresentam PPG e possuem cursos de graduação alinhadas ao escopo da Rede GIC, pode ingressar nessa cadeia.

Do ponto de vista da GC, as IES e os PPG apresentadas anteriormente, além de possuírem Linhas de Pesquisa e Grupos de Pesquisa, também contam com a Rede GIC a partir da influência e participação de pesquisadores, docentes, discentes e profissionais que desejem estar engajados nessa cooperação. Do ponto de vista da disciplina GC e seu percurso científico, tomamos como base o autor Choo (2003, p. 224) ao afirmar que “a construção do conhecimento não é mais uma atividade em que a organização trabalha isolada, mas o resultado da colaboração de seus membros, seja em grupos internos, seja em parceria com outras organizações.”

A Rede GIC é uma instância que oportuniza não só as relações e trocas de saberes entre os agentes científicos e as instituições envolvidas, mas também colabora com a formação e o desenvolvimento técnico-científico dos especialistas interessados pelos temas envolvidos, como a GC, a partir do engajamento de instituições e setores das cinco regiões do Brasil.

De 2017 a 2020 a Rede GIC, conforme apresenta seu portal, realizou algumas atividades que, inclusive, estava planejada no Acordo Institucional de Cooperação Técnica, a saber:

- ✓ Em **2017** realizou o I Congresso de Gestão Estratégica da Informação, Empreendedorismo e Inovação (CGEI) e o I Consórcio Mestral e Doutoral da Rede Sul de Gestão da Informação, sediados pelo PGCin/UFSC, em 21 e 28 de abril, em Florianópolis, Santa Catarina, na modalidade presencial;

A Figura 11 apresenta a logomarca do I CGEI, disponibilizada no Portal da Rede GIC.

Figura 11 – Logomarca do I CGEI



Fonte: Portal da Rede GIC (2022).

De acordo com Melo, Gallotti e Carvalho (2021) a primeira edição do CGEI já tinha como desejo as relações institucionais extensivas a interessados em participar de forma interdisciplinar com a Ciência da Informação e a Gestão da Informação, portanto, buscava a concepção de uma rede, de modo a compartilhar estruturas e recursos. Como dito anteriormente, a Rede passou a ampliar seu escopo e espaço geográfico, GIC e Rede Nacional, com a promoção do I SNGIC sediado pelo PPGCI/UFRN, em 2017, presencialmente.

- ✓ Em **2018** realizou o II Consórcio Mestrado e Doutorado da Rede GIC, sediado pelo PPGGI/UFPR, em 27 e 29 de junho, em Curitiba, Paraná, na modalidade presencial;
- ✓ Em **2019** ocorreu o II CGEI, o III Consórcio Mestrado e Doutorado da Rede GIC, e a I Reunião dos Grupos de Pesquisa da Rede GIC, sediados pelo PPGCIN/UFRGS, em 17 e 19 de junho, em Porto Alegre, Rio Grande do Sul, na modalidade presencial;
- ✓ Em **2020** aconteceu o II SNGIC, o IV Consórcio Mestrado e Doutorado da Rede GIC, e a II Reunião dos Grupos de Pesquisa da Rede GIC, sediados pelo PPGIC/UFRN, de 02 a 04 de setembro, em Natal, Rio Grande do Norte, na modalidade virtual devido a pandemia da COVID-19.

A Figura 12 apresenta a logomarca do I SNGIC, disponibilizada nos Portais da Rede GIC e de eventos da UFPR.

Figura 12 – Logomarca do II SNGIC



Fonte: Portal da Rede GIC (2022).

Atualmente, 2022, a Rede GIC coloca em execução um Projeto Extensionista que se iniciou em 2019 e está previsto para concluir em dezembro de 2023. Esse projeto tem como objeto geral, fomentar a Extensão Inovadora nos ambientes tecnológicos da Rede GIC por meio da oferta de produtos, serviços e formação profissional de alto nível sob a forma de ampla associação universidades-empresas-governo. Entre as ações previstas e que se encontra em construção, conforme cronograma exposto do documento¹⁹ que formaliza o projeto, é o Repositório de Pesquisa e Extensão da Rede GIC.

Consideramos que a Rede GIC, a partir dessas atividades, aproxima a comunidade científica da GIC, aqui destacamos a GC, com a promoção de diálogo, relações científicas, estudos, apresentação de pesquisas, orientações de pesquisas de nível de mestrado (dissertação) e de nível de doutorado (tese) em andamento a partir de Consórcio Mestral e Doutoral, e parcerias e alinhamentos entre os Grupos de Pesquisa que têm como escopo a GI e a GC.

Contudo, alinhando os componentes Grupos de Pesquisa e a Rede GIC enquanto Rede de Cooperação na perspectiva da estrutura social da GC no campo da Ciência da Informação, percebemos que há uma considerável tendência e emergência da GC na **formação da sua sociedade científica e identidade social interna, mantendo-se seus pesquisadores alocados em instituições que fomentem a formação e qualificação da disciplina GC**. Whitley (1974) entende que tais componentes viabilizam um maior estágio de institucionalização social quando bem definidas e aceitas pelo campo.

¹⁹ Disponível em: <https://gic.ufsc.br/expansao-extensionista-da-rede-de-gestao-da-informacao-e-do-conhecimento/>

4.2.4 Espaços para comunicação científica: periódicos científicos

Apresentamos nesta tese, no item 2.3.1, Quadro 2, os periódicos científicos enquanto canais de informação formais que viabilizam as publicações e dão visibilidade às pesquisas das diversas áreas de pesquisas que compõem as especialidades da Ciência da Informação brasileira.

A partir das contribuições de Meadows (1999) e Mueller (2007), compreendemos que a comunicação científica depende de canais formais e informais, do processo de revisão por pares e dos periódicos científicos como principais meios de publicação de resultados de pesquisa. Enfim, as publicações proporcionam visibilidade e prestígio aos pesquisadores.

Whitley (1974) entende que quando uma área está socialmente institucionalizada passa a servir de base para a sua identidade social, conseguindo visualizar os periódicos científicos que podem avaliar, publicar e disseminar suas pesquisas. Nesse contexto, realizamos uma pesquisa nos portais de periódicos da área de Ciência da Informação e áreas afins do país, conforme apresentamos no Quadro 4, no intuito de identificar aqueles que são especializados no contexto da GC ou que possuem essa disciplina enquanto eixo temático em seus foco e escopo.

Entre os 52 títulos de periódicos que pertencem ao campo da Ciência da Informação no Brasil, quatro possuem como foco, escopo ou linha temática de interesse em Gestão do Conhecimento. Considerando que a Ciência da Informação é uma área interdisciplinar que possui diversas especialidades e áreas de pesquisas reveladas pelos próprios GT da ANCIB e do ENANCIB, bem como nas pesquisas de Araújo (2014a, 2017, 2018), a incidência da GC enquanto tema de especialidade dos periódicos identificados pode ser estimada como satisfatória.

Uma questão importante a ser pontuada é que o fato de se ter periódicos especializados ou com foco em GC, não significa que os pesquisadores publiquem nos demais. Os periódicos da Ciência da Informação são receptivos a receber submissões de trabalhos com essa temática e realizam o processo de avaliação entre os pares e, caso os trabalhos submetidos sejam aprovados, publicam nos respectivos números.

Os quatros periódicos identificados como especializados ou com foco/escopo em GC são: Perspectiva em Gestão & Conhecimento (PG&C)²⁰; AtoZ: Novas Práticas em Informação e Conhecimento²¹; Revista Informação na Sociedade Contemporânea (RISC)²²; e a Ciência da Informação em Revista²³.

O periódico **PG&C** foi criado a partir de uma cooperação técnica entre a UFPB e o IBICT com o objetivo de publicar trabalhos inéditos e originais relacionados com as temáticas que são abordagens da GC a partir de diálogos interdisciplinar, pluridisciplinar, multidisciplinar e transdisciplinar.

Na última avaliação quadrienal (2013-2016) do Qualis-Periódicos da CAPES (WebQualis), o PG&C obteve estrato B1 na área de Comunicação e Informação da CAPES, onde se assenta a Ciência da Informação e suas especialidades e áreas de pesquisa. Seu volume e edição de número um foi em 2011 com artigos de revisão, relatos de pesquisa e relatos de experiência que envolvem o conhecimento na perspectiva da gestão, contando com autores como Rafael Capurro, Emeide Nóbrega Duarte, Othom Jambeiro, Maria Inês Tomaél, entre outros.

A Figura 13 representa a logomarca do periódico, extraído de seu endereço web que é vinculado ao portal de periódicos da UFPB.

Figura 13 – Logomarca do periódico PG&C



Fonte: Portal do periódico PG&C (2022).

O periódico PG&C possui periodicidade quadrimestral, publicando, portanto, três edições por ano, além de edição especial, a partir de cooperação com eventos ou parcerias interinstitucionais ou intrainstitucionais. Além disso, é indexada em bases como Portal de Periódicos CAPES, BRAPCI, entre outros.

Além de ser um periódico especializado em GC na área da Ciência da Informação pela UFPB, esse canal conta com as contribuições do Departamento de

²⁰ Disponível em: <https://periodicos.ufpb.br/ojs2/index.php/pgc>

²¹ Disponível em: <https://revistas.ufpr.br/atoz>

²² Disponível em: <https://periodicos.ufrn.br/informacao>

²³ Disponível em: <https://www.seer.ufal.br/index.php/cir/>

Ciência da Informação da instituição a partir de sua editora-chefe Professora Doutora Luciana Ferreira da Costa e do Departamento de Administração na pessoa do Professor Mestre Jorge de Oliveira Gomes.

O segundo periódico a ser destacado nesta pesquisa é o **AtoZ: Novas Práticas em Informação e Conhecimento** que teve seu primeiro volume e sua primeira edição no ano de 2011, com a colaboração da Professora Doutora Helana de Fátima Nunes Silva, coordenadora, à época, do Curso de Gestão da Informação da Universidade Federal do Paraná (UFPR).

Tal periódico nasceu como proposta possibilitar aos jovens pesquisadores a divulgação dos seus estudos (especialmente aqueles derivados de trabalhos de conclusão de curso e dissertações), cujas metodologias ou abordagens fossem inéditas (SILVA, 2011).

A Figura 14 representa a logomarca do periódico, extraído de seu portal que é indexado na Biblioteca Digital de Periódicos da UFPR.

Figura 14 – Logomarca do periódico AtoZ: Novas Práticas em Informação e Conhecimento



Fonte: Portal do periódico AtoZ: Novas Práticas em Informação e Conhecimento (2022).

Atualmente, o periódico é vinculado ao PPGINFO da UFPR, sob a Chefia Editorial da Professora Doutora Paula Carina de Araújo, e tem como objetivos: (1) Privilegiar e divulgar, de forma livre e gratuita, resultados de pesquisa interdisciplinares relacionados às áreas de Ciência, Gestão e Tecnologia da Informação e do Conhecimento; (2) Contribuir para a visibilidade dos jovens pesquisadores que encontram dificuldades em sua primeira publicação nas áreas de Gestão da Informação e do Conhecimento.

O foco do AtoZ: Novas Práticas em Informação e Conhecimento são as abordagens inovadoras e interdisciplinares nas (e entre as) Gestão da Informação e Gestão do Conhecimento e conta com avaliação de estrato B2 na avaliação quadrienal correspondente a 2013-2016 no Qualis Periódicos. Além disso, o periódico publica os seus trabalhos científicos em fluxo contínuo e é indexado em diversos serviços de indexação, como a *Web Of Science*.

O terceiro periódico identificado é a **RISC** um canal de publicação científica vinculada ao Departamento de Ciência da Informação e do PPGIC da UFRN. A sua idealização se deu no âmbito do Grupo de Pesquisa em Informação na Sociedade Contemporânea e passou a ampliar seu escopo para a Gestão da Informação e Gestão do Conhecimento quando com a implementação do PPGIC.

A RISC é gerenciada pelo Portal de Periódicos da UFRN desde sua criação e tem como Editora Chefe Professora Doutora Nancy Sánchez Tarragó. Entre as linhas temáticas que envolvem o escopo do periódico destacam-se: Gestão da Informação, Gestão do Conhecimento e Inteligência Informação; Informação, Tecnologia e Mediação; Informação, Memória e Sociedade; Estudos Métricos da Informação em Ciência, Tecnologia e Inovação; e Organização e Tratamento da Informação.

A Figura 15 representa a logomarca do periódico, extraído de seu endereço web que é indexado ao portal de periódicos da UFRN.

Figura 15 – Logomarca do periódico RISC



Fonte: Portal do periódico RISC (2022).

A periodicidade da RISC se dá em fluxo contínuo, onde os artigos são publicados, em um único volume, na medida em que os artigos são avaliados e aceitos. É indexada em bases de dados como a BRAPCI, DOAJ e Latindex. Não foi possível identificar a avaliação quadrienal de 2013 a 2016 no WebQualis/Qualis Periódicos da CAPES. No entanto, no seu portal, o periódico informa ter estrato Qualis B2 na área de Ciência da Informação, tomando como base uma possível prévia de avaliação realizada para o último quadriênio (2017 – 2020) ainda a ser divulgada oficialmente, a partir de novas políticas editoriais.

Por fim, apresentamos o Periódico **Ciência da Informação em Revista** que, mesmo não sendo especializado em GC, possui escopo voltado para a área de Administração. Isso nos faz inferir que o referido canal de comunicação científica

aceita submissões de trabalhos no contexto da Gestão da Informação e Gestão do Conhecimento e suas derivadas abordagens.

O periódico Ciência da Informação em Revista é vinculado ao PPGCI da UFAL tem como Editor Chefe o Professor Doutor Edivanio Duarte de Souza e Editor Adjunto Professor Doutor Ronaldo Ferreira de Araújo. Tal periódico teve seu primeiro volume e sua primeira edição em 2014, inclusive com um artigo no contexto de Gestão da Informação e do Conhecimento de autoria de Jailma Simone Gonçalves Leite e Edivanio Duarte de Souza.

A Figura 16 representa a logomarca do periódico, extraído de seu endereço web que é indexado ao portal de periódicos da UFAL.

Figura 16 – Logomarca do periódico Ciência da Informação em Revista



Fonte: Portal do periódico Ciência da Informação em Revista (2022).

O periódico Ciência da Informação em Revista possui periodicidade quadrimestral e seus números são publicados, no formato eletrônico, respectivamente nos meses de abril, agosto e dezembro de cada ano. Além de ser indexado em diretórios e bases como a BRAPCI, CiteFactor, DOAJ, Latindex, entre outros, a periódico também se encontra disponível no Portal de Periódicos CAPES.

Com fluxo contínuo de submissões, aceita contribuições exclusivamente inéditas, exceto traduções e reformulações de comunicações realizadas em eventos técnico-científicos e possui o sistema de avaliação realizada pela política de *double blind peer review* (revisão dupla cega), mantendo sigilo entre autores e avaliadores. Quanto a avaliação no Qualis periódicos, a Ciência da Informação em Revista de estrato B5 na avaliação quadrienal correspondente a 2013-2016.

Ainda no contexto dos periódicos científicos, além de elencarmos os que são especializados e que têm certa linha temática com a GC, também retomamos a produção científica dos pesquisadores que representam o núcleo da Gestão do

Conhecimento na Ciência da Informação no Brasil, selecionados entre os mais produtivos, conforme a Tabela 6 exposta no item 4.1.3, para realização de análise de citação de periódicos citados em seus trabalhos.

A análise de citação “[...] estuda as relações entre o citante e o citado, mostrando em quais fontes o autor se valeu para realizar seu estudo” (PRIMO *et al.*, 2008, p. 2). Por sua vez, Spinak (1998, p. 143) reforça que a incidência de citação possibilita, dentre outras questões, “identificar las revistas del núcleo de cada disciplina”.

Neste momento da investigação, optamos por realizar a análise dos periódicos mais citados nos 89 trabalhos publicados pelos representantes do núcleo, perfazendo um total de 2.133 referências. Nesse contexto, foram levadas em consideração para esta constatação as obras oriundas dos periódicos científicos brasileiros da área de Ciência da Informação citadas nesses trabalhos, o que ocasionou a incidência de 100 citações.

Outro ponto a ser destacado é que os periódicos citados considerados nesta análise foram os das referências que tratam especificamente sobre a Gestão do Conhecimento, tendo como critério de exclusão àquelas que, mesmo sendo um trabalho publicado em periódico da Ciência da Informação no Brasil, versavam sobre outras temáticas.

A Tabela 10 apresenta os periódicos presentes nas referências dos trabalhos publicados pelos pesquisadores Duarte, E. N.; Valentim, M. L. P.; Barbosa, R. R.; Corrêa, F.; Paula, C. P. A.; Ziviani, F.; Damian, I. P. M.; e Silva, A. K. A. Buscando a otimização da visualização e caracterização de tais periódicos, também apresenta informações sobre o ISSN de cada um, a instituição de vínculo de cada periódico, a classificação no Qualis Periódicos Quadriênio 2013-2016 na área Comunicação e Informação e, por fim, a incidência de citação.

Tabela 10 – Periódicos científicos brasileiros da área da Ciência da Informação citados nas publicações de GC dos representantes do núcleo dos ENANCIB

Periódico	ISSN	Instituição	Qualis	Incidência de citação
Perspectivas em Gestão & Conhecimento	2236-417X	UFPB	B1	22
Informação & Informação	1981-8920	UEL	A2	21
Informação & Sociedade: Estudos	1809-4783	UFPB	A1	18

DataGramaZero ²⁴	-	-	B3	10
Ciência da Informação	1518-8353	IBICT	B1	8
Perspectiva em Ciência da Informação	1981-5344	UFMG	A1	8
Tendências da Pesquisa Brasileira em Ciência da Informação	1983-5116	ANCIB	B1	8
Brazilian Journal of Information Science	1981-1640	UNESP	B1	2
Revista ACB: Biblioteconomia em Santa Catarina	1414-0594	Associação Catarinense de Bibliotecários (ACB)	B2	2
Revista Digital de Biblioteconomia de Ciência da Informação	1678-765X	Federação Brasileira de Associação de Bibliotecários, Cientistas da Informação e Documentação (FEBAB)	B1	2
Revista Ibero-Americana de Ciência da Informação	1983-5213	UNB	B1	2
Atoz: Novas Práticas em Informação e Conhecimento	2237-826X	UFPR	B2	1
BIBLOS: Revista do Instituto de Ciências Humanas e da Informação	0102-4388	Universidade Federal do Rio Grande (FURG)		1
Em Questão	1808-5245	UFRGS	A2	1
Encontros Bibli	1518-2924	UFSC	A2	1
InCID: Revista de Documentação e Ciência da Informação	2178-2075	USP	B1	1
P2P e Inovação	2358-7814	IBICT	C	1
Transinformação	2318-0889	Pontifícia Universidade Católica de Campinas (PUC/CAMPINAS)	A1	1
Total				110

Fonte: Dados da pesquisa (2022).

²⁴ A revista anunciou, em 2015, que o periódico não circularia mais por meio de seu último editorial.

Conforme os dados obtidos, observamos que três periódicos se configuram como os mais citados nos itens veiculados, a saber: o periódico *Perspectiva em Gestão & Conhecimento* da UFPB que ficou em primeiro lugar com 22 citações; em segundo lugar, o periódico *Informação & Informação* da UEL que recebeu 21 citações; e em terceiro lugar, o periódico *Informação & Sociedade: Estudos* da UFPB, com 18 citações.

Quanto à incidência de citação ao periódico *Perspectiva em Gestão & Conhecimento*, acreditamos que isso pode ser reflexo de seu foco e escopo voltados para a *Gestão do Conhecimento da Ciência da Informação no Brasil*, tornando um dos canais com maior visibilidade e de importância para essa disciplina no campo. Esse canal de comunicação científica também tem publicado números especiais no que tange aos melhores trabalhos do grupo que versa sobre GC no ENANCIB, o GT 4.

No que se refere ao periódico *Informação & Informação*, constatamos que, mesmo com foco amplo para os estudos de todas as áreas de pesquisa e especialidades da *Ciência da Informação*, existem obras nesse periódico que viabilizam a fundamentação teórica sobre GC nos trabalhos dos pesquisadores especialistas.

O periódico *Informação & Sociedade: Estudos* é um dos mais reconhecidos no campo da *Ciência da Informação* e que possui um escopo voltado para todas as áreas de pesquisa e especialidades do campo. Quanto à GC, percebemos que se configura como um canal importante para os estudos do tema e introduz como espaço para alcance e visibilidades das obras de pesquisadores que desenvolvem as pesquisas teóricas e pragmáticas do fenômeno em análise.

Dentre os 18 periódicos científicos da *Ciência da Informação* brasileira citados nos trabalhos sobre GC dos representantes do núcleo, destacam-se, também, os periódicos *Ciência da Informação*, *Perspectiva em Ciência da Informação*, e *Tendências da Pesquisa Brasileira em Ciência da Informação* com incidência de oito citações cada um. A presença da GC enquanto tema de obras publicizadas por esses periódicos é de suma importância para o processo de sua institucionalização social neste campo informacional.

Destacamos o periódico *Tendências da Pesquisa Brasileira em Ciência da Informação* que é vinculado à ANCIB e se caracteriza como um canal que publica pesquisas de autores pesquisadores associados, além de lançar números com os trabalhos premiados em cada GT nas edições do ENANCIB. Nesse contexto, esse é

mais um indicativo que demonstra os trabalhos de GC indexados no referido periódico estão reconhecidamente citados entre a sua comunidade científica, seus pesquisadores representantes.

Os demais títulos de periódicos que aparecem nas publicações de GC, a partir dos pesquisadores tomados para esta análise, apresentam pelo menos uma ou duas citações. Sendo assim, entre os 52 canais de comunicação em formato de periódico científico da Ciência da Informação, 18 registram ocorrência no corpus selecionado. Entre eles, o AtoZ: Novas Práticas em Informação e Conhecimento, o Em Questão, o Encontros Bibli, e a Transinformação.

Portanto, consideramos que a GC vem ganhando espaço não só em periódicos especializados da Ciência da Informação, como também possui registros de pesquisas em periódicos citados nos trabalhos do maior evento científico deste campo informacional no Brasil, contribuindo para o seu estabelecimento e processo de institucionalização social e, conseqüentemente, cognitiva.

4.2.5 Espaços para comunicação científica: eventos especializados

Os eventos científicos são espaços que promovem o diálogo, as interações, as colaborações e as apresentações e publicações de pesquisas em andamento e/ou concluídas por uma comunidade científica. Nesse contexto, para Whitley (1974) a realização de eventos, enquanto canal informal de comunicação científica, proporciona importantes contatos para o compartilhamento de informações e legitimação das pesquisas entre os pares, permitindo a validação confiável se utilizando “[...] de mecanismos de filtragem que proporcionarão consenso na definição de um fenômeno, aplicação de técnicas apropriadas e resultados seguros, indicando altos níveis de institucionalização [...]” (MARTINS, 2014, p. 123).

A partir desse contexto, apresentamos mais componente que demarca e contribui para o processo de institucionalização social da GC, focando nos principais eventos que potencializam a disciplina neste campo informacional brasileiro.

O maior evento deste campo no Brasil, como dito anteriormente, é o **ENANCIB** que apresenta em sua estrutura diversos GT. Nesse sentido, além dos periódicos serem um dos principais canais para divulgação científica sobre a GC, esse evento,

enquanto canal informal e científico, se configura como um dos principais meios de contribuições não só para o processo de institucionalização cognitiva, como também para a estrutura social da Gestão do Conhecimento na Ciência da Informação.

O contexto histórico do ENANCIB foi apresentado no início destes resultados enquanto campo empírico de investigação da categoria de estrutura cognitiva da GC e, neste momento, apresentamos uma breve evolução da aparição da Gestão do Conhecimento enquanto tema de interesse para pesquisadores da Ciência da Informação no Brasil.

Como vimos anteriormente, o primeiro trabalho sobre GC no ENANCIB ocorreu na quarta edição do evento, em 2000 e, até então, não existia GT que pudesse contemplar a denominação do tema nas nomenclaturas ou ementas do Grupos. Nesse sentido, apresentamos a distribuição de seus trabalhos publicados por GT no período de 2000 a 2021, onde estão concentradas as suas 194 pesquisas nas modalidades pôster/resumo expandido e comunicação oral/trabalho completo, conforme o Quadro 17.

Quadro 17 – Distribuição de Trabalhos de GC por GT – ENANCIB (2000 – 2021)

IV Edição (2000)	Número de Trabalhos em GC
GT 6 - Formação profissional e mercado de trabalho	1
GT 7 - Planejamento e Gestão de Sistemas de Informação e Inteligência Competitiva	8
Total	9
V Edição (2003)	Número de Trabalhos em GC
GT 1 - Informação Tecnológica e para Negócio	5
GT 6 - Formação profissional e mercado de trabalho	2
GT 7 – Planejamento e Gestão de Sistemas de Informação e Inteligência Competitiva	1
Total	8
VI Edição (2005)	Número de Trabalhos em GC
GT 4 - Gestão de Unidades de Informação	3
Total	3
VII Edição (2006)	Número de Trabalhos em GC
GT 4 - Gestão de Unidades de Informação	4
GT 7 - Informação para Diagnóstico, Mapeamento e Avaliação	1
Total	5

VIII Edição (2007)	Número de Trabalhos em GC
GT 04 - Gestão da Informação e do Conhecimento nas Organizações	9
GT 7 - Produção e Comunicação da Informação em Ciência, Tecnologia & Inovação	1
Total	10
IX Edição (2008)	Número de Trabalhos em GC
GT 04 - Gestão da Informação e do Conhecimento nas Organizações	1
Total	1
XI Edição (2010)	Número de Trabalhos em GC
GT 3 - Mediação, Circulação e Apropriação da Informação	1
GT 04 - Gestão da Informação e do Conhecimento nas Organizações	8
Total	9
XII Edição (2011)	Número de Trabalhos em GC
GT 1 - Estudos Históricos e Epistemológicos da Ciência da Informação	2
GT 04 - Gestão da Informação e do Conhecimento nas Organizações	7
Total	9
XIII Edição (2012)	Número de Trabalhos em GC
GT 04 - Gestão da Informação e do Conhecimento nas Organizações	8
Total	8
XIV Edição (2013)	Número de Trabalhos em GC
GT 04 - Gestão da Informação e do Conhecimento nas Organizações	9
GT 7 - Produção e Comunicação da Informação em CT&I	1
Total	10
XV Edição (2014)	Número de Trabalhos em GC
GT 04 - Gestão da Informação e do Conhecimento nas Organizações	9
GT 8 - Informação e Tecnologia	2
Total	11
XVI Edição (2015)	Número de Trabalhos em GC
GT 4 - Gestão da Informação e do Conhecimento	13
Total	13
XVII Edição (2016)	Número de Trabalhos em GC
GT 4 - Gestão da Informação e do Conhecimento	21
GT 10 - Informação e Memória	1
Total	24

XVIII Edição (2017)	Número de Trabalhos em GC
GT 4 - Gestão da Informação e do Conhecimento	16
Total	16
XIX Edição (2018)	Número de Trabalhos em GC
GT 4 - Gestão da Informação e do Conhecimento	20
GT 8 - Informação e Tecnologia	1
Total	21
XX Edição (2019)	Número de Trabalhos em GC
GT 4 - Gestão da Informação e do Conhecimento	24
GT 7 - Produção e Comunicação da Informação em Ciência, Tecnologia & Inovação	1
GT 9 – Museu, Patrimônio e Informação	1
Total	26
XXI Edição (2021)	Número de Trabalhos em GC
GT 4 - Gestão da Informação e do Conhecimento	13
Total	13
Total Geral	194

Fonte: Dados da pesquisa (2022).

As primeiras publicações sobre GC no ENANCIB se deram em diferentes GT, com predominância no GT 7 – Planejamento e Gestão de Sistemas de Informação e Inteligência competitiva e no GT 1 – Informação Tecnológica e para Negócio quando o evento ainda não tinha sua periodicidade regular, ou anualmente, mais precisamente nos anos de 2000 e 2003. A partir da VI edição do ENANCIB, em 2005, e na VII edição em 2006, os trabalhos em gestão do conhecimento passaram a serem predominantes no GT 4 – Gestão de Unidades de Informação.

Constatamos que os GT orientados para as pesquisas que envolvem a gestão e as temáticas relacionadas com a Administração (Inteligência competitiva, gestão da informação, gestão do conhecimento, marketing, entre outros) eram distribuídas nos GT 1 e 7 em 2000 e 2003, passando a se concentrar no GT 4 a partir de 2005 com a denominação orientação para os diferentes tipos de unidades de informação.

Na VII edição do ENANCIB, em 2006, ocorreram mudanças significativas que puderam possibilitar maiores especificidades quanto às temáticas e maiores

ampliações quanto às possibilidades de os profissionais da informação realizarem gestão para além de unidades de informação. De acordo com Duarte (2012, p. 5)

A ementa sobre as temáticas de pesquisa abordadas pelo GT4 na área de gestão da informação e do conhecimento nas organizações foi elaborada em 2006 pelos integrantes e participantes efetivos do VII ENANCIB, que buscavam agregar valor às discussões dos assuntos em evidência nas pesquisas na área de gestão no âmbito da Ciência da informação, com o intuito de acompanhar as mudanças da sociedade. Entretanto, a nova denominação proposta para o GT4 passou a vigorar em 2007, quando ocorreu o VIII ENANCIB.

Nesse contexto, os trabalhos de GC, a partir do ano de 2007, foram publicados, em sua maioria, no GT 4 - Gestão da Informação e do Conhecimento nas Organizações. É na VIII edição do evento que a GC aparece, de forma integrada, na nomenclatura de um dos GT do ENANCIB. Dessa forma, o GT4 passa a predominar não só temas de gestão de modo geral, mas se alinha a questão da informação e do conhecimento enquanto disciplinas emergentes no campo da Ciência da Informação.

A denominação “Gestão da Informação e do Conhecimento nas Organizações” do GT 4 permaneceu por oito anos consecutivos, havendo outra mudança a partir do ano de 2015, ano que aconteceu a XVI edição do ENANCIB. Isso porque em 2014, na XV edição ocorrida em Belo Horizonte/Minas Gerais, os coordenadores juntamente com a plenária, chegaram à conclusão de que a GIC e suas abordagens perpassam múltiplos ambientes, não só as organizacionais, como o contexto educacional, científico, tecnológico, social, na sociedade em redes, entre outros.

Nessa perspectiva, o GT 4 passou por mudanças em sua nomenclatura que, desde a XVI edição até os dias atuais, é denominada “Gestão da Informação e do Conhecimento”. Tal Grupo compreende a GC em uma perspectiva integrada com a GI a partir de suas abordagens e perspectivas, considerando as unidades de informação, as organizações e os múltiplos contextos.

Em síntese, inferimos que os trabalhos de GC inicialmente eram publicados em GT com foco nos negócios, em gestão, em planejamento e inteligência competitiva, hoje concentradas no GT de GIC e que, ao longo da trajetória do evento as pesquisas em gestão do conhecimento foram se concentrando no âmbito do GT 4, desde quando se denominava Gestão de Unidades de Informação. Além disso, evidenciamos que desde o ano de 2000, primeira edição a publicar trabalho sobre o tema, as pesquisas

sobre GC perpassaram por oito GT diferentes, se sobressaindo com a maioria no GT 4.

O Quadro 18 elenca as denominações dos GT que contribuíram e contribuem para divulgação e para o processo de institucionalização social da GC neste campo informacional.

Quadro 18 – Denominações dos GT e Ementas que na Trajetória da GC no ENANCIB

Edições	Anos	Denominação e Ementa dos GT que contemplaram a trajetória das publicações em GC
IV e V Edições	2000 e 2003	GT 1 - Informação Tecnológica e para Negócio Ementa: - GT 7 - Planejamento e Gestão de Sistemas de Informação e Inteligência Competitiva Ementa: -
VI e VII Edições	2005 e 2006	GT - 4 Gestão de Unidades de Informação Ementa: -
VIII a XV Edições	2007 a 2014	GT - 4 Gestão da Informação e do Conhecimento nas Organizações Ementa: Gestão da informação, de sistemas, de unidades, de serviços, de produtos e de recursos informacionais. Estudos de fluxos, processos e uso da informação na perspectiva da gestão. Metodologias de estudos de usuários. Monitoramento ambiental e inteligência competitiva no contexto da Ciência da Informação. Redes organizacionais: estudo, análise e avaliação para a gestão. Gestão do conhecimento e aprendizagem organizacional no contexto da Ciência da Informação. Tecnologias de Informação e Comunicação aplicadas à gestão.
XVI Edição - Atual	2015 - Atual	GT - 4 Gestão da Informação e do Conhecimento Ementa: Gestão de ambientes, sistemas, unidades, serviços, produtos de informação e recursos informacionais. Estudos de fluxos, processos, usos e usuários da informação como instrumentos de gestão. Gestão do conhecimento e aprendizagem organizacional no contexto da Ciência da Informação. Marketing da informação, monitoramento ambiental e inteligência competitiva. Estudos de redes para a gestão. Aplicação das tecnologias de informação e comunicação à gestão da informação e do conhecimento.

Fonte: Dados da pesquisa (2022).

Inicialmente, é preciso registrar a não identificação das ementas dos GT 1 e 7 das IV e V edições, nem do GT 4 das VI e VII edições. Ao acessar o portal da ANCIB, só foi possível ter acesso às ementas que representam as últimas atualizações do GT.

Ao elencar as denominações dos GT que mais publicaram trabalho sobre GC durante as edições do ENANCIB, percebemos que as pesquisas com essa disciplina foi ganhando espaço timidamente em grupos que contemplassem estudos na perspectiva da gestão.

A partir disso, é notório o crescimento de publicações da GC no ENANCIB quando o GT 4 passa a tê-la em seu escopo, além de estar na denominação de forma integrada. Sendo assim, consideramos que esse referido GT é o responsável pela sua presença no evento e, conseqüentemente, como um dos mais importantes espaços de canal informal de comunicação científica.

Reconhecendo que a GC passou a ser denominada como nome de um dos GT, apesar de não ser de forme autônoma, mas integradamente com a GI a partir da VIII edição do ENANCIB, em 2007, apresentamos no Quadro 19 o histórico de pesquisadores que estiveram e as que estão coordenadoras atualmente do GT 4, identificados no Portal da ANCIB.

Quadro 19 – Histórico de pesquisadores coordenadores do GT 4 da ANCIB e ENANCIB

Edição	Ano	GT 4 – 2005 a 2022	Coordenação
VI	2005	Gestão de Unidades de Informação	Coordenadora: Asa Fujino
VII	2006	Gestão de Unidades de Informação	Coordenadora: Asa Fujio
VIII	2007	Gestão da Informação e do Conhecimento nas Organizações	Coordenador: Ricardo Rodrigues Barbosa
IX	2008	Gestão da Informação e do Conhecimento nas Organizações	Coordenador: Ricardo Rodrigues Barbosa
X	2009	Gestão da Informação e do Conhecimento nas Organizações	Coordenadora: Marta Lígia Pomim Valentim
XI	2010	Gestão da Informação e do Conhecimento nas Organizações	Coordenadora: Marta Lígia Pomim Valentim
XII	2011	Gestão da Informação e do Conhecimento nas Organizações	Coordenadora: Sueli Angélica do Amaral

XIII	2012	Gestão da Informação e do Conhecimento nas Organizações	Coordenadora: Sueli Angélica do Amaral
XIV	2013	Gestão da Informação e do Conhecimento nas Organizações	Coordenadora: Emeide Nóbrega Duarte Vice coordenadora: Alzira Karla de Araújo
XV	2014	Gestão da Informação e do Conhecimento nas Organizações	Coordenadora: Emeide Nóbrega Duarte Vice coordenadora: Alzira Karla de Araújo
XVI	2015	Gestão da Informação e do Conhecimento	Coordenador: Ricardo Rodrigues Barbosa Vice coordenadora: Alzira Karla Araújo da Silva
XVII	2016	Gestão da Informação e do Conhecimento	Coordenador: Ricardo Rodrigues Barbosa Vice coordenadora: Alzira Karla Araújo da Silva
XVIII	2017	Gestão da Informação e do Conhecimento	Coordenadora: Alzira Karla Araújo da Silva Vice coordenadora: Emeide Nóbrega Duarte
XIX	2018	Gestão da Informação e do Conhecimento	Coordenadora: Alzira Karla Araújo da Silva Vice coordenadora: Emeide Nóbrega Duarte
XX	2019	Gestão da Informação e do Conhecimento	Coordenador: Fabrício Ziviani Coordenadora Adjunta: Ieda Martins Pelógia Damian
XXI	2021	Gestão da Informação e do Conhecimento	Coordenadora Pró Tempore: Nadi Helena Presser Coordenadora Adjunta Pró Tempore: Marli Dias de Souza Pinto
XXII	2022	Gestão da Informação e do Conhecimento	Coordenadora: Marli Dias de Souza Pinto Coordenadora Adjunta: Elaine da Silva

Fonte: Dados da pesquisa (2022).

Optamos por representar no Quadro 19 os coordenadores a partir do ano de 2005 por duas razões: a primeira, pelo fato de os estudos de gestão na Ciência da Informação que passaram a ser centralizados no GT 4 e, a segunda, por iniciar a fase de consolidação do ENANCIB com periodicidade anual.

A coordenação dos GT, conforme podemos visualizar nos dados obtidos, inicialmente era representada por um membro coordenador até o ano de 2012, desde a sua primeira edição em 1994. A partir de 2013, a estrutura do GT passou a ser coordenada por um(a) coordenador(a) e um(a) vice coordenador(a), tendo suas nomenclaturas alteradas a partir da 20ª edição, em 2019.

Ressaltamos que houve, até o momento, dois homens e nove mulheres frente à coordenação do GT 4 da ANCIB e ENANCIB. Tais coordenadores são nomeados

em: Asa Fujino, Ricardo Rodrigues Barbosa, Marta Lúgia Pomim Valentim, Sueli Angélica do Amaral, Emeide Nóbrega Duarte, Alzira Karla Araújo da Silva, Fabrício Ziviani, Ieda Martins Pelógia Damian, Nadi Helena Presser, Marli Dias de Souza Pinto, e Elaine da Silva.

Importante ressaltar que, apesar de a XXII edição do ENANCIB estar prevista para ser realizada em novembro de 2022, optamos por registrar no Quadro 18 pelo fato de que a coordenadora Marli Dias de Souza Pinto e a Coordenadora Adjunta Elaine da Silva foram eleitas, na última edição do evento, em 2021, para a coordenação do GT 4 e estarão à frente das edições em que realizar-se-ão em 2022 e em 2023.

O histórico dos pesquisadores que atuaram na coordenação do GT 4, principalmente a partir da denominação como Gestão da Informação e do Conhecimento nas Organizações em 2001 até a atual chamada GIC, aponta a constituição e atuação de coordenadores que, conforme apresentada nesta pesquisa, são representantes do núcleo da GC na Ciência da Informação no âmbito do ENANCIB.

Entre os nove representantes que foram selecionados entre os mais produtivos no tema, na categoria estrutura cognitiva da GC, seis passaram pela coordenação do GT 4 da ANCIB e ENANCIB, a saber: Ricardo Rodrigues Barbosa, Marta Lúgia Pomim Valentim, Emeide Nóbrega Duarte, Alzira Karla Araújo da Silva, Fabrício Ziviani, e Ieda Martins Pelógia Damian.

Essa constatação nos faz refletir que, tais pesquisadores não só contribuem com o processo da institucionalização cognitiva da GC neste campo informacional, como também influenciam o processo de construção da identidade social da GC a partir de importantes estruturas que viabilizam a formação, relações científicas, canais de comunicação, instituições, entre outros, como é o caso dessa responsabilidade de viabilizar a manutenção e atuação de tal GT.

Outros dados importantes que aponta a presença da GC no ENANCIB, principalmente a partir do GT 4, são os melhores trabalhos ou os premiados que são avaliados e reconhecidos entre os pares ou agentes científicos. Nesse sentido, o Quadro 20 expõe o histórico dos melhores trabalhos ou premiados do GT 4 e que são focados em GC, identificados no Portal da ANCIB.

Quadro 20 – Histórico de melhores trabalhos ou premiados em GC na trajetória do GT 4

Edição	Ano		Autores
VII	2006	Gestão do conhecimento no contexto organizacional brasileiro: deriva semântica ou mudança conceitual? (Modalidade de Comunicação Oral)	(1) Rivadávia Correa Drummond de Alvarenga Neto (2) Ricardo Rodrigues Barbosa
IX	2008	Narrativas de histórias na aprendizagem organizacional (Modalidade de Comunicação Oral)	(1) Valério Brusamolin
XIII	2012	Gestão do conhecimento: um olhar sob a perspectiva da Ciência da Informação (Modalidade de Comunicação Oral)	(1) Marcia Pires da Luz Bettencourt (2) Regina de Barros Cianconi
XIV	2013	Gestão do conhecimento científico: proposta de um modelo para a área de Ciência da Informação da Universidade Estadual Paulista (Modalidade de Comunicação Oral)	(1) Cristiane Luiza Salazar Garcia (2) Marta Lígia Pomim Valentim
XVI	2015	Inteligência competitiva organizacional: um modelo apoiado nos comportamentos de busca, compartilhamento e uso de informação e de tecnologias de informação e comunicação (Modalidade de Comunicação Oral)	(1) Thiciane Mary Carvalho Teixeira (2) Marta Lígia Pomim Valentim
XVII	2016	Atividades de gestão nos dispositivos de comunicação da web social das bibliotecas universitárias brasileiras (Modalidade de Comunicação Oral)	(1) Raquel do Rosário Santos (2) Emeide Nóbrega Duarte
XVIII	2017	Estudo terminológico do termo gestão do conhecimento (Modalidade de Comunicação Oral)	(1) Rosilene Agapito da Silva Llarena (2) Emeide Nóbrega Duarte (3) Suzana de Lucena Lira (4) Alzira Karla Araújo da Silva
XIX	2018	Compartilhamento de conhecimento em cadeias de suprimentos: revisão bibliométrica (Modalidade de Comunicação Oral)	(1) Jurema Suely de Araújo Nery Ribeiro (2) Fabricio Ziviani (3) Jorge Tadeu de Ramos Neves
		Memória organizacional e valor da informação: proposta de modelo conceitual (Modalidade de Trabalho Completo)	(1) Juliana Cardoso dos Santos (2) Marta Lígia Pomim Valentim

XXI	2021		
		Gestão do conhecimento: base da memória organizacional do SEBRAE Paraíba (Modalidade de Trabalho Completo)	(1) Rayan Aramís de Brito Feitoza (2) Emeide Nóbrega Duarte
		Conversão do conhecimento organizacional no Sistema de Inteligência de Segurança Pública Mineiro (Modalidade de Resumo Expandido)	(1) Renato Pires Moreira (2) Marcello Peixoto Bax

Fonte: Dados da pesquisa (2022).

O ENANCIB, além de premiar as melhores pesquisas de dissertação de mestrados acadêmicos e profissionais e de tese de doutorado desenvolvidos pelos PPG associados à ANCIB, também realiza a premiação dos melhores trabalhos em primeiro e segundo lugares nas modalidades que, atualmente, são conhecidas como Trabalho Completo e Resumo Expandido.

Importante esclarecer que o primeiro ano em que todos os GT do ENANCIB premiaram os melhores trabalhos da modalidade Resumo Expandido, antes conhecidos como Pôster, foi em 2021, na XXI edição do evento. Para definição de decisão quanto aos melhores trabalhos e suas respectivas premiações, são levadas em consideração as maiores pontuações indicadas no processo de avaliação realizada pelos avaliadores de cada GT. Na edição ocorrida em 2021, esse processo passou a ser regulamentado por edital, além de comissão de avaliação de melhores para cada Grupo.

O Portal da ANCIB disponibiliza os trabalhos que receberam esse destaque a partir da VII edição do evento e, consoante a isso, selecionamos os melhores trabalhos ou os premiados que possuem foco em GC. De 2006 a 2021, a GC e suas abordagens foi eixo temático pesquisado em 10 trabalhos premiados, sendo nove nas modalidades Comunicação Oral/Trabalho Completo e um na modalidade Resumo Expandido.

Elencamos esses trabalhos publicados nos anais do ENANCIB e que foram considerados como melhores trabalhos a partir das premiações por entendermos como os que indicam relevância, originalidade, qualidade e contribuições para o

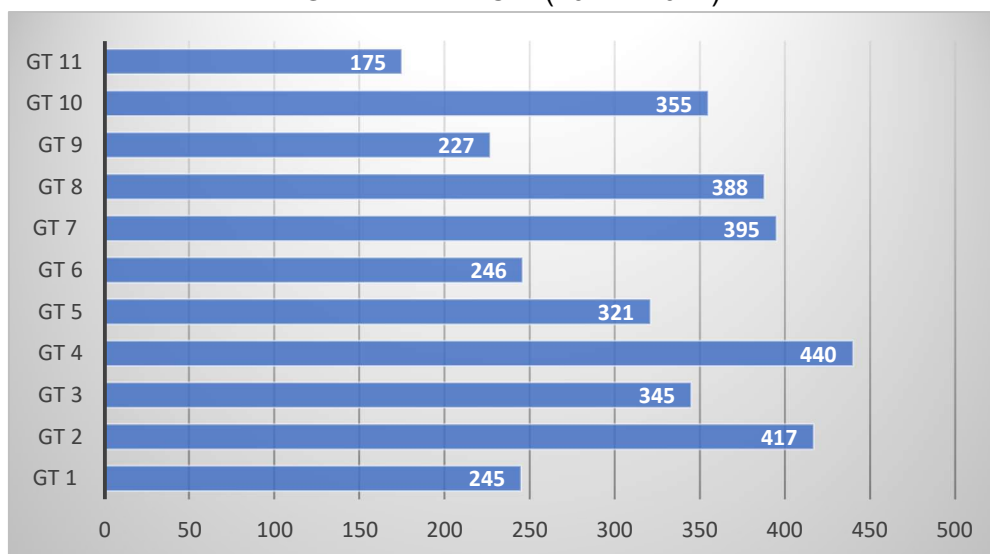
escopo do GT e, consequente, com a Ciência da Informação. Além disso, os autores dessas pesquisas são convidados para publicação de versões atualizadas em edição especial no periódico *Tendências da Pesquisa Brasileira em Ciência da Informação*.

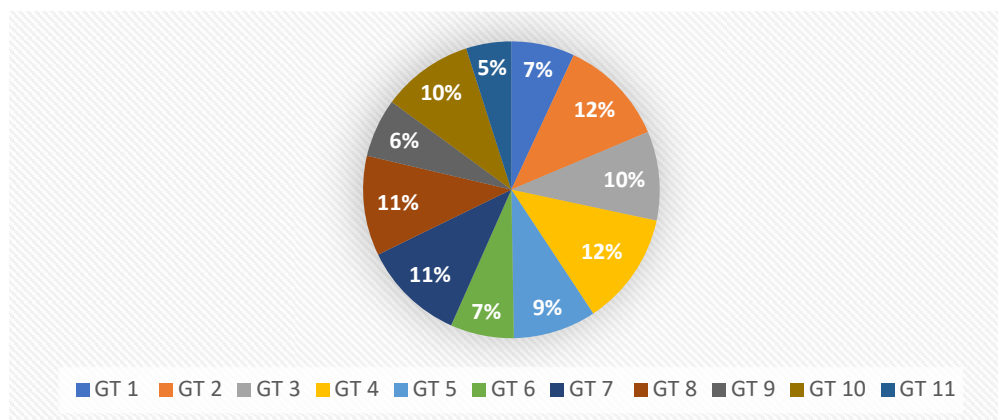
Nesse sentido, a presença da GC enquanto foco de premiação de trabalhos apresentados e publicadas no GT 4 aponta uma tendência significativa do tema enquanto relevante e potencial para a área de Gestão e do campo da Ciência da informação no Brasil, a partir do seu maior evento nacional. Isso destaca, também, o processo de institucionalização social e, consequentemente, cognitiva.

Whitley (1974) explica que a institucionalização cognitiva e social são complementares e, com relação ao reconhecimento aos pares e pesquisadores dos objetos de análise, temas de investigação e métodos no processo de análise e demarcações na comunicação científica, contribuem para que uma ciência, especialidade ou área de pesquisa possuam um bom índice de institucionalização.

Quanto às publicações gerais do GT 4, demonstramos no Gráficos 4 e 5 o quantitativo total dos trabalhos publicados nos 11 GT e a incidência que cada um tem no *ranking* geral, conforme os dados levantados nesta investigação. Realizamos o recorte temporal de 2011 a 2021 para apresentar o panorama dos Grupos que existem atualmente, sendo o último criado em 2011, o GT de Informação e Saúde. O GT 12 não foi contemplado neste recorte por ter sido criado e aprovado na última edição e não haver, ainda, publicações no ENANCIB.

Gráficos 4 e 5 – Quantitativo de Trabalhos publicados nos GT dos ENANCIB (2011 - 2021)





Fonte: Dados da pesquisa (2022).

Nas últimas 10 edições do ENANCIB os 11 GT foram regulares e mantiveram os focos principais em suas denominações, com exceções de alguns que atualizaram sem grandes modificações. Conforme os dados dos Gráficos 4 e 5, os GT com maiores números de publicações, que possuíram acima de 10% das produções, foram: GT 4 com 440 (12%) publicações; GT 2 com 417 (12%) publicações; GT 7 com 395 (11%) publicações; GT 8 com 388 (11%) publicações; GT 10 com 355 (10%) publicações; GT 3 com 345 (10%) publicações; e o GT 5 com 321 (10%) publicações.

O GT 4, apesar de estar tecnicamente empatado com o GT 2 por percentagem, em números reais, 440 publicações e 417 publicações respectivamente, indicam o GT de GIC como o que mais publicou no decorrer da última década de edições do ENANCIB. Nesse contexto, evidenciamos, assim como apresentamos nos componentes de sua estrutura cognitiva, a intensa presença da GC enquanto uma das temáticas que vêm sendo foco das investigações no âmbito de dos GT que vem sendo tendência neste campo informacional a partir desse evento.

Além disso, a GC também se apresenta como tema de investigação de grupos paralelos dependendo da abordagem em que ela se encontre, seja uma investigação de produtividade científica e estudos métricos no âmbito do GT 7, seja na perspectiva teórica e epistemológica no contexto da Ciência da Informação, no GT 1, seja com foco na informação e tecnologia no âmbito do GT 8, entre outros contextos.

Como dito anteriormente, a GC tem perfil interdisciplinar e dialoga consideravelmente com outros campos científicos. Essa disciplina é emergente não só na Ciência da Informação, mas por grupos de pesquisadores de diferentes áreas

do conhecimento como: Administração, Engenharia de Produção, Psicologia, Computação, entre outros.

Isso contribuiu para que grupos de interesse fossem se preocupando com essa evolução no país, o que resultou na criação da Sociedade Brasileira de Gestão do Conhecimento (SBGC) que se caracteriza como uma Organização da Sociedade Civil de Interesse Público (OSCIP), fundada no ano de 2001, e é vista como uma representação para os brasileiros pela Comunidade Internacional de Gestão do Conhecimento e Inovação que, inclusive, promove anualmente a *International Conference on Knowledge Management (ICKM)*.

Essa sociedade, formada por empresários, pesquisadores e parceiros, é responsável por criar e manter o **Congresso Brasileiro de Gestão do Conhecimento (KM Brasil)** que, a priori, acontecia anualmente, passou a ser a cada dois anos em 2012 e, desde 2020, voltou a ocorrer anualmente. Esse evento é de suma importância para a área de Gestão do Conhecimento enquanto disciplina científica e, também, por promover a troca de experiências entre gestores e pesquisadores sobre temáticas relacionadas a essa gestão com vistas ao avanço da área no Brasil.

Conforme o *site*²⁵ do KM Brasil (edição 2021), a comissão organizadora, em detrimento dos princípios da SBGC, acredita no avanço da área a partir da parceria entre os gestores de empresas e as universidades para produzir conhecimentos relevantes tanto para a ciência quanto para a prática de gestão do conhecimento nas organizações.

Apesar de não ser promovido pela própria Ciência da Informação no Brasil, esse congresso também é foco de estudantes, pesquisadores e profissionais da informação advindos deste campo informacional. A pesquisa de Casimiro *et al.* (2019) elenca o estado na arte da competência a partir dos anais do evento e apresenta autores mais produtivos que, entre esses, destacam-se também pesquisadores do campo da Ciência da Informação do Brasil.

Estimado como o maior evento da América Latina sobre a área em questão, o KM Brasil promove discussões e apresentações de melhores casos de sucesso em gestão do conhecimento, discute e dialoga sobre pesquisas científicas, além de proporcionar painéis para discussão pela comunidade (profissionais, consultores,

²⁵ Disponível em: <http://www.kmbrasil.org/km-brasil-2021.html>

pesquisadores e professores dos setores privados, o governo e o terceiro setor). Esse evento já tem em sua história 16 edições, ocorridas entre os anos de 2002 e 2021. O Quadro 21 apresenta as edições, ano, local e o tema central do KM Brasil ao longo de sua trajetória.

Quadro 21 – Edição, Ano, Local e Tema Central do KM Brasil

Edição	Ano	Local	Tema Central do Evento
I	2002	São Paulo	GC no Brasil hoje: o estado da arte em GC nas empresas brasileiras
II	2003	São Paulo	Gestão do Conhecimento gerando resultados
III	2004	São Paulo	Gestão do Conhecimento na Política Industrial Brasileira
IV	2005	São Paulo	O Diálogo Universidade-Empresa na Sociedade do Conhecimento
V	2006	Curitiba	O Processo de Implantação de GC: Barreira e Facilidades
VI	2007	São Paulo	Crescimento Econômico Sustentável: O Papel da GC
VII	2008	São Paulo	Crescimento Econômico Sustentável: O Papel da GC
VIII	2009	Salvador	O contexto da Gestão do Conhecimento para Inovação
IX	2010	Porto Alegre	GC como estratégia para um Mundo Sustentável
X	2011	São Paulo	Gestão do Conhecimento Alinhada à Cultura Organizacional e Redes Sociais
XI	2012	São Paulo	Conhecimento e Aprendizado Colaborativo para o Crescimento Sustentado
XII	2014	Florianópolis	Investigação Profunda dos Processos de Conhecimento nas Organizações
XIII	2016	São Paulo	Conhecimento que Faz Diferença: Inteligência e Colaboração criando Eficiência e Inovação
XIV	2018	São Paulo	A Evolução da Gestão na Era do Conhecimento
XV	2020	Remoto	Transformação Digital e Gestão do Conhecimento
XVI	2021	Remoto	20 anos de KM Brasil: Colaboração, Transformação e Inovação

Fonte: Dados da pesquisa (2022).

Em todas as edições foram abordados os principais temas sobre a gestão do conhecimento na política industrial e na relação universidade-empresa, barreiras e facilidades de suas aplicações, sustentabilidade, inovação, cultura organizacional, redes sociais, inteligência, entre outros, em consonância com as abordagens ou áreas de pesquisas promovidas pelas situações-problemas da GC.

Destacamos a configuração temática do KM com abordagens emergentes e que, entres elas, evidenciamos a questão do desenvolvimento sustentável como

responsabilidade, também, da GC, sobretudo em época de discussão e viabilização da Agenda 2030 e os ODS.

Quanto à localidade ou sede de promoção do evento, percebemos que São Paulo é a cidade que mais sediou o evento, seguido de Curitiba, Salvador, Porto Alegre e Florianópolis. Assim, o KM Brasil já ocorreu em três regiões do país como nordeste, sul e predominantemente no Sudeste. Todos esses eventos, além de sessões de palestras, também ocorreram sessões de apresentações e publicações de pesquisas e estudos de casos em anais eletrônicos.

Apresentamos a produtividade de trabalhos científicos do KM Brasil por ano/edição, conforme a Tabela 11 a seguir:

Tabela 11 – Produtividade de Trabalhos no KM Brasil

Ano e Edição	Produtividade
2002 – I edição	34
2003 – II edição	157
2004 – III edição	76
2005 – IV edição	10
2006 – V edição	Não disponibilizado
2007 – VI edição	39
2008 – VII edição	26
2009 – VIII edição	58
2010 – IX edição	21
2011 – X edição	41
2012 – XI edição	14
2014 – XII edição	67
2016 – XIII edição	40
2018 – XIV edição	21
2020 – XV edição	52
2021 – XVI edição	31
Total	687

Fonte: Dados da pesquisa (2022).

A média de publicação por evento é de 43 artigos, no entanto, percebemos que há uma disparidade e variações de produtividade entre as edições do evento. Isso pode ser percebido nos anos 2003, 2005, 2012, 2014, 2018 e 2020, com produtividade de 157, 10, 14, 21, e 52, respectivamente. Já o número total de produções alcançou

a marca de 687 artigos, considerado um bom resultado perante a configuração do próprio congresso que não predomina em pesquisadores e docentes, mas profissionais e colaboradores de diversos tipos de instituições.

Atualmente, o KM é organizado/estruturado pelos seguintes eixos-temáticos: TEMA 1 - Inovação e Aspectos Estratégicos da GC (INOV); TEMA 2 - Sustentabilidade nos Negócios e GC (SUST); TEMA 3 - Ativos Intangíveis, Capital Intelectual e Humano Relacionados à GC (AICI); TEMA 4 - Redes Sociais, Ensino e Aprendizagem com foco em GC (REDS); TEMA 5 - Práticas de Gestão do Conhecimento e Tecnologias de Gestão do Conhecimento (PTGC); TEMA 6 - Novos Saberes e Abordagens Interdisciplinares Relacionados à GC (MULT); TEMA 7 - A Transformação Digital e os Desafios para a GC (TDGC); TEMA 8 - Cidades Inteligentes e Sustentáveis (CISU); TEMA 9 - Tecnologia da Informação Inteligente e Gestão do Conhecimento (TIGC); e TEMA 10 - Empreendedorismo Digital e Gestão do Conhecimento (EDGC).

Além de disponibilizar os anais de todas as edições do evento em portal específico, a organização das edições do KM Brasil tem realizado parceria técnica com a equipe de um dos mais importantes periódicos em GC da Ciência da Informação, a PG&C, para publicar os melhores trabalhos de cada edição em número especial.

Consideramos o KM Brasil, a partir da SBGC, como um espaço para o fortalecimento da GC na Ciência da Informação no Brasil tendo em vista as cooperações que podem ser estabelecidas não só do ponto de vista científica, mas também a partir de oportunidades de geração de competências para os profissionais da informação interessados em se acostar em instituições técnicas, além de potencializar as contribuições que este campo informacional pode gerar para outras áreas.

Em suma, os eventos científicos, como esses que foram apresentados, são “[...] um meio de promover a alteração do quadro de isolamento entre os pesquisadores brasileiros, permitindo interlocução, oportunidade de debate e de estímulo à reflexão” (MARTELETO; LARA, 2008, p. 10). Nesse sentido, o ENANCIB e o KM Brasil, cada uma com seus objetivos e especificidades e enquanto canais informais de comunicação científica e tecnológica, tendem a contribuir com a **formação de sociedades e comunidades científicas**, juntamente com os canais formais (os periódicos científicos), buscando **estabelecer a identidade social externa da GC na Ciência da Informação no Brasil, de forma evolutiva, emergencial e com**

destaques entre a maioria de seus componentes que formam sua estrutura social neste campo informacional.

4.2.6 Representantes do Núcleo da GC na Ciência da Informação: perfil e afiliações

Após apresentação das IES, dos Programas de Pós-Graduação da área de Ciência da Informação e das respectivas Linhas de Pesquisa, e os Grupos de Pesquisados vinculados a pesquisadores e aos PPG, cadastrados no DGP/CNPq, apresentamos o perfil acadêmico e os vínculos existentes dos pesquisadores que constituem o núcleo da GC, definidos na categoria de estrutura cognitiva desta pesquisa.

Para isso, como realizado anteriormente no momento da aplicação dos critérios para definição dos pesquisadores representantes do referido núcleo, no item 4.1.3 da subseção 4.1, buscamos os dados dispostos no Quadro 22 no Currículo Lattes da Plataforma Lattes, bem como em *sítes* dos PPG e DGP.

Quadro 22 – Perfil acadêmico e afiliações dos Representantes do Núcleo da GC na Ciência da Informação

	Nome: Emeide Nóbrega Duarte PPG: Ciência da Informação/UFPB Linha de Pesquisa: Ética, Gestão e Políticas da Informação Grupo de Pesquisa: GIACO - Líder Formação: Biblioteconomia e Documentação Títulos: Mestra em Biblioteconomia e Doutora em Administração Pós-Doutorado: Ciência da Informação Áreas de pesquisa em GC: Conhecimento Organizacional, Criação do Conhecimento, Aprendizagem Organizacional, Compartilhamento do Conhecimento, Processos de GC, Memória Organizacional e Redes Sociais.	 
	Nome: Marta Lúcia Pomim Valentim PPG: Ciência da Informação/UNESP Linha de Pesquisa: Gestão, Mediação e Uso da Informação Grupo de Pesquisa: ICIO - Líder Formação: Biblioteconomia e Documentação Títulos: Mestra em Ciência da Informação e Doutora em Ciências da Comunicação Pós-Doutorado: Ciência da Informação Áreas de pesquisa em GC: Gestão da Informação e suas Tecnologias, Conhecimento Organizacional, Inteligência Competitiva, Memória Organizacional, Compartilhamento da Informação e do Conhecimento e Processos de GC.	 

	Nome: Ricardo Rodrigues Barbosa PPG: Gestão & Organização do Conhecimento/UFMG Linha de Pesquisa: Gestão & Tecnologia da Informação e Comunicação Grupo de Pesquisa: GICA – Membro Pesquisador Formação: Psicologia Títulos: Mestre em Business Administration e Doutor em Administração de Empresas Pós-Doutorado: Ciência ou Estudos da Informação Áreas de pesquisa em GC: Gestão da Informação e suas Tecnologias, Conhecimento Organizacional, Processos de GC e Redes Sociais.	 
	Nome: Júlio Afonso Sá de Pinho Neto PPG: Ciência da Informação/UFPB Linha de Pesquisa: Ética, Gestão e Políticas de Informação Grupo de Pesquisa: GICTEC – Líder Formação: Comunicação Social – Habilitação em Relações Públicas Títulos: Mestre e Doutor em Comunicação Pós-Doutorado: Ciência da Informação Área de pesquisa em GC: Gestão da Informação e suas Tecnologias, Conhecimento Organizacional e Processos de GC.	 
	Nome: Fábio Corrêa PPG: Sistemas de Informação e Gestão do Conhecimento/FUMEC Linha de Pesquisa: Gestão da Informação e do Conhecimento Grupo de Pesquisa: Nível de maturidade em Gestão do Conhecimento – Líder Formação: Sistemas de Informação Títulos: Mestre e Doutor em Sistemas de Informação e Gestão do Conhecimento Pós-Doutorado: Ciência da Informação Áreas de pesquisa em GC: Gestão da Informação e suas Tecnologias, Conhecimento Organizacional, Criação do Conhecimento e Compartilhamento da Informação e do Conhecimento.	 
	Nome: Cláudio Paixão Anastácio de Paula PPG: Ciência da Informação/FUMEC Linha de Pesquisa: Usuários, Gestão do Conhecimento, e Práticas Informacionais Grupo de Pesquisa: Estudos Cognitivos em Ciência da Informação - Membro pesquisador Formação: Psicologia Títulos: Mestre em Ciências da Informação e Doutor em Psicologia Social Pós-Doutorado: Ciência da Informação Áreas de pesquisa em GC: Gestão da Informação e suas Tecnologias, Criação do Conhecimento e Aprendizagem Organizacional.	 
	Nome: Fabrício Ziviani PPG: Sistemas de Informação e Gestão do Conhecimento/FUMEC Linha de Pesquisa: Gestão da Informação e do Conhecimento Grupo de Pesquisa: GECIC – Líder Formação: Administração – Habilitação Análise de Sistemas Títulos: Mestre em Administração Pública - Gestão da Informação e Doutor em Ciência da Informação Pós-Doutorado: – Áreas de pesquisa em GC: Gestão da Informação e suas Tecnologias, Conhecimento Organizacional, Criação do	 

	Conhecimento e Compartilhamento da Informação e do Conhecimento.	
	Nome: Ieda Pelógia Martins Damian PPG: Ciência da Informação/UNESP Linha de Pesquisa: Gestão, Mediação e Uso da Informação Grupo de Pesquisa: ICIO – Membro Pesquisador Formação: Análise de Sistemas Títulos: Mestra e Doutora em Administração de Organizações Pós-Doutorado: Ciência da Informação Áreas de pesquisa em GC: Memória Organizacional e Processos de GC.	 
	Nome: Alzira Karla Araújo da Silva PPG: Ciência da Informação/UFPB Linha de Pesquisa: Ética, Gestão e Políticas de Informação Grupo de Pesquisa: Líder Formação: Biblioteconomia Títulos: Mestra e Doutora em Ciência da Informação Pós-Doutorado: – Áreas de pesquisa em GC: Compartilhamento da Informação e do Conhecimento e Redes Sociais.	 

Fonte: Elaborado pelo autor com base nos dados da pesquisa (2022).²⁶

Os responsáveis pela estruturação e desenvolvimento da Ciência da Informação, pelo viés do ENANCIB, se caracterizam quatro pesquisadoras (mulheres) e cinco pesquisadores (homens). Quanto aos PPG, três são afiliados ao PPGCI/UFPB (Emeide Nóbrega Duarte, Júlio Afonso Sá de Pinho Neto e Alzira Karla Araújo da Silva); duas são afiliadas ao PPGCI/UNESP (Marta Lígia Pomim Valentim e Ieda Pelógia Martins Damian); dois são ou foram afiliados ao PPGSIGC/FUMEC (Fábio Corrêa e Fabrício Ziviani); um é afiliado ao PPGCI/UFGM (Cláudio Paixão Anastácio de Paula) e, por fim, outro é afiliado ao PPGGOC/UFGM (Ricardo Rodrigues Barbosa).

Desse modo, os PPG que dão visibilidade a GC a partir dos representantes de seu núcleo são: PPGCI/UFPB; PPGCI/UNESP; PPGSIGC/FUMEC; PPGCI/UFGM; e PPGGOC/UFGM. Instituições como UFPB, UNESP, UFGM e FUMEC são as responsáveis por alocar os responsáveis por dá visibilidade a produção científica, a formação de pesquisadores e viabilidade de cunho científico-pragmático no contexto da GC no campo da Ciência da Informação no Brasil.

Quanto aos Grupos de Pesquisas apresentados anteriormente e que delimitam a formação da sociedade e identidade científica (WHITLEY, 1974) da GC, destacamos o GIACO, o ICIO, o GICA; o GICTEC; o de Nível de Maturidade em Gestão do Conhecimento; o de Estudos Cognitivos em Ciência da Informação, e o GECIC. Esses

²⁶ As figuras das bandeiras dos estados brasileiros e as logomarcas das instituições de ensino foram extraídas de portais disponibilizados no Google Imagens.

são os responsáveis por alocar os pesquisadores representativos do núcleo e por desenvolverem pesquisas e produtos científicos (livros, artigos, trabalhos em eventos, entre outros) no escopo da Gestão do Conhecimento neste campo informacional.

Outro ponto importante a ser destacado é a formação, os títulos e estágio de pós-doutorado desses pesquisadores e docentes representantes. Predomina formação em Biblioteconomia na formação de três pesquisadoras (Emeide Nóbrega Duarte, Marta Lígia Pomim Valentim e Alzira Karla Araújo da Silva). Há dois pesquisadores com formação em Psicologia (Ricardo Rodrigues Barbosa e Cláudio Paixão Anastácio de Paula). Com formação em Administração ou Administração com habilitação em Análise de Sistemas existem dois pesquisadores (Fabrício Ziviani e Ieda Pelógia Martins Damian), enquanto um pesquisador tem formação em Comunicação Social com Habilitação em Relações Públicas (Júlio Afonso Sá de Pinho Neto) e outro tem formação em Sistemas de Informação (Fábio Corrêa).

As áreas de formação desses pesquisadores refletem o perfil interdisciplinar da GC a partir de pessoal especializado das áreas da Biblioteconomia, Administração com habilitação em Análise de Sistemas, Psicologia, Comunicação Social e Sistemas de Informação. Tais intelectuais, a partir de suas contribuições advindas das bases teóricas formativas, coadunam com os paradigmas da Gestão do Conhecimento apresentadas por Alvares *et al.* (2020) ao analisarem as ciências cognitivas, representando o paradigma humanista; a estatística, representando o paradigma sociotécnico; a administração e economia, representando o paradigma organizacional e a segurança da informação digital, representando o paradigma tecnológico, propostos por Sagsan (2009).

Quando partimos para análise dos títulos acadêmicos e de estágio pós-doutoral, observamos que todos os representantes possuem vínculo formativo com o campo da Ciência da Informação. Entre os nove pesquisadores, cinco possuem mestrado ou doutorado em Biblioteconomia ou Ciência da Informação, enquanto três em Administração, um na área de Comunicação e outro em Sistemas de Informação e GC. Quanto ao estágio pós-doutoral, sete dos nove pesquisadores realizaram pesquisas de pós-doutorado em Ciência da Informação, em instituições do Brasil e do exterior.

Percebemos que existe uma certa “via de mão dupla” na formação e atuação de pesquisas dos representantes do núcleo da GC no campo da Ciência da Informação no Brasil que, mesmo sendo interdisciplinar, seus pesquisadores tendem

a utilizar aportes teóricos e metodológicos cunhados pelas suas formações, mas também aqueles produzidos e validados neste próprio campo informacional, como foi constatado em seu processo de institucionalização cognitiva, no item 4.1.4 desta pesquisa.

Existem também as áreas de pesquisa da GC predominantes na produção científica desses pesquisadores durante as edições do ENANCIB. Em consonância com as abordagens evidenciadas no item 4.1.2 na categoria de estrutura cognitiva da GC, constatamos que existem representantes que abordam quase todas as áreas como Duarte, E. N. e Valentim, M. L. P. e as que especificam seus estudos como Damian, I. P. M. e Silva, A. K. A. em duas ou três áreas.

Sendo assim, não diferente das concepções de Whitley (1974), apesar de possuírem avaliações autônomas, as estruturas cognitiva e social de uma área são complementares e/ou combinatórias. Enquanto se cria tais produções científicas de GC na Ciência da Informação, **seus pesquisadores estão alocados em instituições e em comunidades que viabilizam esse processo, construindo e caracterizando os recursos humanos nesta comunidade científica.**

4.3 Institucionalização cognitiva e social da GC na Ciência da Informação no Brasil: síntese e inferências sobre o seu estágio atual

Após a análise e discussão dos componentes que formam ou viabilizam as estruturas cognitiva e social da GC no campo da Ciência da Informação no Brasil, exibimos as principais inferências a partir dos resultados obtidos nas subseções anteriores à luz da teoria cunhada por Richard Whitley.

A teoria whitleyana de institucionalização científica se fundamenta a partir do entendimento de que a ciência ou as suas especialidades e áreas de pesquisa possuem determinado grau de aceitabilidade, entre baixo, médio e elevados índices de componentes articulados e que fortalecem uma área de conhecimento.

Nesse contexto, para avaliação de determinados componentes, Whitley (1974) explica que podemos verificar estágios ou nível de institucionalização a partir da combinação das estruturas cognitiva e social, mesmo que elas tenham características e indicadores diferenciados. Para nossa investigação, categorizamos nossa análise

em “estrutura cognitiva da GC” e “estrutura social da GC” no âmbito da Ciência da Informação brasileira.

O Quadro 23 apresenta a categoria analítica e os indicadores analisados, bem como as inferências sobre o processo de institucionalização científica da GC a partir da sua estrutura cognitiva.

Quadro 23 – Inferências sobre o processo de institucionalização cognitiva da GC

		Indicadores e componentes	Inferências
CATEGORIA ANALÍTICA: ESTRUTURA COGNITIVA DA GC		Linearidade e concordância na linguagem especializada e ordem intelectual (Palavras-chave e/ou termos adotados nas pesquisas de GC)	Entre os 194 trabalhos sobre GC nos anais das 21 edições do ENANCIB, 179 possuem palavras-chave, enquanto 15 não apresentam esses termos nos resumos. Sendo assim, constatamos 749 palavras-chave no total e com repetições, ocorrendo 355 palavras diferentes e pelo menos 97 que se repetem pelo menos uma vez. Apesar de uma considerável variação de termos, inferimos que as palavras mais incidentes, além da própria adoção da gestão do conhecimento, são compatíveis com as que estão imbricadas ao conceito de GC e/ou que compõem as abordagens que formam os aspectos teóricos e metodológicos da GC, como: Gestão da Informação e suas Tecnologias; Conhecimento Organizacional; Aprendizagem Organizacional; Compartilhamento da Informação; Compartilhamento do Conhecimento; Inteligência Competitiva; Criação do Conhecimento; Memória Organizacional; Processo de GC; e Redes Sociais. Além disso, ratifica o perfil interdisciplinar na GC no próprio campo da Ciência da Informação. Contudo, as terminologias envolvidas e os seus respectivos conceitos são lineares ao contexto da Gestão do Conhecimento enquanto disciplina que abarca determinados objetos de análise que são refletidos em uma linguagem padrão e intelectualizada que é constituída por diferentes abordagens ou perspectivas já previstas por alguns teóricos.
		Natureza previsível das pesquisas a partir da identidade cognitiva (Conceitos articulados sobre GC, a partir do quadro terminológico, entre os pesquisadores)	A partir do quadro terminológico analisado e que representa as pesquisas sobre GC desenvolvidas e publicadas no ENANCIB, existe uma previsão de temas que são adotadas atualmente e podem servir como situações-problemas para futuras pesquisas, conforme as abordagens e os termos mais incidentes. Entre os pesquisadores, existe uma articulação conceitual sobre a adoção do termo, apesar de alguns precisarem ser explicados por falta de determinada clareza. Contudo, a GC, além das pesquisas que envolvem seus processos e práticas, serve como suporte para o desenvolvimento de pesquisas sobre conceitos/abordagens imbricadas aos seus aspectos teóricos e práticos.
		Consenso e compromisso dos fundamentos teóricos,	Dos 90 trabalhos publicados pelos pesquisadores que representam o núcleo da GC na Ciência da Informação no Brasil, no âmbito do ENANCIB, 89 formaram o <i>corpus</i> documental para análise das referências por meio da técnica de análise de citação. Isso porque um trabalho não contemplou referências/fundamentos teóricos. Dentre as 2.133 referências identificadas, destacaram-se 45 autores de obras citadas, mas os que formam a base teórica-metodológica totaliza 27 autores nacionais e internacionais.

	dos objetivos de análise e dos modelos de investigação (Fundamentos teóricos e metodológicos que fundamentam os estudos de GC e previsibilidade teórica)	Entre esses, destacam-se três autores nacionais e três internacionais com alto índice de citação e concordância entre os pesquisadores citantes. Ressaltamos que os entre os nacionais, destacam Valentim, M. L. P. e Barbosa, R. R. enquanto teóricos que pesquisam, desenvolvem teorias e metodologias e aplicações da GC no escopo da Ciência da Informação, fortalecendo a GC que se desenvolve neste campo. Sendo assim, existe uma regularidade e reconhecimento entre os citantes dos principais autores/obras mais recorrentes nas pesquisas de gestão do conhecimento neste campo informacional. Os dados apontam a previsibilidade dos autores e suas respectivas obras a partir das contribuições desses 6 autores que se destacam: Nonaka, H. e Takeuchi, T.; Davenport, T. H. e Prusak, L.; Choo, C. W.; Valentim, M. L. P., Barbosa, R. R.; e Terra, J. C., com temas específicos da GC partindo de áreas afins como da própria Ciência da Informação, tornando-se referenciais nesse escopo.
	Consenso nas atividades de identificação, descrição e avaliação das pesquisas científicas (Predominância de corrente(s) científica(s), a partir das obras de autores citados, convergente(s) da GC entre os pesquisadores)	A partir da análise de citação, com a sinalização da base teórico-metodológica da GC no campo da Ciência da Informação no Brasil, desponta para constatação de que as teorias e os conceitos adotados nas pesquisas de GC, a partir das citações realizadas por pesquisadores que representam o seu núcleo, convergem para uma perspectiva teórica e metodológica da GC enquanto tema que se estabelece a partir dos sujeitos, de contextos capacitantes e de compartilhamento por meio de estratégias de gestão. Isso permite inferir que a GC adotada na Ciência da Informação não é frágil conceitualmente, mas vem ocupando espaço e construindo sua identidade cognitiva a partir do consenso na aceitabilidade entre os meios de descrição e avaliação das pesquisas apresentadas no campo.

Fonte: Dados da pesquisa (2022).

A síntese da análise dos dados referentes aos indicadores e componentes da estrutura apresentada no Quadro 23, nos permite inferir que **a institucionalização científica cognitiva da GC no campo científico da Ciência da Informação no Brasil possui um alto nível e em avanço constante**. Isso porque o embasamento teórico e metodológico se estabelece e ganha espaço no campo a partir das terminologias e teóricos que refletem suas abordagens, mesmo tendo que se explicar sobre alguns conceitos devido ao seu avanço e aparição no campo de forma gradativa e de seu perfil interdisciplinar. Além disso, são previsíveis os temas, os autores e as obras que são adotados nas pesquisas desenvolvidas pelos principais pesquisadores no tema.

O Quadro 24 apresenta a categoria analítica e os indicadores analisados, bem como as inferências sobre o processo de institucionalização científica da GC a partir da sua estrutura social.

Quadro 24 – Inferências sobre o processo de institucionalização social da GC

	Indicadores e componentes	Inferências
CATEGORIA ANALÍTICA: ESTRUTURA COGNITIVA DA GC	Instituições que subsidiam espaços, vagas, ocupações para formação de especialistas (pesquisadores, docentes, entre outros) em GC (IES com PPG na área de Ciência da Informação e em GC, e Linhas de Pesquisa em GC)	Os dados apontam que, atualmente, existem 24 IES que ofertam 27 Programas de Pós-Graduação na área da Ciência da Informação no Brasil com cursos de mestrados acadêmicos e profissionais e curso de doutorado. Entre os Programas identificados, quatro possuem denominações em GC de forma autônoma ou de maneira integrada com a GI, são eles: PPGIC/UFRN; PPGCI-GIC/UFS; PPGGOC/UFMG; e PPGSIGC/FUMEC. Quanto às Linhas de Pesquisa da estrutura curricular dos PPG, 15 Programas possuem a GC com denominações de Linhas ou contemplam a GC nas suas respectivas ementas ou eixo temáticos. Isso nos permite inferir que existe um elevado nível de institucionalização científica da GC do ponto de vista social, sobretudo quando se refere a oferta de espaços institucionais que promovem a formação de pessoal especialistas do tema no âmbito da Ciência da Informação, além de ser um forte indicador para desenvolvimento de pesquisas em GC.
	Formação de sociedades e comunidades científicas e Identidade Social Interna (Grupos de pesquisa, Redes de Cooperação em GC)	Este indicador também aponta um nível alto/elevado da GC no campo da Ciência da Informação no Brasil. Isso porque existe um número considerável de instituições e programas, neste campo informacional, com pesquisadores vinculados a Grupos de Pesquisa com Linha de Pesquisa ou escopo temático em GC. Destacam-se 18 Programas de todas as regiões do Brasil que possuem pesquisadores credenciados e que estão como membros ou líderes desses Grupos. Além disso, existe na Ciência da Informação do Brasil uma rede de cooperação em GC, juntamente com a GI, a Rede GIC. Essa rede tem promovido o avanço do tema no campo, sobretudo com as colaborações, parcerias entre pesquisadores e instituições, e execução de projetos que potencializem o ensino, a pesquisa e a extensão no escopo da GI e da GC. Nesse contexto, os Grupos de Pesquisa em GC e a Rede GIC têm contribuído para a formação e avanço das sociedades científicas e identidade social interna da GC neste campo informacional.
	Formação de sociedades e comunidades científicas e Identidade Social Externa (Espaços para Comunicação Científica: Periódicos científicos e Eventos Especializados em GC)	Os espaços de comunicação científica nesta tese são entendidos como os componentes que viabilizam a formação das comunidades científicas e a identidade social externa da GC na Ciência da Informação. Nesse sentido, enquanto canais formais, identificamos quatro periódicos especializados ou com escopo em gestão do conhecimento, a saber: PG&C; AtoZ: Novas práticas em Informação e Conhecimento; RISC; e Ciência da Informação em Revista. Também constatamos, a partir dos trabalhos publicados pelos representando do núcleo da GC no ENANCIB, a incidência de citações dos periódicos com textos em GC mais referenciados, onde destacaram-se a PG&C; Informação & Informação; e Informação & Sociedade como os mais citados. Esses periódicos podem ser entendidos como os responsáveis pela divulgação científica formal do tema investigado. Também identificamos, enquanto canais informais, os eventos especializados ou que contemplam foco na GC e foram identificados e caracterizados dois importantes eventos: o ENANCIB e o KM Brasil. O primeiro apresenta uma significativa abertura para contemplação da

		GC em seus GT, na fase de estruturação, consolidando-se mais precisamente no âmbito GT 4. Verificamos a presença da GC no ENANCIB, principalmente no âmbito do Grupo que mais têm publicado ao longo das últimas 10 edições, além de ser tema de muitos trabalhos premiados. Mesmo apresentando algumas variações nos números de publicação por ano, na categoria da estrutura cognitiva, a GC vem avançando no escopo do evento, principalmente na última década. Quanto ao KM Brasil, verificamos que, apesar de não ser um evento promovido pela Ciência da Informação, é um evento que fortalece o campo da GC na Ciência da Informação a partir de pesquisas e contribuições teóricas e práticas de pesquisadores que possam estar interessados. O KM Brasil é um evento interdisciplinar e conta com a participação de pesquisadores e profissionais de todas as áreas que se interessam pela GC e é promovida pela SBGC, sociedade esta que contempla, também, os responsáveis pela GC na Ciência da Informação. Contudo, inferimos que esses espaços de comunicação científica têm promovido um processo gradativo de avanço e fortalecimento da identidade social externa e a própria comunidade científica da GC no contexto deste campo informacional.
	Formação de Especialistas na Área e Alocação desses em Instituições (Perfil formativo (graduação, mestrado, doutorado e pós-doutorado) e Afiliações de pesquisadores em GC)	Verificamos, por fim, o perfil formativo e as afiliações dos pesquisadores responsáveis pela GC na Ciência da Informação, aqui denominados de representantes do núcleo. Constatamos que esses especialistas se distribuem nos seguintes PPG: PPGCI/UFPB; PPGCI/UNESP; PPGSIGC/FUMEC; PPGCI/UFGM; e PPGGOC/UFGM, dando protagonismo às IES UFPB, UNESP, UFGM e FUMEC. Entre esses, destacam-se também os Grupos de Pesquisas que alocam esses pesquisadores, a saber: GIACO, o ICIO, o GICA; o GICTEC; o de Nível de Maturidade em Gestão do Conhecimento; o de Estudos Cognitivos em Ciência da Informação, e o GECIC. As formações predominantes entre eles são: Biblioteconomia, Psicologia, Administração ou Administração com habilitação em Análise de Sistemas, Comunicação social com habilitação em relações públicas, e Sistema de Informação. Entre os títulos e estágio pós-doutoral, destaca-se que todos possuem um dos três níveis: mestrado, ou doutorado, ou pós-doutorado em Ciência da Informação. A principal inferência é de que enquanto esses pesquisadores se criam produções científicas de GC na Ciência da Informação, estão alocados em instituições e em comunidades que viabilizam esse processo, construindo e caracterizando os recursos humanos nesta comunidade científica, potencializando um nível elevado e combinatório da institucionalização científica cognitiva e social da GC na Ciência da Informação.

Fonte: Dados da pesquisa (2022).

A síntese da análise dos dados referentes aos indicadores e componentes da estrutura apresentada no Quadro 24, nos permite inferir **a maturidade e o alto nível de institucionalização científica social da GC na Ciência da Informação no**

Brasil. Essa constatação se dá pela ocupação em que a GC vem estabelecendo em mais de 50% das instituições formativas (IES, PPG, Linhas de Pesquisa) da Ciência da Informação e que, conseqüentemente, potencializam investigações e constroem não só a sua identidade social como a identidade cognitiva.

Os Grupos de Pesquisa e a Rede GIC enquanto rede de cooperação, potencializam as demarcações institucionais e a aproximação entre pesquisadores e PPG que têm interesse pelo tema. Em maior parte dos PPG, existem pesquisadores interessados no tema e que são membros ou líderes de Grupos com escopo na GC. Os canais formais e informais também participam desse processo enquanto meios que possibilitam o fortalecimento da GC, como também o perfil formativo, os locais de afiliações e a constituição dos responsáveis pelo tema, constituem um avanço e demarca as identidades interna e externa da gestão do conhecimento no campo.

Em suma, concluímos que o **atual estágio de institucionalização científica** da Gestão do Conhecimento na Ciência da Informação no Brasil **encontra-se em processo de evolução e maturação**, sendo considerado de **nível elevado** ao analisarmos suas estruturas cognitiva e social, conjuntamente.

4.4 Posicionamento da GC na Ciência da Informação no Brasil

Nesta última e breve subseção, evidenciamos a posição que a GC ocupa neste campo informacional, caracterizando-a em uma das duas características: especialidade ou área de pesquisa. Nesse contexto, tomamos como base a análise e discussão dos dados, bem como as principais inferências realizadas anteriormente.

Entendemos, nesta tese, que a Ciência da Informação no Brasil é um campo informacional interdisciplinar e que se relaciona com várias áreas do conhecimento tanto na perspectiva de seu corpo teórico-metodológico, como também na sua constituição política e institucional das estruturas organizativas do saber científico. Nesse contexto, a Ciência da Informação é uma ciência que, pelo seu próprio movimento, abarca conjunto de especialidades e respectivas áreas de pesquisa quando é o caso.

Retomando a Whitley (1974), uma especialidade é formada por um conjunto aglomerado de áreas de pesquisa que, também, podem ser consideradas como

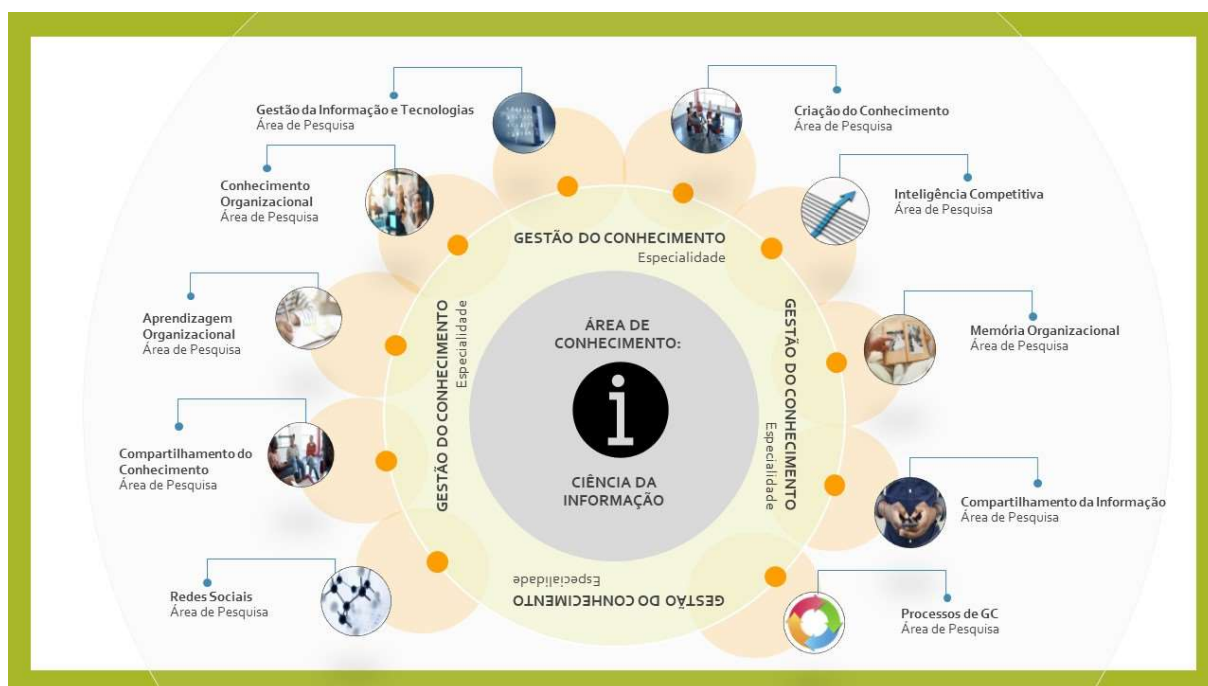
situações-problemas. A Ciência da Informação, tendo como objeto de estudo a informação, possui especialidades voltado para o contexto informacional e suas situações-problemas a partir de problemas informacionais.

A partir da análise dos dados e as inferências tomadas nesta investigação, compreendemos que a Gestão do Conhecimento vem ocupando as estruturas cognitiva e social da Ciência da Informação no Brasil enquanto disciplina que, no seu conjunto teórico, metodológico e epistemológico, se apresenta como passível de diversas abordagens que podem ser entendidas como situações-problemas ou áreas de pesquisa.

Os estudos de Pinheiro (1997, 2006a, 2018), Martins (2014) e Araújo (2014a, 2017, 2018) entendem que a estrutura da Ciência da Informação pode ser compreendida pelas áreas de formação que dialogam com este campo, bem como com as tendências temáticas, e a formação dos próprios GT da ANCIB e ENANCIB. Nesse sentido, compreendemos que este campo informacional tem um conjunto de especialidades e/ou áreas a partir desses indicadores.

Sendo assim, destacamos como a Gestão do Conhecimento, atualmente e a partir dos nossos resultados alcançados, se posiciona no campo da Ciência da Informação brasileira, conforme a Figura 17, a seguir.

Figura 17 – Posicionamento da GC no campo da Ciência da Informação no Brasil



Fonte: Elaborado pelo autor (2022).

A Gestão do Conhecimento, atualmente, pode ser compreendida como uma especialidade por possuir um conjunto de situações-problemas (temas que podem ser problematizados em pesquisas futuras) que formam as áreas de pesquisa dessa disciplina. Sendo assim, a Ciência da Informação abarca a GC enquanto tema que pode ser visualizada como uma especialidade, incluindo a Gestão da Informação e suas Tecnologias, a Criação do Conhecimento, a Inteligência Competitiva, o Conhecimento Organizacional, a Aprendizagem Organizacional, a Memória Organizacional, o Compartilhamento do Conhecimento, o Compartilhamento da Informação, os Processos de Gestão do Conhecimento e as Redes Sociais como áreas de pesquisa.

Nesse sentido, a Figura 17 representa o centro/núcleo que se configura como a área de conhecimento ou campo científico “Ciência da Informação”, em sua aresta, intrinsecamente, emerge a GC enquanto especialidade representada pelo círculo amarelo e, ligadas a essa especialidade, os círculos laranjas representam cada área de pesquisa. Tais áreas foram as que incidiram em nossa análise, mas isso não implica que outras possam emergir durante a ampliação do escopo da GC neste campo informacional, como a cultura organizacional e informacional.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A presente pesquisa de tese, intitulada “Gestão do Conhecimento na Ciência da Informação no Brasil: estruturas cognitiva e social no seu processo de institucionalização científica”, tomando como base a teoria de institucionalização científica de Richard Whitley, foi desenvolvida a partir do questionamento de como estaria configurado o processo de institucionalização científica da GC na Ciência da Informação, e do objetivo geral que buscou “analisar o processo de institucionalização científica da GC na Ciência da Informação no Brasil, a partir de suas estruturas cognitiva e social.”

Para o alcance do objetivo geral e, conseqüentemente, responder à questão central desta investigação, definimos cinco objetivos específicos em que descrevemos o cumprimento e as principais conclusões. Inicialmente, “*sistematizamos os critérios para avaliação dos níveis ou estágio(s) de institucionalização social e cognitiva da Gestão do Conhecimento na Ciência da Informação, fundamentados na teoria whitleyliana*”.

Esse primeiro objetivo específico foi alcançado pelo estudo bibliográfico realizado na obra de Richard Whitley, de 1974, no qual o autor estabelece indicadores para análise da institucionalização científica de uma área ou campo científico. Nesse ponto, apresentamos os critérios do autor na fundamentação teórica e, para esta investigação, criamos, a partir da técnica de análise de conteúdo, o sistema de categorias analíticas, de indicadores e de componentes necessários para avaliação das estruturas que formam a GC neste campo informacional, buscando tomar conhecimento sobre seu atual estágio de institucionalização científica.

A delimitação do nosso objeto de estudo, cunhada pelo problema central desta investigação, foi construída a partir de alguns questionamentos que realizamos na introdução, alinhados às estruturas cognitiva e social da GC, e que se desencadearam na construção e alcance dos objetivos específicos (b) e (c), a saber: Como se encontra a linearidade e/ou variação da terminologia dos estudos relacionados a GC? Os fundamentos teóricos-metodológicos dos estudos sobre GC na Ciência da Informação no Brasil diverge ou converge entre os autores produtivos que constituem a comunidade científica?

Em relação a esses questionamentos e a categoria analítica de estrutura cognitiva, a partir de seus indicadores, “*identificamos os componentes que formam a estrutura cognitiva da GC na Ciência da Informação no Brasil*”. Para isso, elegemos a

produção científica veiculada nas 21 edições nos anais do ENANCIB, mais precisamente nos trabalhos sobre GC.

Identificamos as palavras-chave mais recorrentes de 194 pesquisas sobre GC na perspectiva de compreender a linearidade e variação terminológica desses estudos e constatamos que os termos são compatíveis com as abordagens imbricadas aos conceitos e aos aspectos teórico-metodológicos da GC, incidindo os termos: Gestão da Informação e suas Tecnologias; Conhecimento Organizacional; Aprendizagem Organizacional; Compartilhamento da Informação; Compartilhamento do Conhecimento; Inteligência Competitiva; Criação do Conhecimento; Memória Organizacional; Processo de GC; e Redes Sociais.

Constatamos que esses temas podem ser considerados previsíveis às pesquisas que tratam sobre GC, a partir da construção de objeto de estudo ou de problemas que podem surgir como questão de investigações. Esta tese também buscou conhecer a base de fundamentos teóricos e metodológicos através das referências adotadas nos trabalhos de autores definidos como representantes do núcleo da GC, chegando à conclusão de que existem autores e obras de níveis internacional e nacional que são previsíveis nas pesquisas sobre o tema, a saber: Nonaka, H. e Takeuchi, T.; Davenport, T. H. e Prusak, L.; Choo, C. W.; Valentim, M. L. P.; Barbosa, R. R.; e Terra, J. C. Esses teóricos possuem estudos direcionados para a GC ou das suas abordagens, a partir de áreas afins e da própria Ciência da Informação, tornando-se referenciais nesse escopo.

Outros autores, além desses, também foram considerados na base teórico-metodológica GC, perfazendo um total de 27 autores responsáveis, atualmente, por obras mais citadas em GC nos trabalhos dos responsáveis pelo seu núcleo. Com relação a divergência ou convergência entre os autores produtivos e que representam o núcleo da GC, sua comunidade científica, concluímos que os autores convergem na escolha de seus fundamentos que, enquanto corrente científica, estão direcionados para a perspectiva de viabilidade da GC no contexto da gestão enquanto termo relacionado ao gerenciamento de ambientes, contextos capacitantes, e o conhecimento relacionado aos sujeitos sociocognitivos que, ao explicitar seus conhecimentos tácitos, contribuem para construção e uso de informações estratégicas em múltiplos ambientes.

Sendo assim, além de alcançarmos o segundo objetivo específico desta investigação por meio da identificação e constatação desses componentes da

estrutura cognitiva da GC, também ratificamos a nossa primeira hipótese que consistiu em “**(H) – 1:** *A identidade epistemológica da Gestão do Conhecimento no campo da Ciência da Informação no Brasil se assenta pelas terminologias/conceitos e fundamentos teóricos direcionados para a interação dos sujeitos sociocognitivos que compartilham seus conhecimentos tácitos em um contexto capacitante (Ba) e, ao explicitá-los, tornam-se em informações estratégicas para os usuários de múltiplos ambientes.*”

Outros questionamentos que desencadearam o terceiro objetivo específico, alinhados à estrutura social da gestão do conhecimento na Ciência da Informação foram: Quem são os responsáveis, a partir da produtividade científica, pela formação, pesquisa e práticas profissionais que se preocupam com a GC na Ciência da Informação? Os pesquisadores que se destacam e que mais produzem pesquisas sobre essa disciplina estão representados por quais PPG, áreas de concentração e linhas de pesquisa? Como emerge a GC enquanto temática de interesse realização de estudos no âmbito das instituições científicas deste campo informacional, principalmente em periódicos científicos e em grupos de trabalhos de eventos, e em encontros gerais e especializados? Existem grupos de pesquisas nomeados e/ou com linhas de pesquisa sobre a GC em seu escopo? Quais Instituições/Programas têm se destacado, a partir de seus pesquisadores que criam e desenvolvem grupos de pesquisa que se interessem pela temática, nos mais diversos contextos, neste campo informacional?

Conforme esses questionamentos e a categoria analítica de estrutura cognitiva, a partir de seus indicadores, “*identificamos os componentes que desenvolvem a estrutura social da GC na Ciência da Informação no Brasil*”. Para tanto, inicialmente, realizamos a identificação das IES, PPG e as suas respectivas Linhas de Pesquisa. Nesse primeiro momento, constatamos a existência significativa de instituições de ensino que contemplam Programas com denominações em GC ou com Linhas de Pesquisa no tema, ou que contemplam a temática em suas ementas ou eixos temáticos, contribuindo para o seu estabelecimento nas unidades formativas de especialistas em GC neste campo informacional.

Constatamos os Grupos de Pesquisa e a Rede GIC (enquanto rede de cooperação) como instituições que demarcam e formam a sociedade científica e, dentre os 27 PPG da Ciência da Informação, 18 contemplam pesquisadores vinculados à Grupos de Pesquisa com denominação ou escopo em GC. A Rede GIC,

ao possuir a GC, também, como seu escopo, promove as parcerias e as colaborações entre pesquisadores e instituições no intuito de inovar projetos de ensino, pesquisa e extensão no âmbito da GIC na Ciência da Informação.

A GC emerge também nos espaços de comunicação científica da Ciência da Informação, através de canais formais (periódicos científicos) e de canais informais (eventos científicos). Constatamos que os periódicos PG&C, AtoZ: Novas Práticas em Informação e Conhecimento, RISC, Ciência da Informação em Revista são as revistas que se destacam enquanto periódicos especializados ou com eixos sobre a temática. Ainda nesse contexto, os periódicos com trabalhos indexados em GC mais citados na produção dos pesquisadores representantes do núcleo são: PG&C, Informação & Informação, e Informação & Sociedade: Estudos.

Quanto aos eventos, destacam-se as edições do ENANCIB, dando abertura para o tema desde os anos 2000, apesar de já haver discussões sobre o tema em trabalhos que não citaram o termo “Gestão do Conhecimento” nas primeiras edições, nos anos 1990. Os trabalhos sobre o tema vêm sendo de interesse para pesquisadores da Ciência da Informação, principalmente nessa última década, quando o GT 4 passou a denominar GIC em sua nomenclatura e ementa, além de estar como um dos GT que mais apresenta trabalhos no ENANCIB.

Outro importante evento é o KM Brasil, evento organizado pela SBGC e que, mesmo não sendo estritamente do campo da Ciência da Informação brasileira, fortalece a GC a partir de pesquisadores deste campo científico e pelas abordagens que são adotadas não só pela Administração e áreas afins, mas também deste próprio campo informacional.

Por fim, identificamos o perfil formativo e as afiliações dos pesquisadores responsáveis pelas condicionantes (formação de especialistas, pesquisas e fomento à prática) da GC na Ciência da Informação do Brasil, no qual denominamos, por critérios estabelecidos ainda na análise da estrutura cognitiva, de representantes do núcleo da GC. São eles: Duarte, E. N.; Valentim, M. L. P.; Barbosa, R. R.; Pinho Neto, J. A. S.; Corrêa, F.; Paula, C. P. A.; Ziviani, F.; Daminan, I. P. M.; Silva, A. K. A.

O perfil formativo desses pesquisadores se concentra em Biblioteconomia, Administração, Análise de Sistemas, Comunicação Social/relações Públicas, e Sistemas de Informação. Quanto aos títulos e pós-doutoramento, predominam os que são no contexto da Ciência da Informação.

Constatamos que os representantes do núcleo da GC, supracitados, se distribuem nos seguintes PPG: PPGCI/UFPB com a Linha de pesquisa “Ética, Gestão e Política de Informação”; PPGCI/UNESP com a Linha de pesquisa “Gestão, Mediação e Uso da Informação”; PPGSIGC/FUMEC com a Linha de pesquisa “Gestão da Informação e do Conhecimento”; PPGCI/UFMG “Usuários, Gestão do Conhecimento, e Práticas Informacionais”; e PPGGOC/UFMG com Linha de Pesquisa “Gestão & Tecnologia da Informação e Comunicação”, protagonizando às IES UFPB, UNESP, UFMG e FUMEC. Destacam-se também os Grupos de Pesquisas que alocam esses pesquisadores, a saber: GIACO, o ICIO, o GICA; o GICTEC; o de Nível de Maturidade em Gestão do Conhecimento; o de Estudos Cognitivos em Ciência da Informação, e o GECIC.

Ao constataremos os componentes da GC, foi possível inferir que, a partir da análise dessas estruturas separadas, **a institucionalização científica cognitiva da GC no campo científico da Ciência da Informação no Brasil possui um alto nível e em avanço constante** e, do ponto de vista social, existe uma **maturidade e um alto nível de institucionalização científica da GC na Ciência da Informação no Brasil**. Realizando uma análise combinatória das estruturas cognitiva e social, inferimos que, o **atual estágio de institucionalização científica** da Gestão do Conhecimento na Ciência da Informação no Brasil **encontra-se em processo de evolução e maturação**, sendo considerado de **nível elevado**.

Essa constatação possibilitou o alcance do quarto objetivo específico desta tese, além da confirmação da nossa segunda hipótese que se centrou em “**(H) – 2: É possível considerar que a Gestão do Conhecimento no campo da Ciência da Informação no Brasil encontra-se em processo evolutivo, com elevado nível de institucionalização científica, a partir da análise combinatória de suas estruturas cognitiva e social**”.

Como último objetivo específico, “*evidenciamos o posicionamento da GC na Ciência da Informação no Brasil a partir de seu estágio de institucionalização científica*”. Considerando o estágio atual da GC neste campo, por meio do estabelecimento de componentes que formam e desenvolvem suas estruturas cognitiva e social, e considerando a Ciência da Informação como interdisciplinar e que é passível de ser um campo com diferentes especialidades e áreas de pesquisa, concluímos que a GC se posiciona como uma especialidade e que possui abordagens que delimitam suas áreas de pesquisa.

Sendo assim, ratificamos a terceira hipótese desta pesquisa que se configurou em *“(H) – 3: A Gestão do Conhecimento se posiciona como uma especialidade no campo da Ciência da Informação, com abordagens que se relacionam ao seu termo e que refletem como objetos de análise e situações-problemas de um conjunto de áreas de pesquisa no campo, a partir de suas estruturas cognitiva e social.”*

A identificação e constatação dos componentes das respectivas estruturas, as inferências e a confirmação das hipóteses possibilitam concluir a defesa da **tese** de que a Gestão do Conhecimento se encontra em processo de evolução e maturidade, com elevado nível de institucionalização na Ciência da Informação no Brasil, a partir de componentes que viabilizam suas estruturas cognitiva e social, posicionando-se como uma especialidade com abordagens que se configuram como áreas de pesquisa.

Esta investigação tinha, a priori, a intenção de incluir os periódicos indexados na BRAPCI como fontes de produção científica a serem analisadas na estrutura cognitiva da GC para responder as questões abordadas nesta tese. No entanto, ponderando a viabilidade da pesquisa quanto aos prazos e do amplo volume de documentos, optamos pelo universo de trabalhos publicados no ENANCIB, deixando a análise dos trabalhos em periódicos na continuidade desta investigação em projetos futuro.

Importante ratificar, também, que a representação do núcleo da GC e os aspectos teóricos apresentados refletem os achados relacionados a produção científica no âmbito do maior evento da Ciência da Informação, o ENANCIB. Dessa forma, registramos a importância da continuidade desta pesquisa, a posteriori, focando não só no ENANCIB, mas também na produção científica referente aos artigos de periódicos, de livros e capítulos de livros, de teses e de dissertações.

Quanto ao desenvolvimento desta tese frente aos desafios impostos pela pandemia da COVID-19, destacamos que entre as edições do ENANCIB não foi possível identificar anais concernentes ao ano de 2020 pois a 21ª edição, que iria ocorrer na modalidade presencial, foi suspensa, passando a acontecer remotamente no ano de 2021 por meio de plataformas digitais. Isso não implicou nos resultados e no desenvolvimento deste estudo porque não delimitamos um recorte temporal e nem quantitativo de edições, pois consideramos todas os encontros ocorridos até o momento da coleta de dados.

Outra questão a ser pontuada é que o processo de institucionalização científica de uma área não é estático. Uma vez identificada o atual estágio da GC, não podemos enquadrá-la permanentemente no nível mencionado, mas é necessária a constante atualização e acompanhamento dos níveis cognitivo e social, a partir dos indicadores estabelecidos nesta tese à luz da teoria whitleyana.

Sugerimos, portanto, que futuras pesquisas possam ser desenvolvidas a partir deste trabalho, a saber:

- Realização de entrevistas com pesquisadores que representam o núcleo da GC a partir da produção científica do ENANCIB, com vistas às suas percepções sobre o desenvolvimento e maturidade da GC na Ciência da Informação no Brasil;
- Identificação e mensuração da estrutura cognitiva da GC em outras fontes de produção científica deste campo informacional;
- Efetivação de pesquisas continuadas com foco em IES, Programas e Linhas de Pesquisa da Ciência da Informação, partindo do pressuposto de novos componentes e atualização dos já existentes;
- Pesquisas relacionadas a Redes Sociais, a saber: (1) foco nas temáticas relacionadas à GC presentes nas produções no ENANCIB; e (2) Redes de Colaboração entre os pesquisadores do núcleo em GC;
- Estudos que verifiquem a presença das áreas de pesquisa da especialidade GC no campo da Ciência da Informação no Brasil;
- Estudos com foco na presença da GC enquanto disciplina emergente nas estruturas dos cursos de graduação vinculados a Ciência da Informação no Brasil, como Arquivologia, Biblioteconomia, Gestão da Informação e Museologia;
- Pesquisas que analisem o processo de institucionalização da GC na Ciência da Informação no contexto internacional.

Esperamos que esta pesquisa possa contribuir com o fortalecimento da GC na Ciência da Informação, mais especificamente no contexto acadêmico, científico, e profissional daqueles que se interessam pelo tema. Nessa seara, almejamos que os escritos deste estudo alcancem o entendimento de que este tema se encontra em emergência e, apesar de suas limitações como qualquer outro campo científico, possui um sólido corpo teórico-metodológico e importantes espaços institucionais neste campo informacional.

REFERÊNCIAS

ALFONSO-GOLDFARB; Ana Maria; FERRAZ, Márcia H. M. Raízes históricas da difícil equação institucional da ciência no Brasil. **São Paulo em perspectiva**, v. 16, n.3, p. 3-14, 2002. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0102-88392002000300002>. Acesso em: 20 set. 2021.

ALMEIDA, Reginaldo Rodrigues de. **Sociedade Bit da Sociedade da Informação à Sociedade do Conhecimento**. São Paulo: Fomento, 2004. 245p.

ALVARENGA NETO, Rivadavia Correa Drummond de. **Gestão do conhecimento em organizações: proposta de mapeamento conceitual integrativo**. São Paulo, Saraiva, 2008. 236 p.

ALVARENGA NETO, Rivadavia Correa Drummond de. **Gestão do conhecimento em organizações: proposta de mapeamento conceitual integrativo**. 2005, 400 f. Tese (Doutorado em Ciência da Informação) – Universidade Federal de Minas Gerais, 2005.

ALVARES, Lillian Maria Araújo de Rezende *et al.* Interfaces disciplinares selecionadas da gestão do conhecimento: características, contribuições e reflexões. **Em Questão**, Porto Alegre, v. 26, n. 2, p. 132–160, 2020. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/index.php/EmQuestao/article/view/94524>. Acesso em: 21 mar. 2022.

ALVARES, Lilian; BAPTISTA, Sofia Galvão; ARAÚJO JÚNIOR, Rogério Henrique de. Gestão do Conhecimento: categorização conceitual. **Em Questão**, Porto Alegre, v. 16, n. 2, p. 235-252, jul./dez., 2010. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/EmQuestao/article/view/15124>. Acesso em: 20 fev. 2021.

ALVES, Edvaldo Carvalho; AQUINO, Mirian de Albuquerque. Pesquisa Qualitativa: origens, desenvolvimento e utilização nas dissertações do PPGCI/UFPB – 2008 a 2012. **Informação & Sociedade: Estudos**, João Pessoa, v.22, p. 79-100, Número Especial, 2012. Disponível em: <http://www.periodicos.ufpb.br/index.php/ies/article/view/13678/0>. Acesso em: 25 fev. 2022.

ALVES, Cláudio Augusto; DUARTE, Emeide Nóbrega. A relação entre a Ciência da Informação e a Ciência da Administração. **Transinformação**, Campinas, v.27, n.1, p.37-46, 2015. Disponível em: <https://www.redalyc.org/articulo.oa?id=384351519005>. Acesso em: 30 mai. 2022.

ANGELONI, Maria Terezinha. **Organizações do conhecimento: infraestrutura, pessoas e tecnologias**. São Paulo: Brasiliense, 2008.

ARAÚJO, Carlos Alberto Ávila de. **O que é ciência da informação**. Belo Horizonte: KMA, 2018. 126 p.

ARAÚJO, Carlos Alberto Ávila de. Teorias e tendências contemporâneas da ciência da informação. **Informação em Pauta**, Fortaleza, v. 2, n. 2, p. 9-34, jul./dez., 2017. Disponível em: <http://periodicos.ufc.br/informacaoempauta/article/view/20162>. Acesso em: 10 dez. 2020.

ARAÚJO, Carlos Alberto Ávila de. Fundamentos da Ciência da Informação: correntes teóricas e o conceito de informação. **Perspectivas em Gestão & Conhecimento**, João Pessoa, v. 4, n. 1, p. 57-79, jan./jun., 2014a. Disponível em: <https://periodicos.ufpb.br/ojs/index.php/pgc/article/view/19120>. Acesso em: 10 dez. 2019.

ARAÚJO, Carlos Alberto Ávila de. O que é Ciência da Informação?. **Informação & Informação**, Londrina, v. 19, n. 1, p. 01 – 30, jan./abr., 2014b. Disponível em: <https://brapci.inf.br/index.php/res/download/45435>. Acesso em: 15 mar. 2022

ARAÚJO, Carlos Alberto Ávila. Bibliometria: evolução histórica e questões atuais. **Em Questão**, Porto Alegre, v.12, n.1, jan./jun., 2006. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/index.php/EmQuestao/article/view/16>. Acesso em: 15 fev. 2022.

ARAÚJO, Carlos Alberto Ávila; VALENTIM, Marta Lúcia Pomim. A ciência da informação no brasil: mapeamento da pesquisa e cenário institucional. **Bibliotecas. Anales de Investigación (Cuba)**, v. 15, n. 2, p. 232-259, 2019. Disponível em: <http://revistas.bnjm.cu/index.php/BAI/article/view/131>. Acesso em: 20 de set. 2021.

ARBOIT, Aline Elis. **O processo de institucionalização sociocognitiva do domínio de Organização do Conhecimento a partir dos trabalhos científicos dos congressos da ISKO**. 2014. 285 f. Tese (Doutorado em Ciência da Informação) – Faculdade de Filosofia e Ciências, Universidade Estadual Paulista, Marília, 2014.

ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO – ANCIB. **Apresentação dos anais do IX Encontro Nacional de Pesquisa em Ciência da Informação**, 2008. Disponível em: <http://enancib.ibict.br/index.php/enancib/ixenancib>. Acesso em: 20 mai. 2022.

AUTRAN, Marynice Medeiros Matos; LLARENA, Rosilene Agapito da Silva; PINHEIRO, Victor; OLIVEIRA, Gabriella. Revisão sistemática: revelações sobre gestão do conhecimento nos anais do ENANCIB. **Biblionline**, João Pessoa, v. 12, n. 2, p. 84 –100, 2016. Disponível em: <https://periodicos.ufpb.br/index.php/biblio/article/view/28818>. Acesso em: 18 jul. 2022.

BARBOSA, Ricardo Rodrigues. Gestão da informação e gestão do conhecimento: evolução e conexões. **Perspectivas em Ciência da Informação**, v. 25, número especial, p. 168-186, fev. 2020. Disponível em: <https://periodicos.ufmg.br/index.php/pci/article/view/22287>.

BARBOSA, Ricardo Rodrigues. Gestão da informação e do conhecimento: origens, polêmicas e perspectivas. **Informação & Informação**, Londrina, v. 13, n. esp., p. 1-25, 2008. Disponível em: <https://www.uel.br/revistas/uel/index.php/informacao/article/view/1843>. Acesso em: 12 dez. 2020.

BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. São Paulo: Edições 70, 2011.

BARITÉ, Mario. Organización del conocimiento: un nuevo marco teórico-conceptual en Bibliotecología y Documentación. *In*: CARRARA, Kester. (Org.). **Educação, Universidade e Pesquisa**. Marília: Unesp-Marília-Publicações; São Paulo: FAPESP, 2001. p.35-60.

BARRETO, Aldo de Albuquerque. Olhar sobre os 20 anos da Associação Nacional de Pesquisa e Pós-graduação em Ciência da Informação (ANCIB). **Tendências da Pesquisa Brasileira em Ciência da Informação**, Brasília, v. 2, n. 1, p. 3-28, jan./dez. 2009. Disponível em: <http://ridi.ibict.br/handle/123456789/160>. Acesso em: 29 mai. 2022.

BASKERVILLE, Richard; DULIPOVICI, Alina. The theoretical foundations of knowledge management. **Knowledge Management Research & Practice**, London, v. 4, n. 2, p. 83-10, 2006. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/31947183_The_Theoretical_Foundations_of_Knowledge_Management. Acesso em 18 dez. 2020.

BATISTA, Fábio Ferreira. **Modelo de Gestão do Conhecimento para a Administração Pública Brasileira**. Brasília: Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (IPEA). 2012. Disponível em: http://www.enabrazil.sc.gov.br/uploads/livro_modelodegestao_vol-01.pdf. Acesso em: 29 abr. 2022.

BATISTA, Fábio Ferreira. **Proposta de um modelo de gestão do conhecimento com foco na qualidade**. 2003. 287 f. Tese (Doutorado em Ciência da Informação) – Programa de Pós-graduação em Ciência da Informação, Universidade de Brasília, Brasília, 2008.

BAZI, Rogerio Eduardo Rodrigues; SILVEIRA, Murilo Artur Araújo da. Constituição e institucionalização da ciência: apontamentos para uma discussão. **Transinformação**, Campinas, v. 19, n.2, p. 129-137, maio/ago., 2007. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/tinf/a/zvVcJhsc8SYkR4XBzyr8cQh/?lang=pt>. Acesso em: 20 set. 2021.

BELL, Daniel. **O advento da sociedade pós-industrial**. São Paulo: Cultrix, 1973.

BELKIN, Nicholas J. Anomalous states of knowledge as a basis for information retrieval. **The Canadian Journal of Information Science**, v. 5, p. 133-143, may., 1980.

BERGERON, Bryan P. **Essentials of knowledge management**. Chichester: John Wiley & Sons, 2003.

BETTENCOURT, Marcia Pires da Luz; CIANCONI, Regina de Barros. Gestão do conhecimento: um olhar sob a perspectiva da Ciência da Informação. **Tendências da Pesquisa Brasileira em Ciência da Informação**, v. 5, n. 1, 2012. Disponível em: <https://revistas.ancib.org/index.php/tpbci/article/view/281>. Acesso em: 25 de abr. 2021.

BIANCO, Carlos; LUGONES, Gustavo; PEIRANO, Fernando; SALAZAR, Mónica. **Indicadores de la sociedad del conocimiento: aspectos conceptuales y metodológicos.** Buenos Aires: Centro Redes, 2002. (Documento de Trabajo n. 2)

BICALHO, Lucinéia Maria; BORGES, Mônica Erichsen Nassif. Transdisciplinaridade na ciência da informação. *In: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO*, 5., 2003, Belo Horizonte. **Anais...** Belo Horizonte: UFMG, 2003.

BORKO, Harold. Information science: what is it? **American Documentation**, Washington, v. 19, n. 1, p. 3-5, jan. 1968.

BOURDIEU, Pierre. **Os usos sociais da ciência: por uma sociologia clínica do campo científico.** São Paulo: UNESP, 2004. 85 p.

BOURDIEU, Pierre. O campo científico. *In: ORTIZ, Renato (org.). Pierre Bourdieu: sociologia.* São Paulo: Editora Ática, 1983a. (Coleção Grandes Cientistas Sociais). p. 122-154.

BOURDIEU, Pierre. Algumas propriedades dos campos. *In: BOURDIEU, Pierre. Questões de sociologia.* Rio de Janeiro: Marco Zero, 1983b. p. 89-94.

BRITO, Raissa Carneiro de. **Análise do processo de gestão da informação e do conhecimento em uma biblioteca virtual no Second Life.** 2021, 236 f. Tese (Doutorado em Ciência da Informação) – Universidade Federal da Paraíba, 2021.

BROOKES, Bertram C. The foundation of Information Science. **Journal of Information Science**, v. 2, Part I (p.125-133), Part II (p.209-221), Part III (p.269-275), and v. 3, Part IV (p.3-12), 1980/1981.

BUCKLAND, Michael K. Information as thing. **Journal of the American Society for Information Science**, v.45, n.5, p.351-360, 1991. Disponível em: <http://www.uff.br/ppgci/editais/bucklandcomocoisa.pdf>. Acesso em 20 mai. 2022.

BUKOWITZ, Wendi R.; WILLIAMS, Ruth L. **Manual de gestão do conhecimento: ferramentas e técnicas que criam valor para a empresa.** Porto Alegre: Bookman, 2002.

BUFREM, Leilah Santiago; PRATES, Yara. O saber científico registrado e as práticas de mensuração da informação. **Ciência da Informação**, Brasília, v. 34, n. 2, p. 9-25, maio/ago. 2005. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/ci/v34n2/28551>. Acesso em: 22 jun. 2022.

BURKE, Peter. **Uma história social do conhecimento: de Gutenberg a Diderot.** Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003. 241 p.

CAPURRO, Rafael. Epistemologia e ciência da informação. *In: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO (ENANCIB)*, 5., 2003, Belo Horizonte. **Anais...** Belo Horizonte: Associação Nacional de Pesquisa e Pós-Graduação em Ciência da Informação, 2003.

CARVALHO, Elizabeth Leão de. Importância da gestão da informação para o processo decisório nas organizações. *In*: VALENTIM, Marta Lúcia Pomim (org.). **Informação, conhecimento e inteligência organizacional**. 2. ed. Marília: FUNDEPE Editora, 2006. p. 81-97.

CASIMIRO, Adelaide Helena Targino. *et al.* O estado da arte da produção científica sobre competência no KM Brasil. *In*: DUARTE, Emeide Nóbrega. *et al.* (org.). **Enfoques multidisciplinares da Gestão do Conhecimento**. João Pessoa: UFPB, 2019. p. 67-80.

CHOO, Chun Wei. **A organização do conhecimento**: como as organizações usam a informação para criar significado, construir conhecimento e tomar decisões. São Paulo: Senac, 2003.

CIANCONI, Regina de Barros. **Gestão do conhecimento**: visão de indivíduos e organizações no Brasil. 2003. 297 f. Tese (Doutorado em Ciência da Informação) – Programa de Pós-graduação em Ciência da Informação, Universidade Federal do Rio de Janeiro/Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia, Rio de Janeiro, 2003.

COELHO, Gabriel Bandeira; MASSAU, Guilherme Camargo. Ensaio de sociologia da ciência: mais que uma coletânea, um mapa da visão mertoniana sobre ciência. **Norus**: novos rumos sociológicos, v. 3, n.4, jul/dez., 2015. Disponível em: <https://periodicos.ufpel.edu.br/ojs2/index.php/NORUS/article/view/6912/4741>. Acesso em: 21 out. 2021.

CONSELHO NACIONAL DE DESENVOLVIMENTO CIENTÍFICO E TECNOLÓGICO [CNPq], **Produtividade em pesquisa - PQ**. 2006. Anexo I da RN-016/2006. Disponível em: <https://www.gov.br/cnpq/pt-br>. Acesso em: 20 jun. 2022.

CORRÊA, Fábio. **A gestão do conhecimento holística**: conformação de seus fatores, análise do presente e direcionamento para estudos futuros. 2018, 300 f. Tese (Doutorado em Sistemas de Informação e Gestão do Conhecimento) – Fundação Mineira de Educação e Cultura, 2018.

CORRÊA, Fábio; ZIVIANE, Fabrício; FRANÇA, Renata de Souza. Produções científicas sobre gestão do conhecimento: uma análise bidirecional de autores versus referências literárias. *In*: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO, 17., Salvador, 2016. **Anais...** Salvador: UFBA, 2016.

CUNHA, Murilo Bastos da. Ibict: 51 anos. **Ciência da Informação**, Brasília, v. 34, n. 1, p. 7- 8, 2005. Disponível em: <http://revista.ibict.br/ciinf/article/view/1096/1209>. Acesso em: 16 jun. 2021.

DALKIR, Kimiz. **Knowledge Management in Theory and Practice**. 2. ed. Cambridge: MIT Press, 2011.

DAMIAN, Ieda Pelógia Martins; MORO CABERO, María Manuela. Proposição de um modelo de gestão do conhecimento voltado às características da memória organizacional. **Encontros Bibli**: revista eletrônica de biblioteconomia e ciência da informação, v. 25, p. 01-21, 2020. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/eb/article/view/1518-2924.2020.e73691>. Acesso em: 13 jun. 2022.

DAMIAN, Ieda Pelógia Martins; SILVA, Márcia Regina. Gestão do conhecimento: repertório brasileiro de Ciência da Informação. In: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO (ENANCIB), 18., 2017, Marília, São Paulo. **Anais...** Marília: UNESP, 2017.

DAVENPORT, Elisabeth; CRONIN, Blaise. Knowledge management: semantic drift or conceptual shift?. **Journal of Education for Library and Information Science**, San Antonio, v. 41, n. 4, p. 294 - 306, jan. 2000. Disponível em: <https://www.jstor.org/stable/40324047?origin=crossref&seq=1>. Acesso em: 15 dez. 2020.

DAVENPORT, Thomas H., PRUSAK, Laurence. **Conhecimento empresarial**: como as organizações gerenciam o seu capital intelectual. 2. ed., Rio de Janeiro: Campus, 1998. 237 p.

DETLOR, Brian. Information management. **International Journal of Information Management**, v. 30, n. 2, p. 103–108, abr. 2010. Disponível em: <http://linkinghub.elsevier.com/retrieve/pii/S0268401209001510>. Acesso em: 26 jan. 2020

DIAS, Emerson de Paulo. Conceitos de gestão e administração: uma revisão crítica. **Revista Eletrônica de Administração**, Franca, v. 1, n. 1, jul./dez. 2002. Disponível em: <https://periodicos.unifacef.com.br/index.php/rea/article/view/160>. Acesso em: 07 junh. 2022.

DIAS, Eduardo José Wense. Biblioteconomia e ciência da informação: natureza e relações. **Perspectivas em Ciência da Informação**, Belo Horizonte, v.5, n. especial, p. 67-80, 2000. Disponível em: <http://portaldeperiodicos.eci.ufmg.br/index.php/pci/article/view/556/338>. Acesso em: 14 dez. 2020.

DRUCKER, Peter. **Sociedade pós-capitalista**. 6. ed. São Paulo: Pioneira, 1997, 186 p.

DUARTE, Emeide Nóbrega *et al.* (org.). **Componentes curriculares do eixo temático gestão na pós-graduação em Ciência da Informação no Brasil, Espanha e Portugal**. João Pessoa: Editora UFPB, 2020. 272 p. Disponível em: <http://www.editora.ufpb.br/sistema/press5/index.php/UFPB/catalog/book/177>. Acesso: 15 jun. 2022.

DUARTE, Emeide Nóbrega; FEITOZA, Rayan Aramís de Brito; MONTEIRO, Milena Ferreira; LIMA, Ana Raquel Pereira de. Conteúdos emergentes da gestão da informação e do conhecimento nos cursos de pós-graduação em ciência da

informação no Brasil. **Perspectivas em Gestão & Conhecimento**, v. 10, n. especial, p. 176–200, 2020. Disponível em: <https://periodicos.ufpb.br/index.php/pgc/article/view/49596>. Acesso em: 15 mar. 2021.

DUARTE, Emeide Nóbrega *et al.* (org.). **Enfoques multidisciplinares da Gestão do Conhecimento**. João Pessoa: Editora UFPB, 2019. 207 p. Disponível em: <http://www.editora.ufpb.br/sistema/press5/index.php/UFPB/catalog/book/352>. Acesso em: 15 jun. 2022.

DUARTE, Emeide Nóbrega. Tendências temáticas do GT4 no Enancib 2011: rumo à gestão da inovação. **Perspectivas em Gestão & Conhecimento**, v. 2, p. 4–11, 2012. Disponível em: <https://periodicos.ufpb.br/index.php/pgc/article/view/13668>. Acesso em: 18 jun. 2022.

DUARTE, Emeide Nóbrega. **Análise da produção científica em gestão do conhecimento: estratégias metodológicas e estratégias organizacionais**. 2003. Tese (Doutorado em Administração). Programa de Pós-Graduação em Administração – Universidade Federal da Paraíba. João Pessoa, 2003.

DUARTE, Emeide Nóbrega; LIRA, Suzana de Lucena; LIRA, Waleska Silveira. Gestão do Conhecimento: origem, evolução, conceitos e ações. *In*: DUARTE, Emeide Nóbrega; LLARENA, Rosilene Agapito da Silva; LIRA, Suzana de Lucena (Org.). **Da informação à auditoria do conhecimento: a base para a Inteligência Organizacional**. João Pessoa: UFPB, 2014. 394 p.

DUTRA, Frederico Giffoni de Carvalho; BARBOSA, Ricardo Rodrigues. **Em Questão**, Porto Alegre, v. 26, n. 2, p. 106-131, maio/ago. 2020. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/index.php/EmQuestao/article/view/91922>. Acesso em: 07 jun. 2022.

EBOLI, Marisa. **Educação corporativa no Brasil: mitos e verdades**. São Paulo: Gente, 2004.

ELIEL, Regiane Alcântara. Institucionalização da Ciência da Informação no Brasil: estudo da convergência entre a produção científica e os marcos regulatórios da área. **Transinformação**, Campinas, v. 20, n. 3, p. 207-224, set./dez., 2008. Disponível em: <http://periodicos.puccampinas.edu.br/seer/index.php/transinfo/article/view/521/501>. Acesso em: 26 jun. 2021.

FEITOZA, Rayan Aramís de Brito; DUARTE, Emeide Nóbrega (org.). **Visões epistemológicas da Gestão do Conhecimento na Ciência da Informação**. João Pessoa: Editora UFPB, 2020. 310 p. Disponível em: <http://www.editora.ufpb.br/sistema/press5/index.php/UFPB/catalog/book/850>. Acesso: 15 jun. 2022.

FEITOZA, Rayan Aramís de Brito; DUARTE, Emeide Nóbrega. Cenários do termo organização do conhecimento na Ciência da Informação: um estudo com suas aplicações na teoria e na prática. **Revista ACB: Biblioteconomia em Santa Catarina**,

Florianópolis, v. 25, n. 1, p. 157-175, dez./mar., 2019/2020. Disponível em: <https://revista.acbbsc.org.br/racb/article/view/1661>. Acesso em: 8 jun. 2022.

FEITOZA, Rayan Aramís de Brito. **Memória organizacional no contexto dos processos de gestão do conhecimento associados às práticas arquivísticas**. 2019, 190 f. Dissertação (Mestrado em Ciência da Informação) – Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação, Universidade da Federal da Paraíba, 2019.

FEITOZA, Rayan Aramís de Brito *et al.* Memória Organizacional na Ciência da Informação: desvendando relações com o Conhecimento Organizacional. **Em Questão**, Porto Alegre, v. 25, n. 1, p. 473–498, 2019. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/index.php/EmQuestao/article/view/80274>. Acesso em: 18 jun. 2022.

FEITOZA, Rayan Aramís de Brito; MONTEIRO, Milena Ferreira; DUARTE, Emeide Nóbrega. A gestão da informação e do conhecimento na pós-graduação em ciência da informação no Brasil. *In*: PAULA, Silvio Luiz; PRESSER, Nadi Helena. Gestão da Informação, estratégia e inovação. ENCONTRO SOBRE CIÊNCIA, TECNOLOGIA E GESTÃO DA INFORMAÇÃO (ENEGI), 9., 2019. Recife, **Anais...**Recife: UFPE, 2019. p. 259-271.

FERES, Glória Georges. **A pós-graduação em Ensino de Ciências no Brasil**: uma literatura a partir da teoria de Bourdieu. 2010, 339 f. Tese (Doutorado em Educação para Ciências). Universidade Estadual de São Paulo, Bauru, 2010.

FERNANDES, Jainne Aragão Carvalho. **Bases conceituais da gestão do conhecimento**. 2019. 187 fls. Dissertação (Mestrado em Ciência da Informação) – Universidade de Brasília, Brasília, 2019. Disponível em: <https://repositorio.unb.br/handle/10482/35030>. Acesso em 14 jul. 2021.

FORESTI, Nórís. Contribuição das Revistas Brasileiras de Biblioteconomia e Ciência da Informação Enquanto Fonte de Referência para a Pesquisa. Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia (IBICT). **Ciência da Informação**, Brasília, v.19, n. 1, p. 53-71, jan./jun. 1990. Disponível em: <http://revista.ibict.br/index.php/ciinf/issue/view/62>. Acesso em: 18 dez. 2013.

FREITAS, Lidiane; ALBUQUERQUE, Ana Cristine de. As abordagens da análise de domínio como aporte metodológica para a classificação arquivística. **Tendências da Pesquisa Brasileira em Ciência da Informação**, v.10, n.2, ago./dez. 2017.

GARCIA, Joana Coeli Ribeiro; SILVA, Edilene Maria. Nuances e estratégias que circundam o conhecimento tácito. **Navus**: Revista de Gestão e Tecnologia, Florianópolis, v. 5, n. 3, p. 06-21, jul./set., 2015. Disponível em: <http://www.spell.org.br/documentos/ver/36791/nuancas-e-estrategias-que-circundam-o-conhecimento-tacito-i/pt-br>. Acesso em: 24 fev. 2021.

GIL, Antônio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 6. ed. – 5 reimpr. São Paulo: ed. Atlas, 2012. 200 p.

GIL, Antônio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2002.

GONZÁLEZ DE GÓMEZ, Maria Nélida. Os vínculos e os conhecimentos: pensando o sujeito da pesquisa transdisciplinar. In: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO (ENANCIB), 5., 2003. **Anais...** Belo Horizonte: UFMG, 2003.

GU, Yinian. Global Management research: a bibliometric analysis. **Scientometrics**, Switzerland, v. 61, n. 2, p. 171-190, oct., 2004. Disponível em: <https://link.springer.com/article/10.1023%2FB%3ASCIE.0000041647.01086.f4>. Acesso em: 05 dez. 2020.

HJØRLAND, Birger. Domain analysis in Information Science: Eleven approaches – traditional well as innovative. **Journal of Documentation**, v.58, n.4, p.422-462, 2002.

JANOTTI, Aldo. **Origens da universidade**: a singularidade do caso português. São Paulo: EdUSP, 1992. 226 p.

JAPIASSU, Hilton. **Interdisciplinaridade e patologia do saber**. Rio de Janeiro: Imago, 1976.

JAPIASSU, Hilton. **Questões epistemológicas**. Rio de Janeiro: Imago, 1981.

JASHAPARA, Ashok. The emerging discourse of knowledge management: a new dawn for information science research?. **Journal of Information Science**, v. 31, p.136-148, fev. 2005.

JOURDAIN, Anne; NAULIN, Sidonie. **A teoria de Pierre Bourdieu e seus usos sociológicos**. Direção de François de Singly. Petrópolis: Editora Vozes, 2017.

KAJIMOTO, N.; VALENTIM, M. L. P. Aplicação do método *Storytelling* da gestão do conhecimento para constituição da memória organizacional do movimento *Shindo Renmei*. **RICI: Revista Ibero-americana em Ciência da Informação**, Brasília, v. 10, n. 2, p. 364-387, jul./dez.2017. Disponível em: <http://periodicos.unb.br/index.php/RICI/article/view/19598/18637>. Acesso em: 20 jan. 2022.

KEBEDE, Gashaw. Knowledge management: An information science perspective. **International Journal of Information Management**, v. 30, n. 5, p. 416-424., oct., 2010. Disponível em: <https://doi.org/10.1016/j.ijinfomgt.2010.02.004>. Acesso: 21 dez. 2021.

KOBASHI, Nair Yumiko; SMIT, Johanna Wilhelmina; TÁLAMO, Maria de Fátima Gonçalves Moreira. A função da terminologia na construção do objeto da Ciência da Informação. **DataGramZero**, Rio de Janeiro, v. 2, n. 2, abr. 2001. Disponível em: <http://hdl.handle.net/20.500.11959/brapci/4867>. Acesso em: 09 dez. 2020.

KÖCHE, José Carlos. **Fundamentos da metodologia científica**: teoria da ciência e iniciação à pesquisa. Petrópolis, RJ: Vozes, 2011.

KROGH, Georg Von; ICHIJO, Kazuo; NONAKA, Ikujiro. **Facilitando a criação de conhecimento**: reinventando a empresa com o poder da criação contínua. Rio de Janeiro: Campus, 2001.

KHUN, Thomas Samuel. **Estrutura das revoluções científicas**. 5ª ed., São Paulo: Editora Perspectiva, 1998. 269 p.

LARA, Marilda Lopes Ginez de; SMIT, Johanna Wilhelmina. Os ENANCIBs e a Ciência da Informação brasileira: introdução. *In*: LARA, Marilda Lopes Ginez de; SMIT, Johanna Wilhelmina. **Temas de pesquisa em Ciência da Informação no Brasil**. São Paulo: Escola de Comunicação e Artes/USP, 2010. p. 11-21.

LLARENA, Rosilene Agapito da Silva. **Gestão do Conhecimento na rede do ProJovem Urbano: modelo baseado nas políticas públicas**. João Pessoa, 2015. 327 f. Tese (Doutorado em Ciência da Informação), Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação, Universidade Federal da Paraíba, 2015.

LLARENA, Rosilene Agapito da Silva; DUARTE, Emeide Nóbrega; LIRA, Suzana de Lucena; SILVA, Alzira Karla Araújo da. Estudo terminológico do termo gestão do conhecimento. **Tendências da Pesquisa Brasileira em Ciência da Informação**, São Paulo, v. 10, n. 2, p. 1-20, ago./dez. 2017. Disponível em: <https://revistas.ancib.org/index.php/tpbci/article/view/428>. Acesso em: 15 dez. 2020.

LEITE, Eliane Santos. **Gestão do conhecimento nas empresas brasileiras**: relações entre estratégia empresarial, gestão de competências e de resultado e impactos no desempenho do negócio. 2004. Dissertação (Mestrado em Administração) -- Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, 2004.

LÉLLIS, Jimmy de Almeida; QUEIROZ, Anna Carla Silva de. **Administração Aplicada à Arquivologia**: um “duo-elo” necessário neste novo mundo Pós-Covid-19. 1ª ed. João Pessoa: Academia Paraibana de Ciência da Administração, 2021. 182 p.

LIBERATORE, Gustavo; HERRERO-SOLANA, Víctor. Caracterización temática de la investigación en Ciencia de la Información en Brasil en el período 2000-2009. **Transinformação**, Campinas, v. 25, n. 3, p. 225-235, 2013. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1590/S0103-37862013000300005>. Acesso em: 14 dez. 2020.

LIEVROUW, Leah A. Communication and the social representation of scientific knowledge. **Critical Studies in Mass Communication**, Annandale, Va., v. 7, n. 1, p. 1-10, Mar. 1990. Disponível em: <https://doi.org/10.1080/15295039009360159>. Acesso em: 15 dez. 2021.

LIMA, João Sérgio Beserra de; ALVARES, Lillian Maria Araújo de Rezende. Ciência da informação e gestão do conhecimento: uma análise de suas interseções. **Ciência da Informação**, Brasília, v. 47 n. 3, p. 107-116, set./dez. 2018. Disponível em: <http://revista.ibict.br/ciinf/article/view/4289>. Acesso em: 12 dez. 2020.

LIRA, Suzana de Lucena. **Modelo de comunidade de prática com foco em gestão do conhecimento no ambiente contábil público de universidades federais brasileiras**. 2019, 256 f. Tese ((Doutorado em Ciência da Informação) – Universidade Federal da Paraíba, 2019.

LOUREIRO-ALVES, Maria de Fátima. **Conhecendo um campo de estudo: aspectos da institucionalização cognitiva e social da ciência da informação**. 2010. 243 f. Tese (Ciência da Informação) - Escola de Comunicações e Artes, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2010.

MARCONI, Marina de Andrade; LAKATOS, Eva Maria. **Fundamentos de metodologia científica**. 8. ed. São Paulo: Atlas, 2017.

MATTELART, Armand. **História da sociedade da informação**. São Paulo: Loyola, 2002. 197p.

MARTELETO, Regina Maria. A pesquisa em Ciência da Informação no Brasil: marcos institucionais, cenários e perspectivas. **Perspectivas em Ciência da Informação**, Belo Horizonte, v. 14, n. especial, p. 19-40, 2009. Disponível em: <http://portaldeperiodicos.eci.ufmg.br/index.php/pci/article/view/915>. Acesso em: 15 jan. 2022.

MARTELETO, Regina Maria. Lugar da cultura no campo de estudos da informação: cenários prospectivos. *In*: LARA, Marilda Lopes Ginez de; FUJINO, Asa; NORONHA, Daysi Pires. (Org.). **Informação e Contemporaneidade: perspectivas**. São Paulo: Néctar; ECA/USP, 2007. p. 13-26.

MARTELETO, Regina Maria; LARA, Marilda Lopes Ginez de. Os Grupos de Trabalho – GTs da ANCIB e a promoção da pesquisa em Ciência da Informação. *In*: FUJITA, Mariângela Spotti Lopes; MARTELETO, Regina Maria; LARA, Marilda Lopes Ginez de (org.). **A dimensão epistemológica da Ciência da Informação e suas interfaces técnicas, políticas e institucionais nos processos de produção, acesso e disseminação da informação**. São Paulo: Cultura Acadêmica Editora; Marília: Fundepe. 2008. p.3-15.

MARTINS, Gracy Kelli. **Institucionalização cognitiva e social da organização e representação do conhecimento na Ciência da Informação no Brasil**. 2014. 182 f. Tese (Doutorado em Ciência da Informação) – Faculdade de Filosofia e Ciências, Universidade Estadual Paulista, Marília, 2014.

MATTEDI, Marcos Antônio. **Sociologia e conhecimento: introdução à abordagem sociológica do problema do conhecimento**. Chapecó: Argos, 2006.

MAY, Tim. **Pesquisa Social: questões, métodos e processos**. Porto Alegre: Artmed, 2004.

MACHLUP, Fritz. **The production and distribution of knowledge in the United States**. Princeton, NJ: Princeton University Press, 1962.

MALONE, David. Knowledge management: a model for organizational learning. **International Journal of Accounting Information Systems**, v.3, p. 111-123, 2002.

McINERNEY, Claire R. Compartilhamento e gestão do conhecimento: profissionais da informação em um ambiente de confiança mútua. *In*: TARAPANOFF, Kira (Org.). **Inteligência, informação e conhecimento em corporações**. Brasília: IBICT, UNESCO, 2006. p. 57 -72.

MEADOWS, Arthur Jack. **A comunicação científica**. Brasília, DF: Briquet de Lemos/Livros, 1999. 268p.

MELO, Willian Lima. **O processo de institucionalização científica na Ciência da Informação no Brasil**: um campo disciplinar sob a perspectiva transversalista. Recife, UFPE, 2020. 264F. Tese (Doutorado) – Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação, Universidade Federal de Pernambuco. 2020.

MELO, Hemanuella Fernandes; GALLOTTI, Monica Marques Carvalho; CARVALHO, Andréa Vasconcelos. A rede de gestão da informação e do conhecimento enquanto rede de conhecimento. *In*: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO (ENANCIB), 21., 2011, Rio de Janeiro. **Anais...** São Paulo: ANCIB, 2021. Disponível em: <https://enancib.ancib.org/index.php/enancib/xxienancib/paper/view/515>. Acesso em: 10 de jun. 2022.

MERTON, Robert K. **Ensaio de Sociologia da Ciência**. São Paulo: Editora 34, 2013.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. **Pesquisa social: teoria, método e criatividade**. São Paulo: Petrópolis: Vozes, 2004.

MOSTAFA, Solange Puntel. **I Encontro Enancib**: visão geral. 1994. Disponível em: <http://enancib.ibict.br/index.php/enancib/ienancib/schedConf/overview>. Acesso em: 12 jun. 2022.

NONAKA, Ikujiro; KONNO, Noboru. The Concept of “Ba”: building a foundation for knowledge creation. **California Management Review**, Berkerley, v. 40, n. 3, p. 40-54, 1998.

NONAKA, Ikujiro; TAKEUCHI, Hirotaka. **Criação de conhecimento na empresa**: como as empresas japonesas geram a dinâmica da inovação. Rio de Janeiro: Campus, 1997.

NUNES, Everardo D. Merton e a sociologia médica. **História, Ciências, Saúde – Manguinhos**, Rio de Janeiro, v. 14, n. 1, p. 159-172, jan./mar. 2007.

OLIVEIRA, Lais Pereira. **Gestão do conhecimento na Universidade Corporativa Banco do Brasil**. 2014. 201 f. Dissertação (Mestrado em Ciência da Informação) – Universidade de Brasília, Brasília, 2014.

OLIVEIRA, Marlene. **A investigação científica na Ciência da Informação**: análise da pesquisa financiada pelo CNPq. 1998. 201f. Tese (Curso de Doutorado em Ciência da Informação) – Universidade de Brasília, Brasília, 1998.

PADILHA NETO, José Domingos. **A gestão na composição curricular dos cursos de graduação em Biblioteconomia no Brasil**: a contribuição do diálogo interdisciplinar entre a Ciência da Informação e a Ciência da Administração. 2020. 138f. Dissertação (Curso de Mestrado em Ciência da Informação) – Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação, Universidade Federal da Paraíba, 2022.

PALERMITI, Rosalba; POLITY, Yolla. Dynamiques de l'institutionnalisation sociale et cognitive des sciences de l'information. *In*: BOURE, R. **Les origines des sciences de l'information et de la communication**: regards croisés. Paris: PUS, 2002. p. 95-123.

PINHEIRO, Lena Vânia Ribeiro. Mutações na ciência da informação e reflexos nas mandalas interdisciplinares. **Informação & Sociedade**: Estudos, v. 28, n. 3, 2018. Disponível em: <https://periodicos.ufpb.br/ojs/index.php/ies/article/view/43317>. Acesso em: 29 jun. 2021.

PINHEIRO, Lena Vânia Ribeiro. Pilares conceituais para mapeamento do território epistemológico da ciência da informação: disciplinaridade, interdisciplinaridade, transdisciplinaridade e aplicações *In*: BENTES PINTO, Virgínia.; CAVALCANTE, Lídia Eugênia; SILVA NETO, Casemiro. (Org.). **Abordagens Transdisciplinares da Ciência da Informação**: Gêneses e Aplicações. Fortaleza: Edições UFC, 2007a. p. 71-104.

PINHEIRO, Lena Vânia Ribeiro. Cenário da pós-graduação em Ciência da Informação no Brasil, influências e tendências. *In*: Encontro Nacional de Pesquisa em Ciência da Informação, 8., 2007, Salvador. **Anais...** Salvador, UFBA, 2007b. Disponível em: <http://repositorios.questoesemrede.uff.br/repositorios/bitstream/handle/123456789/140/GT1--226.pdf?sequence=1>. Acesso em: 16 jun. 2021.

PINHEIRO, Lena Vânia Ribeiro. Ciência da Informação: desdobramentos disciplinares, interdisciplinaridade e transdisciplinaridade. *In*: GONZÁLEZ DE GÓMEZ, Maria Néida; ORICO, Evelyn Goyannes Dill (org.). **Políticas de memória e informação**. Natal: EDUFRN, 2006a. p.111-142. Disponível em: <http://repositorio.ibict.br/bitstream/123456789/18/1/Pinheirodesdobramentos.pdf>. Acesso em: 20 jan. 2021.

PINHEIRO, Lena Vânia Ribeiro. Inteligência competitiva como disciplina da Ciência da Informação e sua trajetória e evolução no Brasil. *In*: STAREC, Cláudio; GOMES, Elisabeth Braz Pereira; CHAVES, Jorge Bezerra Lopes. (Org.). **Gestão estratégica da informação e inteligência competitiva**. Rio de Janeiro: Saraiva, 2006b. p. 17-86.

PINHEIRO, Lena Vânia Ribeiro. Ciência da Informação: questões sobre formação, ensino e pesquisa. **DataGramZero**, Rio de Janeiro, v. 3, n. 5, 2002. Disponível em: <https://ridi.ibict.br/handle/123456789/26>. Acesso em: 05 dez. 2020.

PINHEIRO, Lena Vânia Ribeiro. **A Ciência da Informação entre sombra e luz:** domínio epistemológico e campo interdisciplinar. Rio de Janeiro, UFRJ/ECO, 1997. 280f. Tese (Doutorado em Comunicação e Cultura) – Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Cultura, Escola de Comunicação, Universidade Federal do Rio de Janeiro, 1997.

PINHEIRO, Lena Vânia Ribeiro; LOUREIRO, José Mauro Matheus. Traçados e limites da ciência da informação. **Ciência da Informação**, Brasília, v. 24, n. 1, 1995. Disponível em: <http://revista.ibict.br/ciinf/article/view/609>. Acesso em: 17 dez. 2020.

PONJUÁN DANTE, Glória. **Gestión de información:** dimensiones e implementación para el éxito organizacional. Rosario: Nuevo Paradigma, 2004. 218p.

PONZI, Leonard J. The intellectual structure and interdisciplinary breadth of knowledge management: a bibliometric study of its early stage of development. **Scientometrics**, Switzerland, v. 55, n. 2, p. 259-272, aug., 2002. Disponível em: <https://link.springer.com/article/10.1023%2FA%3A1019619824850>. Acesso em 04 dez. 2020.

PONZI, Leonard J.; KOENIG, Michael. Knowledge management: another management fad? **Information Research**, Lund, v. 8, n. 1, Oct. 2002. (documento não paginado). Disponível em: <http://informationr.net/ir/8-1/paper145.html>. Acesso em 04 de mar. 2021.

PRIMO, Alex *et al.* Análise de citações dos trabalhos da Compós 2008. **Revista E-Compós**, Brasília, v.11, n. 3, set./dez. 2008. Disponível em: <http://www.compos.org.br/seer/index.php/e-compos/article/view/328/311>. Acesso em: 10 jul 2022.

PROBST, Gilbert; RAUB, Steffen; ROMHARDT, Kai. **Gestão do conhecimento:** os elementos constitutivos do sucesso. Tradução: Maria Adelaide Carpigiani. Porto Alegre: Bookman, 2002.

RAYWARD, W. Boyd. The origins of information science and the International Institute of Bibliography/International Federation for Information and Documentation (FID). **Journal of the American Society for Information Science**, New York, v. 48, n. 4, p. 289-300, 1997. Disponível: [https://doi.org/10.1002/\(SICI\)1097-4571\(199704\)48:4%3C289::AID-ASI2%3E3.0.CO;2-S](https://doi.org/10.1002/(SICI)1097-4571(199704)48:4%3C289::AID-ASI2%3E3.0.CO;2-S). Acesso em: 14 mar. 2022.

REIS, Verusca Moss Simões dos; VIDEIRA, Antonio Augusto Passos. John Ziman e a ciência pós-acadêmica: consensibilidade, consensualidade e confiabilidade. **Scientiae Studia**, São Paulo, v.11, n.3, p.583-611, 2013. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S1678-31662013000300007>. Acesso em: 15 out. 2021.

ROSSATTO, Maria Antonieta. **Gestão do conhecimento:** a busca da humanização, transparência, socialização e valorização do intangível. Rio de Janeiro: Interciência, 2003.

SAGSAN, Mustafa. Knowledge management discipline: test for an undergraduate program in Turkey. **Electronic Journal of Knowledge Management**, Sonning Common, v. 7, n. 5, p. 627-636, 2009. Disponível em: <https://academic-publishing.org/index.php/ejkm/article/view/881>. Acesso em: 10 mar. 2022.

SAMPIERE, Roberto Hernández.; COLLADO, Carlos Fernández; LUCIO, Maria del Pilar Baptista. **Metodologia da pesquisa**. 5. ed. Porto Alegre: Penso, 2013.

SANTOS, Raimundo Nonato Macedo dos; KOBASHI, Nair Yumiko. Análise de dissertações e teses de ciência da informação: estudo de institucionalização de um campo científico. *In*: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO, 8., 2007, Salvador. **Anais...** Salvador: UFBA, 2007. Disponível em: <https://repositorio.ufpe.br/handle/123456789/10087>. Acesso em: 21 jul. 2021.

SANTOS, Raimundo Nonato Macedo dos; KOBASHI, Nair Yumiko. Análise da constituição e institucionalização da bibliometria, da cientometria e da infometria **Tendências de Pesquisa brasileira em Ciência da Informação**, Brasília, v. 2, n.1, p.155-172, jan./dez. 2009. Disponível em: <https://brapci.inf.br/index.php/res/download/119753>. Acesso em: 22 jun. 2022.

SANTOS, Raquel do Rosário Santos; LLARENA, Rosilene Agapito da Silva; LIRA, Suzana de Lucena. Conhecimento: conceito, reflexões e aproximações. *In*: DUARTE, Emeide Nóbrega; LIRA, Suzana de Lucena; LLARENA, Rosilene Agapito da Silva. (org). **Da informação à auditoria do conhecimento: a base para inteligência organizacional**. João Pessoa: Editora da UFPB, 2014. p. 45-78.

SARACEVIC, Tekfo. Ciência da Informação: origem, evolução e relações. **Perspectiva em Ciência da Informação**, Belo Horizonte, v. 1, n. 1, p. 41-62, jan./jun., 1996. Disponível em: <http://portaldeperiodicos.eci.ufmg.br/index.php/pci/article/view/235/22>. Acesso em: 19 dez. 2020.

SARACEVIC, Tefko. **Introduction to information science**. Nova Iorque: Bowker, 1970.

SEAGER, Márcia Maria de Medeiros Travassos. **Análise do processo de Gestão da Informação e do Conhecimento no Orçamento Participativo do município de João Pessoa/PB**. 2018, 296 f. Tese (Doutorado em Ciência da Informação) – Universidade Federal da Paraíba, 2018.

SENGE, Peter. **A quinta disciplina: arte e prática da organização que aprende**. Rio de Janeiro: Best-Seller, 1998.

SEVERINO, Antônio Joaquim. **Metodologia do trabalho científico**. 23. ed. rev. e atual. São Paulo: Cortez, 2007.

SHERA, Jesse Hauk. Sobre Biblioteconomia, Documentação e Ciência da Informação. *In*: GOMES, Hagar Espanha. (org.). **Ciência da Informação ou Informática?** Rio de Janeiro: Calunga, 1980. P. 91-105.

SILVA, Edcleyton Bruno Fernandes da. **A formação da autoria na produção colaborativa na Ciência da Informação no Brasil**. João Pessoa, 2017. 87f. Dissertação (Mestrado em Ciência da Informação) – Centro de Ciências Sociais Aplicadas, Universidade Federal da Paraíba, 2017.

SILVA, Helana de Fátima Nunes. Editorial. **AtoZ: Novas Práticas em Informação e Conhecimento**. Curitiba, v. 1, n. 1, p. 1-3, jan./jun. 2011. Disponível em: <https://revistas.ufpr.br/atoz/article/view/41278>. Acesso em: 10 de jul. 2022.

SILVA, Jordana Kelly Belarmino da. **A produção brasileira de teses e dissertações em Ciência da Informação: um panorama temático e quantitativo dos anos 2012 a 2016**. João Pessoa, 2017. 66f. Monografia (Graduação em Biblioteconomia) – Universidade Federal da Paraíba, 2017.

SILVA, Jonathas Luiz Carvalho; FREIRE, Gustavo Henrique de Araújo. **Encontros Bibli**: revista eletrônica de biblioteconomia e ciência da informação, v. 17, n. 33, p. 1-29, jan./abr., 2012. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/eb/article/view/1518-2924.2012v17n33p1>. Acesso em: 21 mar. 2022.

SILVA, Marcelo Costa da; CASIMIRO, Adelaide Helena Targino; DUARTE, Emeide Nóbrega. Caracterização dos grupos de pesquisa em inteligência organizacional competitiva. **Biblionline**, João Pessoa, v. 12, n. 1, p. 14-25, 2016. Disponível em: <https://periodicos.ufpb.br/ojs2/index.php/biblio/article/view/27971>. Acesso em: 03 jun. 2022.

SILVA, Márcia Regina da; HAYASHI, Carlos Roberto Massao; HAYASHI, Maria Cristina Piumbato Innocentini. Análise bibliométrica e cientométrica: desafios para especialistas que atuam no campo. **InCID: Revista de Ciência da Informação e Documentação**, Ribeirão Preto, v. 2, n. 1, p. 110-129, jan./jun. 2011. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/incid/article/view/42337/46008>. Acesso em: 22 jun. 2022.

SMIT, Johanna Wilhelmina; TÁLAMO, Maria de Fátima Gonçalves Moreira. Ciência da Informação: uma ciência moderna ou pós-moderna? In: LARA, Marilda Lopes Ginez de; FUJINO, Asa; NORONHA, Dayse Pires. (Org.). **Informação e contemporaneidade: perspectivas**. Recife: Néctar, 2007. p. 27-46.

SOUSA, Leonardo Leocádio Coelho De; DÁVILA, Guillermo Antoni; VARVAKIS, Gregório. A Gestão do Processo e do Conhecimento na Terceirização. **SIMPOI**, XI Simpósio de Administração da Produção, Logística e Operações Internacionais: fevereiro de 2009 – FGV São Paulo.

SOUZA, Edivanio Duarte de. **A Ciência da Informação: fundamentos epistêmico-discursivos do campo científico e do objeto de estudo**. Maceió: Edufal, 2015. 222p.

SOUZA, Edivanio Duarte de. A institucionalização da Ciência da Informação no Brasil: elementos disciplinadores do campo científico. **Informação & Sociedade: Estudos**, João Pessoa, v. 22, n. esp. p. 49-64, 2012. Disponível em: <http://www.ies.ufpb.br/ojs/index.php/ies/article/view/13297/8568>. Acesso em: 05 fev. 2021.

SOUZA, Edivanio Duarte de; DIAS, Eduardo José Wense; NASSIF, Mônica Erichsen. A gestão da informação e do conhecimento na ciência da informação: perspectivas teóricas e práticas organizacionais. **Informação & Sociedade: Estudos**, João Pessoa, v. 21, n. 1, p. 55-70, 2011. Disponível em: <https://periodicos.ufpb.br/ojs2/index.php/ies/article/view/4039>. Acesso em: 02 jan. 2021.

SOUZA, Rosali Fernandez de; STUMPF, Ida Regina Chitto. Ciência da Informação como área do conhecimento: abordagem no contexto da pesquisa e da Pós-graduação no Brasil. **Perspectivas em Ciência da Informação**, Belo Horizonte, v. 14, número especial, p. 41-58, 2009. Disponível em: <http://portaldeperiodicos.eci.ufmg.br/index.php/pci/article/view/901/606>. Acesso em: 17 mar. 2022.

SPENDOLINI, Michael J. **Benchmarking**. São Paulo: Amacom, 1994.

SPINAK, Ernesto. Indicadores cienciométricos. **Ciência da Informação**, v. 27, n. 2, p. 141-148, 1998.

SQUIRRA, Sebastião Carlos de Moraes. Sociedade do conhecimento. *In*: MARQUES, José Marques de; SATHLER, Luciano (Org.), **Direitos à Comunicação na Sociedade da Informação**. São Bernardo do Campo, Editora da UESP, 2005.

STANKOSKY, Michael; BALDANZA, Carolyn. A system approach to engineering a knowledge management system. *In*: BARQUIN, Ramon C. et. al. (orgs.). **Knowledge management: the catalyst for eletronic government**. Vienna: Management Concepts, 2001.

STOLLENWERK, Maria Fátima Ludovico. Gestão do Conhecimento: conceitos e modelos. *In*: TARAPANOFF, Kira (org.). **Inteligência organizacional e competitiva**. Brasília: UNB, 2001. p. 143- 163.

SVEIBY, Karl Erik; MARTINS, José Roberto. **Gestão do Conhecimento – as lições dos pioneiros**. GlobalBrands. 2005. Disponível em: <http://www.globalbrands.com.br/artigos-pdf/knowledge-management.pdf> Acesso em: 31 out. 2021

TAKAHASHI, Tadao (Org.). **Sociedade da Informação no Brasil**: livro verde. Brasília: Ministério da Ciência e Tecnologia, 2000. 195p.

TAKEUCHI, Hirotaka; NONAKA, Ikujiro. **Gestão do Conhecimento**. Porto Alegre: Bookman, 2008.

TEIXEIRA FILHO, Jayme. **Gerenciando conhecimento**: como a empresa pode usar a memória organizacional e a inteligência competitiva no desenvolvimento dos negócios. 2. ed. Rio de Janeiro: SENAC Rio, 2001.

TERRA, José Cláudio Cyrineu. **Gestão do Conhecimento: o grande desafio empresarial: uma abordagem baseada no aprendizado e na criatividade.** São Paulo: Negócio Editora, 2000.

TERRA, José Cláudio. **10 dimensões da gestão da inovação: uma abordagem para a transformação organizacional.** Rio de Janeiro: Elsevier, 2012.

TREVISOL NETO, Orestes. **A institucionalização científica do campo da Moda no Brasil:** estudo baseado nas instituições, produtores e produtos científicos. 2015. 191 f. Dissertação (Mestrado em Ciência da Informação) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2015.

VALENTIM, Marta Lígia Pomim. Conceitos sobre Gestão do Conhecimento: uma revisão sistemática da literatura brasileira. **Informação & Sociedade: Estudos**, v. 30, n. 4, p. 1–34, 2021. Disponível em: <https://periodicos.ufpb.br/ojs2/index.php/ies/article/view/57186>. Acesso em: 7 jun. 2022.

VALENTIM, Marta Lígia Pomim. Gestão da informação e gestão do conhecimento em ambientes organizacionais: conceitos e compreensões. **Tendências da Pesquisa Brasileira em Ciência da Informação**, v. 1, n. 1, 2008. Disponível em: <http://hdl.handle.net/20.500.11959/brapci/119521>. Acesso em: 10 dez. 2021.

VALENTIM, Marta Lígia Pomim. **Gestão da informação e Gestão do conhecimento:** especificidades e convergências. 2004. Disponível em: https://www.ofaj.com.br/colunas_conteudo.php?cod=88. Acesso em: 20 jan. 2022.

VALENTIM, Marta Lígia Pomim. Inteligência competitiva em organizações: dado, informação e conhecimento. **DataGramaZero**, v.3, n.4, p.1-13, ago. 2002.

VALENTIM, Marta Lígia Pomim et al. O processo de inteligência competitiva em organizações. **DataGramaZero**, v. 4, n. 3, 2003. Disponível em: <http://hdl.handle.net/20.500.11959/brapci/5453>. Acesso em: 18 jul. 2022.

WERTHEIN, Jorge. A sociedade da informação e seus desafios. **Ciência da Informação**, Brasília, v. 29, n. 2, p. 71-77, maio/ago. 2000. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/ci/v29n2/a09v29n2.pdf>> Acesso em: 25 maio. 2022.

WHITLEY, Richard. The context scientific organization. *In*: KNORR, Karin D.; KRON, Roger; WHITLEY, Richard. **The social process of scientific investigation.** London: D. Reidel, 1980. p. 297-321.

WHITLEY, Richard. Cognitive and social institutionalization of scientific specialties and research areas. *In*: WHITLEY, Richard. **Social processes of scientific development.** London: Routledge and Kegan, 1974. p. 69-95.

WIIG, Karl M. **Knowledge management foundations:** thinking about thinking: how people and organizations create, represent and use knowledge. Arlington: Schema Press, 1993.

WILSON, Thomas Daniel. A problemática da gestão do conhecimento. *In*: TARAPANOFF, Kira (Org.). **Inteligência, informação e conhecimento em corporações**. Brasília: IBICT, UNESCO, 2006. p. 37-55.

WILSON, Thomas Daniel. The nonsense of knowledge management. **Information Research**, v. 8, n. 1, p. 144, 2002. Disponível em: <http://InformationR.net/ir/8-1/paper144.html>. Acesso em: 24 jun. 2021.

ZAHER, Célia Ribeiro. Entrevista: Célia Ribeiro Zaher. **Ciência da Informação**, Brasília, v. 24, n. 1, 1995. Disponível em: <https://revista.ibict.br/ciinf/article/view/604>. Acesso em: 18 jan. 2022.

ZINS, Chaim. Redefining information science: from “information science” to “knowledge science”. **Journal of Documentation**, v. 62, n. 4, p. 447-461, Apr. 2006.

APÊNDICES

APÊNDICE A – Dados gerais dos trabalhos sobre GC nos anais do ENANCIB

2000					
Ordem	GT	Título	Autores	Palavras-chave	Modalidade
1	GT 6 – Formação Profissional e Mercado de trabalho	O perfil profissional do trabalhador do conhecimento: um programa de capacitação para sua atuação nos Sistemas de Gestão do conhecimento	(1) Daniele Ferreira	Não consta	Resumo/ Poster
2	GT 7 – Planejamento e Gestão de Sistemas de Informação e Inteligência Competitiva	Inteligência Competitiva e Redes de Conhecimento Organizacional: proposta de uma sistemática para a definição de estratégias de negócios para atendimento à cadeia têxtil	(1) Daniel Roedel, (2) Maria Fatima L. Stollenwerk, (3) Henri Dou, (4) Luc Quoniam	Não consta	Resumo/ Poster
3	GT 7 – Planejamento e Gestão de Sistemas de Informação e Inteligência Competitiva	Gestão do Conhecimento em Fonoaudiologia: um experimento com Internet II	(1) Elaine Cristina Gonçalves Rochetti, (2) Raimundo Nonato M. dos Santos	Não consta	Resumo/ Poster
4	GT 7 – Planejamento e Gestão de Sistemas de Informação e Inteligência Competitiva	Aprendizagem na organização e novas tecnologias aplicadas à educação à distância: lições de dois estudos de caso em empresas brasileiras	(1) Márcia Nardelli Monteiro de Castro	Não consta	Resumo/ Poster
5	GT 7 – Planejamento e Gestão de Sistemas de Informação e Inteligência Competitiva	Gestão do Conhecimento nas Empresas Mineiras	(1) Maria Celeste Reis Lobo	Não consta	Resumo/ Poster

6	GT 7 – Planejamento e Gestão de Sistemas de Informação e Inteligência Competitiva	Avaliação de sites sobre gestão do conhecimento na World Wide Web: um estudo exploratório	(1) Niraldo José do Nascimento, (2) Ricardo Rodrigo Barbosa	Não consta	Resumo/ Poster
7	GT 7 – Planejamento e Gestão de Sistemas de Informação e Inteligência Competitiva	Gestão do Conhecimento e Gestão de Projetos – Abordagens Complementares na Condução de Iniciativas de Inovação Organizacional	(1) Luís Capuruço Gattoni, (2) Jorge Tadeu de Ramos Neves	Não consta	Resumo/ Poster
8	GT 7 – Planejamento e Gestão de Sistemas de Informação e Inteligência Competitiva	A Gestão do Conhecimento na Condução de Projetos Corporativos em Tecnologia da Informação – Um Estudo de Caso	(1) Roberto Luís Capuruço Gattoni, (2) Marta Araújo Tavares Ferreira	Não consta	Resumo/ Poster
9	GT 7 – Planejamento e Gestão de Sistemas de Informação e Inteligência Competitiva	Construção de um Sistema de Informações Estratégicas, Integrando Conhecimento, Inteligência e Estratégia	(1) Sávio Marcos Garbin	Não consta	Expandido
2003					
Ordem	GT	Título	Autores	Palavras-chave	Modalidade
1	GT 1 - Informação Tecnológica e para Negócio	O Conhecimento e seus Desafios para a Gestão	(1) Marta Pinheiro Aun	Não Consta	Trabalho Completo

2	GT 1 - Informação Tecnológica e para Negócio	Diagnosticando o estágio de gestão do conhecimento em empresas mineiras	(1) Maria Celeste Reis Lobo de Vasconcelos, (2) Marta Araújo Tavares Ferreira	Não Consta	Trabalho Completo
3	GT 1 - Informação Tecnológica e para Negócio	Gestão da informação e do conhecimento nas organizações: análise de casos relatados em organizações públicas e privadas	(1) Rivadávia Correa Drummond de Alvarenga Neto, (2) Jorge Tadeu de Ramos Neves	Gestão do Conhecimento, Gestão Estratégica do Conhecimento, Criação de Conhecimento, Ferramentas e Métricas de Informação e Conhecimento, Gestão Estratégica da Informação	Trabalho Completo
4	GT 1 - Informação Tecnológica e para Negócio	Gestão da informação no agribusiness paranaense: estudo exploratório do Programa Paraná Agroindustrial	(1) Edmeire Cristina Pereira	Gestão da Informação; Gestão do Conhecimento; Agronegócios; Gestão de Cadeias Produtivas; Programa Paraná Agroindustrial	Trabalho Completo
5	GT 1 - Informação Tecnológica e para Negócio	Gestão do Conhecimento e Aprendizagem Organizacional: uma abordagem integrativa das comunidades de prática	(1) Marta Araújo Tavares Ferreira, (2) Rivadavia Correa Drummond de Alvarenga Neto, (3) Rodrigo Baroni de Carvalho	comunidades de prática, gestão do conhecimento, aprendizado organizacional, groupware, portais corporativos	Trabalho Completo
6	GT 7 – Planejamento e Gestão de Sistemas de Informação e Inteligência Competitiva	Inteligência competitiva nas organizações privadas da região metropolitana de Londrina	(1) Marta Lígia Pomim Valentim, (2) Renata Gonçalves Curty, (3) João Vítor Vieira Gelinski, (4) Letícia Gorri Molina, (5) Juliana Cardoso dos Santos, (6) Guilherme Baracat Uemura, (7) Luana Maia Woida	Inteligência Competitiva; Gestão do Conhecimento; Gestão da Informação; Cultura Organizacional; Prospecção Informacional; Monitoramento Informacional; Profissional da Informação	Trabalho Completo
7	GT 7 – Planejamento e Gestão de Sistemas de Informação e Inteligência Competitiva	Tecnologia da informação aplicada à gestão do conhecimento: tipologia e usos de softwares	(1) Rodrigo Baroni de Carvalho, (2) Marta Araújo Tavares Ferreira	Não Consta	Trabalho Completo

8	GT 6 - Formação Profissional / Mercado de Trabalho	Novas perspectivas de atuação aos Profissionais da Informação	(1) Elisabete da Cruz Neves	Profissional da informação – habilidades e competências; Profissional da informação – formação e atuação profissional; Gestão do Conhecimento	Trabalho Completo
2005					
Ordem	GT	Título	Autores	Palavras-chave	Modalidade
1	GT 4: Gestão de Unidades de Informação	Gestão da informação e do conhecimento em organizações brasileiras: proposta de mapeamento conceitual integrativo	(1) Rivadávia Correa Drummond de Alvarenga Neto, (2) Ricardo Rodrigues Barbosa	gestão do conhecimento; gestão estratégica da informação; contexto capacitante; guarda chuva conceitual da gestão do conhecimento; gestão da informação e do conhecimento	Trabalho completo
2	GT 4: Gestão de Unidades de Informação	Repositórios institucionais e a gestão do conhecimento científico	(1) Fernando César Lima Leite, (2) Sely Maria de Souza Costa	Repositórios institucionais; gestão do conhecimento; comunicação científica; gestão do conhecimento científico	Trabalho completo
3	GT 4: Gestão de Unidades de Informação	Uso de fontes de informação para a inteligência competitiva: um estudo da influência do porte das empresas sobre o comportamento informacional	(1) Ricardo Rodrigues Barbosa	inteligência competitiva; fontes de informação; comportamento informacional; gestão da informação; gestão do conhecimento	Trabalho completo
2006					
Ordem	GT	Título	Autores	Palavras-chave	Modalidade

1	GT 4: Gestão de Unidades de Informação	Gestão do conhecimento no contexto organizacional brasileiro: deriva semântica ou mudança conceitual?	(1) Rivadávia Correa Drummond de Alvarenga Neto, (2) Ricardo Rodrigues Barbosa	gestão do conhecimento; contexto capacitante; metáfora do guarda-chuva conceitual da gestão do conhecimento; gestão da informação e do conhecimento; gestão estratégica do conhecimento	Trabalho Completo
2	GT 4: Gestão de Unidades de Informação	Gestão do conhecimento em bibliotecas universitárias: elementos e requisitos para um diagnóstico	(1) Gardênia de Castro, (2) Marília Damiani Costa	gestão do conhecimento; bibliotecas universitárias; diagnóstico de gestão do conhecimento	Trabalho Completo
3	GT 4: Gestão de Unidades de Informação	Mapeamento do conhecimento dos docentes do CCSA/UFPB em Biblioteconomia/Ciência da Informação: estratégia para fortalecer as competências do profissional da informação	(1) Emeide Nóbrega Duarte, (2) Alzira Karla Araújo da Silva, (3) Suzana Queiroga da Costa	Aprendizagem. Competências. Gestão do Conhecimento. Profissional da informação	Trabalho Completo
4	GT 4: Gestão de Unidades de Informação	Teoria e prática em gestão do conhecimento (GC): um olhar exploratório sobre as empresas de consultoria em GC atuantes no Brasil	(1) Daniel Alexandre Moreira, (2) Marta Araújo Tavares Ferreira	Gestão do conhecimento; conhecimento organizacional; consultoria	Trabalho Completo
5	GT 7 - Informação para Diagnóstico, Mapeamento e Avaliação	Utilização de técnicas infométricas na organização de bancos de conhecimento sobre recursos humanos e aplicações nos processos decisórios	(1) Jaime Robredo, (2) Roberto Silva Cantalhede	infometria; grupos de pesquisa; indicadores de C&T; gestão do conhecimento	Trabalho Completo
2007					
Ordem	GT	Título	Autores	Palavras-chave	Modalidade

1	GT 01 - Estudos Históricos e Epistemológicos da Informação	Ciência da informação e gestão do conhecimento: a convergência a partir da sociedade da informação	(1) Lillian Maria Rezende Alvares, (2) Fábio Ferreira Batista	Epistemologia da Informação. Evolução da Gestão do Conhecimento. Sociedade da Informação	Comunicação Oral/Trabalho completo
2	GT 01 - Estudos Históricos e Epistemológicos da Informação	Gestão do conhecimento: a realização da proposta de Brookes para a ciência da informação?	(1) Fábio Ferreira Batista, (2) Sely Maria de Souza Costa, (3) Lillian Maria Rezende Alvares	Epistemologia em Ciência da Informação. Gestão do Conhecimento. Filosofia da Mente. Karl Popper. Bertram Brookes	Comunicação Oral/Trabalho completo
3	GT 04 - Gestão da Informação e do Conhecimento nas Organizações	Criação e compartilhamento de informação e conhecimento em aglomerações produtivas	(1) Wilson J V Costa, (2) Marta Macedo Kerr Pinheiro	Criação e compartilhamento de informação. Aglomerações produtivas localizadas (APL). Espaços de interação (BA). Gestão da informação e do conhecimento	Comunicação Oral/Trabalho completo
4	GT 04 - Gestão da Informação e do Conhecimento nas Organizações	Impacto da dinâmica das terminologias na gestão da informação e do conhecimento	(1) Lívia Aparecida Ferreira Lenzi, (2) Maria de Fátima G. Moreira Tálamo	Gestão da Informação. Gestão do Conhecimento. Terminologia	Comunicação Oral/Trabalho completo
5	GT 04 - Gestão da Informação e do Conhecimento nas Organizações	Mapeamento de teses e dissertações sobre gestão do conhecimento em cursos de pós-graduação em ciência da informação no Brasil	(1) Marília Damiani Costa, (2) Gardenia de Castro	Gestão do conhecimento. Pesquisa. Ciência da informação. Mapeamento	Comunicação Oral/Trabalho completo

6	GT 04 - Gestão da Informação e do Conhecimento nas Organizações	O cluster da construção em Minas Gerais e as práticas de colaboração e de gestão do conhecimento: um estudo das empresas da região metropolitana de Belo Horizonte (MG)	(1) Antonio Braz de Oliveira e Silva, (2) Marta Araújo Tavares Ferreira	Compartilhamento da informação. Criação de conhecimento. Redes de empresas. Cluster. Indústria da Construção	Comunicação Oral/Trabalho completo
7	GT 04 - Gestão da Informação e do Conhecimento nas Organizações	O processo de referência de uma biblioteca universitária sob a perspectiva da gestão do conhecimento	(1) Gelci Rostirolla, (2) Marília Damiani Costa	Gestão do conhecimento. Bibliotecas universitárias. Processo de referência	Comunicação Oral/Trabalho completo
8	GT 04 - Gestão da Informação e do Conhecimento nas Organizações	Práticas de gestão do conhecimento no contexto: rumo à gestão de contextos capacitantes	(1) Rivadávia C. D. de Alvarenga Neto, (2) Ricardo Rodrigues Barbosa	Gestão do conhecimento. Contexto capacitante. Gestão da informação e do conhecimento. Gestão estratégica do conhecimento	Comunicação Oral/Trabalho completo
9	GT 04 - Gestão da Informação e do Conhecimento nas Organizações	Uso da inteligência competitiva em empresas brasileiras de produtos naturais	(1) Celia Regina Simonetti Barbalho, (2) Marta Ligia Pomim Valentim, (3) Wanda Aparecida Machado Hoffmann	Inteligência competitiva. Produtos Naturais. Gestão da Informação	Comunicação Oral/Trabalho completo
10	GT 07 - Produção e Comunicação da Informação em Ciência, Tecnologia & Inovação	Apropriação do conceito de gestão do conhecimento na ciência da informação: um estudo a partir da análise de citações	(1) Asa Fujino, (2) Ana Paula Pereira dos Prazeres, (3) Laucivaldo Cardoso de Oliveira	Estudo de citações. Análise de conteúdo. Gestão do conhecimento. Ciência da informação. Avaliação da produção científica	Comunicação Oral/Trabalho completo

2008					
Ordem	GT	Título	Autores	Palavras-chave	Modalidade
1	GT 4 – Gestão da Informação e do Conhecimento nas Organizações	Narrativas de histórias na aprendizagem organizacional	(1) Valério Brusamolin	Narrativas de histórias. Gestão do conhecimento. Narrativas de histórias organizacionais. Aprendizagem organizacional	Comunicação Oral/Trabalho completo
2010					
Ordem	GT	Título	Autores	Palavras-chave	Modalidade
1	GT 3 - Mediação, Circulação e Apropriação da Informação	O processo de construção colaborativa do conhecimento através do uso da plataforma moodle	(1) André Felipe, (2) Júlio Afonso Sá de Pinho Neto	Ciência da Informação. Ambientes Colaborativos de Aprendizagem. Moodle. Aprendizagem Colaborativa. Gestão da Informação. Gestão do Conhecimento	Pôster
2	GT 4 – Gestão da Informação e do Conhecimento nas Organizações	A segurança do conhecimento nas práticas da gestão da segurança da informação e da gestão do conhecimento	(1) Wagner Junqueira de Araújo, (2) Sueli Angelica do Amaral	gestão do conhecimento; segurança da informação; análise de risco; segurança do conhecimento; ativos de conhecimento; Serpro	Comunicação Oral/Trabalho completo
3	GT 4 – Gestão da Informação e do Conhecimento nas Organizações	Portais corporativos: tecnologias de informação e comunicação aplicadas à gestão da informação e do conhecimento em empresas de tecnologia de informação	(1) Marta Lígia Pomim Valentim, (2) Letícia Gorri Molina	Tecnologias de Informação e Comunicação. Gestão da Informação. Gestão de Conhecimento. Portais Corporativos.	Comunicação Oral/Trabalho completo

4	GT 4 – Gestão da Informação e do Conhecimento nas Organizações	Auditoria de inteligência: um método para o diagnóstico de sistemas de inteligência competitiva e organizacional	(1) Andréa Vasconcelos Carvalho, (2) Miguel Ángel Esteban Navarro	Auditoria de inteligência; Auditoria de informação; Sistemas de inteligência; Inteligência competitiva; Serviços de inteligência; Planejamento e avaliação de sistemas de informação	Comunicação Oral/Trabalho completo
5	GT 4 – Gestão da Informação e do Conhecimento nas Organizações	A gestão de documentos e do conhecimento: a atuação dos arquivos	(1) Denise Almeida Silva	arquivo, documento em meio digital, agentes públicos, gestão de documentos, gestão do conhecimento	Comunicação Oral/Trabalho completo
6	GT 4 – Gestão da Informação e do Conhecimento nas Organizações	Colaboração e compartilhamento da informação no ambiente organizacional	(1) Alessandra Maria Alves, (2) Ricardo Rodrigues Barbosa	Gestão do conhecimento; Compartilhamento da informação; Colaboração; Motivação e barreiras para o compartilhamento; Sistemas colaborativos; Redes sociais.	Comunicação Oral/Trabalho completo
7	GT 4 – Gestão da Informação e do Conhecimento nas Organizações	Gestão do conhecimento com o uso da tecnologia da informação: análise dos fatores obstativos em pequenas e médias indústrias da região metropolitana do Recife	(1) André Felipe de Albuquerque Fell, (2) Jairo Simião Dornelas	Não consta	Comunicação Oral/Trabalho completo
8	GT 4 – Gestão da Informação e do Conhecimento nas Organizações	Gestão de narrativas organizacionais	(1) Valério Brusamolin	Narrativas, gestão do conhecimento, aprendizagem organizacional, discurso organizacional	Pôster

9	GT 4 – Gestão da Informação e do Conhecimento nas Organizações	A prática da gestão do conhecimento no departamento de ciência da informação da Universidade Estadual Paulista (UNESP): uma proposta de sistematização do conhecimento científico	(1) Cristiane Luiza Salazar Garcia, (2) Marta Ligia Pomim Valentim	Não consta	Pôster
2011					
Ordem	GT	Título	Autores	Palavras-chave	Modalidade
1	GT 1: Estudos Históricos e Epistemológicos da Ciência da Informação	CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO: RELAÇÃO INTERDISCIPLINAR COM AS DISCIPLINAS INTELIGÊNCIA COMPETITIVA E GESTÃO DO CONHECIMENTO	(1) Simone Alves da Silva, (2) Simone Faury Dib, (3) Neusa Cardim da Silva	Ciência da Informação; Inteligência Competitiva; Gestão do Conhecimento; Interdisciplinaridade	Pôster
2	GT 1: Estudos Históricos e Epistemológicos da Ciência da Informação	Dimensões simbólicas e afetivas do uso da informação: uma análise das comunicações entre professores do departamento de psicologia de uma instituição de ensino superior pública brasileira	(1) Cláudio Paixão Anastácio de Paula	gestão do conhecimento, estudos de usuários, comportamento informacional, dimensões simbólico-afetivas, psicologia	Comunicação Oral/Trabalho Completo
3	GT 4: Gestão da Informação e do Conhecimento nas Organizações	Gestão do Conhecimento no Contexto da Gestão Escolar: estudo de caso de uma escola pública	(1) Márcio José Santos, (2) Cláudio Paixão Anastácio de Paula	gestão da informação, gestão do conhecimento, aprendizagem organizacional, gestão escolar	Comunicação Oral/Trabalho Completo

4	GT 4: Gestão da Informação e do Conhecimento nas Organizações	Gestão da informação e do conhecimento em biblioteca universitária: adequando instrumento de diagnóstico em ambiente atípico	(1) Adriana Nóbrega da Silva, (2) Emeide Nóbrega Duarte	Gestão do Conhecimento. Gestão da Informação. Biblioteca Universitária.	Pôster
5	GT 4: Gestão da Informação e do Conhecimento nas Organizações	Produção e Compartilhamento do Conhecimento Nuclear: um estudo de caso no IEN/CNEN	(1) Marcia Pires da Luz Bettencourt, (2) Regina de Barros Cianconi	Gestão do Conhecimento; Conhecimento Nuclear; Produção e Compartilhamento do Conhecimento	Comunicação Oral/Trabalho Completo
6	GT 4: Gestão da Informação e do Conhecimento nas Organizações	A adoção da informação na Gestão da aprendizagem organizacional no campo da Ciência da Informação	(1) Tereza Evâny de Lima Renôr Ferreira, (2) Emeide Nóbrega Duarte	Aprendizagem organizacional. Ciência da Informação. Gestão da informação e do conhecimento. Programa de Pós-graduação em Ciência da Informação	Comunicação Oral/Trabalho Completo
7	GT 4: Gestão da Informação e do Conhecimento nas Organizações	Colaboração e compartilhamento da informação no ambiente organizacional: um estudo exploratório	(1) Alessandra Alves, (2) Ricardo Rodrigues Barbosa	Gestão do conhecimento. Comportamento informacional. Colaboração. Compartilhamento da informação. Sistemas colaborativos. Redes sociais.	Comunicação Oral/Trabalho Completo
8	GT 4: Gestão da Informação e do Conhecimento nas Organizações	Análise do processo tático da gestão do conhecimento em micro e pequenas empresas do Rio Grande do Norte	(1) Josiana Florêncio Vieira Régis	Informação. Conhecimento. Gestão do conhecimento. Tecnologia da informação. Micro e Pequena Empresa (MPE).	Comunicação Oral/Trabalho Completo
9	GT 4: Gestão da Informação e do Conhecimento nas Organizações	O impacto das narrativas na cultura de aprendizagem organizacional	(1) Valério Brusamolin	Narrativas de histórias. Gestão do conhecimento. Aprendizagem organizacional. Discurso organizacional	Comunicação Oral/Trabalho Completo

2012					
Ordem	GT	Título	Autores	Palavras-chave	Modalidade
1	GT 4 - Gestão da Informação e do Conhecimento nas Organizações	O processo SECI de conversão do conhecimento como fator de análise de indicadores de inovação	(1) Elaine da Silva, (2) Marta Lígia Pomim Valentim	Gestão do Conhecimento; Geração de Inovação; Indicadores de Inovação.	Pôster
2	GT 4 - Gestão da Informação e do Conhecimento nas Organizações	Ambientes e fluxos de informação em contextos empresariais: o caso do setor cárnico de Salamanca/Espanha	(1) Marta Lígia Pomim Valentim	Ambientes Informacionais; Fluxos de Informação; Gestão da Informação; Gestão Documental; Gestão do Conhecimento; Contextos Empresariais	Comunicação Oral/Trabalho Completo
3	GT 4 - Gestão da Informação e do Conhecimento nas Organizações	Proposta de metodologia para a investigação do comportamento de busca informacional e do processo de tomada de decisão dos líderes nas organizações: introduzindo uma abordagem clínica da informação	(1) Claudio Paixão Anastácio de Paula	gestão do conhecimento, estudos de usuários, comportamento informacional, tomada de decisão, dimensões simbólico-afetivas, abordagem clínica da informação.	Comunicação Oral/Trabalho Completo
4	GT 4 - Gestão da Informação e do Conhecimento nas Organizações	Gestão do conhecimento: um olhar sob a perspectiva da Ciência da Informação	(1) Marcia Pires da Luz Bettencourt, (2) Regina de Barros Cianconi	Gestão do conhecimento; Conceito; Evolução; Contextualização histórica	Comunicação Oral/Trabalho Completo
5	GT 4 - Gestão da Informação e do Conhecimento nas Organizações	Cooperação, compartilhamento e colaboração: caso da Rede de Bibliotecas e Centros de Informação em Arte no Estado do Rio de Janeiro - REDARTE/RJ	(1) Caroline Brito de Oliveira, (2) Regina de Barros Cianconi	Informação em arte. Redes. Cultura informacional. Cooperação. Compartilhamento. Colaboração. Gestão da informação. Gestão do conhecimento.	Comunicação Oral/Trabalho Completo

6	GT 4 - Gestão da Informação e do Conhecimento nas Organizações	Ações integradas de gestão da informação e do conhecimento no setor contábil de uma universidade pública	(1) Suzana de Lucena Lira, (2) Emeide Nóbrega Duarte	Gestão da Informação e do Conhecimento. Ciência da informação. Capital Intelectual. Conhecimento Organizacional.	Comunicação Oral/Trabalho Completo
7	GT 4 - Gestão da Informação e do Conhecimento nas Organizações	Modelos de gestão do conhecimento em micro e pequenas empresas	(1) Denysson Axel Ribeiro Mota, (2) Maria das Graças Targino	Gestão do conhecimento; GC; Micro e pequenas empresas; Modelos de gestão do conhecimento; Modelos de GC	Comunicação Oral/Trabalho Completo
8	GT 4 - Gestão da Informação e do Conhecimento nas Organizações	Uma abordagem informacional do mundo: reflexões iniciais a partir de uma GIC ampla	(1) Íris Barbosa Goulart, (2) Max Cirino de Mattos	Ciência da Informação. Gestão da Informação. Gestão do Conhecimento. Cognição Social. Representações Sociais	Comunicação Oral/Trabalho Completo
2013					
Ordem	GT	Título	Autores	Palavras-chave	Modalidade
1	GT 4: Gestão da Informação e do Conhecimento nas Organizações	Análise de informações pessoais na web: métrica para identificar o grau de exposição da informação	(1) Narjara Bárbara Xavier da Silva, (2) Wagner Junqueira de Araújo, (3) Patrícia Morais de Azevedo	Gestão da informação e do conhecimento. Gestão da segurança da informação. Redes Sociais. Engenharia Social. Informação pessoal	Pôster

2	GT 4: Gestão da Informação e do Conhecimento nas Organizações	Gestão do conhecimento científico: proposta de um modelo para a área de ciência da informação da Universidade Estadual Paulista (UNESP)	(1) Cristiane Luiza Salazar Garcia, (2) Marta Lígia Pomim Valentim	Gestão do Conhecimento. Dinâmica do Conhecimento Científico. Modelos de Gestão do Conhecimento. Conhecimento Científico. Universidades.	Comunicação Oral/Trabalho Completo
3	GT 4: Gestão da Informação e do Conhecimento nas Organizações	A relação do capital humano e a memória organizacional	(1) Juarez Domingos Frasson Vidotto, (2) Silvia Maria Puentes Bentancourt, (3) Maico Oliveira Buss	Capital Humano. Memória Organizacional. Gestão do Conhecimento. Gestão de Pessoas	Comunicação Oral/Trabalho Completo
4	GT 4: Gestão da Informação e do Conhecimento nas Organizações	Memória organizacional e a constituição de bases de conhecimento	(1) Letícia Gorri Molina, (2) Marta Lígia Pomim Valentim	Memória. Memória Organizacional. Gestão do Conhecimento. Aglomerações Empresariais. Arranjos Produtivos Locais (APL)	Comunicação Oral/Trabalho Completo
5	GT 4: Gestão da Informação e do Conhecimento nas Organizações	A gestão da informação e do conhecimento como subsídios para a geração de inovação	(1) Elaine da Silva, (2) Marta Lígia Pomim Valentim	Geração de Inovação. Gestão de Inovação. Gestão da Informação. Gestão do Conhecimento. Sistemas de Inovação. Sistemas Nacionais de Inovação	Comunicação Oral/Trabalho Completo
6	GT 4: Gestão da Informação e do Conhecimento nas Organizações	Gestão do conhecimento na literatura acadêmica: um estudo sobre a produção científica na base Scopus	(1) Ricardo Rodrigues Barbosa	Não consta	Comunicação Oral/Trabalho Completo

7	GT 4: Gestão da Informação e do Conhecimento nas Organizações	A cognição distribuída como suporte teórico para estudos sobre o uso da informação e do conhecimento durante a tomada de decisão em ambientes complexos	(1) Janicy Aparecida Pereira Rocha	Estudos de usuários. Tomada de decisão. Cognição Distribuída. Gestão da Informação. Gestão do Conhecimento.	Pôster
8	GT 4: Gestão da Informação e do Conhecimento nas Organizações	Proposta de um instrumento para diagnóstico da gestão da informação e do conhecimento (gic) de forma integrada para bibliotecas universitárias	(1) Adriana Nóbrega da Silva	Gestão do conhecimento. Gestão da Informação. Biblioteca universitária. Instrumento de diagnóstico	Comunicação Oral/Trabalho Completo
9	GT 4: Gestão da Informação e do Conhecimento nas Organizações	Tecnologias da informação e comunicação no contexto das políticas de informação do projuvem urbano no estado da Paraíba: olhar específico para a gestão em rede e gestão do conhecimento	(1) Rosilene Agapito Silva Llerena, (2) Júlio Afonso de Sá Pinho, (3) Emeide Nóbrega Duarte	Políticas Públicas. Políticas Públicas Informacionais. Regime de Informação. Gestão do Conhecimento	Comunicação Oral/Trabalho Completo
10	GT 7: Produção e Comunicação da Informação em CT&I	Indicadores dos grupos de pesquisa em gestão da informação e do conhecimento: resultados preliminares	(1) Guilherme Alves Santana, (2) Fábio Mascarenhas e Silva	Indicadores Científicos. Grupos de Pesquisa. Gestão da Informação. Gestão do Conhecimento. Diretório de Grupos de Pesquisa	Pôster

2014					
Ordem	GT	Título	Autores	Palavras-chave	Modalidade
1	GT 4: Gestão da Informação e do Conhecimento nas Organizações	Maturidade em gestão do conhecimento: influência dos fatores-chave	(1) Carlos Henrique Cotta Natale, (2) Jorge Tadeu Ramos Neves, (3) Orlando Abreu Gomes	Pessoas. Processos. Tecnologias. Gestão do conhecimento. Maturidade em gestão do conhecimento	Comunicação Oral/Trabalho Completo
2	GT 4: Gestão da Informação e do Conhecimento nas Organizações	Fatores condicionantes para implantação da gestão do conhecimento	(1) Aline Machado Cruz, (2) Ernani Marques dos Santos	Gestão do conhecimento. Conhecimento organizacional. Instituições de ensino.	Comunicação Oral/Trabalho Completo
3	GT 4: Gestão da Informação e do Conhecimento nas Organizações	Modelo de apoio a decisão para empreendimentos do setor energético	(1) Renata Maria Abrantes Baracho, (2) Rogério Amaral Bonatti, (3) Max Cirino Mattos	Recuperação da Informação. Gestão do Conhecimento. Tomada de Decisão. Planejamento Estratégico. Energia Elétrica	Comunicação Oral/Trabalho Completo
4	GT 4: Gestão da Informação e do Conhecimento nas Organizações	Avaliação das capacidades de gestão informacional de uma instituição de ensino básico do setor privado do estado de Minas Gerais	(1) Alan Santos, (2) Luiz Cláudio Gomes Maia, (3) Fabrício Ziviani	Gestão da informação. Orientação informacional. Ensino básico. Marchand. Gestão do Conhecimento	Comunicação Oral/Trabalho Completo
5	GT 4: Gestão da Informação e do Conhecimento nas Organizações	Gestão do conhecimento no contexto do projuvem urbano: proposta teórico conceitual de aplicação	(1) Rosillene Agapito Agapito da Silva Llarena, (2) Emeide Nóbrega Nóbrega Duarte	Gestão do Conhecimento. Redes Sociais. Projovem Urbano	Pôster

6	GT 4: Gestão da Informação e do Conhecimento nas Organizações	Compartilhamento da informação e do conhecimento entre bibliotecários	(1) Liliane Braga Rolim Holanda Souza, (2) Alzira Karla Araújo da Silva	Compartilhamento da informação e do conhecimento. Biblioteca universitária. Bibliotecas da Universidade Estadual da Paraíba	Pôster
7	GT 4: Gestão da Informação e do Conhecimento nas Organizações	Integração das tecnologias ECM com os sistemas de suporte à decisão	(1) Marcelo dos Santos Moreira	Enterprise Content Management. Suporte à Decisão. Gestão do Conhecimento. Processo de Tomada de Decisão	Pôster
8	GT 4: Gestão da Informação e do Conhecimento nas Organizações	Equipamentos culturais e inovação: o que diz a 'lei da inovação' brasileira?	(1) Elaine da Silva, (2) Marta Lígia Pomim Valentim	Geração de inovação. Políticas públicas de inovação. Equipamentos culturais. Gestão da informação e do conhecimento.	Pôster
9	GT 4: Gestão da Informação e do Conhecimento nas Organizações	Análise do processo de gestão do conhecimento organizacional	(1) Narjara Bárbara Xavier Silva, (2) Júlio Afonso Sá Pinho Neto	Ciência da Informação; Gestão do Conhecimento Organizacional; Processo.	Pôster
10	GT 8: Informação e Tecnologia	Modelo para o descarte seguro da informação em suporte digital	(1) Silvio Lucas da Silva, (2) Wagner Junqueira Araújo	Gestão da Informação e do Conhecimento; Tecnologia da Informação e Comunicação; Gestão da Segurança da Informação; Documento Digital.	Pôster
11	GT 8: Informação e Tecnologia	Design science: filosofia da pesquisa em ciência da informação e tecnologia	(1) Marcello Peixoto Bax	Ciência da Informação. Ciência de Projeto. Metodologia de Pesquisa. Filosofia da Ciência. Epistemologia.	Comunicação Oral/Trabalho Completo

2015					
Ordem	GT	Título	Autores	Palavras-chave	Modalidade
1	GT 4: Gestão da Informação e do Conhecimento	A gestão do conhecimento e a análise de redes sociais: aplicação no sistema de bibliotecas da universidade federal de goiás	(1) Liliâne Juvência Azevedo Ferreira, (2) Lillian Maria Araújo de Rezende Alvares, (3) Dalton Lopes Martins	Gestão do Conhecimento. Conhecimento Organizacional. Redes Sociais. Instituições de Ensino. Bibliotecas Universitárias	Pôster
2	GT 4: Gestão da Informação e do Conhecimento	Práxis de gestão do conhecimento no ambiente das organizações no escopo da ciência da informação	(1) Emeide Nóbrega Duarte, (2) Roberto Vilmar Satur, (3) Suzana de Lucena Lira, (4) Narjara Barbara Xavier Silva, (4) Ediene Souza de Lima	Gestão do conhecimento. Práticas de gestão do conhecimento. Ciência da Informação.	Comunicação Oral/Trabalho Completo
3	GT 4: Gestão da Informação e do Conhecimento	Panorama do compartilhamento da informação e do conhecimento em bibliotecas universitárias brasileiras	(1) Liliâne Braga Rolim Holanda Souza, (2) Alzira Karla Araújo da Silva	Compartilhamento da informação. Compartilhamento do conhecimento. Biblioteca universitária. Gestão da informação. Gestão do conhecimento.	Pôster
4	GT 4: Gestão da Informação e do Conhecimento	Informação e conhecimento para o crescimento do profissional de mercados internacionais: um olhar no usuário	(1) Roberto Vilmar Satur	Informação. Conhecimento. Profissional do mercado internacional. Usuário da informação. Negociador internacional.	Pôster
5	GT 4: Gestão da Informação e do Conhecimento	Processo de construção do conhecimento organizacional	(1) Suzana Lucena Lira, (2) Waleska Silveira Lira	Informação e conhecimento. Gestão da informação e do conhecimento. Criação de sentido. Conhecimento organizacional	Pôster

6	GT 4: Gestão da Informação e do Conhecimento	Páginas web aliadas à gestão do conhecimento: entre programas de políticas públicas de juventude	(1) Rosilene Agapito Agapito da Silva Llarena, (2) Emeide Nóbrega Duarte, (3) Miguel Ángel Esteban Navarro	Políticas Públicas. Gestão do Conhecimento. Páginas web.	Comunicação Oral/Trabalho Completo
7	GT 4: Gestão da Informação e do Conhecimento	Indicadores de gestão da informação e do conhecimento na área contábil	(1) Suzana Lucena Lira	Gestão da informação. Gestão do conhecimento. Ciência da informação. Contabilidade.	Pôster
8	GT 4: Gestão da Informação e do Conhecimento	Caminhos metodológicos da produção científica em gestão do conhecimento nas comunicações do ENANCIB	(1) Tereza Evâny de Lima Renôr Ferreira, (2) Jacqueline Echeverría Barrancos, (3) Josélia Maria Oliveira da Silva	Gestão do Conhecimento; Produção Científica; Metodologia; Enancib	Comunicação Oral/Trabalho Completo
9	GT 4: Gestão da Informação e do Conhecimento	Análise do processo de gestão do conhecimento: um estudo aplicado na empresa cerâmica salemá	(1) Narjara Bárbara Xavier Silva, (2) Júlio Afonso Sá de Pinho Neto	Ciência da Informação. Gestão do Conhecimento Organizacional. Processo. Cerâmica Salema	Comunicação Oral/Trabalho Completo
10	GT 4: Gestão da Informação e do Conhecimento	Práticas informacionais de pesquisadores e criação do conhecimento científico sob a perspectiva da cognição distribuída	(1) Janicy Aparecida Pereira Rocha, (2) Cláudio Paixão Anastácio de Paula, (3) Adriana Bogliolo Sirihal Duarte	Conhecimento científico. Cognição Distribuída. Criação do conhecimento. Gestão do conhecimento. Práticas informacionais	Comunicação Oral/Trabalho Completo
11	GT 4: Gestão da Informação e do Conhecimento	Gestão do conhecimento nas organizações de ensino superior: proposta para construção de uma rede de compartilhamento das práticas docentes na Universidade Federal do Ceará	(1) Aurea Montenegro Albuquerque	Gestão do Conhecimento. Gestão da Informação. Práticas docentes. Redes de Compartilhamento. Biblioteconomia.	Pôster

12	GT 4: Gestão da Informação e do Conhecimento	Proteção do conhecimento sensível e suas interfaces com a ciência da informação	(1) Isabella Moreira dos Santos, (2) Cátia Rodrigues Barbosa	Ciência da Informação. Conhecimento Sensível. Proteção do Conhecimento. Inteligência de Estado. Agência Brasileira de Inteligência.	Pôster
13	GT 4: Gestão da Informação e do Conhecimento	Comunidades de prática e suas características: um estudo na rede de bibliotecas e centros de informação em arte no estado do rio de janeiro	(1) Elisete de Sousa Melo, (2) Mariza Costa Almeida	Comunidades de prática. Gestão do conhecimento. Informação em Artes. Redes de bibliotecas. Centros de informação	Comunicação Oral/Trabalho Completo
2016					
Ordem	GT	Título	Autores	Palavras-chave	Modalidade
1	GT 4: Gestão da Informação e do Conhecimento	Da gestão de ti à gestão de informação e tecnologia: uma abordagem teórica da evolução do conceito	(1) Cláudio Roberto Magalhães Pessoa, (2) Mônica Erichsen Nassif, (3) Armando Malheiro da Silva, (4) Marco Elísio Marques	Gestão de Informação; Gestão do conhecimento; Alinhamento Estratégico; Estratégia Empresarial	Comunicação oral/Trabalho completo
2	GT 4: Gestão da Informação e do Conhecimento	Atividades de gestão nos dispositivos de comunicação da web social das bibliotecas universitárias brasileiras	(1) Raquel Rosário Santos, (2) Emeide Nóbrega Duarte	Bibliotecas universitárias. Gestão da informação. Gestão do conhecimento. Mediação da informação. Web social – Bibliotecas universitárias.	Comunicação oral/Trabalho completo
3	GT 4: Gestão da Informação e do Conhecimento	O compartilhamento na perspectiva da gestão da informação e do conhecimento	(1) Noadya Tamillys de Oliveira Duarte, (2) Alzira Karla Araújo da Silva	Compartilhamento da informação. Compartilhamento do conhecimento. Gestão da informação e do conhecimento. Tecnologias de informação e comunicação.	Pôster

4	GT 4: Gestão da Informação e do Conhecimento	O compartilhamento do conhecimento no processo de orientação de discentes de pós-graduação stricto sensu	(1) Rosilene Moreira Coelho de Sá, (2) Cláudio Paixão Anastácio de Paula	Gestão do conhecimento. Compartilhamento do conhecimento. Relação orientador/orientando. Colaboração científica.	Comunicação oral/Trabalho completo
5	GT 4: Gestão da Informação e do Conhecimento	Gestão do conhecimento e metodologias participativas de governo: uma análise do orçamento participativo de João Pessoa/pb	(1) Márcia Maria de Medeiros Travassos Saeger, (2) Júlio Afonso Sá de Pinho Neto	Gestão do conhecimento. Políticas públicas. Orçamento Participativo. Ciência da informação	Pôster
6	GT 4: Gestão da Informação e do Conhecimento	Proposta e aplicação de uma sistemática baseada na gestão do conhecimento para a melhoria do processo de compras públicas	(1) Monica Yukie Kariyado, (2) Roniberto Morato do Amaral	Compras públicas, Gestão do Conhecimento	Comunicação oral/Trabalho completo
7	GT 4: Gestão da Informação e do Conhecimento	COMUNICAÇÃO ORGANIZACIONAL E GESTÃO DO CONHECIMENTO: proposta de modelo integrado	(1) Ariane Barbosa Lemos, (2) Ricardo Rodrigues Barbosa	Comunicação Organizacional. Gestão do Conhecimento. Espiral do Conhecimento	Comunicação oral/Trabalho completo
8	GT 4: Gestão da Informação e do Conhecimento	Gestão do conhecimento na produção científica da Ciência da Informação	(1) Suzana Lucena Lira, (2) Edcleyton Bruno Fernandes Silva	Gestão do conhecimento. Ciência da informação. Produção científica	Pôster
9	GT 4: Gestão da Informação e do Conhecimento	COMUNICAÇÃO ORGANIZACIONAL E GESTÃO DO CONHECIMENTO: um estudo de revisão sistemática	(1) Ariane Barbosa Lemos, (2) Ricardo Rodrigues Barbosa	Comunicação Organizacional. Gestão do Conhecimento. Revisão Sistemática	Comunicação oral/Trabalho completo
10	GT 4: Gestão da Informação e do Conhecimento	A informação no ecossistema das startups de Florianópolis/sc	(1) Priscila Machado Borges Sena, (2) Ursula Blattmann	Ciência da Informação. Informação. Startups. Inovação. Gestão da Informação	Pôster

11	GT 4: Gestão da Informação e do Conhecimento	Política integrada de gestão documental, da informação e do conhecimento para o SEBRAE/PB	(1) Ediene Souza de Lima, (2) Emeide Nóbrega Duarte	Gestão. Documento. Informação. Conhecimento. Política	Pôster
12	GT 4: Gestão da Informação e do Conhecimento	COMUNIDADE DE PRÁTICA COMO SUBSÍDIO DA GESTÃO DO CONHECIMENTO NA ÁREA CONTÁBIL	(1) Suzana Lucena Lira, (2) Emeide Nóbrega Duarte	Comunidade de prática. Gestão da informação. Gestão do conhecimento. Ciência da informação.	Pôster
13	GT 4: Gestão da Informação e do Conhecimento	Produções científicas sobre gestão do conhecimento: uma análise bidirecional de autores versus referências literárias	(1) Fabio Corrêa, Fabrício Ziviani, (2) Renata de Souza França	Gestão do Conhecimento. Produções Científicas. Referências Literárias.	Comunicação oral/Trabalho completo
14	GT 4: Gestão da Informação e do Conhecimento	Competência em informação e gestão da informação e do conhecimento: um estudo com gestores da biblioteca central da universidade federal da paraíba	(1) Clebson Leandro Beserra dos Anjos, (2) Simone Bastos Paiva	Sociedade da Informação. Gestão da informação. Gestão do conhecimento. Competência em informação. Biblioteca	Pôster
15	GT 4: Gestão da Informação e do Conhecimento	A COMUNICAÇÃO ORGANIZACIONAL NA CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO: UMA REFLEXÃO A PARTIR DA BASE DE DADOS ABCDM	(1) Allana Albuquerque, (2) Ivette Kafure	Ciência da Informação. Comunicação Organizacional.	Comunicação oral/Trabalho completo
16	GT 4: Gestão da Informação e do Conhecimento	GESTÃO DO CONHECIMENTO NA REDE DO PROJOVEM URBANO: MODELO BASEADO NAS POLÍTICAS PÚBLICAS	(1) Rosilene Agapito Agapito da Silva Llarena, (2) Emeide Nóbrega Nóbrega Duarte	Gestão do Conhecimento. Políticas Públicas. Teoria Ator-Rede. Modelo de Gestão do Conhecimento. Projovem Urbano	Comunicação oral/Trabalho completo

17	GT 4: Gestão da Informação e do Conhecimento	Efetividade do gerenciamento de projetos utilizando ferramentas da web 2.0 e gestão do conhecimento	(1) Sebastião Lopes Martins Junior, (2) Henrique Cordeiro Martins, (3) Fabricio Ziviani, (4) Luiz Cláudio Gomes Maia	Gestão de projetos. Gestão do conhecimento. Web 2.0.	Comunicação oral/Trabalho completo
18	GT 4: Gestão da Informação e do Conhecimento	Gestão do conhecimento e aprendizagem de trabalhadores em um cenário de reestruturação produtiva	(1) Clarice Francisco de Sousa, (2) Elisabete Gonçalves de Souza	Gestão do conhecimento. Aprendizagem organizacional. Reestruturação produtiva	Pôster
19	GT 4: Gestão da Informação e do Conhecimento	Análise de projeção e viabilidade técnica de novos empreendimentos para geração de energia elétrica	(1) Renata Maria Abrantes Baracho, (2) Rogério Amaral Bonatti, (3) Francisco Ricardo Abrantes Couy Baracho, (4) Christiano Pereira Pessanha, (5) Marina Mourão Starling Rezende, (6) Cláudio Homero Ferreira Silva	Gestão da Informação, Representação do Conhecimento, Recuperação da Informação, Arquitetura da Informação, Energia Elétrica, Viabilidade Econômica	Comunicação oral/Trabalho completo
20	GT 4: Gestão da Informação e do Conhecimento	A gestão da informação e do conhecimento, o trabalho colaborativo e o uso da tecnologia bim por arquitetos e engenheiros	(1) Mário Lucio Pereira Junior, (2) Renata Maria Abrantes Baracho, (3) Marcelo Franco Porto	Modelagem de Informação da Construção. BIM. Gestão da Informação. Representação do Conhecimento. Colaboração. Arquitetura da Informação	Comunicação oral/Trabalho completo
21	GT 4: Gestão da Informação e do Conhecimento	Ciência da informação e inteligência de estado: relações entre a gestão da informação e do conhecimento e a proteção do conhecimento sensível	(1) Isabella Moreira Santos, (2) Cátia Rodrigues Barbosa	Ciência da Informação. Gestão da Informação e do Conhecimento. Inteligência de Estado. Proteção do Conhecimento Sensível. Agência Brasileira de Inteligência	Comunicação oral/Trabalho completo

22	GT 10 – Informação e Memória	Conhecimento e memória na casa de oswaldo cruz/fiocruz: elementos para construção de iniciativas de memória organizacional	(1) Erica de Castro Loureiro, (2) Ricardo Medeiros Pimenta	Gestão do Conhecimento. Memória Organizacional. Aprendizagem Organizacional. História Oral. Narrativas	Comunicação oral/Trabalho completo
2017					
Ordem	GT	Título	Autores	Palavras-chave	Modalidade
1	GT- 4 – Gestão da Informação e do Conhecimento	Diretrizes para uma política integrada de gestão documental, da informação e do conhecimento no SEBRAE Paraíba	(1) Ediene Souza de Lima, (2) Emeide Nóbrega Duarte	Gestão de Documentos; Gestão da Informação; Gestão do Conhecimento; Política de Gestão; Sebrae/PB	Comunicação oral/Trabalho completo
2	GT- 4 – Gestão da Informação e do Conhecimento	Estudo terminológico do termo gestão do conhecimento	(1) Rosilene Agapito da Silva Llerena, (2) Emeide Nóbrega Duarte, (3) Suzana Lucena Lira, (4) Alzira Karla Araújo da Silva	Gestão do Conhecimento; Terminologia; Ciência da Informação.	Comunicação oral/Trabalho completo
3	GT- 4 – Gestão da Informação e do Conhecimento	Gestão do conhecimento na administração pública brasileira: um panorama de sua evolução	(1) Mauro Araújo Câmara, (2) Marta Araujo Tavares Ferreira	Gestão do Conhecimento; Administração Pública; Setor público; Práticas de Gestão do Conhecimento; Modelo de Gestão do Conhecimento.	Comunicação oral/Trabalho completo
4	GT- 4 – Gestão da Informação e do Conhecimento	Equalização de tipos de conhecimento em modelos de gestão do conhecimento	(1) Fábio Corrêa, (2) Fabrício Ziviani, (3) Jurema Suely de Araújo Nery Ribeiro, (4) Renata de Souza França, (5) Elaine Drumond Pires e Silva	Gestão do conhecimento; Modelos; Tácito; Explícito; Implícito.	Comunicação oral/Trabalho completo
5	GT- 4 – Gestão da Informação e do Conhecimento	Gestão do conhecimento em uma rede de bibliotecas técnico- acadêmicas	(1) Carlos Henrique da Silva Sousa, (2) Maria Cleide Rodrigues Bernardino	Gestão do Conhecimento; Rede de Bibliotecas; Sistema de Bibliotecas; Instituto Federal do Ceará	Comunicação oral/Trabalho completo

6	GT- 4 – Gestão da Informação e do Conhecimento	Gestão do conhecimento: proximidades entre gerações e busca de consenso	(1) Renata Souza França, (2) Fabrício Ziviani, (3) Fábio Corrêa, (4) Jurema Suely de Araújo Nery Ribeiro, (5) Elaine Drumond Pires Silva	Conhecimento; Gestão do Conhecimento; Gerações da Gestão do Conhecimento.	Comunicação oral/Trabalho completo
7	GT- 4 – Gestão da Informação e do Conhecimento	A abordagem clínica da informação e o paradigma indiciário: contribuições metodológicas de um diálogo para a pesquisa em gestão da informação e do conhecimento	(1) Claudio Paixão Anastácio de Paula	Abordagem Clínica da Informação; Paradigma Indiciário; Gestão da Informação e do Conhecimento; Práticas Informacionais; Imaginário	Comunicação oral/Trabalho completo
8	GT- 4 – Gestão da Informação e do Conhecimento	Fatores críticos de sucesso de gestão do conhecimento aplicáveis ao <i>big data</i>	(1) Antonio Braquehais, (2) Eduardo Amadeu Dutra Moresi, (3) Julieta Kaoru Watanabe Wilbert	Fatores críticos de sucesso; Gestão do Conhecimento; Big Data	Comunicação oral/Trabalho completo
9	GT- 4 – Gestão da Informação e do Conhecimento	Competência em informação e a gestão do conhecimento: proposta de governança corporativa em um arranjo produtivo local	(1) Tatiene Martins Coelho, (2) Marta Lígia Pomim Valentim	Competência em Informação; Gestão do Conhecimento; Governança Corporativa; Arranjo Produtivo Local	Comunicação oral/Trabalho completo
10	GT- 4 – Gestão da Informação e do Conhecimento	Compartilhamento do conhecimento na cadeia de suprimentos reversa	(1) Jurema Suely de Araújo Nery Ribeiro, (2) Fábio Corrêa, (3) Renata Souza França, (4) Fabrício Ziviani, (5) Jorge Tadeu de Ramos Neves	Cadeia de Suprimentos Reversa; Compartilhamento do Conhecimento; Logística Reversa; Remanufatura; Vantagem Competitiva Sustentável.	Comunicação oral/Trabalho completo
11	GT- 4 – Gestão da Informação e do Conhecimento	A contribuição da gestão do conhecimento para o processo de inteligência competitiva organizacional	(1) Thiciane Mary Carvalho Teixeira, (2) Marta Lígia Pomim Valentim	Gestão do Conhecimento; Conhecimento Organizacional; Inteligência Competitiva Organizacional.	Comunicação oral/Trabalho completo
12	GT- 4 – Gestão da Informação e do Conhecimento	Gestão do conhecimento: repertório brasileiro de ciência da informação	(1) Ieda Pelógia Martins Damian, (2) Marcia Regina Silva	Gestão do Conhecimento; Altmetria; Internet; Ciência da Informação; Redes Sociais.	Comunicação oral/Trabalho completo

13	GT- 4 – Gestão da Informação e do Conhecimento	Fluxos de informação na gestão do conhecimento: por uma cultura de compartilhamento	(1) Elder Lopes Barboza, (2) Bárbara Fadel	Fluxo de informação; Gestão da Informação; Gestão do conhecimento; Cultura organizacional; Compartilhamento.	Comunicação oral/Trabalho completo
14	GT- 4 – Gestão da Informação e do Conhecimento	Gestão do conhecimento: existe apenas uma?	(1) Mauro Araújo Câmara, (2) Marta Araújo Tavares Ferreira	Gestão do Conhecimento; Conhecimento Reificado; Conhecimento Tácito; Expertise; Gestão Integrada do Conhecimento	Comunicação oral/Trabalho completo
15	GT- 4 – Gestão da Informação e do Conhecimento	Produção científica da relação entre gestão do conhecimento e memória organizacional: análise no portal de periódicos da capes	(1) Rayan Aramís de Brito Feitoza, (2) Emeide Nóbrega Duarte	Gestão do Conhecimento; Memória Organizacional; Produção Científica; Portal de Periódicos da CAPES	Pôster
16	GT- 4 – Gestão da Informação e do Conhecimento	Lições aprendidas: elo entre gestão do conhecimento e gestão de projetos	(1) Diógenes Bráz Rocha, (2) Elisângela Cristina Aganette	Gestão do Conhecimento; Lições Aprendidas; Aprendizagem Organizacional; Inteligência Organizacional e Competitiva; Gestão de Projetos.	Pôster
2018					
Ordem	GT	Título	Autores	Palavras-chave	Modalidade
1	GT-8 – Informação e Tecnologia - Comunicação Oral	Gestão do conhecimento em repositórios digitais: perfil das instituições brasileiras	(1) Luciana Gonçalves Silva Souza, (2) Elisângela Aganette	Gestão do conhecimento; Repositórios institucionais; Comunicação científica; Acesso à informação	Comunicação oral/Trabalho completo

2	GT- 4 – Gestão da Informação e do Conhecimento	A gestão do conhecimento aplicada à formação universitária	(1) Arielle Lopes de Almeida, (2) Ieda Pelógia Martins Damian, (3) Marta Lígia Pomim Valentim	Construção de Conhecimento; Gestão do Conhecimento; Educação Universitária; Formação Universitária	Comunicação oral/Trabalho completo
3	GT- 4 – Gestão da Informação e do Conhecimento	A gestão do conhecimento holística: análise de aderência do modelo da petrobrás	(1) Fábio Corrêa, (2) Leandro Cearenço Lima, (3) Jurema Suely de Araujo Nery Ribeiro, (4) Renata de Souza França, (5) Fabrício Ziviani	Gestão do Conhecimento; Paradigma holístico; Gestão do Conhecimento holística; Petrobrás; Análise de Conteúdo	Comunicação oral/Trabalho completo
4	GT- 4 – Gestão da Informação e do Conhecimento	Affordances e compartilhamento de conhecimento: uma revisão de literatura	(1) Larriza Thurler, (2) Marcos do Couto Bezerra Cavalcanti	Affordances; Sites de Redes Sociais; Compartilhamento de Conhecimento; Gestão do Conhecimento; Revisão Sistemática de Literatura.	Comunicação oral/Trabalho completo
5	GT- 4 – Gestão da Informação e do Conhecimento	Análise da gestão da inovação e do conhecimento em um banco brasileiro	(1) Bráulio Mágnun Monteiro dos Santos, (2) Eric de Paula Ferreira, (3) Elaine Drumond Pires, (4) Armando Sérgio de Aguiar Filho	Inovação; Gestão da Inovação; Gestão do Conhecimento; Setor Bancário	Comunicação oral/Trabalho completo
6	GT- 4 – Gestão da Informação e do Conhecimento	As diversidades e a gestão do conhecimento: uma questão inclusiva?	(1) Ilka Maria Soares Campos, (2) Júlio Afonso Sá de Pinho Neto	Diversidade; Gestão do Conhecimento; KM-BRASIL; ENANCIB.	Comunicação oral/Trabalho completo
7	GT- 4 – Gestão da Informação e do Conhecimento	Concepções e práticas de gestão do conhecimento aplicadas a educação a distância	(1) Dalila Gimenes da Cruz, (2) Leticia Gorri Molina	Gestão do Conhecimento; Educação a Distância; Tecnologias de Informação e Comunicação	Comunicação oral/Trabalho completo

8	GT- 4 – Gestão da Informação e do Conhecimento	Gestão do conhecimento & mapeamento de processos: o projeto bpm acadêmico	(1) Benildes Coura Maculan, (2) Elisângela Cristina Aganette, (3) Renato Varella Bueno	Gestão do conhecimento; Aprendizado em projetos; Mapeamento de processos; Redesenho de processos; BPM Acadêmico.	Comunicação oral/Trabalho completo
9	GT- 4 – Gestão da Informação e do Conhecimento	Gestão do conhecimento e empoderamento: construção de uma política de atuação local da biblioteca pública cearense	(1) Maria Cleide Rodrigues Bernardino	Biblioteca Pública; Empoderamento; Território Local de Atuação - Biblioteca Pública.	Comunicação oral/Trabalho completo
10	GT- 4 – Gestão da Informação e do Conhecimento	Gestão do conhecimento: práticas e ferramentas aplicadas na pró-reitoria de gestão de pessoas da ufrn.	(1) Daniel de Araújo Martins, (2) Daniel dos Santos Franco de Assis	Gestão do conhecimento; Ferramentas e práticas; Universidade.	Comunicação oral/Trabalho completo
11	GT- 4 – Gestão da Informação e do Conhecimento	Plataformas de dados abertos e gestão do conhecimento: as novas possibilidades de pesquisa acadêmica	(1) Valéria Macedo, (2) Marcos do Couto Bezerra Cavalcanti	Gestão do Conhecimento; Dados Abertos; Atlas da Complexidade Econômica; Ciência das Redes; Capacidade Produtiva	Comunicação oral/Trabalho completo
12	GT- 4 – Gestão da Informação e do Conhecimento	A construção do conhecimento por meio da aprendizagem colaborativa	(1) Marco Antonio Almeida Llarena, (2) Rosilene Agapito da Silva Llarena	Conhecimento; Aprendizagem; Aprendizagem colaborativa.	Pôster
13	GT - 4 - Gestão da Informação e do Conhecimento	Adoção, adaptação e criação de modelos de gestão do conhecimento: panorama das pesquisas na ciência da informação	(1) Márcia Maria de Medeiros Travassos Saeger, (2) Júlio Afonso Sá de Pinho Neto	Gestão do Conhecimento; Modelos; Ciência da Informação.	Pôster

14	GT - 4 - Gestão da Informação e do Conhecimento	Análise curricular da gestão do conhecimento em programas de pósgraduação em ciência da informação	(1) Beatriz Rosa Pinheiro dos Santos, (2) Ieda Pelógia Martins Damian	Gestão do conhecimento; Análise curricular; Currículo em Gestão do conhecimento; Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação; Pesquisa documental.	Pôster
15	GT - 4 - Gestão da Informação e do Conhecimento	As mídias sociais como ferramenta do processo de inteligência competitiva e gestão do conhecimento	(1) Everaldo Henrique dos Santos Barbosa, (2) Selma Letícia Capinzaiki Ottonicar, (3) Vânia Cristina Pastri Gutierrez, (4) Cássia Regina Bassan de Moraes	Gestão do Conhecimento; Inteligência Competitiva; Mídias Sociais; Organizações	Pôster
16	GT - 4 - Gestão da Informação e do Conhecimento	Contribuições da ciência da informação para a afirmação da ciência policial: evidências na gestão do conhecimento	(1) Paula Dora Aostri Morales, (2) Ana Clara Cândido	Ciência Policial; Interdisciplinaridade; Ciência da Informação; Gestão do Conhecimento; Polícia Federal	Pôster
17	GT - 4 - Gestão da Informação e do Conhecimento	GESTÃO DO CONHECIMENTO E PRÁTICAS ARQUIVÍSTICAS: construtos teóricos para formação e preservação da memória organizacional	(1) Rayan Aramís de Brito Feitoza, (2) Emeide Nóbrega Duarte, (3) Adelaide Helena Targino Casimiro	Gestão do Conhecimento; Práticas Arquivísticas; Memória Organizacional.	Pôster
18	GT - 4 - Gestão da Informação e do Conhecimento	GESTÃO DO CONHECIMENTO EM BIBLIOTECAS UNIVERSITÁRIAS: reflexões por intermédio da literatura da área	(1) Letícia Lima de Sousa, (2) Thiago Henrique Bragato Barros	Gestão do conhecimento; Gestão do conhecimento – Bibliotecas universitárias; Gestão do conhecimento – Fundamentos teóricos.	Pôster
19	GT - 4 - Gestão da Informação e do Conhecimento	GESTÃO DO CONHECIMENTO NO CONTEXTO DOS PROGRAMAS DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO DO BRASIL: origem, evolução e perspectivas	(1) Rosilene Agapito da Silva Llarena, (2) Emeide Nóbrega Duarte Nóbrega	Gestão do Conhecimento; Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação; Ciência da Informação	Pôster

20	GT - 4 - Gestão da Informação e do Conhecimento	Panorama da gestão do conhecimento em teses dos programas de pósgraduação em ciência da informação do brasi	(1) Edcleyton Bruno Fernandes da Silva, (2) Suzana de Lucena Lira, (3) Emeide Nóbrega Duarte, (4) Rosilene Agapito da Silva Llarena	Gestão do conhecimento; Ciência da informação; Pós- graduação	Pôster
21	GT - 4 - Gestão da Informação e do Conhecimento	PANORAMA DAS TESES E DISSERTAÇÕES SOBRE OS NEGÓCIOS SOCIAIS E INOVAÇÃO: possibilidades para a Gestão da Informação e do Conhecimento	(1) Jéssica Bedin, (2) William Barbosa Vianna	Negócios Sociais; Inovação; Gestão da Informação; Gestão do Conhecimento	Pôster
2019					
Ordem	GT	Título	Autores	Palavras-chave	Modalidade
1	GT 4 - Gestão da Informação e do Conhecimento	A gestão do conhecimento na cadeia de valor da inovação em startups: um modelo conceitual integrativo	(1) Eric de Paula Ferreira, (2) Paulo Augusto Isnard, (3) Renata de Souza França, (4) Fábio Corrêa, (5) Armando Sérgio de Aguiar Filho	Gestão do Conhecimento; Espiral do Conhecimento; Inovação; Gestão da Inovação; Cadeia de Valor da Inovação	Comunicação Oral/Trabalho Completo
2	GT 4 - Gestão da Informação e do Conhecimento	Auditoria da gestão do conhecimento em hospitais universitários	(1) Francisca Zilmar de Oliveira Fernandes, (2) Daniel de Araújo Martins	Auditoria do Conhecimento e de Gestão do Conhecimento; Modelos de Gestão do Conhecimento; Modelo de Terra	Comunicação Oral/Trabalho Completo
3	GT 4 - Gestão da Informação e do Conhecimento	Gestão da informação e do conhecimento na cadeia de suprimentos 4.0	(1) Jurema Suely de Araújo Nery Ribeiro, (2) Renata de Souza França, (3) Fábio Corrêa, (4) Eric de Paula Ferreira, (5) Maria Zuleila Carmona (6) Regino Campos	Cadeia de suprimentos 4.0; Gestão do conhecimento; Indústria 4.0; Sistemas de informação; Tecnologias de informação	Comunicação Oral/Trabalho Completo
4	GT 4 - Gestão da Informação e do Conhecimento	Mapeamento dos conhecimentos críticos e da produção científica do gt4 da ancib: um olhar prospectivo	(1) Danielly Oliveira Inomata, (2) Celia Regina Simonetti Barbalho, (3) Cleiton da Mota Souza, (4) Raquel Santos Maciel	Mapeamento de conhecimentos; Conhecimentos críticos; Produção científica; GT-4 da ANCIB	Comunicação Oral/Trabalho Completo

5	GT 4 - Gestão da Informação e do Conhecimento	Gerenciar ou organizar? Os cenários da organização do conhecimento	(1) Rayan Aramis de Brito Feitoza, (2) Emeide Nóbrega Duarte	Organização do conhecimento; Gestão do Conhecimento; Ciência da Informação	Comunicação Oral/Trabalho Completo
6	GT 4 - Gestão da Informação e do Conhecimento	Materialidades dos meios e fluxos informacionais: a proposta de um framework para um “ba” digital	(1) Larriza Thurler, (2) Marcos do Couto Bezerra Cavalcanti	Teoria das materialidades. Affordances. Ciência da Informação. Gestão do conhecimento. Sites de redes sociais.	Comunicação Oral/Trabalho Completo
7	GT 4 - Gestão da Informação e do Conhecimento	Comunidade de prática como estratégia de gestão do conhecimento na contabilidade pública de universidades federais do Brasil	(1) Suzana de Lucena Lira, (2) Emeide Nóbrega Duarte	Gestão do conhecimento; Ciência da informação; Comunidade de prática; Contabilidade pública; Compartilhamento de conhecimentos.	Comunicação Oral/Trabalho Completo
8	GT 4 - Gestão da Informação e do Conhecimento	Ontologias na gestão do conhecimento: do representar ao compartilhar	(1) Ilka Maria Soares Campos, (2) Maria Elizabeth Baltar Carneiro Albuquerque, (3) Júlio Afonso Sá de Pinho Neto	Representação do conhecimento; Gestão do conhecimento; Ontologia; Conhecimento	Comunicação Oral/Trabalho Completo
9	GT 4 - Gestão da Informação e do Conhecimento	Análise dos ativos intangíveis de um laboratório público farmacêutico	(1) Elaine Dias, (2) Valéria Macedo, (3) Marcos do Couto Bezerra Cavalcanti	Ativos intangíveis; Gestão do conhecimento; laboratório público	Comunicação Oral/Trabalho Completo
10	GT 4 - Gestão da Informação e do Conhecimento	Gestão do conhecimento em empresas que adotam o teletrabalho na Colômbia	(1) Marta Araújo Tavares Ferreira, (2) Beatriz Elena Hernandez Arias	Teletrabalho; Gestão do Conhecimento; Práticas de Gestão do Conhecimento	Comunicação Oral/Trabalho Completo
11	GT 4 - Gestão da Informação e do Conhecimento	Mapeamento da literatura internacional sobre o mercado do conhecimento nas organizações	(1) Cassia Regina Bassan de Moraes, (2) Leonardo Pereira Pinheiro de Souza	Mercado do Conhecimento. Gestão do Conhecimento. Fluxo do Conhecimento.	Comunicação Oral/Trabalho Completo
12	GT 4 - Gestão da Informação e do Conhecimento	Gestão da informação e do conhecimento na administração pública: uma proposta de diretrizes para o orçamento participativo de João Pessoa/PB	(1) Márcia Maria de Medeiros Travassos Saeger, (2) Júlio Afonso Sá de Pinho Neto	Gestão da Informação e do Conhecimento; Participação popular; Orçamento Participativo; Ciência da Informação	Comunicação Oral/Trabalho Completo

13	GT 4 - Gestão da Informação e do Conhecimento	Integração entre gestão do conhecimento e business process management: perspectivas de profissionais em bpm	(1) Leonora da Cunha Duarte, (2) Frederico Cesar Cesar Mafra Pereira, (3) Ricardo Rodrigues Barbosa, (4) Maria Celeste Reis Lobo de Vasconcelos	Gestão do Conhecimento; Gerenciamento de Processos de Negócio; Modelo SECI; Ciclo de Vida BPM CBOK	Comunicação Oral/Trabalho Completo
14	GT 4 - Gestão da Informação e do Conhecimento	Gestão do conhecimento na iniciação científica: pedagogia da autonomia, imaginação criadora e formação do espírito científico	(1) Claudio Paixão Anastácio de Paula, (2) Eliane Pawlowski Oliveira Araújo	Gestão do conhecimento e aprendizagem; Imaginação criadora; Autonomia; Afeto, Iniciação Científica	Comunicação Oral/Trabalho Completo
15	GT 4 - Gestão da Informação e do Conhecimento	O grupo de trabalho 4 do enancib: uma análise bibliométrica	(1) Rodrigo Franklin Frogeri, (2) Aline de Paula Martins, (3) Thaís Campos Maria, (4) Rubia Magalhães Fraga	Enancib; Gestão do conhecimento; Gestão da Informação; Bibliometria; Leis bibliométricas.	Resumo Expandido
16	GT 4 - Gestão da Informação e do Conhecimento	Gestão do conhecimento e a atuação do arquivista na gestão de documentos: relações possíveis?	(1) Pedro Felipy Cunha da Silva, (2) Maria das Graças Targino	Gestão do Conhecimento; Gestão de Documentos; Gestão de Documentos Arquivísticos; Gestão Arquivística; Arquivista.	Resumo Expandido
17	GT 4 - Gestão da Informação e do Conhecimento	Análise das relações entre ontologias de gestão da qualidade	(1) Diego de Souza Andrade, (2) Carlos Alberto de Souza, (3) Rafael Augusto de Oliveira Sanches, (4) Mayra Evangelista Neves, (5) Alexandre da Silva Andrade, (6) Ronaldo Darwich Camilo	Ontologias; Gestão da qualidade; Sistemas baseados em conhecimento; Sistemas de classificação; Taxonomias	Comunicação Oral/Trabalho Completo
18	GT 4 - Gestão da Informação e do Conhecimento	Tecnologias na gestão do conhecimento: percepção de profissionais do setor energético	(1) Gerado Luis Rodrigues, (2) Ricardo Carvalho de Paiva, (3) Luiz Claudio Gomes Maia, (4) Fabio Corrêa, (5) Maria Zuleila Carmona Regino Campos	tecnologia; gestão do conhecimento; pessoas; percepção; setor de energia	Comunicação Oral/Trabalho Completo
19	GT 4 - Gestão da Informação e do Conhecimento	Ambientes digitais como canais de compartilhamento de informação e conhecimento no processo de aprendizagem organizacional	(1) Ítalo Diego Teotônio, (2) Armando Sérgio de Aguiar Filho	Gestão da Informação; Gestão do Conhecimento; Compartilhamento de Informação e Conhecimento; Aprendizagem Organizacional; Ambientes Digitais	Resumo Expandido

20	GT 4 - Gestão da Informação e do Conhecimento	Gestão da informação e do conhecimento: uma revisão sobre a trajetória do gt 4 no enancib	(1) Daniela Assis Alves Ferreira, (2) Rúbia Magalhães Fraga Zocal, (3) Elaine Drumond Pires e Silva, (4) Aline de Paula Martins	Gestão da informação. Gestão do conhecimento. Ciência da informação	Comunicação Oral/Trabalho Completo
21	GT 4 - Gestão da Informação e do Conhecimento	Gestão da informação e do conhecimento: uma análise a partir das cinco leis bibliométricas	(1) Bruno de Souza Toledo, (2) Marcos Vinícius de Souza Toledo, (3) Karina Dutra de Carvalho Lemos	Ciência da Informação; Gestão do Conhecimento; Gestão da Informação; Estudos Bibliométricos	Comunicação Oral/Trabalho Completo
22	GT 4 - Gestão da Informação e do Conhecimento	Análise do processo de gestão da informação e do conhecimento em uma biblioteca virtual no second life	(1) Raissa Carneiro Brito, (2) Júlio Afonso Sá Pinho Neto	Biblioteca virtual; Gestão da Informação e do Conhecimento; Realidade Virtual	Resumo Expandido
23	GT 4 - Gestão da Informação e do Conhecimento	Um sistema de registro de lições aprendidas em projetos de softwares desenvolvidos através de metodologias ágeis	(1) Mauricio Augusto Cabral Ramos Júnior, (2) Carlos Henrique Marcondes de Almeida, (3) Sérgio de Castro Martins	Gestão do conhecimento. Documento. MPEG-7. Software. Metodologia ágil.	Resumo Expandido
24	GT 4 - Gestão da Informação e do Conhecimento	Indicadores da gestão do conhecimento em programas de pós-graduação brasileiros em ciência da informação	(1) Suzana de Lucena Lira, (2) Edcleyton Bruno Fernandes da Silva, (3) Rosilene Agapito da Silva Llerena	Gestão do conhecimento. Ciência da informação. Pós-graduação.	Resumo Expandido
25	GT-7 – Produção e Comunicação da Informação em Ciência, Tecnologia & Inovação	Gestão do conhecimento no contexto da indústria 4.0: um estudo bibliométrico	(1) Júlia Tereza Abrão Vieira Lourenço Wilmers, (2) Ricardo Augusto Souza Fernandes, (3) Wanda Aparecida Machado Hoffmann	Indústria 4.0; Gestão do Conhecimento; Análise Bibliométrica; Coocorrência de Palavras	Resumo Expandido
26	GT-9 – Museu, Patrimônio e Informação	Plano museológico: um marco na gestão de museus à luz da gestão da informação e do conhecimento	(1) Cláudia Maria Alves Vilhena, (2) Celia Consolação Dias	Museus. Museologia. Gestão museológica. Plano museológico. Gestão da informação e do conhecimento.	Comunicação Oral/Trabalho Completo

Ordem	GT	Título	Autores	Palavras-chave	Modalidade
1	GT 4 - Gestão da Informação e do Conhecimento nas Organizações	A incidência temática de startups na ciência da informação brasileira: análise da produção científica na base de dados brapci e nas comunicações do enancib	(1) Paulo Ricardo Silva Lima, (2) João Rodrigo Santos Ferreira, (3) Luciana Peixoto Santa Rita, (4) Ibsen Mateus Bittencourt, (5) Marcos Aparecido Rodrigues do Prado	startups; gestão da informação; acesso à informação; inovação	Comunicação Oral/Trabalho Completo
2	GT 4 - Gestão da Informação e do Conhecimento nas Organizações	Análise de modelos de maturidade de gestão do conhecimento	(1) Fábio Corrêa, (2) Vinícius Figueiredo de Faria, (3) Muira Helena Batista, (4) Dárlinton Barbosa Feres Carvalho, (5) Jurema Suely de Araújo Nery Ribeiro	gestão do conhecimento; modelo; maturidade; níveis	Comunicação Oral/Trabalho Completo
3	GT 4 - Gestão da Informação e do Conhecimento nas Organizações	Gestão do conhecimento: evento institucional como fonte de informação	(1) Adélia Caroline Félix Alves, (2) Andrew Beheregarai Finger	criação do conhecimento; fontes de informação; eventos institucionais	Comunicação Oral/Trabalho Completo
4	GT 4 - Gestão da Informação e do Conhecimento nas Organizações	Relevância da conversão do conhecimento organizacional para o sistema de inteligência de segurança pública de minas gerais	(1) Renato Pires Moreira, (2) Marcello Peixoto Bax	gestão do conhecimento; conversão do conhecimento organizacional; sistema de inteligência; inteligência de segurança pública.	Resumo Expandido
5	GT 4 - Gestão da Informação e do Conhecimento nas Organizações	Gestão do conhecimento: visão de gestores sobre ferramentas e práticas	(1) Daniel de Araújo Martins, (2) Marcia Valéria Alves	Gestão do Conhecimento; bibliotecas universitárias; gestores; ferramentas e práticas de Gestão do Conhecimento	Comunicação Oral/Trabalho Completo

6	GT 4 - Gestão da Informação e do Conhecimento nas Organizações	Aspectos relevantes da aplicação da gestão do conhecimento na administração pública	(1) Marcelo Ricardo Martelo, (2) Meiriellen Cristina Faria Bussadori, (3) Simone Cristina Ceron Ripoli, (4) Ieda Pelógia Matins Damian, (5) Márcia Cristina de Carvalho Pazin Vitoriano	administração pública; fatores críticos de sucesso; gestão do conhecimento	Comunicação Oral/Trabalho Completo
7	GT 4 - Gestão da Informação e do Conhecimento nas Organizações	Gestão da informação e processos inovativos no contexto organizacional: possibilidades e potencialidades	(1) Gustavo Gonçalves Colombo, (2) Elaine da Silva, (3) Luana Maia Woida, (4) Marta Lígia Pomim Valentim	Gestão da Informação. Inovação. Cultura de Inovação. Diferenciais Competitivos. Competitividade Organizacional	Comunicação Oral/Trabalho Completo
8	GT 4 - Gestão da Informação e do Conhecimento nas Organizações	Criação e compartilhamento do conhecimento: o youtube® como um Ba.	(1) Frederico Divino Dias, (2) Armando Sérgio de Aguiar Filho	conhecimento; contexto capacitante; YouTube	Comunicação Oral/Trabalho Completo
9	GT 4 - Gestão da Informação e do Conhecimento nas Organizações	Estratégias de inovação e gestão do conhecimento	(1) Silvana de Souza Moraes, (2) Luciana Cristina Leite, (3) Ieda Martins Pelógia Damian	estratégias de Inovação; gestão do Conhecimento; revisão sistemática de literatura.	Comunicação Oral/Trabalho Completo
10	GT 4 - Gestão da Informação e do Conhecimento nas Organizações	A rede de gestão da informação e do conhecimento enquanto rede de conhecimento	(1) Hemanuela Fernandes Melo, (2) Monica Marques Carvalho Gallotti, (3) Andrea Vasconcelos Carvalho	gestão da informação e do conhecimento; rede GIC; rede de conhecimento.	Comunicação Oral/Trabalho Completo
11	GT 4 - Gestão da Informação e do Conhecimento nas Organizações	A relação do marketing digital com a gestão do conhecimento nas organizações	(1) Taciana Maria Lemes de Luccas, (2) Ieda Pelógia Martins Damian	marketing digital; gestão do conhecimento; organizações	Comunicação Oral/Trabalho Completo

12	GT 4 - Gestão da Informação e do Conhecimento nas Organizações	Gestão da informação e do conhecimento: uma análise sociométrica	(1) Bruno de Souza Toledo, (2) Marcos Vinícius de Souza Toledo, (3) Thaís Campos Maria, (4) Armando Sérgio de Aguiar Filho, (5) Luiz Cláudio Gomes Maia	gestão do conhecimento; gestão da informação; estudo sociométrico; redes de relacionamento.	Comunicação Oral/Trabalho Completo
13	GT 4 - Gestão da Informação e do Conhecimento nas Organizações	Gestão do conhecimento: base da memória organizacional do sebrae paraíba	(1) Rayan Aramis de Brito Feitoza, (2) Emeide Nóbrega Duarte	gestão do conhecimento; memória organizacional; SEBRAE – PB	Comunicação Oral/Trabalho Completo

APÊNDICE B – Lista geral dos autores produtivos em GC nos anais dos ENANCIB

Autor(a)	QTD/ Trabalhos	Autor(a)	QTD/ Trabalhos
Emeide Nóbrega Duarte	21	Erica de Castro Loureiro	1
Marta Lúcia Pomim Valentim	14	Ernani Marques dos Santos	1
Ricardo Rodrigues Barbosa	11	Everaldo Henrique dos Santos Barbosa	1
Júlio Afonso Sá de Pinho Neto	10	Fábio Mascarenhas e Silva	1
Suzana de Lucena Lira	10	Fernando César Lima Leite	1
Fábio Corrêa	9	Francisca Zilmar de Oliveira Fernandes	1
Marta Araújo Tavares Ferreira	9	Francisco Ricardo Abrantes Couy Baracho	1
Rosilene Agapito da Silva Llerena	9	Frederico Cesar Cesar Mafrá Pereira	1
Cláudio Paixão Anastácio de Paula	7	Frederico Divino Dias	1
Fabício Ziviani	7	Gelci Rostirolla	1
Renata de Souza França	7	Gerado Luis Rodrigues	1
Ieda Pelógia Martins Damian	6	Guilherme Alves Santana	1
Jurema S. de Araújo Nery Ribeiro	6	Guilherme Baracat Uemura	1
Alzira Karla Araújo da Silva	5	Gustavo Gonçalves Colombo	1
Armando Sérgio de Aguiar Filho	5	Henri Dou	1
Rivadavia C. D. de Alvarenga Neto	5	Henrique Cordeiro Martins	1
Elaine da Silva	4	Hemanuela Fernandes Melo	1
Elaine Drumond Pires e Silva	4	Ibsen Mateus Bittencourt	1
Letícia Gorri Molina	4	Íris Barbosa Goulart	1
Marcos do Couto Bezerra Cavalcanti	4	Ítalo Diego Teotônio	1
Narjara Bárbara Xavier Silva	4	Jacqueline Echeverría Barrancos	1
Rayan Aramis de Brito Feitoza	4	Jaime Robredo	1
Daniel de Araújo Martins	3	Jairo Simião Dornelas	1
Ediene Souza de Lima	3	Janicy Aparecida Pereira Rocha	1
Elisângela Cristina Aganette	3	Jéssica Bedin	1
Eric de Paula Ferreira	3	João Rodrigo Santos Ferreira	1
Jorge Tadeu de Ramos Neves	3	João Vitor Vieira Gelinski	1
Lillian M. Araújo de Rezende Alvares	3	Josélia Maria Oliveira da Silva	1
Luiz Claudio Gomes Maia	3	Josiana Florêncio Vieira Régis	1
Márcia Maria de M. T. Saeger	3	Juarez Domingos Frasson Vidotto	1
Maria C. Reis Lobo de Vasconcelos	3	Juliana Cardoso dos Santos	1
Regina de Barros Cianconi	3	Julieta Kaoru Watanabe Wilbert	1
Renata Maria Abrantes Baracho	3	Júlia Tereza Abrão Vieira Lourenço Wilmsers	1
Valério Brusamolin	3	Karina Dutra de Carvalho Lemos	1
Wagner Junqueira de Araújo	3	Laucivaldo Cardoso de Oliveira	1
Adriana Nóbrega da Silva	2	Leandro Cearenço Lima	1
Alessandra Maria Alves	2	Leonardo Pereira Pinheiro de Souza	1
Andréa Vasconcelos Carvalho	2	Leonora da Cunha Duarte	1
Ariane Barbosa Lemos	2	Letícia Lima de Sousa	1
Bruno de Souza Toledo	2	Liliane Juvência Azevedo Ferreira	1
Cássia Regina Bassan de Moraes	2	Lívia Aparecida Ferreira Lenzi	1
Cátia Rodrigues Barbosa	2	Luana Maia Woida	1

Celia Regina Simonetti Barbalho	2	Luc Quoniam	1
Cristiane Luiza Salazar Garcia	2	Luciana Cristina Leite	1
Edcleyton Bruno Fernandes Silva	2	Luciana Gonçalves Silva Souza	1
Fábio Ferreira Batista	2	Luciana Peixoto Santa Rita	1
Gardênia de Castro	2	Luís Capuruço Gattoni	1
Ilka Maria Soares Campos	2	Luiz Cláudio Gomes Maia	1
Isabella Moreira dos Santos	2	Maico Oliveira Buss	1
Larriza Thurler	2	Marcelo dos Santos Moreira	1
Liliane Braga Rolim Holanda Souza	2	Marcelo Franco Porto	1
Marcello Peixoto Bax	2	Marcelo Ricardo Martelo	1
Marcos Vinícius de Souza Toledo	2	Márcia Cristina de Carvalho Pazin Vitoriano	1
Maria Cleide Rodrigues Bernardino	2	Márcia Nardelli Monteiro de Castro	1
Maria das Graças Targino	2	Marcia Pires da Luz Bettencourt	1
Maria Zuleila Carmona Regino Campos	2	Marcia Regina Silva	1
Marília Damiani Costa	2	Marcia Valéria Alves	1
Max Cirino de Mattos	2	Márcio José Santos	1
Miguel Ángel Esteban Navarro	2	Marco Antonio Almeida Llarena	1
Roberto Vilmar Satur	2	Marco Elísio Marques	1
Rodrigo Baroni de Carvalho	2	Marcos Aparecido Rodrigues do Prado	1
Rogério Amaral Bonatti	2	Maria de Fátima G. Moreira Tálamo	1
Rubia Magalhães Fraga Zocal	2	Maria Fatima L. Stollenwerk	1
Sely Maria de Souza Costa	2	Maria Elizabeth Baltar Carneiro Albuquerque	1
Thaís Campos Maria	2	Marina Mourão Starling Rezende	1
Tereza Evâny de Lima Renôr Ferreira	2	Mário Lucio Pereira Junior	1
Valéria Macedo	2	Marilia Damiani Costa	1
Wanda Aparecida Machado Hoffmann	2	Mariza Costa Almeida	1
Adelaide Helena Targino Casimiro	1	Marta Macedo Kerr Pinheiro	1
Adélia Caroline Félix Alves	1	Marta Pinehiro Aun	1
Adriana Bogliolo Sirihal Duarte	1	Mauricio Augusto Cabral Ramos Júnior	1
Alan Santos	1	Mauro Araújo Câmara	1
Allana Albuquerque	1	Mayra Evangelista Neves	1
Alexandre da Silva Andrade	1	Meiriellen Cristina Faria Bussadori	1
Aline de Paula Martins	1	Mônica Erichsen Nassif	1
Aline Machado Cruz	1	Monica Marques Carvalho Gallotti	1
Ana Clara Cândido	1	Monica Yukie Kariyado	1
Ana Paula Pereira dos Prazeres	1	Muirá Helena Batista	1
André Felipe	1	Neusa Cardim da Silva	1
André Felipe de Albuquerque Fell	1	Niraldo José do Nascimento	1
Andrew Beheregarai Finger	1	Noadya Tamillys de Oliveira Duarte	1
Antonio Braquehais	1	Orlando Abreu Gomes	1
Antonio Braz de Oliveira e Silva	1	Patrícia Moraes de Azevedo	1
Arielle Lopes de Almeida	1	Paula Dora Aostri Morales	1
Armando Malheiro da Silva	1	Paulo Augusto Isnard	1
Asa Fujino	1	Paulo Ricardo Silva Lima	1
Aurea Montenegro Albuquerque	1	Pedro Felipy Cunha da Silva	1
Bárbara Fadel	1	Priscila Machado Borges Sena	1
Beatriz Elena Hernandez Arias	1	Rafael Augusto de Oliveira Sanches	1
Beatriz Rosa Pinheiro dos Santos	1	Raquel Rosário Santos	1
Benildes Coura Maculan	1	Raquel Santos Maciel	1
Bráulio Mágnun Monteiro dos Santos	1	Raimundo Nonato M. dos Santos	1

Carlos Alberto de Souza	1	Raissa Carneiro Brito	1
Carlos Henrique da Silva Sousa	1	Renata Gonçalves Curty	1
Carlos Henrique Cotta Natale	1	Renato Pires Moreira	1
Carlos Henrique Marcondes de Almeida	1	Renato Varella Bueno	1
Caroline Brito de Oliveira	1	Ricardo Augusto Souza Fernandes	1
Célia da Consolação Dias	1	Ricardo Carvalho de Paiva	1
Cláudia Maria Alves Vilhena	1	Ricardo Medeiros Pimenta	1
Cláudio Homero Ferreira Silva	1	Roberto Luís Capuruço Gattoni	1
Cláudio Roberto Magalhães Pessoa	1	Roberto Silva Cantalhede	1
Clarice Francisco de Sousa	1	Rodrigo Franklin Frogeri	1
Clebson Leandro Beserra dos Anjos	1	Ronaldo Darwich Camilo	1
Cleiton da Mota Souza		Roniberto Morato do Amaral	1
Christiano Pereira Pessanha	1	Rosilene Moreira Coelho de Sá	1
Dalila Gimenes da Cruz	1	Sávio Marcos Garbin	1
Dalton Lopes Martins	1	Sebastião Lopes Martins Junior	1
Daniel Alexandre Moreira	1	Selma Letícia Capinzaiki Ottonicar	1
Daniel dos Santos Franco de Assis	1	Sérgio de Castro Martins	1
Daniel Roedel	1	Simone Faury Dib	1
Daniela Assis Alves Ferreira	1	Simone Alves da Silva	1
Daniele Ferreira	1	Simone Bastos Paiva	1
Danielly Oliveira Inomata		Simone Cristina Ceron Ripoli	1
Dárlinton Barbosa Feres Carvalho	1	Silvana de Souza Moraes	1
Denise Almeida Silva	1	Silvia Maria Puentes Bentancourt	1
Denyson Axel Ribeiro Mota	1	Silvio Lucas da Silva	1
Diego de Souza Andrade	1	Sueli Angelica do Amaral	1
Diógenes Bráz Rocha	1	Suzana Queiroga da Costa	1
Elaine Cristina Gonçalves Rochetti	1	Taciana Maria Lemes de Luccas	1
Elaine Dias		Tatiene Martins Coelho	1
Edmeire Cristina Pereira	1	Thiago Henrique Bragato Barros	1
Eduardo Amadeu Dutra Moresi	1	Thiciane Mary Carvalho Teixeira	1
Elder Lopes Barboza	1	Ursula Blattmann	1
Eliane Pawlowski Oliveira Araújo	1	Vânia Cristina Pastri Gutierrez	1
Elisabete da Cruz Neves	1	Vinícius Figueiredo de Faria	1
Elisabete Gonçalves de Souza	1	Waleska Silveira Lira	1
Elisete de Sousa Melo	1	William Barbosa Vianna	1